

**O PROJETO MAINUMBY E A FORMAÇÃO
DE EDUCADOR COMUNITÁRIO**
A Pedagogia Waldorf e a Educação

PATRICIA CARLA MATHEUS EVANGELISTI SILVA

**São Paulo
2022**

**PATRICIA CARLA MATHEUS
EVANGELISTI SILVA**

**O PROJETO MAINUMBY E A FORMAÇÃO
DE EDUCADOR COMUNITÁRIO**

A Pedagogia Waldorf e a Educação

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Eustáquio Romão

**São Paulo
2022**

Silva, Patrícia Carla Matheus Evangelisti.

O projeto Mainumby e a formação de educador comunitário: a Pedagogia Waldorf e a educação. / Patrícia Carla Matheus Evangelisti Silva. 2022.
220 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho –
UNINOVE, São Paulo, 2022.

Orientador (a): Prof. Dr. José Eustáquio Romão.

1. Associação. 2. Comunidade. 3. História. 4. Mainumby. 5.
Memórias.

I. Romão, José Eustáquio. II. Título.

CDU 37

SILVA, Patrícia Carla Matheus Evangelisti. *O projeto Mainumby e a formação de educador comunitário: a Pedagogia Waldorf e a educação*, Dissertação de mestrado apresentada, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, 2022.

Banca Examinadora

1- Examinadores titulares

1.1. Prof. Dr. José Eustáquio Romão – Presidente (UNINOVE)

1.2. Examinador I: Prof. Dr. Prof. Ernesto Jacob Keim (UFPR)

1.3. Examinador II: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva – (UNINOVE)

2- Examinadores Suplentes

2.1. Suplente I: Prof. Dr. Jonas Bach Junior (UFTM)

Suplente II: Prof. Dr. Jason Ferreira Mafra (UNINOVE)

Mestranda: Patricia Carla Matheus Evangelisti Silva

Conceito: _____

Em _____ / _____ / _____.

Dedico esta pesquisa àqueles que participaram anonimamente da história da
Associação Comunitária Monte Azul.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Nove de Julho (UNINOVE), por ter me concedido uma bolsa de estudos, sem a qual eu não poderia realizar a pós-graduação *stricto sensu*.

Ao programa de bolsas da CAPES/PROSUP, por ter me oportunizado uma bolsa para auxílio à pesquisa.

À equipe administrativa da UNINOVE, pela manutenção da estrutura organizacional por meio da qual se deu a realização do meu curso.

À equipe docente da UNINOVE, que me presenteou com encontros de qualidade e conhecimento.

Ao meu orientador José Eustáquio Romão, pela atenção e cuidado para com a pesquisa e a pesquisadora.

À Associação Comunitária Monte Azul, pelo aprendizado proporcionado ao indivíduo e ser social que Eu Sou, no contexto brasileiro, em que exerço grande parte de minha Cidadania Universal.

Às colegas e amigas Susanne Rotermund, Taetê Benedicto e Vanessa Morimoto, pela convivência profissional regada por afetividade. Muito obrigada!

Ao meu marido, Paulo, pela companhia, parceria e colaboração.

A LENDA GUARANI DO MAINUMBY

O Mainumby era a maior e mais forte árvore da selva. Seu tronco, reto e vigoroso, destacava-se entre todos; seus ramos eram os primeiros que recebiam a luz da madrugada. Suas flores rudes não tinham beleza, porém, isso pouco afligia o gigante, que se sentia feliz, quer sob a carícia do sol, quer entre os redemoinhos de um furioso vendaval.

Sim, o Mainumby era a árvore mais forte e vigorosa da selva. Até que um dia, abriu-se na mata uma nova e estranha flor. Era a flor do Tolaz. Suas pétalas cor de sangue formavam uma taça que guardava dulcíssimo néctar. Tão suave se apresentava a planta recém aparecida, tão embriagador seu delicado perfume, que o Mainumby, o orgulhoso senhor da selva, se enamorou. O rijo tronco do gigante sentiu, então, a dor de permanecer quieto, de estar sempre preso à terra. E, pela primeira vez, a formosa árvore odiou suas raízes, que a retinha imóvel e a impedia de ir até o Tolaz.

Toda a vida da árvore concentrara-se em suas próprias flores. Embora continuassem sendo rudes e toscas, resplandeciam ao sol com novas cores. O grande senhor da selva engalanava-se para ser digno da flor maravilhosa...

Tão grande foi seu desejo de ser somente flor, que suas raízes profundamente entranhadas no solo, pouco a pouco foram secando.

Alheias a tudo, as suaves flores do Tolaz moviam-se delicadamente ao impulso da brisa e o vento levava ao Mainumby o embriagador perfume. O rijo tronco, preso pelas brutas raízes, foi morrendo também. Logo a seiva, antes vigorosa, parou nos ramos. Somente as flores continuaram vivas e suas pétalas desabrocharam mais lindas que nunca; os raios do sol, ao atingi-las, decompunham-se em numerosos arco-íris.

Certa manhã o céu escureceu-se sobre a selva. Rugiu o trovão e a tempestade desabou com fúria incontida. Quebrando e derrubando árvores, o espantoso furacão atravessou a floresta. Um vivíssimo relâmpago iluminou o Mainumby e um facho de fogo o envolveu num instante; com terrível fragor, estrondou o raio e o frio tronco sem vida ardeu como uma tocha no meio da tormenta. Todavia, nem todo o Mainumby foi pasto das chamas: o furacão arrebatou as flores e levou-as consigo, muito alto, até muito além das nuvens e da tempestade. Quando a calma voltou a reinar na selva, quando de novo o céu azul e os raios do sol voltaram a brilhar tranquilos, das alturas desceram as flores do Mainumby, as flores que o furacão levava para além das nuvens...

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Peixes no Rio | 45 |
| Quadro 1 - Revisão de Literatura Sobre o Tema da Dissertação | 27 |
| Quadro 2 - Trabalhos Utilizados na Revisão de Literatura | 37 |
| Quadro 3 - Entrevistas Realizadas na Coleta de Dados | 48 |
| Quadro 4 – Grupos Focais Realizados na Coleta de Dados..... | 48 |
| | |

LISTA DE SIGLAS

ABRINQ - Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

AMENCAR - Amparo ao Menor Carente

AMESC - Associação dos Movimentos de Entidades Sociais Comunitárias

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CD – *Compact Disc*

CEMPEC - Centro de Pesquisa Educação e Cultura

CJ - Centro da Juventude

DVD - *Digital Versatile Disc*

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

ESF - Estratégia Saúde da Família

FEBEM - Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor

FEWB - Federação das Escolas Waldorf do Brasil

GF - Grupo Focal

JICA - Agência de Corporação Internacional do Japão no Brasil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIPEPCULT - Linha de Pesquisa Educação Popular e Cultura

MEC - Ministério da Educação e Cultura

ONG - Organização Não Governamental

OSC - Organização da Sociedade Civil

OSEM - Orientação Sócio Educativa ao Menor

PCC - Primeiro Comando da Capital

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UBS - Unidade Básica de Saúde

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNINOVE - Universidade Nove de Julho

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa tem como objeto o curso Mainumby de Formação de Educadores Comunitários, realizado pela Associação Comunitária Monte Azul. O curso Mainumby é um curso livre, criado para instrumentalizar os educadores sociais da instituição que realizam o seu trabalho educacional, atendendo a crianças, adolescentes e jovens, a partir da Pedagogia Waldorf e da Antroposofia. A pesquisa foi realizada para evidenciar o caminho histórico do curso e é predominantemente qualitativa. A história oral foi utilizada como metodologia, o que proporcionou um caminho firme para que a história do curso fosse evidenciada por meio das memórias de pessoas que se colocaram a serviço de uma causa e empreenderam suas forças para uma realização coletiva; pessoas que puderam usufruir dessa criação, também foram ouvidas e, assim, contribuíram para a pesquisa. Para suscitar as memórias foram realizados entrevistas e grupos focais. Paulo Freire foi escolhido como principal referencial teórico da dissertação e destacou-se do seu pensamento a categoria Esperançar como principal recurso reflexivo no trabalho de pesquisa realizado. O conceito de Memória diferenciado de história, a partir das ideias de Paul Ricoeur, foi também utilizado como categoria, neste trabalho. Nesta dissertação, procurou-se saber detalhes da construção coletiva do curso, realizada por meio de seus integrantes e de como eles esperançaram nesse processo. Este trabalho explicita as fases desdobradas durante os mais de quarenta anos de existência do curso Mainumby e a análise dos dados coletados atesta a superação das dificuldades da instituição em manter o curso. Na elaboração da análise, encontram-se constantes relações com o referencial teórico. Os resultados da pesquisa estão também relacionados com o referencial teórico e apontam na direção de uma realização histórica inédita, antes sonhada e, por fim, concretizada e mantida por meio da esperança colocada em ação.

Palavras-chave: Associação. Comunidade. História. Mainumby. Memórias.

ABSTRACT

This work has as its object the Mainumby Course for Training Community Educators, carried out by the Monte Azul Community Association. The Mainumby course is a free course, created to equip the institution's social educators who carry out their educational work serving children, teenagers and young people, based on Waldorf Pedagogy and Anthroposophy. The research was carried out to highlight the course's historical path and is predominantly qualitative. Oral history was used as a methodology, which provided a firm path for the history of the course to be evidenced through the memories of people who put themselves at the service of a cause and undertook their strength for a collective achievement; people who were able to enjoy this creation were also heard and thus contributed to the current research. To evoke the memories, interviews and focus groups were carried out. Paulo Freire was chosen by the researcher as the main theoretical reference of the dissertation and the Hope category stood out from his thinking as the main reflective resource in the research work carried out. The concept of Memory differentiated from history, based on the ideas of Paul Ricoeur, was also used as a category in this work. This dissertation sought to know details of the collective construction of the course, carried out through its members and how they hoped in this process. This work explains the phases unfolded during the more than forty years of existence of the Mainumby course and the analysis of the collected data attests to the overcoming of the institution's difficulties in maintaining the course. In the elaboration of the analysis, constant relationships with the theoretical framework are found. The research results are also related to the theoretical framework and point towards an unprecedented historical achievement, previously dreamed of and finally realized and maintained through the hope put into action.

Keywords: Association. Community. History. Mainumby. Memoirs.

RESUMEN

Este trabajo de investigación tiene como objeto el Curso Mainumby para la Formación de Educadores Comunitarios, realizado por la Asociación Comunitaria Monte Azul. El curso Mainumby es un curso gratuito, creado para equipar a los educadores sociales de la institución que desarrollan su labor educativa al servicio de niños, adolescentes y jóvenes, basado en la Pedagogía Waldorf y Antroposofía. La investigación se llevó a cabo para resaltar la trayectoria histórica del curso y es predominantemente cualitativa. Se utilizó como metodología la historia oral, que brindó un camino firme para que la historia del curso se evidenciara a través de la memoria de personas que se pusieron al servicio de una causa y comprometieron su fuerza por un logro colectivo; Las personas que pudieron disfrutar de esta creación también fueron escuchadas y contribuyeron así a la investigación actual. Para evocar los recuerdos se realizaron entrevistas y grupos focales. Paulo Freire fue elegido por el investigador como el principal marco teórico de la disertación y la categoría Esperanza se destacó de su pensamiento como el principal recurso reflexivo en el trabajo de investigación realizado. El concepto de Memoria diferenciada de la historia, a partir de las ideas de Paul Ricoeur, también fue utilizado como categoría en este trabajo. Esta disertación buscó conocer detalles de la construcción colectiva del curso, realizada por sus integrantes y cómo esperaban en este proceso. Este trabajo explica las fases desarrolladas durante los más de cuarenta años de existencia del curso Mainumby y el análisis de los datos recogidos da fe de la superación de las dificultades de la institución para mantener el curso. En la elaboración del análisis se encuentran relaciones constantes con el marco teórico. Los resultados de la investigación también están relacionados con el marco teórico y apuntan hacia un logro histórico sin precedentes, previamente soñado y finalmente realizado y mantenido a través de la esperanza puesta en acción.

Palabras clave: Asociación. Comunidad. Historia. Mainumby. Memorias.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 13 |
| Introdução | 19 |
| Capítulo I - Revisão da Literatura sobre o Tema da Dissertação..... | 26 |
| 1. Literatura Especializada: O que Dizem as Pesquisas sobre o Tema | 28 |
| Capítulo II - Percorso Metodológico | 39 |
| 1. Os Participantes da Pesquisa..... | 46 |
| 2. Sobre as Categorias do Trabalho | 49 |
| 3. O Universo da Pesquisa: A Instituição | 54 |
| 3.1. Estatuto da Instituição | 55 |
| 3.2. Estrutura da Instituição..... | 55 |
| 3.3. As Ideias Norteadoras da Instituição | 56 |
| Capítulo III - A História e suas vozes..... | 59 |
| 1. Narrativa da Caminhada do Curso Mainumby..... | 59 |
| 2. A Sequência Histórica dos Acontecimentos do Curso Mainumby | 89 |
| Considerações Finais | 94 |
| 1. Últimas Observações | 97 |
| Bibliografia | 99 |
| Apêndice I | 106 |
| Apêndice II - Carta de Anuência | 107 |
| Apêndice III - Declarações | 108 |
| Apêndice IV - Questionário para Resgate da História do Curso de Formação de Educadores Comunitários Mainumby | 111 |
| Apêndice V - Roteiro de Entrevistas e Grupos Focais | 114 |
| Apêndice VI - Entrevistas | 115 |
| Apêndice VII - Grupos Focais | 169 |

APRESENTAÇÃO

As linhas que seguem são relativas ao caminho de vida da pesquisadora, em que ocorreram acontecimentos que contribuíram para a definição da escolha da temática deste projeto.

A pesquisadora trilhou um caminho na área da educação a partir da docência em educação pré-escolar. Atuou, também, como coordenadora pedagógica, diretora escolar e, posteriormente, como coordenadora de projetos educacionais no chamado “Terceiro Setor¹”. Este caminho não foi percorrido aleatoriamente, pois, desde muito cedo, as reflexões e os questionamentos pessoais levaram-na a desenvolver especial interesse por uma carreira que percorresse todos os patamares profissionais da educação escolar, a fim de experimentar o caminho na sua totalidade. Muitas das escolhas feitas neste trajeto tiveram origem nas experiências de sua infância.

Ainda criança, a pesquisadora mudou do interior do estado para a cidade de São Paulo, onde viveu com a família a dificuldade da adaptação social e econômica. Tanto família de pai, quanto família de mãe haviam feito sua retirada da zona rural, em busca de uma vida mais confortável, na direção de pequenas cidades do interior. Agora, numa nova geração, a busca era pela metrópole e suas possibilidades. A família enfrentou o empobrecimento e a falta de oportunidades, fazendo com que se alojasse em área da periferia e permanecesse por certo tempo em situação de exclusão social. Em decorrência disso e das experiências de infância e adolescência que ali viveu, a pesquisadora almejou trabalhar com educação em lugares de vulnerabilidade social, a fim de contribuir para os processos de empoderamento, visando à inclusão social.

Nos lugares onde trabalhou, no início de sua carreira de educadora, a pesquisadora observou certo artificialismo nas práticas pedagógicas propostas para as crianças em idade pré-escolar. Ela entendia que a intensidade da infância era minimizada pelas atividades propostas. Havia uma dissonância no ar que a impulsionava a buscar novas práticas. Em paralelo, a gravidez aumentou as preocupações a respeito do trabalho educacional na primeira infância, realidade a que pertenceria em breve, ocupando um novo papel, o de mãe.

¹ Setor da vida socioeconômica e política que não é relativo nem ao Estado e nem ao mercado e que existe a partir de associações voluntárias.

Com o nascimento da filha e a necessidade de continuar a trabalhar, chegou o momento de buscar uma escola para a criança. Foi, então, que a pesquisadora conheceu uma iniciativa educacional na região da zona norte da cidade de São Paulo, em que a Pedagogia Waldorf era aplicada.

O impacto do encontro com a Pedagogia Waldorf permanece vivo até hoje em sua memória. O ambiente pré-escolar retratava o de uma casa bem aconchegante. A cozinha estava em pleno funcionamento e acessível às crianças, embora houvesse a delimitação de espaço para garantir a sua segurança. Tudo era muito simples. Havia brinquedos incomuns, como redes, tecidos de vários tamanhos, texturas e cores, cestos de vime e uma cabana dentro da sala. A maioria dos brinquedos era de madeira. No ambiente externo, uma criança com necessidades especiais, corria de mãos dadas com um colega. No alto da jabuticabeira, crianças maiores com os bolsos cheios e as bocas lambuzadas de fruta, faziam algazarra. Aos olhos da pesquisadora, o ambiente retratava a infância saudável e merecida por todos.

Foi, então, que a pesquisadora observou que a prática pedagógica oferecida, oportunizava uma leitura de mundo espontânea, em que as crianças eram autoras e enfrentadoras de seus desafios. Havia muita intensidade no ar.

A convergência com os pontos de vista da pesquisadora sobre o ato de educar levou-a a querer saber mais sobre a Pedagogia Waldorf, uma vez que não a conhecia. Muito embora fosse formada em Pedagogia, a pesquisadora nunca teve informações acadêmicas sobre ela. A partir de então, a pesquisadora passou a estudar e aplicar a Pedagogia Waldorf, ali mesmo, naquela escola. Se, por um lado, era profissional e observava o desenvolvimento dos alunos, por outro, verificava na filha que ali estudava, a eficiência da prática pedagógica. Mais do que isso, a pesquisadora pôde observar uma intensa transformação pessoal, ao cursar a especialização em Pedagogia Waldorf. Pode-se dizer que a pesquisadora conheceu o poder sanador das artes e dos relacionamentos, proporcionados pela Pedagogia Waldorf, enquanto aprendia sobre o desenvolvimento humano e estratégias de ensino. A forma como o conhecimento se dava não compreendia apenas aspectos intelectuais. A pesquisadora foi tocada por uma prática que agregou em formação humana integral. Mas, o sonho da pesquisadora era o atendimento às crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Então, ela fez um movimento de vida para encontrar-se com seu ideal. Ter sido professora numa escola Waldorf de classe média foi imprescindível para o novo passo na carreira: o de coordenadora pedagógica de

instituição educacional em uma comunidade em condições de miserabilidade, no Jardim Gel, comunidade no extremo sul da cidade de São Paulo, onde foi formado um dos núcleos de trabalho da Associação Comunitária Monte Azul que utilizava a Pedagogia Waldorf no seu trabalho pedagógico. Ali, a pesquisadora desenvolveu grande parte de sua *expertise*, imersa nas pesquisas relacionadas à educação para a transformação social, sempre utilizando a Pedagogia Waldorf. A Associação Comunitária Monte Azul é, ainda hoje, uma instituição não governamental que desenvolve seu trabalho com base na Antroposofia, filosofia humanista, a partir da qual foi desenvolvida a Pedagogia Waldorf.

Embora, no início desse período, a pesquisadora tenha trabalhado como diretora num dos centros de educação infantil da instituição, posteriormente passou a desenvolver projetos educacionais com os profissionais da instituição e a acompanhar o desenvolvimento de seus antigos alunos que tinham se tornado adolescentes e ainda permaneciam na instituição, agora no contraturno, ou seja, na educação não-regular.

No convívio com a comunidade, a pesquisadora observou uma enorme diferença nos quesitos agressividade, relacionamento e iniciativa, quando comparava os jovens estudantes da Associação Comunitária Monte Azul, em relação a seus pares, frequentadores de outras instituições da região, em regime também de contraturno e que não utilizavam a Pedagogia em questão. Além disso, parecia à pesquisadora que o trabalho social realizado limitava a violência e circunscrevia um espaço de segurança para as crianças, os jovens e os funcionários. Ao se desligar do trabalho na Associação Comunitária Monte Azul, a pesquisadora começou a realizar projetos educacionais em organizações não governamentais (ONGs) no município de Atibaia e arredores, onde passou a residir e, até hoje, mantém o padrão de realizar ações educacionais em comunidades que se encontram em situação de exclusão social e sofrem preconceito, como a comunidade da Vila São José, que se desenvolveu ao redor do aterro sanitário da cidade. Atua, também, na comunidade rural do Jardim Maracanã, está bastante distante da área metropolitana e carente de infraestrutura e oportunidades de educação, trabalho e convívio social e, portanto, igualmente excluída e estigmatizada. Todos os projetos educacionais desenvolvidos pela pesquisadora são inspirados na Pedagogia Waldorf e em todos eles a pesquisadora observa o progresso dos alunos na direção da amenização da agressividade e melhor convívio social, além das melhorias no aprendizado.

A pesquisadora nunca rompeu, de fato, com a Associação Comunitária Monte Azul. Posteriormente, ela passou a atuar de forma indireta, tornando-se, até o presente

momento, consultora para a formação de novos projetos educacionais Waldorf em instituições de Terceiro Setor que contratam a Monte Azuis para a realização de tais projetos. Um destes projetos é o Mainumby. O projeto Mainumby, caracteriza-se como um curso livre com base na Pedagogia Waldorf, com a finalidade de formar educadores comunitários. Ele foi, dentre todos os projetos coordenados pela pesquisadora, aquele que acendeu mais forte a chama do ideal de trabalhar com a população menos favorecida, plantando sementes de renovação e transformação social.

A origem do Projeto Mainumby deu-se no início das atividades socioeducacionais da instituição. Ele foi se metamorfoseando ao longo do tempo para apoiar a realização de um dos mais importantes princípios da instituição: O atendimento educacional da comunidade, realizado pelos integrantes da própria comunidade. Ali mesmo, na comunidade, se encontravam pessoas simples, às vezes analfabetas, desconfirmadas pela falta de diplomas e certificados e que mostravam imenso potencial para realizações humanas. Eram pessoas íntegras com as quais muito se poderia aprender. Grandes exemplos para a infância. Estas pessoas precisavam de espaço na realização do processo educacional das crianças da comunidade.

O Mainumby adaptou-se às transformações sociopolíticas do país, atendendo às exigências legislativas, desde 1979, sempre mantendo o princípio de oportunizar à comunidade, o seu espaço para a educação dos próprios membros da comunidade, apoiados na Pedagogia Waldorf.

A pesquisadora observa haver em torno da prática do curso Mainumby, algo que agrega em qualidade humana e prepara profissionais da educação para seu trabalho, de forma que o ensino se torna atrativo para crianças e jovens muitas vezes afetados pela rudeza da condição de vida. Não só isso, o ensino se torna resiliente, terapêutico, contribuindo para a formação saudável de grupos que vivem na vulnerabilidade.

Para a pesquisadora, a pergunta motivadora de sua pesquisa acadêmica se refere ao curso de formação Mainumby, curso de Pedagogia Waldorf cujos recursos metodológicos têm se mostrado eficientes para o aprendizado dos adultos, educadores sociais que atuam com crianças e jovens. O Mainumby coloca no mundo das instituições sociais, a Pedagogia Waldorf. A sua metodologia agrega saberes e promove aprendizado através de uma prática que merece ser divulgada, porém tal prática foi se desenvolvendo de maneira intuitiva. Evidenciar o caminho percorrido do início do curso até nossos tempos é de fundamental importância para que o impulso fortaleça e a prática seja

divulgada.

As observações feitas pela pesquisadora, mesmo que sob olhar atento, ainda estão no campo do senso comum e carecem de verificação. Faz-se necessário realizar estudos e formalizar uma pesquisa onde acontecerá a leitura da realidade de um fenômeno, por meio de recursos científicos.

A Universidade Nove de Julho (UNINOVE) foi e ainda é um dos pilares da formação acadêmica e profissional da pesquisadora. Foi nessa universidade que ela concluiu a graduação em Pedagogia, assim como a pós-graduação *lato sensu*, em Docência para o Ensino Superior. A pesquisadora tem lembranças felizes da época da graduação, quando a UNINOVE era uma faculdade pequena, na zona norte da cidade de São Paulo. Atualmente, quase trinta anos depois, a pesquisadora retorna às origens e retoma os estudos acadêmicos.

O caminho desta reentrada foi tortuoso. A pesquisadora passou por vários exames seletivos para ingresso no mestrado, enquanto buscava conhecer os programas e linhas disponíveis. Ela foi aluna ouvinte no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais e aluna especial e ouvinte no Programa Culturas, Políticas e Teorias Educacionais. Enfim, ingressou como aluna regular de mestrado, na linha de pesquisa Educação Popular e Culturas, do Programa Culturas, Políticas e Teorias Educacionais. Este tempo de tentativas foi também de amadurecimento e adequação.

Um acontecimento ocorrido numa das disciplinas cursadas pela pesquisadora, enquanto era aluna especial, auxiliou na escolha do tema para a pesquisa. Ele ocorreu num debate entre os alunos onde a pesquisadora ouviu dizer que a Pedagogia Waldorf não preparava para a vida, o que a levou a lembrar de seus mais de trinta anos dedicados a este viés educacional e a pensar no fato de pôr sua orientação terem passado centenas de crianças e dezenas de professores e de que ela mesma tinha sido testemunha de grandes transformações em crianças, adolescentes e jovens absolutamente traumatizados pela rudeza da vida da periferia. Eles encontravam em seus professores figuras de resiliência apoiadas no didatismo terapêutico oferecido pela Pedagogia Waldorf. Naquele momento surgiu um questionamento de ordem pessoal que, mais tarde, pareceu à pesquisadora, ter relevância social para pesquisa acadêmica. Este questionamento encontra-se inserido neste trabalho. O entrosamento com o orientador partiu de onde a pesquisadora menos esperava: do interesse do professor a respeito do desempenho de uma aluna que se mostrou competente em aula, embora não tivesse obtido sucesso na seleção. Algumas

palavras de encorajamento foram suficientes para nova tentativa de ingresso. Pode-se dizer que a mão que se estendeu revitalizou o processo que se mostrava bastante desgastante. Humildade, perseverança e gratidão são palavras que expressam os valores reforçados nessa caminhada.

A experiência como aluna especial ajudou a pesquisadora a entender um pouco mais o meio acadêmico, a adequar a linguagem oral e escrita, a retomar leituras complexas e buscar uma temática de pesquisa com relevância no âmbito pessoal e também socioeducacional.

A escolha da linha de pesquisa Educação Popular e Culturas deu-se porque, durante o processo, a pesquisadora entendeu o pareamento entre os princípios da linha e seus ideais profissionais e inquietações ideológicas que serão apresentadas no tópico seguinte.

INTRODUÇÃO

A formação de professores no Brasil está sujeita à Lei de Diretrizes e Bases da Educação. É no capítulo IV desta Lei que se delibera sobre o ensino superior. A formação de professores é formalizada por um percurso que padroniza o que se deve aprender para ensinar, por meio das respectivas diretrizes curriculares dos cursos de formação em Pedagogia e da docência nos diversos componentes curriculares.

Muitas são as reflexões que podem ser feitas a respeito das afirmativas anteriores e com elas surgem perguntas: O que é importante ensinar para que todos aprendam? Quem decide o que se deve aprender em um curso de formação de professores e quais são os parâmetros para isso? Em um mundo onde se encontra tanta diversidade, haveria um único caminho na formação de professores?

A partir do capítulo III, a LDB, lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, distinguem-se diferentes modalidades de formação profissional. Há os cursos profissionalizantes, previstos no artigo 39 da lei e melhor especificados no decreto n.º 5.154, de 23 de julho de 2004; os “cursos regulares” de educação superior, previstos no capítulo IV da LDB, conforme já anunciado e os cursos complementares aos cursos regulares, que são os de capacitação, educação continuada ou extensão. Eles não necessitam de nenhum tipo de autorização do Ministério da Educação, pois são certificados pela própria instituição organizadora, atendendo às exigências de participação por ela estabelecidas. São denominados genericamente de cursos livres. Os cursos livres não têm legislação específica para sua criação e implantação, sendo que podem ser considerados cursos especiais de formação, encaixando-se na modalidade de ensino apresentada no Capítulo III, especificamente no artigo 42 da lei 9.394/96: “As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível da escolaridade” (JUSBRASIL, Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96. Disponível em <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art-42>>. Acesso em: 26 out. 2021). Os cursos livres não se equiparam aos cursos profissionalizantes, nem aos cursos de graduação, sendo reconhecidos pelo sistema nacional de ensino como complementares. São inúmeras as temáticas que podem ser abordados em cursos livres. A mesma lei que dispõe sobre a formação docente, especifica também sobre a formação discente.

Ao se referir aos processos educacionais discentes, a LDB dispõe em seu artigo I que estes podem acontecer em instituições escolares, ambientes de trabalho e da sociedade civil organizada, assim como em ambiente familiar. Pode-se, a partir daí, observar uma distinção entre educação formal e educação não formal. Entende-se que educação formal é a educação que se desenvolve nas escolas e que segue as diretrizes curriculares estabelecidas para toda a nação, tem estrutura hierárquica e burocrática. Por outro lado, a educação não formal é aquela que pode ser desenvolvida em instituições que não são escolares, embora tenham também o caráter formativo. Do ponto de vista administrativo elas também diferenciam da educação formal: enquanto a educação formal está legalmente incluída na área da educação, a educação não formal pode estar incluída nas áreas de âmbito social.

Moacir Gadotti, pesquisador da área de educação popular, afirma:

Seria melhor definir a educação não formal por aquilo que ela é e não por sua oposição à educação formal. O conceito de educação ultrapassa os limites do escolar, do formal e engloba as experiências de vida e os processos de aprendizagem não formais que desenvolvem a autonomia tanto da criança como do adulto. (GADOTTI, 2016, p. 8).

E acrescenta:

A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão. Podem ter duração variável e podem ou não conceder certificados de aprendizagem. Trata-se de um conceito amplo de educação muitas vezes associado ao conceito de cultura. (*id., ibid.*, p. 8)

Neste trabalho estendeu-se o olhar para as especificidades da educação realizada em instituição social, exercida por educadores sociais², denominados segundo os critérios da instituição como “educadores comunitários”. Os educadores comunitários, para os efeitos desta dissertação, são educadores atuantes na educação em comunidades.

Segundo Moacir Gadotti:

A educação comunitária pode ser entendida como uma das expressões da educação popular, mediante a qual se busca melhorar a qualidade de vida dos setores excluídos, através dos movimentos populares, que estão organizados em grupos de base, comunidades, municípios etc. (*id., ibid.*, p.13).

² A expressão “Educador Social” é polissêmico e ambíguo. A pesquisadora não pretende abordar os detalhes das distinções feitas a ele nas diferentes correntes de pesquisa.

A presente dissertação tem como objeto o Curso Livre de Formação de Educadores Comunitários, denominado Mainumby, desenvolvido pela Associação Comunitária Monte Azul, organização social atuante no terceiro setor³. A Associação Comunitária Monte Azul é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)⁴ que se dedica ao atendimento da população das comunidades Monte Azul e Peinha e do bairro Horizonte Azul, localizados na região sul da cidade de São Paulo. Esses três núcleos de atuação da Instituição oferecem à comunidade o atendimento educacional nas modalidades creche, contraturno escolar e capacitação profissional, sempre sob a ótica da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf.

A Pedagogia Waldorf é uma prática desenvolvida a partir dos princípios da Antroposofia⁵. Ela surgiu, primeiramente, das pesquisas realizadas por Rudolf Steiner, pensador austríaco, ocupado com as questões sociais da Alemanha, após a primeira guerra mundial. Ele afirmava que a resolução das questões sociais estava na educação. Rudolf Steiner concebia a visão de sociedade a partir de três áreas de atuação humana: a econômica, a política-jurídica e a espiritual. Ele propôs um conhecimento de mundo a partir do qual poderia se estabelecer uma configuração equilibrada dessas três áreas e, com isso, a sociedade poderia ascender a um patamar onde os seres humanos atuassem com maior liberdade, igualdade e fraternidade⁶. Dentro deste contexto, seria a educação, o impulsionador de transformação social. Na prática da Pedagogia Waldorf, dentro do ambiente escolar, estão previstos recursos que oportunizam o exercício desses princípios tanto pelos professores, quanto pelos pais (ambos convidados à participação da gestão escolar) e também pelos alunos⁷.

O movimento da primeira escola Waldorf se deu a partir da iniciativa de Emmil Molt, proprietário da fábrica de cigarros Waldorf Astoria, em Stuttgart, na Alemanha, em consequência de palestras e aulas realizadas por Rudolf Steiner aos trabalhadores da

³Setor da vida socioeconômica e política que não é relativo nem ao Estado e nem ao mercado e que existe a partir de associações voluntárias. Abarca todas as instituições que se dedicam à defesa de causas sociais.

⁴As Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) são fundações e entidades privadas sem fins lucrativos que têm objetivos sociais previstos na lei n.º 9.790/1999, sejam elas para a promoção da assistência social, saúde e educação, ou seja, do voluntariado.

⁵Antroposofia, do grego, conhecimento do ser humano. Surgiu no início do século XX. É um método de conhecimento do homem e do universo que observa que o ser humano é composto por natureza física, anímica e espiritual.

⁶Recomenda-se a leitura da obra de Rudolf Steiner: *Os Pontos centrais da questão social: aspectos econômicos, políticos, jurídicos e espirituais*, editada no Brasil pela editora Antroposófica.

⁷Recomenda-se a leitura da obra de Rudolf Steiner: *A Questão Pedagógica como Questão Social*, editada no Brasil pela editora Antroposófica.

fábrica. Curiosamente, em pleno contexto da Revolução Industrial, houve o espaço social para acatar o pedido dos trabalhadores da fábrica na organização de uma escola para seus filhos.

É importante salientar que Rudolf Steiner se baseou nas experiências vividas com os operários e na percepção da concretude do sofrimento desses homens e, a partir disso, buscou consolidar propostas de atuação humana para desenvolver educação e sociedade e encontrou em Emmil Molt um apoiador.

Uma vez no Brasil, a Pedagogia Waldorf mantém os pilares que a fundamentam e também se mescla à cultura do país, oferecendo novos matizes de trabalho educacional. As premissas do trabalho pedagógico são mantidas, mas algo é “ressignificado”, quando combinado com a cultura local. Assim a Pedagogia Waldorf se posiciona diante da conjuntura brasileira, em que a realidade cultural é muito diversa e diferente do contexto alemão. Neste cenário, encontra-se a Associação Comunitária Monte Azul, cuja proposta pedagógica baseia-se na Pedagogia Waldorf e, para tanto, prepara os seus educadores.

A partir de 1984, a Associação Comunitária Monte Azul tornou-se parceira da Prefeitura da Cidade de São Paulo em vários projetos, envolvendo as Secretarias da Assistência Social, Educação, Cultura e Saúde; o mesmo aconteceu com a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Também, organizações como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Instituto Mahle, Software AG, Instituto Paripassu e PepsiCo, Bolsa Mercantil do Futuro, Consulado da Holanda, Rotary Club e Itaú Social são ou foram parceiros da Instituição em projetos comunitários. A Associação Comunitária Monte Azul baseia-se em premissas que orientam o trabalho da Instituição e estabelecem sua marca social. São elas:

- a) “Todo o profissional aprende enquanto trabalha e trabalha enquanto aprende.”
- b) “Todos os sujeitos têm coisas a ensinar, assim como todos os sujeitos têm coisas a aprender”.

Estes princípios perpassam a realização das inúmeras atividades da Instituição que prima por encurtar distâncias entre os sujeitos envolvidos no trabalho. Aprender e ensinar não estão limitados às paredes da escola. Enquanto busca caminhos para o trabalho social na comunidade, a Instituição coloca a relação “ensinar e aprender” numa circularidade processual, dentro de todas as suas áreas de atuação, no cotidiano.

O curso Mainumby para a formação de educadores comunitários⁸ da Associação

⁸A denominação “educador comunitário” não é um tipo na classificação das ocupações

Comunitária Monte Azul é destinado aos profissionais que trabalham diretamente com o ensino. A realização do curso acontece, ora com o apoio de financiamentos, ora a partir da doação do trabalho, não sucumbindo às dificuldades pelas quais a Instituição passa. Ele permanece como um marco que ampara o trabalho pedagógico e, porque não dizer, é sustentáculo do trabalho como um todo, por garantir a manutenção dos princípios da Instituição. Antes mesmo do primeiro convênio da Associação Comunitária Monte Azul com órgãos públicos, o curso já acontecia. O ano de 1979 foi o ano de sua implantação. O curso surgiu para viabilizar o trabalho educacional a partir das competências das pessoas moradoras da própria comunidade. Ele foi e é um curso em que os princípios da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf foram apresentados. A didática inclusiva empoderava os participantes. No início de seu funcionamento, o curso foi carinhosamente denominado de “Cursinho”. Ele tinha a função de preparar as mães de creche (denominação da época), que eram mulheres da comunidade, mães de crianças da favela e jovens do entorno, convidadas para o exercício da tarefa educadora e que precisavam mergulhar nos princípios da Pedagogia Waldorf. Essas mulheres eram exemplos de vida e de luta pela sobrevivência em condições desfavoráveis de moradia, saneamento básico, alimentação, instrução e oportunidades profissionais. O curso foi elaborado para adequar as condições de atendimento das crianças e se transformou em um espaço de encontro para o resgate da infância dos participantes, em que se conheciam as brincadeiras, usos e costumes dos integrantes, vindos das mais longínquas regiões do Brasil e que eram considerados e incorporados como recurso no trabalho educacional. No curso aconteciam também conversas sobre as crianças e suas necessidades. Muitas das ações do curso eram artísticas. Conforme a confiança e a afetividade se desenvolviam, surgiam temas sobre o cotidiano da comunidade, os medos, as dificuldades, os casos de violência. Abriu-se, enfim, um espaço de escuta ativa, que contribuiu para que a comunidade se organizasse na resolução de seus próprios problemas. Ao longo dos anos, enquanto a Instituição crescia e o mundo do entorno apresentava sua realidade, o curso buscou saídas didáticas para atender às necessidades dos indivíduos que ali estavam no papel de educadores, desenvolvendo características peculiares e uma linguagem inclusiva. O trabalho

apresentadas pelo Ministério do Trabalho, mas uma denominação de ordem ideológica, a partir da realização de uma função social, em comunidades em situação de vulnerabilidade. Atualmente o Ministério do Trabalho reconhece a profissão de Educador Social, cujo escopo de atuação inclui também a denominação aplicada pela Instituição mencionada.

educacional com crianças e jovens foi ampliando na Instituição e o número de educadores comunitários, nascidos a partir da comunidade, cresceu, fazendo do curso Mainumby um importante elemento de formação para a instituição.

Enquanto a Associação Comunitária Monte Azul desenvolvia seu trabalho e tornava-se reconhecida no Brasil e no mundo pelo êxito de suas realizações como organização não governamental, o curso passou a ser procurado por muitas instituições de terceiro setor e, também, por professores das redes públicas e privadas de vários municípios do Brasil, interessados no viés do ensino desenvolvido pela Pedagogia Waldorf.

É preciso levar em consideração que o desenvolvimento do trabalho educacional na Instituição esteve desde sempre assentado no trabalho social realizado nas comunidades em que a Instituição atua e, portanto, esses dois âmbitos, o educacional e o social, estão associados nas narrativas dos participantes da pesquisa.

Este trabalho colocou em evidência a educação, quando ela se realizou com pessoas excluídas do contexto social privilegiado. Assim, este trabalho se justifica por apresentar aspectos que apontam na direção da construção de um caminho de atendimento educacional a comunidades em situação de vulnerabilidade a partir da realidade da própria comunidade.

Para a pesquisadora deste trabalho, a pesquisa acadêmica pode ser equiparada à arte, quando se considera a criatividade envolvida no processo. Porém, descobrir o viés da liberdade na pesquisa acadêmica requer atenção, visto que todo ele está organizado a partir de regras que não podem ser desconsideradas ao longo do percurso da pesquisa e da redação do trabalho escrito. Assim como toda a arte pretende ser vista e mobilizar repercussões de ordem individual e/ou coletiva, a pesquisa acadêmica não deve ser esquecida na biblioteca, sem serventia sociocultural. Deve, sim, inspirar reflexão e transformação.

A presente pesquisa é predominantemente qualitativa, sendo empregados, em poucos momentos, recursos de quantificação de levantamento de dados e informação. Ela teve como principais instrumentos a realização de entrevistas e grupos focais para a coleta de informação, objetivando evidenciar o caminho histórico do curso de formação de educadores comunitários da Associação Comunitária Monte Azul, o Mainumby. A opção de privilegiar as narrativas como fonte para o levantamento histórico partiu da necessidade de cobrir as várias lacunas dessa história que não estavam registradas em

documentos disponíveis para uma pesquisa documental. Sendo assim, a história oral despontou como metodologia da pesquisa, associada à pesquisa bibliográfica.

O capítulo I dessa dissertação aborda temáticas referentes ao que os pesquisadores têm pesquisado a respeito de cursos de formação de educadores Waldorf e da Associação Comunitária Monte Azul e faz breves aproximações e distanciamentos entre esses trabalhos e a atual dissertação. São também estabelecidas comparações entre alguns fundamentos dos trabalhos de Paulo Freire e Rudolf Steiner.

No capítulo II apresenta-se o percurso metodológico e ao se destacar o universo da pesquisa faz-se menção às idéias norteadoras da Instituição.

O capítulo III segue, formalizando uma construção de texto mesclada por citações das transcrições (que constam, na íntegra, no apêndice da dissertação) e de trechos gerados pela pesquisadora.

Esse trabalho de pesquisa possui três capítulos e as considerações finais. O terceiro capítulo tem estreita e complexa relação com as várias e extensas transcrições que compõem alguns dos apêndices do trabalho.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O TEMA DA DISSERTAÇÃO

A revisão de literatura do presente trabalho foi realizada a partir de pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), biblioteca essa que contém publicação de trabalhos de pós-graduação de várias instituições educacionais brasileiras.

As buscas para a realização da revisão ocorreram a partir da combinação de descritores que foram estabelecidos, observando-se a relevância para a pesquisa. As primeiras buscas foram experimentais, pretendendo a pesquisadora conhecer e familiarizar-se com a biblioteca. Os acessos foram realizados a partir do diretório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir do acesso da Universidade Nove de Julho, (UNINOVE).

Para as buscas foram utilizadas as palavras-chaves Pedagogia Waldorf, Associação Comunitária Monte Azul, Associação Monte Azul, instituição social, formação de professores, formação de educadores, formação de educadores comunitários, Paulo Freire, Rudolf Steiner, combinadas entre si. A pesquisa foi ampla e isto se justifica devido ao fato de que os resultados das buscas levaram a pesquisadora a compreender que havia pouca literatura a respeito distribuída em termos de palavras-chaves variados dentro do escopo da temática à qual se desejava pesquisar.

No primeiro movimento de busca, utilizou-se o período de cinco anos para a pesquisa de teses e dissertações correlatas. Observou-se então que, embora os descritores fossem coerentes com a necessidade da pesquisa, a oferta de teses e dissertações para o levantamento da literatura especializada era restrita. Partiu-se, então, para uma pesquisa de um período de investigação maior do que os cinco anos comumente sugeridos para pesquisa de mestrado, sendo que a busca realizada com a combinação dos descritores Pedagogia Waldorf ou Rudolf Steiner foi delimitada entre os anos de 2010 a 2020, enquanto não se especificou delimitação de tempo para as demais buscas.

Não foram usados filtros automáticos para grande área e área do conhecimento, ocorrendo filtragem manual, a partir dos critérios da pesquisadora.

Quando utilizados os descritores Pedagogia Waldorf e Rudolf Steiner, no período de 2010 a 2020, foram encontrados 66 trabalhos, dos quais quatro foram selecionados, pois se percebeu que os demais trabalhos não tinham aplicabilidade na presente pesquisa.

Na sequência deu-se a busca por meio das expressões-chave Pedagogia Waldorf e Instituição Social, com nenhum trabalho encontrado. O mesmo se deu quando se buscou trabalhos com a combinação das expressões Pedagogia Waldorf e terceiro setor.

A busca seguinte foi realizada por meio das expressões Associação Comunitária Monte Azul ou Associação Monte Azul e foram encontrados seis trabalhos, dos quais três foram selecionados. Em nova revisão, foram feitas combinações a partir das expressões formação de professores e Pedagogia Waldorf e, nessa busca, alcançou-se o resultado de seis trabalhos dos quais três foram selecionados. As buscas subsequentes foram realizadas a partir das expressões formação de educadores comunitários e Pedagogia Waldorf e das combinações formação de educadores e Pedagogia Waldorf e não foram encontrados trabalhos.

Uma última busca foi feita a partir das denominações Paulo Freire e Rudolf Steiner, em que cinco trabalhos foram encontrados e dois selecionados.

Para melhor visualização das buscas e resultados apresenta-se o quadro abaixo:

Quadro I
Revisão de Literatura sobre o Tema da Dissertação

| FILTRO | ÁREA DO CONHECIMENTO | DESCRITORES | ENCONTRADAS | SELECIONADAS |
|---------------|-----------------------------|--|--------------------|---------------------|
| 2010 a 2020 | Todas | Pedagogia Waldorf ou Rudolf Steiner | 66 | 4 |
| Sem Filtro | Todas | Pedagogia Waldorf e Instituição Social | 0 | 0 |
| Sem Filtro | Todas | Pedagogia Waldorf e Terceiro Setor | 0 | 0 |
| Sem Filtro | Todas | Associação Comunitária Monte Azul ou Associação Monte Azul | 6 | 3 |
| Sem Filtro | Todas | Formação de Professores e Pedagogia Waldorf | 6 | 3 |
| Sem Filtro | Todas | Formação de Educadores Comunitários e Pedagogia Waldorf | 0 | 0 |
| Sem Filtro | Todas | Formação de Educadores e Pedagogia Waldorf | 0 | 0 |
| Sem Filtro | Todas | Rudolf Steiner e Paulo Freire | 4 | 2 |

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da BDTD e da Capes. Quadro Elaborado pela autora (2021).

1. Literatura Especializada: O que Dizem as Pesquisas sobre o Tema

A dissertação de Rosana Lucille Bassinello Saraiva⁹, *Empreendedorismo ético e solidário: desafios e potencialidades* (2013) tem como objeto de estudo a Associação Comunitária Monte Azul e contextualiza os pensamentos do fundador da Antroposofia, Rudolf Steiner, a partir da exposição de sua biografia e dos acontecimentos sócio-políticos da época em que viveu e, posteriormente, trata dos aspectos da visão de Steiner no tocante à sociedade. Partindo dessa introdução, Saraiva aborda os desafios das instituições em lidar com as questões sociais que surgem ao longo de sua história.

A presente dissertação salienta a resposta oferecida pela Associação Comunitária Monte Azul, instituição antroposófica, no tocante à questão da formação de educadores, nos anos de 1979 até os dias de hoje. Nessa dissertação, apresenta-se a história do curso de formação dos educadores comunitários da Associação. Existe, portanto, uma complementaridade entre as duas dissertações. Em seu trabalho de pesquisa, Saraiva aponta por quais fases passou a organização em sua trajetória. Na presente dissertação, aponta-se por quais fases pedagógicas passou a instituição, no que diz respeito à formação de seus educadores. Nos dois trabalhos, tem-se o olhar para a história da Associação Comunitária Monte Azul, embora cada um deles esteja focado em aspectos diferentes.

O trabalho de Débora Alves de Almeida, *O modelo dinâmico do desenvolvimento: contribuição da pedagogia social de base antroposófica para intervenções sociais* (2016), aproxima-se tanto do trabalho de pesquisa de Saraiva, quanto da presente pesquisa, quando aborda a questão social sob a ótica da Antroposofia. Almeida afirma que a ideia central que orienta o desenvolvimento de uma instituição acontece na interface entre os indivíduos e o contexto em que se inserem. A questão central do trabalho de Almeida foi apresentar as condições que foram criadas nos âmbitos do indivíduo, da organização e da comunidade, para que cada um pudesse contribuir para o desenvolvimento do todo da instituição e, também, apresentar que condições foram criadas na comunidade para que se tornasse possível o desenvolvimento saudável de cada parte. Percebeu-se, ao longo da presente pesquisa que o modelo dinâmico de desenvolvimento foi utilizado em processos internos e que constituíram a trajetória do curso de formação de educadores comunitários, desde o princípio de sua história, até os dias atuais. As informações contidas no trabalho

⁹ Para melhor esclarecer o leitor, serão escritos os nomes completos dos autores citados, na primeira menção a eles.

de Almeida ofereceram subsídios para a investigação do fenômeno das relações de trabalho na Associação Comunitária Monte Azul e por meio disso foi possível à pesquisadora compreender a grande valorização do equilíbrio entre o desenvolvimento do indivíduo colaborador¹⁰ e o desenvolvimento do trabalho da associação.

No estudo *Dois casos e um alerta para as organizações de terceiro setor: Raízes Fundação para os Sem Teto e Associação Comunitária Monte Azul* (2000) a autora Rosane Segantin Keppke apresenta a missão e os valores da Instituição, informando por intermédio deles que a educação nas instâncias infantil, adolescente e de adultos tem foco no trabalho da Associação Comunitária Monte Azul. A autora cita que a educação é “o cimento ideológico e força motriz da instituição”. (p. 51). Em consonância com essa ideia, a fala dos entrevistados e participantes dos grupos focais realizados no presente trabalho revelou a importância e a consistência dos encontros de formação dos educadores, na manutenção do seu trabalho, funcionando como nutriente para o cotidiano da Instituição e de outras instituições participantes do curso, comprometidas com a educação e envolvidas em questões sociais intrincadas. O trabalho de Keppke também enfatiza a realização da Escola Oficina Social como elemento de agregação organizacional e comunitária. A Escola Oficina Social foi a resposta da instituição no sentido de olhar para o desenvolvimento individual de seus trabalhadores, considerando os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade. A investigação de Keppke dialoga com o presente trabalho quando são apontados os efeitos da escola Oficina Social na vida dos trabalhadores, na Instituição como um todo e, também, na comunidade à qual se destina o trabalho da Associação Comunitária Monte Azul.

Ana Lúcia Faggion Alonso, em sua dissertação *A contribuição do terceiro setor para a qualidade de vida em favelas* (2002, oferece dados referentes ao comprometimento entre a comunidade e a Associação Comunitária Monte Azul. Observa-se, porém, uma divergência em relação à presente dissertação, quando Alonso afirma que a ocupação da área na comunidade Monte Azul, ocorrida no final da década de 70 e início dos anos 80, do século XX, deveu-se à reurbanização da cidade que crescia e expulsava os trabalhadores das áreas centrais da cidade de São Paulo, impelindo-os para a periferia. Segundo a entrevista realizada com os pioneiros da Associação Comunitária Monte Azul, as primeiras famílias que se acomodavam na região, constituindo a comunidade Monte Azul, vinham de diferentes estados brasileiros em busca de melhores condições de vida,

¹⁰ Na Associação Comunitária Monte Azul, é comum os trabalhadores denominarem-se colaboradores.

chegando à cidade de São Paulo e se instalando em regiões baldias, com água corrente nas proximidades.

A pesquisa de Rubens Salles (SALLES, 2010) "*Formação continuada com base na Pedagogia Waldorf*: contribuições do projeto Dom da Palavra (2010) dialoga com a presente pesquisa no âmbito das formações continuadas dos educadores da instituição. Salles apresenta a diferenciação dos termos educar, ensinar, instruir e formar, referindo a este último duas dimensões. A primeira dimensão é o saber e a segunda, o saber fazer sob a ótica da formação profissional. Segundo Salles, os saberes são competências especializadas, necessárias na execução da atividade profissional. Já a segunda dimensão, a do saber fazer, se refere ao desenvolvimento global do indivíduo que envolve o saber, o saber fazer e também o saber ser. A segunda dimensão considera a subjetividade dos sujeitos e valoriza suas experiências. Encontra-se na visão de Salles um emparelhamento com a atual pesquisa, que evidencia o processo pedagógico pelo qual passam os educadores em formação. O processo utiliza o recurso da prática de vivências que proporcionam, ao participante do curso, mostrar-se, deixar-se ver e evidenciar o que ele já conhece do conteúdo em questão a ser oferecido na disciplina apresentada. Não só é permitido ao participante apresentar o seu saber, como também o docente considera esse saber na construção da aula. É importante ressaltar que as pesquisas de Salles não convergem com a atual pesquisa quando ressalta que a formação continuada parte do princípio de que existiu antes uma formação inicial. No caso do Mainumby, o curso de educação continuada foi também o curso de formação inicial das educadoras, pois no caminho das pesquisas da atual dissertação descobriu-se, por meio da realização dos grupos focais, que o curso de formação de educadores comunitários, o Mainumby, foi originalmente desenvolvido para oferecer subsídios na atuação das mães de creche, pessoas da comunidade, algumas analfabetas, que puderam conhecer a pedagogia Waldorf e aplicá-la nas creches da Instituição, a partir dos encontros do curso. Percebeu-se que as mães de creche não tinham um conhecimento formal prévio sobre educação, mas eram exemplos de vida para as crianças que viviam na comunidade, em situação de vulnerabilidade, na presença da violência e da degradação humana. No curso de educação continuada, a qualidade humana daquelas pessoas somava-se ao conhecimento a respeito da educação pré-escolar, a partir do ponto de vista da pedagogia Waldorf, corroborando o processo do cuidar e educar que, posteriormente, foi pautado pela atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Na dissertação de Salles foi tratada a questão da influência

do educador no desenvolvimento de uma sociedade mais justa, imputando a ele responsabilidade pela justiça social. Esta afirmação vai ao encontro das pesquisas realizadas neste trabalho, no tocante ao impulso do curso de formação de educadores da Associação Comunitária Monte Azul. Nesta dissertação, a maioria dos participantes entrevistados revelou por meio de suas falas, o impulso de colaborar para a realização de uma sociedade mais igualitária, a partir do exercício da cidadania e dos cuidados com educação, cultura, saúde, alimentação para com a comunidade na qual a organização está inserida. Em Salles encontramos uma reflexão que ativa a seguinte pergunta: Que sociedade queremos? Para Salles, os movimentos que partem dessa reflexão, chegam à conclusão de que antes de instrumentalizar um educador com relação às técnicas de aprendizagem e conteúdo é preciso sair do modelo academicista e capacitar os educadores em valores humanos.

Encontrou-se no trabalho de pesquisa de Juliana Rodrigues, *Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: uma experiência estética* (2019), proximidade com a presente dissertação nos quesitos experiência estética, arte e formação de educadores, quando associados entre si. Segundo Rodrigues, faz parte do senso comum associar diretamente arte com beleza, mas, ao longo da história ocidental, o ser humano percorreu um caminho de diluição das fronteiras do que pode ser considerado como arte. A autora convida o leitor a pensar sobre a experiência estética que a arte pode proporcionar quando está relacionada à vida. Rodrigues sugere que se olhe a experiência estética como uma maneira de se relacionar com o mundo. A estética é uma experiência de beleza, não precisa necessariamente estar relacionada à concepção do belo. A autora afirma que a beleza habita na relação (determinada pela percepção) que um sujeito mantém com o objeto. Nesse caso, a percepção do mundo deixa de ser utilitária e passa a ser estética. Afirma ainda que no exercício dessa percepção, a própria maneira humana de sentir vai se refinando, ou seja, torna-o mais sensível às sutilezas de sua vida interior. Para a autora, o investimento na experiência estética abre a percepção para novas possibilidades e, portanto, oportuniza tomada de consciência sobre si, abrindo espaço para o autoconhecimento. Quando Rodrigues encadeou as ideias de arte, estética e autoconhecimento, deu-se, aí, um paralelo entre as duas pesquisas. Sabendo que o presente trabalho expõe parte da organização curricular do curso de formação de educadores comunitários na Associação Comunitária Monte Azul, verificou-se a importância dada aos processos estéticos, na realização do curso. O exercício de fazer

arte, realizar vivências e promover encontros entre os participantes (encontros entre sujeitos e de sujeitos com objetos) esteve sempre presente. Os depoimentos de participantes do curso revelaram que as experiências interiores produzidas nos processos artísticos e vivenciais eram experiências de autodescoberta.

Enquanto na obra de Rodrigues encontra-se o aspecto da arte e da estética como pontos de convergência, com o presente trabalho, na pesquisa de Camile Viana da Cunha Silva Vieira, *Formação de professores em uma perspectiva ludoestética: contribuições para a prática pedagógica de docentes na escola Waldorf Dendê da Serra* (2015), encontra-se a ludicidade como elemento de aproximação com o presente trabalho. A pesquisa de Vieira ressalta a ludicidade nos cursos de formação de educadores Waldorf. Na introdução de sua dissertação, Vieira relata que, quando cursou a formação de educadores Waldorf, tinha aulas de desenho, pintura, marcenaria, teatro, escultura, música, canto, trabalhos manuais, arte da fala e arte do movimento e que, no curso, havia momentos de aprender o que ensinar para as crianças e momentos para o autodesenvolvimento; havia também a possibilidade de revisitar a própria história e refletir sobre a própria identidade. Essa oportunidade agregou-lhe competências que passaram a permear o fazer pedagógico da autora. Ainda na introdução, Vieira lança dois questionamentos: Estariam as atuais formações de professores organizadas para estimular o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizam o ser humano por inteiro? Como formar educandos a partir de suas dimensões intelectual, lúdica, afetiva, estética e ética, se os próprios educadores no geral não vivenciam, em sua própria experiência formativa, esse mesmo espectro de saberes? A pesquisa de Vieira faz uma apresentação dos recursos utilizados no curso de formação de educadores Waldorf; recursos esses que instrumentalizam o professor para o ofício e permitem que ele se reinvente, a partir de melhor conhecer-se. Em sua exposição, a autora aproxima as palavras ludicidade e brincar. Segundo a autora, a ludicidade promove uma experiência interna em que o pensar, sentir e fazer encontram-se entrelaçados e proporcionam sensação de plenitude. Se a ludicidade ocupa um espaço nesse movimento, a arte também ocupa. A autora conta que a arte, como a escultura, a pintura, o desenho e a dança, são instrumentos potente para a eclosão da experiência estética. Encontra-se, aqui, um entrelaçamento não só entre o trabalho de pesquisa atual e o de Vieira, mas, também, com o trabalho de Rodrigues. Aprofundando suas reflexões, a autora passa a utilizar a palavra “ludoestética” para qualificar o conjunto de ações que são utilizados como recurso na formação de educadores Waldorf e que funcionam como

elementos integradores dos mundos objetivos e subjetivos dos sujeitos participantes do curso e, também, que isso reverbera na educação dos alunos cujos professores puderam conhecer e reconhecer-se a partir do fazer ludoestético em cursos de formação de Pedagogia Waldorf. As reflexões de Vieira sobre a inclusão do lúdico e da arte na formação de professores e suas considerações sobre o reflexo desse repertório na formação dos educandos elucidam as razões para a utilização de tais recursos nos cursos de formação Mainumby.

A pesquisa de Maria Martha Stussi, denominada *O processo de formação docente da Pedagogia Waldorf: narrativas (auto) biográficas de professoras em formação* (2017) apresenta a narrativa biográfica de três professores em momentos diferentes de sua formação Waldorf. No resumo de sua dissertação, a autora ressalta que o foco das formações de professores Waldorf está em oportunizar, ao participante, revelar-se e aprender a suscitar a revelação de seus alunos em suas características únicas. Mais uma vez, agora em Stussi, surge o pressuposto de que a formação dos professores Waldorf está intimamente ligada à formação integral do ser humano e que por meio dos seus recursos, a subjetividade do participante aflora. Porém, Stussi se refere ao preparo do educador na formação Waldorf quando lhe é apresentado, como conteúdo, as características da natureza humana, segundo a Antroposofia. Ocorre que a concepção do ser humano, na Antroposofia, confere a ele natureza física, anímica e espiritual. Por intermédio da Pedagogia Waldorf todos esses âmbitos podem ser visitados, revelados e burilados, quando o professor domina o conhecimento da Antroposofia. Assim, a formação proporcionada a um professor que pretende utilizar a Pedagogia Waldorf, compreende disciplinas que irão apresentar a ele as fases pelas quais passa um ser humano, as forças disponíveis em cada uma dessas fases e recursos para desenvolver as principais potencialidades que despertam nas determinadas fases da vida, segundo o ponto de vista da Antroposofia. Estabelecendo um paralelo entre as duas dissertações, pode-se ressaltar que, na presente pesquisa, depoimentos em entrevistas e grupos focais referiram que o caminho do conteúdo do curso Mainumby em suas várias fases foi estruturado a partir dos conhecimentos da Antroposofia, não só sobre o ser humano, mas também sobre a natureza e a sociedade. Desnecessário informar a respeito do processo de aprendizagem, que está entremeado de vivências para oportunizar a revelação dos participantes. A pesquisa de Stussi agregou informação e reflexão à pesquisa atual; no entanto, faz-se necessário uma observação: em sua dissertação, Stussi utiliza a expressão educação

tradicional para expressar a educação com base em pedagogias comumente utilizadas. Na compreensão da pesquisadora do atual trabalho é necessário propor à autora uma reflexão em relação às expressões “educação tradicional” e “educação convencional”. Na visão da pesquisadora, a palavra “tradicional” remonta a um repositório de imagens que convidam a observar origens e costumes que permeiam uma sociedade. E não foi a isso que Stussi se referiu. No entender da pesquisadora, Stussi referiu-se às convenções e, não, às tradições, uma vez que, ao termo “convenção” pode-se atribuir posturas que se mantêm alimentadas por condições ideológicas, tornando-se usuais, muitas vezes sem questionamento.

Na dissertação de Denise Santos da Cruz (2017), *Vivenciar aprendendo: contribuições da pedagogia à formação do pedagogo no século XXI* (2017), encontram-se relacionadas algumas contribuições da Pedagogia Waldorf à prática educacional. Questões como a avaliação qualitativa na realização da verificação do aprendizado do aluno e a administração equilibrada do uso dos recursos digitais no ensino são apresentadas no trabalho como recursos importantes para a educação contemporânea. Não há relação entre a presente pesquisa e a pesquisa de Cruz quando se considera tais aspectos. Contudo, encontra-se aproximação entre elas nas reflexões da autora sobre sua participação no curso de formação de Pedagogia Waldorf. A autora apresentou sua caminhada, fazendo depoimentos sobre suas experiências e impressões pessoais enquanto realizava o curso de formação. Cruz revelou suas percepções diante dos desafios que lhe foram propostos no curso, afirmando ter sentido medo de fazer trabalho feio, vergonha de dizer que não sabia fazer algo proposto e, compartilhando, preocupar-se antecipadamente com os resultados de seus trabalhos. Os desafios aos quais se referiu em seu trabalho aconteciam nas disciplinas do fazer, como, por exemplo, nos trabalhos manuais, Cruz relata, em sua dissertação, que, a partir das propostas feitas, rememorou aspectos de sua educação escolar; teve lembranças de insucessos que marcaram sua identidade; lembrou-se de professores e como influenciaram sua vida e teve novas oportunidades para enfrentar o suposto insucesso do passado. Então, renovou-se. Em sua pesquisa, Cruz relatou que pôde estabelecer paralelos entre passado e presente e isso alavancou uma transformação e reorientou sua postura diante de si e de qualquer ser humano. Cruz ressignificou suas percepções diante dos velhos sentimentos que tinha recalado ao relacionar-se anteriormente com professores. Enquanto participante do curso de formação de educadores Waldorf, descreve Cruz que procurava sentar-se perto

de seu professor quando a proposta lhe parecia assustadora. Relatou Cruz que imitava gestos e buscava copiá-los do professor e que se percebeu, aos poucos, competente, confiante, resiliente e autônoma. Pode-se perceber, em Cruz, um processo de dissolução de padrões e de reconstrução pessoal. Além disso, percebeu-se que ela estava envolta num processo que oportunizava a ampliação da empatia pelo professor, pela aluna que um dia ela foi e pelos futuros alunos que teria como pedagoga Waldorf. Em seu trabalho de pesquisa, Cruz redigiu: “— Nossa! Como queria viver aquilo, conhecer tudo aquilo, estar naquilo”. (p. 123). Seus relatos convidam o leitor a adentrar o universo do prazer no processo educativo. Na presente pesquisa, encontra-se similaridade entre o depoimento de Cruz e depoimentos de antigos alunos do curso de formação de educadores comunitários, Mainumby, alguns dos quais guardaram, por anos, os trabalhos realizados no curso. Na atual pesquisa, pode-se entrar em contato com a expressão do contentamento pela participação dos alunos no curso e a gratidão pelo processo proposto.

Evelaine Cruz dos Santos, em sua tese, *Formação de professores no contexto das propostas pedagógicas de Rudolf Steiner (Pedagogia Waldorf), Maria Montessori e da experiência da Escola da Ponte* (2015), faz a apresentação de três práticas pedagógicas contemporâneas e não convencionais e analisa os cursos de formação dessas três vertentes educacionais. Segundo Santos, enquanto a formação da Escola da Ponte está centrada na própria escola e nos círculos de estudo, nas formações da Pedagogia Waldorf e Montessori, encontra-se predominantemente o foco na formação a partir do conhecimento de si. Santos utiliza dados da Federação das Escolas Waldorf do Brasil (FEWB), obtidos por meio de pesquisa realizada em 2007 e informa que, naquele ano, havia cerca de 450 cursistas matriculados nas várias formações de educadores Waldorf espalhadas pelo país e que o Brasil contava com um total de 2050 professores Waldorf, na época. Encontra-se também na dissertação de Santos, um quadro fornecido pela FEWB, a partir de dados coletados em 2011, contendo a relação dos 10 cursos de formação em pedagogia Waldorf, desenvolvidos pelo país. O Curso de Formação de Educadores Comunitários Mainumby está incluído nessa lista. Santos afirma em sua pesquisa que os cursos de formação Waldorf são pagos e que isso é um dificultador para professores interessados em especializar-se nessa Pedagogia.

A presente pesquisa evidencia, no entanto, que o Curso de Formação Mainumby buscou financiadores como parceiros para a sua realização. A atual pesquisa informa que o curso passou por várias fases, algumas com financiamento. Quando não havia

financiamento a Associação Comunitária Monte Azul, instituição proponente do curso, optava por desenvolver o trabalho com parceiros voluntários e solicitava contribuições espontâneas aos participantes, quando possível. É importante ressaltar que existe um contexto socioeconômico e ideológico relativo ao educador comunitário que revela uma problemática social que acarreta a baixa remuneração desses profissionais e, com isso, eles ficam impossibilitados de fazer uma formação dessa magnitude.

Santos prossegue em sua pesquisa, oferecendo dados levantados pelo Fórum das Formações em Pedagogia Waldorf, coletados em 2012 e relativos à satisfação dos participantes dos vários cursos de formação oferecidos no Brasil. Nessa pesquisa, 94,06 % dos participantes informaram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com o curso de formação; 4,3% tiveram uma satisfação regular; 0,6% se sentiram insatisfeitos e 0,6% não responderam à pesquisa.

Os próximos trabalhos de pesquisa consultados na revisão de literatura aproximam as ideias de dois pensadores importantes para o desenvolvimento da atual dissertação. São eles Paulo Freire e Rudolf Steiner.

Embora, Claudia de Jesus Tietsche Reis (2015) relacione os pensamentos de Freire e Steiner em seu trabalho intitulado *Os princípios pedagógicos de Freire e Steiner e suas relações com os meios eletrônicos do cotidiano discente* (2015), não houve aproximação entre sua argumentação e os pontos de vista da pesquisadora do presente trabalho. No entanto, a forma como Reis buscou relacionar os dois pensadores e a sua escolha no caminho argumentativo levaram a pesquisadora desta dissertação a reflexões importantes a respeito de como associar os pensamentos de Steiner e Freire. Sendo assim, a leitura da dissertação mencionada foi de extrema importância para a autora da presente pesquisa.

A tese de Jonas Bach Junior (2012), *A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexão a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner* (2012), propõe um diálogo entre as teorias de Freire e Steiner em relação à questão da liberdade humana, categoria principal da tese de Bach. Segundo ele, na concepção de Freire, a educação para a liberdade consiste na consciência crítica desenvolvida para a transformação da realidade e envolve a luta pela libertação social. Já em Steiner, a educação para a liberdade está intimamente ligada ao autoconhecimento e às propostas de autodesenvolvimento. A partir do autoconhecimento, cada individualidade pode atuar para transformação social. Argumenta o autor que existe uma complementaridade entre

as ideias dos dois pensadores. Pode-se estabelecer uma ponte entre as ideias contidas no trabalho de Bach e a presente dissertação, se considerar a categoria liberdade associada ao autodesenvolvimento e às oportunidades oferecidas no curso de formação de educadores comunitários. Porém, no atual trabalho, destaca-se a categoria “Esperançar” de Freire, para referenciar o impulso da Associação Comunitária Monte Azul em oferecer oportunidades para a atuação consciente e livre no mundo. Em resumo, pode-se afirmar que, embora os dois trabalhos utilizem categorias diferentes para estabelecer comparações entre as teorias de Freire e Steiner, a temática da liberdade está presente e incrustada em toda a concepção do curso de formação de educadores comunitários, Mainumby.

Para melhor visualização dos trabalhos pesquisados apresenta-se o quadro abaixo:

Quadro II
Trabalhos Utilizados na Revisão de Literatura

| TÍTULO | AUTOR | TIPO | ANO | UNIVERSIDADE | PÁGINAS |
|--|------------------------------------|-------------|------------|--|----------------|
| Empreendedorismo ético e solidário: desafios e potencialidades | Rosana Lucille Bassinello Saraiva | Dissertação | 2013 | Pontifícia Universidade Católica/SP? | 252 |
| O modelo dinâmico do desenvolvimento: contribuição da pedagogia social de base antroposófica para intervenções sociais | Débora Alves de Almeida | Dissertação | 2016 | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro | 52 |
| Dois casos e um alerta para as organizações de terceiro setor: Raízes Fundação para os Sem Teto e Associação Comunitária Monte Azul | Rosane SegantimKeppke | Dissertação | 2000 | Fundação Getúlio Vargas | 86 |
| A contribuição do terceiro setor para a qualidade de vida em favelas | AnalúciaFaggion Alonso | Dissertação | 2002 | Fundação Getúlio Vargas | 131 |
| Formação continuada com base na pedagogia Waldorf: contribuições do projeto Dom da Palavra | Rubens Salles | Dissertação | 2010 | Universidade Presbiteriana Mackenzie | 251 |
| Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: uma experiência estética | Juliana Rodrigues | Dissertação | 2019 | Universidade Federal do Paraná | 82 |
| Formação de professores em uma perspectiva ludoestética: contribuições para a prática pedagógica de docentes na escola Waldorf Dendê da Serra | Camile Viana Cunha da Silva Vieira | Dissertação | 2015 | Universidade Federal da Bahia | 183 |
| O processo de formação docente da Pedagogia Waldorf: narrativas (auto) biográficas de professoras em formação | Maria Martha Stussi | Dissertação | 2017 | Universidade Federal de São Carlos | 101 |
| Vivenciar aprendendo: contribuições da pedagogia à formação do pedagogo no século xxi | Denise Santos da Cruz | Dissertação | 2017 | Universidade Federal de Santa Maria | 181 |

| | | | | | |
|--|--------------------------------|-------------|------|--------------------------------|-----|
| Formação de professores no contexto das propostas pedagógicas de Rudolf Steiner (Pedagogia Waldorf), Maria Montessori e da experiência da Escola da Ponte | Evelise Cruz dos Santos | Tese | 2015 | Universidade Estadual Paulista | 252 |
| Os princípios pedagógicos de Freire e Steiner e suas relações com os meios eletrônicos do cotidiano discente | Claudia de Jesus Tietsche Reis | Dissertação | 2015 | Universidade Estadual Paulista | 146 |
| A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexão a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner | Jonas Bach Júnior | Tese | 2012 | Universidade Federal do Paraná | 413 |

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da BDTD e da Capes. Quadro Elaborado pela autora (2021).

A partir da literatura revisada pôde-se tomar conhecimento e considerar aspectos que circundam a temática do atual trabalho, bem como utilizar informações e tomar de empréstimo conceitos anteriormente desenvolvidos por outros pesquisadores.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada para responder ao seguinte questionamento: Qual foi o caminho histórico do Curso de Formação de Educadores Comunitários da Associação Comunitária Monte Azul, o Mainumby? Para chegar a esta resposta buscou-se reconhecer como se deu o desenrolar da história do curso.

A pesquisadora construiu como hipótese que o curso livre de formação de educadores comunitários constituiu-se por fases a partir de trabalho dos pioneiros¹¹ da Instituição, até que pudesse contar com o financiamento de parceiros institucionais para, posteriormente, entrar em nova fase em que medidas criativas foram tomadas para assegurar a formação de educadores comunitários na Instituição cujo crescimento foi enorme.

A utilização da história oral como metodologia da pesquisa proporcionou um caminho firme para que a história do curso de formação fosse evidenciada por meio das memórias de homens comuns, muitos deles, indivíduos que se colocaram a serviço de uma causa e empreenderam suas forças para a realização coletiva. Outros tantos indivíduos puderam usufruir dessa criação e narraram o impacto causado por ela em suas vidas.

A definição de história oral, encontrada no *site* do Centro de Pesquisa de História Contemporânea do Brasil segue como citação: “A história oral é metodologia da pesquisa que consiste em entrevistas geradas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modo de vida ou outros aspectos da história contemporânea” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL. *O que é História Oral* <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 26 out. 2021).

Segundo José Carlos Sebe Meihy e Fabíola Holanda, a história oral parte de entrevistas “[...] com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos”(MEIRY, HOLANDA, 2015, p. 13-14). Mas, para além disto, ela abrange um processo com etapas: “História Oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto.” (*id.*, *ibid.*, p. 15). Enquanto processo, ela envolve vários

¹¹ Aqueles que idealizaram a ideia e iniciaram o trabalho na instituição, fazendo-a robustecer em suas ações ao longo de vários anos, enquanto outras pessoas se juntavam à iniciativa. São eles Ute Craemer, Renate Keller Ignácio e Paulo Ignácio.

procedimentos descritos por Meiry e Holanda (*id.*, *ibid.*, p.16-17), tais como: elaboração do projeto, estabelecimento do grupo de pessoas a serem entrevistados; definição de locais, tempo de duração; observação de fatores ambientais, gravações, transcrições e organização do texto, conferência do produto escrito; autorização para uso, arquivamento, publicação de resultados e apresentação do resultado para grupo de entrevistados.

Importante fazer, aqui, observações a respeito da história da memória, a partir de pesquisadores cujos pontos de vista foram adotados para a realização desta pesquisa. Em seu artigo “História e Memória: desafios de uma relação teórica”, Márcia Pereira dos Santos, informa: - “São muitas as tentativas, em diversos campos do saber histórico, de delimitar fronteiras, aproximações e entrecruzamentos entre as concepções de história e memória que na atualidade têm definido essas formas de interpelação e usos do passado.” (2010, p. 81). Ela prossegue: “A preocupação com a relação história e memória, aqui apresentada, sustenta-se dentro das discussões que referendam a memória como potencializadora de ações humanas.” (*ibid.*, p. 85). Conclui a autora que a memória é fonte para a história, porém “[...] em seus mecanismos de existência e expressão exigem um olhar sensível que a perceba como passado (re) atualizado, mas também com (ativa) ação que se dá no presente [...]” (*ibid.*, p. 84).

Para suscitar as memórias, o recurso das entrevistas foi amplamente utilizado, uma vez que “As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro” (*ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL. O que é História Oral. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 26 out. 2021).*

O meio virtual foi privilegiado como recurso para a realização da coleta dos dados, pois essa pesquisa foi realizada em tempos de pandemia e, sendo assim, a dificuldade do encontro social foi imperativa.

O universo delimitado para a pesquisa foi o curso Mainumby da Associação Comunitária Monte Azul e recorreu-se aos profissionais e aos fundadores da mencionada instituição, assim como a ex-alunos, ex-pais, ex-professores e antigos voluntários para a reconstituição da história do curso de formação de Educadores Comunitários. O caminho metodológico da pesquisa foi se evidenciando conforme ela acontecia, pois, a princípio, a pesquisadora imaginava encontrar maior possibilidade de utilizar arquivos físicos com documentos e fotos que evidenciassem a história do curso, o que não ocorreu.

Paulo Freire foi escolhido pela pesquisadora como principal referencial teórico da

dissertação devido à magnitude das reflexões do pensador pernambucano sobre educação popular, uma das temáticas do trabalho em questão quando se considera o educador comunitário oriundo do povo e exercendo educação para o povo, conforme foi feito durante o percurso do trabalho da Associação Comunitária Monte Azul.

A motivação para a escolha de Paulo Freire como principal referencial teórico deu-se porque Freire (2002, p.12) refere-se à legitimidade de se produzir reflexão sobre a formação docente. Para Freire, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Esta é uma das premissas da instituição que mantém o curso. Ninguém é vazio de conhecimento, tampouco sabe tudo. Desta forma, aprender e ensinar são partes da ação educacional que circula no ambiente pedagógico, entre educador e educando e, também, internamente, nas relações entre os trabalhadores da instituição. Respeitar os saberes de todos os envolvidos é um ato ético.

O Patrono da Educação Brasileira produziu muita reflexão em torno do significado da palavra “educador”, imputando a ela a máxima importância no ato de educar. Pretendeu-se, nesta pesquisa, produzir reflexão relativa ao ato de educar em uma organização específica, que atua em comunidades em situação de vulnerabilidade, independentemente dos usuais conceitos a respeito das nomenclaturas educador, docente e professor. Pretendeu-se aqui privilegiar o ato de educar, a despeito das correlações feitas e dos títulos para alcançar tais denominações. Os agentes educadores serão aqui chamados de educadores comunitários.

Considera-se nessa pesquisa que Paulo Freire permite extrapolar conceitos enrijecidos e, com isso, promover pensamentos para além dos paradigmas da educação atual, que privilegia a qualificação profissional a partir do curso superior e de especializações. Cumpre lembrar que não há um currículo social proposto para os cursos regulares de formação de professores em nível universitário e, portanto, o conhecimento da realidade do terceiro setor permanece fora da academia no tocante à educação. É importante ressaltar que, em determinado momento da história da organização, com as mudanças propostas pela LDB, em 1996, foi feito um movimento de financiamento de bolsas de estudo para que os educadores comunitários da Instituição pudessem continuar seu trabalho, a partir da titulação como professores – necessidade estabelecida pela nova lei. Hoje, todos os educadores comunitários são também professores.

Destacou-se do pensamento de Paulo Freire a categoria “Esperançar” como principal recurso reflexivo no trabalho de pesquisa realizado. Na obra *Pedagogia da*

Autonomia, Paulo Freire informa que “[...] a esperança é uma espécie de ímpeto natural, possível e necessário [...] condimento indispensável à experiência histórica” (2002, p. 27). Para Freire, a história pode ser construída; ela não é inexorável. Daí, a importância da esperança, do sonho em parceria com a realização. Paulo Freire desenvolveu o conceito “Esperançar” a partir da reflexão de que “esperançar”, como verbo, indica ação. Ao se considerar este neologismo como categoria, pretendeu-se a reflexão a respeito da existência do curso Mainumby, atravessando reveses e metamorfoseando-se para prosseguir por mais de quarenta anos.

Nesta dissertação, procurou-se saber detalhes da construção coletiva do curso, realizada por meio dos seus integrantes e de como eles “esperançaram” nesse processo. Não obstante, enquanto “esperançavam”, criavam.

Paulo Freire está incluído no grupo de pensadores que observaram que a ciência está na relação entre sujeito e objeto. Em outras palavras, a ciência não é o resultado do processo, mas o próprio processo. A pesquisadora seguiu os caminhos de Freire e fez uso da razão temporal em seu projeto no qual a memória individual dos participantes foi ativada por meio dos depoimentos, evidenciando que a construção do curso foi coletiva e que só pôde acontecer devido à interação social processual. Desnecessário dizer que este projeto se encaixa na área do conhecimento das ciências humanas, enquanto busca analisar e provocar reflexões sobre a sociedade e a educação.

Os pontos de vista aqui encontrados partem da ideia de que as pessoas desenvolvem seu pensamento de acordo com as condições sociais em que vivem e que o conjunto dos processos produtivos determina o jeito de viver e de pensar das pessoas. Portanto, partiu-se de ideias orientadas pela corrente materialista e pelo existencialismo, que preconizam que o homem é um ser singular que se transforma com a história, enquanto faz a história. Cada existência humana produz uma história individual, no contexto da história geral.

A ênfase dada à narrativa para a coleta de dados na pesquisa de campo realizada nesse trabalho possibilitou que vozes que foram muito importantes no desenrolar do Mainumby, Curso de Formação de Educadores Comunitários, fossem ouvidas. A oralidade e o diálogo permitiram a expressão de experiências individuais e grupais. No artigo “O questionário, o formulário e a entrevista como instrumento de coleta de dados: vantagens e desvantagens de seu uso na pesquisa de ciências humanas”, (Oliveira *et al.*, 2016) foram encontrados conceitos que serão apresentados aqui. Primeiramente, os

autores afirmam que, na pesquisa de campo, “o pesquisador pode entender melhor os fatos porque, além de coletá-los presencia, assiste, convive com o objeto a ser estudado, e isso possibilita uma veracidade maior dos fatos” (*id.,ibid.*, p. 4). Em continuidade argumentam que a pesquisa de campo requer muito mais tempo em relação a outras formas de levantamento de dados e que é muito importante determinar-se os mecanismos de coleta, considerando quais recursos são recomendados para a pesquisa em questão. Enfatizam eles que as entrevistas são muito úteis para captar explicações e interpretações do que ocorre no grupo (Oliveira et al., 2016 p. 6).

Enquanto a pesquisadora fazia a coleta de dados por meio de entrevistas e grupos focais, aconteceu algo que somente as ciências sociais podem promover: um revolver de ideias a partir das lembranças suscitadas e dos encontros promovidos entre antigos e atuais participantes dessa história. Pessoas que não se viam há vinte anos se reencontraram, conversaram, reavivaram e também revelaram partes desconhecidas do processo. Pode-se dizer que a pesquisa, para além de si mesma, nutriu o processo da Instituição, pois, enquanto se evidenciava o caminho, oferecia aos participantes oportunidades de rememoração e também de revisão. A escolha da entrevista narrativa como recurso metodológico foi um dos facilitadores para o surgimento de muitos detalhes do caminho histórico do curso, enquanto permitia o fruir de lembranças. Como dizem estudiosos do assunto:

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto dos entrevistados quanto entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 194).

Segundo Oliveira *et al* (2016, p. 11), a entrevista é um procedimento de investigação realizado entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informação sobre determinado assunto. É uma conversação realizada de maneira metódica, a fim de se obter informação do entrevistado sobre algum assunto ou problema. A entrevista pode ser realizada com todos os segmentos da população, incluindo alfabetizados, analfabetos e estrangeiros e oferece oportunidades para perceber-se atitudes e condutas, o que completa a observação atenta do pesquisador, muito embora possa oportunizar o subjetivismo do mesmo.

A definição de grupo focal, recurso também utilizado na coleta de dados da

pesquisa diz que:

[...] o grupo focal (GF) é uma ferramenta de pesquisa que coleta dados através da intenção de um grupo acerca de um tópico proposto por um pesquisador (moderador, facilitador). Essa definição implica compreendê-lo como um procedimento que reconhece o papel ativo do moderador em estimular o grupo e que os dados provêm da interação gerada pela discussão. (MORGAN, 1996, *apud* SOUZA, 2020, p.53).

O período de coleta de dados por meio de entrevistas e grupos focais se estendeu de março até outubro de 2021. Nos grupos focais realizados, pôde-se perceber que, ao utilizar o meio virtual, a proposta teve considerável aderência e alcançou pessoas de regiões distantes, revelando grande potencial para levantamento dos dados da pesquisa.

Originado das entrevistas grupais, presenciais, a estratégia da pesquisa de grupos focais foi potencializada a partir da difusão das novas tecnologias, que viabilizaram seu uso no meio virtual. (ABREU *et al*, 2009, p. 8).

O procedimento para a realização das entrevistas e grupos focais foi padronizado. Anteriormente ao encontro entrava-se em contato telefônico com o participante para fazer esclarecimentos sobre a pesquisa, abordar aspectos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidar o participante para o encontro e sugerir possíveis datas para a sua escolha e realização. Com três dias de antecedência enviava-se o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a ser devolvido devidamente assinado até a data do encontro. O *link* da reunião e uma proposta de reflexão a respeito dos temas que seriam abordados no encontro também eram enviados via mensagem de *Whatsapp*. A realização dos encontros virtuais aconteceu sempre da mesma forma: primeiramente, o entrevistador abria a sala de conversas *online* (com cinco minutos de antecedência); posteriormente, moderava os encontros e, por fim, aguardava a saída dos participantes para término do encontro e fechamento da sala virtual.

Encontram-se registrados nessa pesquisa as entrevistas (Apêndice VI) e grupos focais (Apêndice VII), assim como o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I), declarações de identificação (Apêndice III) e Consentimento da Instituição na realização da pesquisa (Apêndice II).

Não houve um questionário base para a realização de todas as entrevistas e grupos focais, embora eles seguissem a mesma estrutura de trabalho proposta em um roteiro semiestruturado comum, conforme demonstrado a seguir.

Em seu artigo, Pimentel (2015, p. 90) apresenta o ponto de vista de que a arte pode

ser considerada na pesquisa acadêmica a partir de duas formas: na primeira delas, a arte é tema da pesquisa e, na segunda, ela é recurso metodológico para a realização da pesquisa. Ainda no mesmo artigo a autora afirma que o conhecimento dá saltos a partir de rupturas metodológicas e que a arte, enquanto recurso metodológico, compreende transformação com características de ruptura. A autora se refere ao incremento do conhecimento por meio de novas definições e de técnicas inusitadas que, ao serem aplicadas, revitalizam o processo da pesquisa, levando-a a bons resultados. Foi considerando este ponto de vista que todas as entrevistas e grupos focais tiveram uma atividade artística em sua abertura. Sabendo que a arte é ação que relaciona pensamento e emoção, destaca-se, aqui, que um dos objetivos quanto à utilização desse recurso nas entrevistas e grupos focais foi promover um reviver da memória e suscitar lembranças coloridas com as emoções que, então, foram expressas em traços, cantos ou versos. A seguir apresenta-se uma das expressões artísticas dos participantes da pesquisa ¹².

FIGURA I

Peixes no Rio



Fonte: Desenho de participante da pesquisa¹³.

Na sequência, as perguntas convidavam o participante a objetivar e subjetivar,

¹² Em função das entrevistas terem acontecido em meio virtual, a pesquisadora não teve acesso aos trabalhos dos participantes e muitos deles deixaram de entregar as imagens destas atividades, sendo assim, a pesquisadora optou por anexar apenas um dos trabalhos na dissertação, para fins de exemplificação.

¹³ A pesquisadora optou por ilustrar a atividade artística com apenas uma figura, pois as entrevistas e grupos focais foram feitas *on line* e muitos dos participantes não enviaram as fotos de seus trabalhos para o devido registro documental.

abrindo assim, com as suas respostas, um leque de possibilidades de análise por parte da pesquisadora. Nas considerações finais, o participante poderia falar sobre algo não contemplado nas perguntas e que lhe parecesse interessante expor. O tempo de duração tanto das entrevistas quanto dos grupos focais foi estabelecido em sessenta minutos, aproximadamente. Porém, a condução do tempo por parte da pesquisadora/entrevistadora foi bem flexível, dependendo da disponibilidade dos participantes. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram usados nomes fictícios para identificação de todos eles. Os pioneiros da instituição Ute Kraemer, Renate Keller Ignácio e Paulo Ignácio foram citados a partir de seus nomes, por considerarem eles desrespeitam sua iniciativa a não identificação de seus feitos. Cada um dos pioneiros escreveu e assinou uma declaração em que consta o interesse de sua identificação na pesquisa. Estas declarações encontram-se no apêndice da pesquisa.

A entrevistadora/pesquisadora teve como premissa, aproximar a sua linguagem à linguagem do entrevistado, considerando o exposto no artigo de Muylaert *et al*, em que fica clara “[...] a importância de o entrevistador usar apenas a linguagem que o informante emprega, sem impor qualquer outra forma, já que o método pressupõe que a perspectiva do informante se revela melhor ao usar sua linguagem espontânea”. (*apud* JOVCHELOVICH, 2014, p. 194).

1. Os Participantes da Pesquisa

Participaram deste estudo pessoas convidadas, maiores de 18 anos, trabalhadores da Instituição e também ex-alunos, ex-pais, ex-voluntários e ex-trabalhadores dos três núcleos institucionais. A escolha de participantes para a coleta de dados deu-se, primeiramente, a partir de uma pesquisa feita com os coordenadores das várias áreas da Instituição.

Para a realização da pesquisa inicial foi elaborado um formulário no *Google forms*, em que os coordenadores, alguns deles com muitos anos de trabalho na Instituição, sugeriram nomes de pessoas que poderiam ser contatadas e convidadas para, por meio de suas memórias, colaborar na pesquisa. O formulário está acessível em <https://forms.gle/K95G1Gz1fv6pCF35A>.

A partir da primeira entrevista realizada para a coleta de dados, outros nomes foram surgindo, conforme os depoimentos iam acontecendo e a história contada

evidenciava os participantes da própria história, acrescentando-se, assim, à primeira lista de nomes de pessoas, novas possibilidades para a coleta de informações.

A seleção dos participantes da pesquisa deu-se a partir do critério da possibilidade da relevância das informações em relação à história da Instituição e sua reconstituição histórica. Com certeza, muitos integrantes da história do curso deixaram de ser ouvidos, o que se justifica, considerando-se os prazos apertados para a realização da pesquisa como um todo.

Muitos dos participantes dos grupos focais e entrevistados eram pessoas de outras nacionalidades que carregavam na sua fala a expressividade da adaptação oral para o Português. Nas transcrições, procurou-se manter a linguagem do participante, devido ao caráter revelador que se manifestou na forma de cada individualidade se expressar, quer fosse pela escolha das palavras, uso de expressões, entonação, quer no uso de neologismo. Os recursos utilizados na transcrição das entrevistas foram os disponíveis na plataforma *Microsoft Teams*, onde ocorreram tanto as entrevistas quanto os grupos focais. No entanto, a finalização das transcrições ocorreu de forma manual, respeitando-se a expressividade dos participantes. COSTA afirma que “[...] a transcrição de entrevistas se tornou até certo ponto ‘banal’, à medida que se sofisticam os recursos áudio ou vídeo utilizados para os registros dos dados” (2011, p. 5). Segundo ela, a tarefa da transcrição ficou relegada a segundo plano, sendo qualificada como uma tarefa mecânica; porém, esta é uma tarefa central para a análise e discussão de resultados em investigação qualitativa.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, na modalidade *Ipsis Litterise* trechos foram citados ao longo da dissertação, a fim de elucidar a caminhada de quarenta e três anos do Curso de Formação de Educadores Comunitários, Mainumby.

Seguem-se os quadros que apresentam as entrevistas e grupos focais realizados na coleta de dados do trabalho de pesquisa.

Quadro III
Entrevistas Realizadas na Coleta de Dados

| ENTREVISTAS | | | |
|-------------|--------------------------------------|------------------------|-----------------------|
| DATA | DENOMINAÇÃO | DURAÇÃO | MODALIDADE |
| 12/03/2021 | Keller Renate Ignácio | 27 min. e 40 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 27/08/2021 | Ex-coordenadora das creches | 45 min. e 29 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 30/06/2021 | Ex-voluntário japonês | 49 min. e 26 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 08/04/2021 | Ex-coordenadoras Pedagógicas | 1 h, 55 min. e 12 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 16/04/2021 | Ex-coordenadora administrativa | 57 min., 30 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 20/05/2021 | Coordenador do Núcleo Horizonte Azul | 1 h. 26 min. e 56 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 30/04/2021 | Atual coordenadora do Mainumby | 1 h. 9 min. e 30 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 04/09/2021 | Ex-aluna do núcleo Horizonte Azul | 41 min. e 28 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |

Fonte: Pesquisa de Campo deste Trabalho

A disposição das informações contidas no quadro foi feita considerando a sequência com que as entrevistas aparecem na dissertação e, não, a sequência cronológica de sua realização.

Quadro IV
Grupos Focais Realizados na Coleta de Dados

| DATA | DENOMINAÇÃO | PARTICIPANTES | DURAÇÃO | MODALIDADE |
|------------|------------------------|---|------------------------|-----------------------|
| 03/05/2021 | Meninas do cursinho I | Ex-educadoras Ex-auxiliares das creches | 1 h, 25 min. e 49 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 05/05/2021 | Meninas do Cursinho II | Ex-educadoras Ex-auxiliares das creches | 1 h, 26 min., 34 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 25/08/2021 | Ex-alunas do Mainumby | Ex-educadores da instituição e ex-alunos do Mainumby, | 57 min. e 32 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |
| 09/10/2021 | Mainumby Bahia | Ex-alunas do curso Mainumby Bahia | 53 min. e 4 seg. | <i>Ipsis Litteris</i> |

Fonte: Pesquisa de Campo deste Trabalho

2. Sobre as Categorias do Trabalho

Este trabalho abarca duas categorias na realização da pesquisa: “Memória Diferenciada de História”, de Paul Ricoeur e a categoria “Esperançar”, de Paulo Freire. Paul Ricoeur foi um filósofo francês dedicado à compreensão da produção do conhecimento histórico enquanto conhecimento científico. A história foi institucionalizada como ciência no século XIX e, então, passou por incontáveis revisões a partir das quais se deram reformulações no pensamento organizacional da historiografia. Nesse processo, houve momentos em que o método foi questionado e pensadores dedicaram-se às reflexões sobre a melhor maneira de se fazer História. Dessa forma, a historiografia passou, sobretudo no século XX, por uma ampliação que abarcou novos pontos de vista, objetivos, metodologias para a pesquisa e as linguagens na escrita. Os pensadores franceses tiveram muita importância nesse processo de desenvolvimento, oferecendo matizes variados na sua construção, especialmente os representantes da “Escola” dos Annales, movimento historiográfico do século XX que se constituiu em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale*.

Ricoeur produziu reflexões variadas sobre o ofício do historiador, a relação da história e da memória e propôs, também, caminhos na produção do conhecimento para que ele fosse devidamente reconhecido como científico. Para Ricoeur, as narrativas históricas são produzidas na relação entre história e memória, diferenciando-se do pensamento usual da época, no qual haveria uma oposição entre elas. Ricoeur apontou para o fato de haver uma estreita relação entre ambas, embora sejam distintas. Enquanto a memória é subjetiva e pertence ao sujeito e/ou ao grupo social, a história compreende um conhecimento objetivo e racional, pautado em regras e técnicas. A história busca construir uma leitura crítica e analítica, a memória se remete ao vivido como experiência e é onde a história se apoia. “A memória é ainda reconhecida como a matéria-prima da história” (RICOEUR, 2014, p. 397). No que se refere ao paralelo entre história e memória, ele concluiu que o subjetivo da memória oferece recursos ao objetivo da história, reforçando-se, assim, a complementaridade e, não, a oposição entre elas.

A memória tem vida. A memória pode ser individual ou coletiva e se refere às vivências que produzem narrativas, sendo a oralidade o veículo por ela utilizado. A memória evoca o passado no presente e, de certa forma, o atualiza e perpetua. As narrativas expressam sempre um mundo temporal e o tempo dá significado às narrativas.

Pode-se perceber um movimento circular que engloba duas metades. “[...] o círculo entre narratividade e temporalidade não é um círculo vicioso, mas um círculo saudável, cujas duas metades se reforçam mutuamente” (RICOEUR, 1983, p. 15-16).

Ricoeur acrescenta um elemento importante na produção de sentido das narrativas por meio das quais a história se apresenta: o esquecimento. Para ele, memória, história e esquecimento são partes de um processo de significação da vida humana. Ao esquecer, os sujeitos que narram privilegiam e também desconsideram fragmentos do passado. O esquecimento distancia a memória do fato. “[...] o esquecimento continua a ser a inquietante ameaça que se delineia no plano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história.” (*id.*, 2014, p. 423). A reflexão de Ricoeur (*ibid.*, p. 198) apresenta variações na concepção dos objetos históricos a serem pesquisados. Segundo ele, a história pode pesquisar desde uma ideia global até a ideia de história de uma comunidade ou indivíduo, podendo ela ocupar-se de uma macroestrutura ou de uma microestrutura.

Ricoeur aponta três fases para a produção científica da história. Estas são fases não hierárquicas que compõem o que ele denomina operação historiográfica:

Propusemos a palavra “fase” para caracterizar os três segmentos da operação historiográfica. Não deve haver aqui qualquer ambiguidade concernente à utilização do termo: não se trata de estágios cronologicamente distintos, mas de momentos metodológicos imbricados uns nos outros. (*id.*, *ibid.*, p. 147).

A fase documental ou memória arquivada objetiva a elaboração da prova documental (vai desde as buscas de testemunhas da história até a organização de arquivos); a fase da explicação e compreensão se refere ao sentido de verdade que o texto apresenta e a forma como será defendida diante dos questionadores. Por fim, a fase da representação historiadora compreende, especificamente, a produção de texto desenvolvida a partir da escrita.

Para a realização dessa dissertação, a pesquisadora inspirou-se nas reflexões de Ricoeur e buscou testemunhos da história, fazendo uso da subjetividade das narrativas evocadas por intermédio das memórias de pessoas pertencentes à Associação Comunitária Monte Azul, podendo ser trabalhadores atuais e egressos da instituição, voluntários e ex-alunos, que foram convidados para participar da pesquisa.

[...] tudo tem início no testemunho [...], não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a

que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos (RICOEUR, 2014, p. 156).

Também para a realização desta dissertação, a categoria “Esperançar” foi utilizada. Para Paulo Freire, o sentido da palavra esperança se desloca, se anima e se transforma em ação. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário “[...] é condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-datado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história” (FREIRE, 2002, p. 29). Esperançar é um neologismo que emprega o sentido de ação ao que poderia ter o sentido de apatia (aqui referindo-se a esperar). Esperançar é construir o futuro: “[...] o futuro com que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos”. (FREIRE, 2001, p. 141).

Freire afirma que as ideias por si só não realizam, não fazem história. As ideias são construções que se concretizam por intermédio das realizações humanas:

Os homens [...] ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora, através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mais existem, e sua existência é histórica (*id.*, *ibid.*, p. 51).

A categoria Esperançar requer lançar o olhar para outras categorias de Paulo Freire que a completam. São elas Sonho, Situações-limites, Atos Limites, Inédito Viável, Ser Mais

O sonho, segundo Freire é “[...] uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se” (FREIRE, 2001, p.126).

Afirma Freire:

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. (*ibid.*, p. 126).

Os homens sonham sonhos individuais e sonhos coletivos. Em verdade, os sonhos

individuais se realizam e realizam o social, por meio das relações. É quando as instituições surgem. Segundo Freire “[...] é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a comunidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções” (FREIRE, 1970, p. 52). Ele acrescenta: “Não há realidade histórica [...] que não seja humana. Não há história sem homens como não há, uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz” (*id.*, *ibid.*, p. 65). Ainda segundo Freire, “Através (*sic*) de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens simultaneamente criam a história e se fazem seres históricos sociais” (*id.*, *ibid.* p. 52). Em outra obra, pode-se buscar a complementação do pensamento contido na citação anterior: [Os homens “(...) encontram em suas vidas pessoal e social, obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas.” (FREIRE, 2001, p. 277). A essas barreiras ele denomina “situações-limites”. Nas situações-limites, a opressão se instaura e parece não haver saída para ultrapassá-las. Neste sentido, Freire acrescenta que:

Os homens e mulheres têm várias atitudes para a superação dessas “situações-limites”: ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor, ou como algo que não querem transpor, ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na sua superação (*id.*, *ibid.*).

Para a superação das situações-limites, os homens lançam mão de suas criações. É preciso reinventar. Essa reinvenção é denominada por Freire de “inédito viável”. O conceito de inédito viável encerra “[...] toda uma crença no sonho possível e na utopia desde que os que fazem a sua história assim queiram” (*id.* *ibid.*). Numa situação limite o homem pode se projetar para um processo de libertação em que, em um primeiro momento, acredita-se que não se tenha condições para a superação da opressão. Porém, na busca, percebe-se que é possível lançar mão de recursos próprios e criar condições para romper com a situação opressora:

[...] Não são as “situações-limites”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações-limites” (FREIRE, 1970, p. 51).

Surge, então, o inédito viável, que é a mudança que acontece ao longo da história

dos homens e que suplanta a paralisia e produz libertação, enquanto se busca a utopia.

Esperança é prática. Precisa ser vivida. E, para isso, é preciso fazer enfrentamentos das situações-limites. É por meio de atos (que foram denominados por Paulo Freire de atos-limites¹⁴) que é possível aos homens transporem dificuldades extremas e se realizarem, ultrapassando as fronteiras entre o ser e o ser mais¹⁵. Os atos-limites “[...] implicam numa postura decisória frente ao mundo” (FREIRE, 1970, p. 52). Enquanto as situações-limites podem provocar paralisia, fazendo o ser recolher seu potencial e passar a ser menos, negando a possibilidade do futuro inovador. Os atos-limites são a ação em relação às situações-limite. É preciso assumir postura crítica diante do mundo para superar as situações-limites e, então, ser mais. Sendo mais, toda pessoa e toda comunidade orgulham-se de si, percebe-se forte e autônomo/a e olha para a sua criação a partir da qual surge o inédito-viável. O inédito-viável é o fim de um processo que engloba percepção e realização:

O inédito-viável é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (*id., ibid.*, 2001, p. 279).

Todo o processo que abarca o Esperançar em Freire, se apresenta na história da Associação Comunitária Monte Azul. Pode-se perceber o sonho de que uma comunidade mantenha seu próprio trabalho educacional torna-se realidade, sendo antes utopia e, depois, inédito viável, realizado, apesar de todas as situações limitantes durante a história do curso Mainumby.

“Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (*id. ibid.*, p. 126).

¹⁴ Aqueles atos que se dirigem à superação do fato limitante, em lugar de implicarem na sua aceitação dócil e passiva.

¹⁵ Ou seja, alcançar o patamar de superar a condição de paralisia a princípio estabelecida por uma ou mais situações-limites e assim realizar-se e empoderar-se. Deixar, portanto de render-se ao que está posto, atuarsocial e politicamente, sendo assim mais do que se era, quando em situação de imobilidade social, sendo assim o ser mais proposto em Freire.

3. O Universo da Pesquisa: A Instituição

A Associação Comunitária Monte Azul foi fundada pela pedagoga Waldorf Ute Craemer. De origem alemã, Ute Craemer se estabeleceu na cidade de São Paulo, no início da década de 70 do século passado. Mobilizada pela pergunta “Tem algo para dar?”, feita pelas crianças da favela do bairro Jardim Monte Azul, onde morava, em 1975, Ute Craemer iniciou um trabalho com elas em sua própria casa (CRAEMER, 1982). Para isso, contou, no início, com os alunos da Escola Rudolf Steiner, onde trabalhava, aproveitando a oportunidade para construir pontes entre as diferentes realidades socioeconômicas. Posteriormente, outras pessoas se juntaram a ela, como pioneiros nas ações da instituição. Foram eles Renate Keller Ignácio e Paulo Ignácio.

No ano de 1979, foi fundada, oficialmente, a Associação Comunitária Monte Azul, atendendo às demandas mais urgentes da sociedade local, desde atividades educacionais até atendimentos médicos (*id.*, *ibid.*). Desde sua fundação, a presença da Associação na comunidade expandiu continuamente e, a partir de 1983, suas atividades ampliaram-se, passando a atuar em três núcleos: A comunidade Monte Azul, a comunidade Peinha e o bairro Horizonte Azul. Atualmente, a Associação Comunitária Monte Azul atua em quatro núcleos, compreendendo os bairros do Jardim Monte Azul, Vila Andrade e Jardim Horizonte Azul, além dos bairros atendidos pelo Programa Estratégia Saúde da Família. (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL, 2021a).

A Associação atende diretamente mais de 1.600 crianças, adolescentes, jovens e adultos – nos Programas de Educação e Assistência Social; e mais de 6.000 pessoas, por ano, nas atividades e eventos culturais. Na área da saúde, são realizados, por ano, cerca de 32.900 atendimentos no Ambulatório e na Casa Ângela. O Programa Estratégia Saúde da Família (ESF) está disponível para uma população de mais de 270 mil habitantes (*id.*, 2021b). Para manter as atividades em funcionamento, a instituição conta com recursos financeiros de parcerias públicas, doações corporativas, doações individuais, leis de Incentivo, premiações, venda de produtos e serviços, Nota Fiscal Paulista e parcerias públicas (governos Federal, Municipal e Estadual).

3.1. Estatuto da Instituição

De acordo com seu estatuto, a instituição tem as seguintes finalidades:

I - Promover o amor ao ser humano, proporcionando oportunidades por meio da educação, cultura e saúde, principalmente para que as pessoas não privilegiadas se desenvolvam material, social e espiritualmente, estimulando-as para agir conscientemente e com amor;

II – Promover atendimentos na área da assistência social;

III - Promover atendimentos na área de educação, inclusive, para portadores de deficiências;

IV - Promover atendimentos e campanhas na área da saúde;

V - Promover atividades recreativas, culturais, ambientais e esportivas;

VI – Atuar como órgão de apoio e serviço à comunidade;

VII - Realizar parcerias com entidades afins;

VIII – Comércio varejista de livros, inclusive didáticos, além de jornais, revistas e artigos similares em cumprimento às finalidades institucionais da Associação; IX – Comércio varejista de livros usados, em cumprimento às finalidades institucionais da Associação e

X – Comércio varejista de discos, CDs, DVDs, fitas de áudio e quaisquer outras mídias eletrônicas, em cumprimento às finalidades institucionais da Associação (PORTAL DAS OS, 2020).

3.2. Estrutura da Instituição

A instituição tem uma ampla estrutura que abrange desde atividades educacionais até atividades de saúde, sendo composta por: 1) Núcleo Monte Azul: O prédio do Centro Cultural é uma construção própria; 2) Casa Ângela – Centro de Parto Humanizado; 3) Creche (Programa Infância Querida Monte Azul); 4) Oficinas profissionalizantes (Programa Tecendo o Futuro Monte Azul; 5) Ambulatório Médico-Terapêutico; 6) Escola de Música; 7) Sede administrativa; 8) ESF administração; 9) Núcleo Peinha: Atividades pedagógicas, culturais e esportivas no período complementar à escola (Programa Nossa Ciranda Peinha); 10) Biblioteca; 11) Núcleo Horizonte Azul: Creches (Programa Infância Querida Horizonte Azul e Flamboyant);

12) Chácara: Atividades pedagógicas, culturais e esportivas no período complementar a escola (Programa Nossa Ciranda Horizonte Azul); 13) Oficinas profissionalizantes (Programa Tecendo o Futuro Horizonte Azul), espaço da Escola de Resiliência; 14) Horta.

3.3. As Ideias Norteadoras da Instituição

A primeira “comunidade educacional” proposta por Rudolf Steiner surgiu logo após a primeira guerra mundial, na Alemanha, no contexto de reconstrução do país. Para muitos, a reconstrução passava por reerguer a sociedade e a economia, por meio dos mesmos padrões em que se encontrara a sociedade antes da guerra. Para Rudolf Steiner, no entanto, iniciativas inovadoras deveriam surgir, inspiradas em princípios humanistas, para oportunizar o aperfeiçoamento dos homens e mulheres e da sociedade, inovando posturas no sentido da desierarquização e da equalização social. Rudolf Steiner tinha o propósito de contribuir para a transformação social, econômica e cultural e apresentou, insistentemente, às autoridades governamentais, lideranças partidárias, proprietários de indústrias e proletariado, o modelo da trimembração social. As capacidades e as necessidades humanas foram o ponto de partida de Steiner, ao sistematizar a proposta que ele chamou de Teoria da Trimembração Social. Para Steiner, a harmonia social poderia ser encontrada, conforme se combinasse adequadamente necessidades e capacidades humanas, que revelariam, nesse processo, vários pontos de vista de atuação. Deste princípio, surge o que Steiner denominou leis sociais, atuais, em nossos tempos.

A Lei Fundamental da trimembração social, teoria então proposta por Steiner, revela um caminho concreto e prático na direção de criar formas sociais e comunitárias, inéditas, anunciadoras de realizações menos egoístas e enfermas. Pode-se dizer que esta lei propõe uma “cultura do servir”.

Assim afirmava o fundador da Pedagogia Waldorf:

O bem de uma integralidade formada por pessoas que trabalham em conjunto será tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho, ou seja, quanto mais ceder destes resultados a seus colaboradores, e quanto mais suas necessidades forem satisfeitas não por seu próprio trabalho, mas pelo dos demais (STEINER, 2003, p. 36-37).

Não obstante, este servir é lúcido e compreende escolhas feitas a partir das capacidades dos envolvidos.

Ele complementa:

Em tudo que é produzido pela vida econômica e pela consciência jurídica, para a vida social, existe a efetiva influência oriunda de uma terceira fonte: as capacidades individuais de cada ser humano [...]. O que se origina dessa fonte deve afluir para o organismo social de maneira completamente diversa daquela típica da troca de mercadorias e do que pode emanar da vida estatal. Não existe essa possibilidade para provocar essa assimilação de maneira saudável senão deixá-la depender da livre receptividade das pessoas e dos impulsos provenientes das próprias capacidades individuais. Buscar influenciar artificialmente, pela vida econômica ou pela organização estatal, as produções humanas baseadas na vida das pessoas, significa suprimir lhes a maior parte da verdadeira base de sua própria vida. Essa base só pode existir na força que as realizações humanas devem desenvolver por si. (*id.*, 2018, p. 69).

É importante situar que estas ideias brotam no momento histórico em que a industrialização avança desordenadamente na Europa, triturando a possibilidade da expressão criativa. A ciência alcança seu pedestal e negligencia a espiritualidade, que também passa por transformações, a partir das ideias vindas do oriente, e o socialismo ganha força, dicotomizando as concepções de produção da época. Falar em capacidades e necessidades, inspirando um trabalho altruísta, gerou uma nova linha de pensamento que permanece até hoje.

Foi em um contexto proletário que surgiu a primeira escola orientada pela pedagogia desenvolvida por Rudolf Steiner, denominada Pedagogia Waldorf (por ter sido aplicada inicialmente na fábrica de cigarros Waldorf-Astoria de Emmil Molt). Para além das práticas pedagógicas compartimentadas e destinadas ao ensino/transmissão de conhecimento, a Pedagogia Waldorf propõe o exercício social dentro do ambiente escolar ou da comunidade educacional.

As ideias da trimembração social são postas em prática nas escolas Waldorf, como exercício de equanimidade no ambiente micro social da escola. Espera-se a sua difusão na sociedade por meio das muitas famílias que vivem essa realidade, a partir da opção educacional que fizeram para seus filhos e que elas exercitem esta participação, conquistando duplo alcance: o do desenvolvimento social e o do desenvolvimento individual.

Pesquisadores da atualidade completam:

O caminho de uma nova sociedade não é a implantação de um sistema de cima para baixo para toda a sociedade, mas a criação de novas formas de relações sociais a partir do contexto vivido por individualidades eticamente centradas no conceito de espírito livre. (BACH JUNIOR; VEIGA; STOLTZ, 2012, p. 49).

O envolvimento dos pais e mães, no contexto da escola Waldorf, parte de um acordo feito na matrícula da criança, quando pais e professores (geralmente os

responsáveis pela matrícula) convidam-se ao suporte do trabalho pedagógico, por meio da participação das comissões (manutenção, limpeza, bazar, festas, finanças, comunicação etc., dependendo da necessidade da instituição escolar) e à participação na associação de pais e no conselho da escola, além da participação em grupos de estudo e cursos. Uma vez o convite aceito, está selado o começo da caminhada conjunta.

O mais importante dos grupos que se formam na escola é o “grupo da turma de sala”. Diferente do ponto de vista convencional das escolas, que parte para a diversificação das turmas nos vários anos do ciclo escolar, a escola Waldorf mantém o mesmo grupo de alunos no ensino fundamental e médio, justamente para valorizar a constituição de uma comunidade menor, dentro da comunidade maior, a escola (esta englobada na grande comunidade, a sociedade). Portanto, alunos, professores, pais e mães interagem por muitos anos. Isto possibilita que os integrantes ultrapassem o contato social instantâneo, comum na sociedade. O aprendizado está em conviver e perceber como cada um se expressa, bem como as dificuldades e capacidades dos integrantes, buscando a superação das antipatias e a transformação do egoísmo em altruísmo. A ferramenta básica para esta realização é o diálogo.

Não apenas uma nova concepção de sociedade é colocada em prática numa escola Waldorf, mas também a concepção de individualidade. A concepção de ser humano passa por atribuir-lhe o âmbito espiritual e o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo é observado a partir de etapas, denominadas setênios (etapas desenvolvidas de sete em sete anos).

Na Pedagogia Waldorf, a arte ocupa papel central, sendo utilizada como recurso nas disciplinas. Porém, a questão fundamental da arte na Pedagogia Waldorf é utilizá-la como recurso para o desabrochar das qualidades individuais. Quando os seres humanos fazem arte, ali acontece uma conversa entre as capacidades humanas e o mundo, gerando amadurecimento.

CAPÍTULO III

A HISTÓRIA E SUAS VOZES

Trechos de depoimentos das entrevistas e grupos focais foram selecionados e intercalados, compondo, no texto da dissertação, o possível percurso do curso de formação Mainumby, a partir de um sentido de verdade percebido pela pesquisadora, lembrando que as memórias narradas foram os fragmentos do passado que se configuraram como prova documental, pois evidenciaram o passado e ofereceram materialidade ao que aconteceu ao longo de quatro décadas. E não poderia ser retomado no momento se assim não fosse, salvo o esquecimento que também faz parte do processo. A apresentação dos resultados da análise dos trechos das entrevistas e grupos focais utilizados no trabalho de pesquisa acontecerá nas considerações finais dessa dissertação, onde a pesquisadora dialogará também com as ideias de Paulo Freire.

As transcrições das entrevistas e dos grupos focais contidas nos apêndices dessa dissertação apresentam as/os participantes com nomes fictícios. A pesquisadora realizou uma codificação para fins de arquivo, onde utilizou sílabas ao invés de nomes para a identificação dos participantes. Foram mantidos os nomes dos três fundadores da instituição, Ute Craemer, Paulo Ignácio e Renate Keller Ignácio, os quais declararam a permissão para sua identificação. Tais declarações encontram-se no apêndice III dessa dissertação.

1. Narrativas da Caminhada do Curso Mainumby

Entre os anos de 1979 e 1980, Ute Craemer fez uma viagem à Alemanha a fim de divulgar o trabalho da Associação Comunitária Monte Azul e conseguir recursos para o seu desenvolvimento. Foi então que ela tomou conhecimento de um trabalho social na Colômbia, onde as mulheres da própria comunidade estavam envolvidas no atendimento educacional das crianças da favela. Isso despertou o seu interesse e a impeliu a conhecer a instituição e sugerir tal postura no trabalho educacional das creches, na Associação Comunitária Monte Azul.

Naquele momento já existia, na Associação Comunitária Monte Azul, o trabalho realizado pelos pioneiros e alguns voluntários, atendendo cerca de 150 crianças de diferentes idades. Porém, o atendimento às crianças da comunidade precisava crescer. Havia ainda crianças pelas ruas da redondeza, sem cuidados nem proteção. Viu-se a necessidade de expandir o trabalho; mas, como viabilizar essa ideia?

Doações e parcerias faziam crescer o atendimento da comunidade na Associação Comunitária Monte Azul:

[...] nós conseguimos firmar um convênio com a Associação de Amparo ao Menor Carente (AMENCAR) que era uma organização que tinha sua sede no sul do Brasil e que recebia recursos de padrinhos da Alemanha e através desses recursos e também das palestras que a Ute fazia e dos apoios que a gente conseguia, através de doadores da Alemanha, a gente conseguiu criar as crechinhas¹⁶. (KELLER, 2021, apêndice VI, p. 117)¹⁷

Primeiro pensou-se na localização espacial das creches¹⁸ e qual seria o melhor local para atender as crianças da comunidade e também como viabilizar o espaço para organizá-las. A decisão que se tomou foi a de fazê-las na própria favela¹⁹. As primeiras creches da Associação Comunitária Monte Azul aconteceram em barracos comprados pela própria instituição, reformados ou erguidos com ajuda dos moradores, em sistema de mutirão.

[...] o barraco que a gente comprou era de uma família que se mudou dali e que junto com os pais, com as pessoas moradoras da comunidade, a gente pintou, a gente arrumou, deixou um pouco mais bonitinha [...] Depois a gente comprou mais casinhas e fomos fazendo essas crechinhas dentro da favela Monte Azul (*id., ibid.*).

Ao incluir as pessoas da favela no trabalho social, atuando como educadoras, garantia-se o perfil do trabalho pautado na realidade da comunidade:

[...] a primeira mãe de creche era dona Ma que era analfabeta. Ela não sabia ler, escrever, mas ela era uma senhora que tinha duas filhas. Muito alegre, muito coração, muito aconchegante, então o nosso primeiro modelo era uma mulher, uma educadora com sete crianças. Eram sete crianças que ela cuidava como se fosse mesmo uma família e era muito simples (*id., ibid.*).

As mulheres, membros da comunidade que foram escolhidas para exercerem o papel de mães de creche²⁰, foram selecionadas a partir da disposição para o trabalho e para o ato de aprender o ofício. Buscavam-se pessoas dispostas, alegres e de bom coração.

¹⁶ As páginas das citações dos apêndices serão acrescentadas na versão para a defesa.

¹⁷ Entrevistarealizada no dia 12 de março de 2021, às 9h5m, tendo durado 27 m e 45 s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

¹⁸ Denominação da época para caracterizar o atendimento à crianças em idade pré-escolar, em período integral.

¹⁹ Hoje a denominação usual para favela é “comunidade”.

²⁰ Terminologia da época para referenciar o educador que atuava com as crianças nas creches.

Muito se aprendeu com essas mulheres que traziam, em suas histórias de vida, além dos princípios do cuidar, suas vivências de canções, brincadeiras e contos, provindos das várias regiões do país nas quais elas tinham vivido antes da retirada para São Paulo.

Surgiu então uma nova questão: Como preparar as pessoas da comunidade para serem educadoras inspiradas na Pedagogia Waldorf?

Conta Keller: “[...] foi em 1980 que eu comecei a fazer um cursinho para quem tivesse interessado jovens, e também mulheres já mais maduras, para se prepararem para serem educadoras e a gente poder expandir o nosso trabalho” (*id.*, *ibid.*, p. 116). O cursinho foi desenvolvido segundo as necessidades observadas para o trabalho, por Keller: “Ele tomou forma a partir da observação da experiência das pessoas no trabalho”. (*id.*, *ibid.*). O desenvolvimento dos encontros adquiriu uma estrutura própria:

Sempre tinha um momento onde (*sic*) a gente tratava sobre a observação da criança e o desenvolvimento infantil, mas também, eu sempre perguntando: — O que vocês se lembram da sua infância? — Como vocês observam os seus filhos? E assim, sempre tentando construir em conjunto as imagens que dariam uma base para a gente pensar o quê oferecer enquanto educação, enquanto o espaço, enquanto atividades dentro do dia a dia. Também sempre tinha uma parte artística, uma parte de fazer alguma coisa, de aprender a fazer uma boneca, aprender também trabalhar com madeira [...] sempre tinha esse lado mais do pensar, de teoria, mas sempre tentando que essa teoria fosse sempre baseada nas nossas experiências e naquilo que a gente pode observar na nossa vida. (*id.*, *ibid.*).

Havia dois grupos no cursinho, o primeiro era chamado “grupo das mulheres mais velhas”, as mães de creche; e o segundo era chamado de o “grupo das meninas da Renate”. Esse grupo era composto por jovens moradoras da comunidade, interessadas no cursinho e convidadas. Algumas delas eram convidadas para serem auxiliares das creches já existentes. Nos encontros com as jovens discutiam-se temas que envolviam a própria juventude. Desde aquele tempo, o curso já apresentava características em torno do fazer ações e não apenas de receber conteúdo para repeti-lo, conforme narra Ta: “Não tinha nada pronto. Assim, então, por exemplo, a gente tinha que criar uma roda para cada época e a gente tinha que criar músicas para época [...] a gente tinha que fazer a roda e fazer os gestos e a Renate assistia, ’né, cada roda [...] E aí tinha as provas escritas também” (GRUPO FOCAL MENINAS DO CURSINHO I, apêndice VII, p. 177).²¹

Conta Keller:

²¹ Grupo Focal realizado no dia 3 de maio de 2021, às 14h, tendo durado 1 h, 21 m e 49s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

Uma coisa também que a gente fazia era tentar que uma pessoa pudesse aprender com a outra [...] Todo sábado, quatorze horas e às vezes a gente saía do nosso espaço aonde a gente fazia o cursinho e ia visitar uma das crechinhos para ver como é que era esse ambiente. Era aconchegante? Será que adequado para as crianças? Fazíamos assim para se inspirar mutuamente. (KELLER, 2021, apêndice VI, p. 118).

Ta, participante do grupo das meninas da Renate, naquela época, e, agora, coordenadora pedagógica e membro do Conselho de Culturada da Instituição, comenta características da relação entre Renate e as meninas:

Acho que me senti ouvida dentro do cursinho; só que muitas vezes eu tinha uma rebeldia, sabe? Dava umas brigadas, assim, com a Renate [...] a Renate precisava fazer as correções, 'né, ela precisava falar, por exemplo: — Esse português não 'tá escrito direito e eu falava: — Como assim não 'tá escrito? Eu tinha uma rebeldia e mesmo ali ela me acolhia, ali também eu me sentia ouvida (GRUPO FOCAL MENINAS DO CURSINHO I, apêndice VII, p. 177).

Relata Ma que sentir-se ouvida foi um acontecimento importante para ela se tornar educadora: “Eu vi isso desde que eu ia na casa da Ute e era aluna, 'né, e ela [...] pegava a gente para fazer uns desenhos e eu me sentia ouvida. Esse foi o momento, assim, mais importante para que eu pudesse ser depois professora²² [...]”²³. (*id.*, *ibid.*, p. 175)

A confiança que se estabeleceu nesse grupo levou as meninas a superarem grandes barreiras, conforme conta Ta: “[...] tinha que fazer euritmia, lá na Rudolf Steiner²⁴, e essa para mim era uma parte um pouco dolorida porque eu ia num lugar que era desconhecido, 'né; eu saía de uma favela para ir para a elite, 'né. Então me lembro que aquela Rua da Job Lane era cumprida [...]”. (*id.*, *ibid.*, p. 177). Da, completa: “Subir aquela rua lá, para mim era doloroso. Ao chegar naquela escola eu ficava pensando assim: — Por que eu também não posso estudar aqui? Foi um enrosco na minha vida, a Steiner²⁵.” (*id.*, *ibid.*, p. 178).

Mas, como era o contexto da favela naquele tempo? Quais histórias e pensamentos envolviam os participantes do cursinho, naquela época? Como as pessoas da comunidade,

²² Nesta pesquisa, procurou-se demonstrar que os profissionais da instituição se qualificavam como educadores comunitários. Eles estão dentro do escopo dos profissionais educadores sociais, porém, vários entrevistados denominaram-se professores.

²³ Algumas participantes do cursinho e auxiliares de sala foram crianças da comunidade que frequentaram a casa de Ute Craemer onde ela atendia as crianças do bairro, antes mesmo da Instituição ser formada.

²⁴ Escola Rudolf Steiner.

²⁵ Denominação comum para Escola Rudolf Steiner.

que foram escolhidas para realizar o trabalho com as crianças, viam aquele momento em suas vidas?

Ta esclarece: “[...] era um jeito que a gente tinha de estar fora da nossa casa, fora do contexto da favela, do barraco, da casa pequena, da falta que tinha ali. Aquilo me completava, sabe?” (*id.*, *ibid.*, p. 170).

Ta fala sobre a situação da favela naqueles tempos:

A instituição Associação Comunitária Monte Azul trazia acalanto para gente, mas também, quando você saía dali se deparava com a comunidade. Você não encontrava tantas coisas lindas, 'né? A minha casa era muito pequena, muito precária e, junto com isso, tinha o externo. Você saía de casa e de repente você se deparava com um corpo caído e depois você se deparava com outro. Ao mesmo tempo em que a gente conseguia ver aquele amor, 'né? Aquele abraçar da instituição, a gente também via essas violências, 'né? E isso é uma coisa que me marcou muito [...] A gente ia, a gente enfrentava. A gente entrava, andava na favela de madrugada, enfim, talvez tinha muito mais amor no coração e não via tanto, 'né? Enxergava uma beleza ali, 'né? (GRUPO FOCAL MENINAS DO CURSINHO II, apêndice VII, p. 185-186).²⁶

Mas, o grupo de trabalhadores agia pacificamente diante das situações difíceis do cotidiano, promovendo festas, teatros, saraus, jantares. Ta continua: “Então, acho que sair da comunidade, sair dali e poder fazer um teatro, poder comer, poder estar junto, então acho que a luz permeava ali também.” (*id.*, *ibid.*).

A própria instituição recebia investidas da comunidade: “[...] roubaram o Jardim²⁷. Nós fizemos um painel²⁸ com todas as crianças.” (*id.*, *ibid.*). E escolhia o caminho para lidar com isso:

Um dia, quando a gente 'tava saindo do jardim, esse pai, ele me encontrou e falou assim: — Vou fazer uma pergunta, você tem que responder agora, sim ou não. Quem você quer que eu mate? Eu levei um susto [...] — Mas eu não quero. Não quero que mate ninguém [...] — Eu não vou escolher, não. Isso marcou muito para mim porque você 'tava discutindo a vida de alguém, 'né? [inint] Coisa errada. (*id.*, *ibid.*, p. 186-187).

É significativo considerar as lembranças que sustentaram sua escolha, conforme ela conta: “[...] eu lembrei (*sic*) de uma frase que a Ute falou uma vez: — Que ninguém

²⁶ Grupo Focal realizado no dia 55 de maio de 2021, às 17h, tendo durado 1h, 26m e 34s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

²⁷ Denominação referida ao atendimento de meio período oferecido às crianças em idade pré-escolar. A nomenclatura completa é Jardim da Infância.

²⁸ Mobilização pacífica onde se bate painéis para demonstrar repúdio enquanto se conta o que está sendo repudiado.

nasce ruim, ninguém nasce mau, 'né? [inint] tem que saber a história da pessoa. Porque alguma coisa tem por trás, 'né?" (*id., ibid.*, p. 187).

Nos idos dos anos oitenta do século XX, a violência na favela era muito grande e os educadores tinham que ser preparados para enfrentarem essa realidade. Os pioneiros, mais experientes, colocavam-se a serviço da comunidade, juntamente com outras pessoas, alguns voluntários, outros trabalhadores membros da comunidade, contornando dificuldades, conforme apontam Se e E:

Lembro que uma vez a gente chegou para trabalhar e na porta da sala, 'né, tinha uma pessoa morta. A pessoa 'tava sentada na escada que subia para sala, veio outro por cima do telhado e de cima atirou para baixo. Ela já ficou ali e ali era nossa porta de entrada com as crianças [...] A gente conseguia fazer de um jeito tão incrível [...] que elas não percebiam nada, elas não falavam sobre isso, elas não levaram essas vivências com elas (*id., ibid.*, p. 188).

Explica, Se:

[...] eu olhava para aquilo, vindo de fora daquela realidade e eu ficava sempre [...] chocada com a vivência daquelas pessoas, principalmente das nossas crianças que tinham que passar por ali todos os dias. E para mim era sempre muito doído porque eu tentava mesmo sentir como as crianças sentiam e de todo jeito tentava também proteger as crianças daqueles sentimentos que eu achava que elas tinham. Eu tentava ver como era andar sempre naquela escadaria cheia de lama. Era muito feio naquela época que a gente começou nosso trabalho. E eu acho que a força maior que me levava a trabalhar todos os dias, ali, que me movia com muita alegria, era o amor. Essa forma de querer proteger as crianças e dar uma realidade interna para elas não terem aquelas vivências todos os dias. Então elas iam para casa cheias de coisas boas e belas que elas vivenciavam no Jardim de Infância (*id., ibid.*, p. 187).

Em meio ao desafio da instituição em relação ao entorno, revela-se, na fala de Ma, aspectos da sua relação com o mundo, para além da comunidade, refletido nos momentos de reunião:

Sempre que a gente começava a reunião era tão gostoso, sabe? Depois tinha a parte do café e brincadeira. Depois, a parte difícil. É a parte do conflito da reunião, sabe? Essa parte era muito dura para a gente. Depois vem a parte calma de novo [...] eu ia muito nas reuniões da prefeitura, naquela época, para juntar Pedagogia Waldorf com o novo sistema educacional da prefeitura. Eram linhas diferentes e a Renate não aceitava e dizia: — A gente vai ser que nem a prefeitura? Era bem diferente o trabalho. Já tinha esse conflito, essa coisa da (*sic*) prefeitura tomar conta da parte pedagógica das creches conveniadas²⁹.

²⁹ A Secretaria da Educação do Município de São Paulo propõe, até hoje, um sistema de parceria com instituições sociais, em que a instituição faz a gestão do dinheiro destinado por ela, para realização de projetos sociais. No caso, aqui, projeto de atendimento educacional pré-escolar.

Então, como eu tinha essa visão longínqua e o pessoal não aceitava, eu dizia: — Gente tem que aproveitar agora porque tudo vai mudar. E a Renate brigava comigo. Dizia que — Não, não, não [...] a gente não tinha a visão do que estava acontecendo lá fora; então, a Ute sempre falava: — Vocês têm que ter a visão de mundo, têm que sair para ver o mundo, aí, depois que estiverem preparados, vocês volta (*id., ibid.*, p. 188-189).

O Brasil, naquela época, passava por grandes transformações: “[...] em São Paulo a situação política era bem dramática porque era o final de ditadura militar e começo das demonstrações populares para as eleições diretas e tinha um movimento grande de mulheres da periferia para reivindicar melhorias com os painéis” (KELLER, 2021, apêndice VI, p. 118). A participação nestes movimentos colaborou para a formação das jovens educadoras que mergulhavam na compreensão de sua situação social e na possibilidade de mostrarem-se presentes e atuantes diante da realidade política e social do país, conforme explica Ta: “[...] Me veio a imagem de quando a gente militava. Veio-me a imagem do Diretas Já, sabe? Eu militando com a bandeira na mão e a gente indo pelos nossos direitos, sabe? 'Nossa, isso para mim foi uma coisa maravilhosa” (GRUPO FOCAL MENINAS DO CURSINHO II, apêndice VII, p. 190).

Ma, acrescenta:

Então, teve os momentos que a gente saiu. A favela, antes, não tinha luz nós fizemos enormes bandeiras e a gente foi então lutar para pedir luz, naquele tempo, tempo do Jânio. 'Tava saindo o Jânio para entrar a Erundina e a gente foi lutar por questão de moradia, sabe? E, aí, então, todo mundo ali na favela, os pais se organizaram e fizeram uma enorme bandeira com o nome da Monte Azul, 'né, pintado de verde. A gente foi lutar ali para pedir terra, lugar para gente morar, sabe? E pedir iluminação também. A Monte Azul sempre teve esses momentos de sair para o mundo e conseguir para a favela as coisas (*id., ibid.*, p. 192).

Conforme o trabalho crescia, mais mulheres que participavam do cursinho puderam se juntar ao trabalho e se tornar mães de creche.

Em 1984, a instituição conseguiu um convênio junto à Secretaria de Assistência Social e pôde estabelecer um relacionamento de mão dupla nos treinamentos da prefeitura para as instituições sociais “[...] a gente teve relacionamento com assistentes sociais da prefeitura que recebiam com muita abertura as nossas contribuições, 'né? E teve vários encontros de creches da região ‘aonde a gente pôde fazer oficinas, participar, também, das reflexões sobre educação” (KELLER, 2021, apêndice VI, p. 118).

Entre 1986 e 1987, Renate Keller ausentou-se da Associação Comunitária Monte Azul por oito meses, nos quais esteve na Alemanha, e foi necessário fazer modificações

no funcionamento do cursinho. Algumas educadoras passaram a coordenar funções e, assim, ganharam autonomia e conheceram outras especificidades do trabalho.

Na Alemanha, Keller conheceu Cafí que, em 1991, assumiu o cargo de coordenadora pedagógica das creches, enquanto Keller mudava de área, assumindo o trabalho administrativo e de captação de recursos. Em entrevista, Cafí conta que o primeiro contato com a iniciativa, aconteceu na Alemanha, em 1985, durante o tempo que morou lá:

[...] na minha rua tinha um Jardim Waldorf e eu acabei me interessando e resolvi fazer estágio. E, no primeiro dia, tinha um corredor nessa casa com um quadro de avisos, e eu olhei um cartaz que falava: Trabalho social e pedagógico no Brasil, favela Monte Azul. Naquele tempo, se chamava de favela Ute Craemer. Quando eu olhei aquele cartaz, eu já sabia que eu ia trabalhar lá e eu já sabia que aquilo tinha a ver com meu destino [...] Desde aquele momento, eu decidi que eu ia trabalhar na Monte Azul. Entre esse momento e eu realmente trabalhar, foram sete anos; mas, eu já comecei a me dedicar de longe à Monte Azul, a fazer palestra, ganhar dinheiro e mandar para a Instituição. Em 1987, eu conheci a Renate [...] ela estava fazendo um ano sabático com marido e os filhos e morando na casa dos pais, na Alemanha. E, através (*sic*) disso, eu conheci o Seu [inint], que era o pai dela, que era professor Waldorf e, com ele, eu fiz várias palestras [...] (ENTREVISTA COM EX-COORDENADORA DAS CRECHES E CURSINHO, apêndice VI, p. 121)³⁰.

Quando Cafí assumiu a coordenação pedagógica das creches, em 1991, a instituição tinha núcleos de atuação, o Monte Azul, o Peinha e o Horizonte Azul. Então Cafí passou a fazer a coordenação dos três núcleos, até se juntarem a ela outras coordenadoras e o trabalho ser distribuído entre elas:

Naquela época, era tudo muito diferente do que hoje; não era tão formatado quanto é hoje. [...] eu não tinha sala. Eu ficava todo dia nos grupos trabalhando com elas³¹. Quando tinha as festas, eu fazia os eventos na Monte Azul, na Peinha e na Horizonte Azul [...] Naquela época, ainda não tinha essa lei básica, essa diretriz de que, uma pessoa para trabalhar com o primeiro setênio³² teria que ter uma formação Universitária. Então, nós tínhamos muita liberdade; nós queríamos mulheres que tivessem amor às crianças e, não, necessariamente, uma formação acadêmica [...] E aí, a gente ia fazer a formação contínua, todo sábado; mudou de horário, às vezes, mas sempre duas horas por semana de estudo (*id., ibid.*, p. 123).

Na informalidade do cursinho, iniciava-se uma estrutura de formação de

³⁰ Entrevista realizada no dia 27 de agosto de 2021, às 13h 30m, tendo durado 45 m e 29 s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

³¹ A entrevistada se refere às educadoras e às auxiliares das creches e jardins da infância da instituição.

³² Primeiros sete anos de vida.

educadores:

[...] uma vez a Renate e eu fizemos um cálculo de horas de cursinho; deu um doutorado, 'né? Então, o cursinho, ele abordava todos os temas com a visão da Pedagogia Waldorf dentro do primeiro setênio. Então, a gente abordava conto de fadas, desenvolvimento humano, as festas do ano, o canto, tudo que tinha a ver com o primeiro setênio (*id., ibid.*, p. 125).

O cursinho não se limitava ao conteúdo pedagógico, mas tratava também de questões da comunidade que repercutiam no caráter formativo dos educadores, afirma Cafi:

Naquela época, tinha muita fofoca [risos]; não sei se hoje continua, mas tinha muita fofoca, eram muitas mulheres e, uma vez, a gente trabalhou o “Tratado Geral da Fofoca”, do Gaiarsa, para tentar reverter isso um pouco. A gente trabalhava alimentação, se tinha muito problema do açúcar e do sal, 'né. O brasileiro, ele não tempera com açúcar e sal; ele come açúcar e sal. Então, assim, tentar trabalhar essa questão: O que é dar um suco de fruta natural, que você não precisa agregar um açúcar. A Monte Azul é muito pioneira em muitas coisas. Então, tinha curso de reaproveitamento de alimento: como você usa uma casca de banana, a folha da cenoura, isso assim, em tempos em que nem se falava disso, 'né. Então, todos esses aspectos pedagógicos e de saúde da criança nos primeiros sete anos nós abordávamos, sempre tentando ter dinâmica artística, 'né, e uma linguagem muito acessível. (*id., ibid.*).

No cursinho, havia espaço para o acolhimento dos próprios participantes. Segundo Cafi ele era “[...] um evento íntimo, no qual, por exemplo, se uma mãe de creche tivesse um problema e a gente percebesse que ela não estava bem, a gente podia conversar. Ali era um espaço de aprendizado, mas um espaço muito íntimo e pessoal [...]” (*id., ibid.*, p. 128).

Segundo Cafi, havia desafios a serem vencidos no trabalho:

[...] o primeiro grande desafio foi chegar depois da Renate [risos]. As educadoras eram tão ligadas à Renate, claro, pioneira, começou esse impulso. Várias delas eram meninas quando a Renate chegou lá e, depois, se tornaram professoras de Jardim ou mães de creche [...] quando eu comecei [...] quando eu comecei na Peinha foi bastante desafiador porque eu tinha que aprender uma tarefa que a Renate me explicou como era, mas que não tinha um formato, assim, delimitado, de cargo, 'né, eu precisei entender na vida. Eu, com pessoas, costume me dar bem, então; esse não foi tão grande problema; o problema foi eu me inserir numa estrutura que já, há muitos anos vinha sendo carregada pela Renate e por outras pessoas. Então, eu acho que essa, foi entender que tarefa era essa, como que eu tinha que me comportar, como seriam as reuniões. Não tanto nas relações pessoais, 'né (*id., ibid.*, p. 123).

Cafi acrescenta:

Naquela época, existia um tema na comunidade que eu já não sei se existe hoje, que era quem é de fora quem é de dentro. Eu sou de fora, porque eu não sou da comunidade. Isso é uma coisa muito forte. Eu não sei dizer se hoje é ainda. Então, esse já era um tema. Eu vim da Alemanha; eu tinha feito o seminário de Pedagogia Waldorf; eu tinha um certo conhecimento, mas eu não era uma pessoa da comunidade. Então, eu tinha algumas vantagens e algumas desvantagens, 'né. Eu morava num apartamento muito grande, aqui na Granja Julieta, com meu primeiro marido e isso foi algo que eu precisei vencer. Eu tinha vergonha, 'né, porque eu estava muito perto da Monte Azul; eu ia lá todo dia, mas, eu tinha uma condição econômica muito boa e até entender que isso não era o mais importante, 'né, e que eu não precisaria ter vergonha do lugar que eu estava... eu tive que ir me trabalhando. Esse foi um lado, 'né, de tentar entender também. Outra coisa, entender, naquela época, o que era uma favela, porque a imagem que vai para mídia é que, na favela é lugar de bandidos e, muito pelo contrário. Eu entendi que as pessoas que me serviam, o porteiro do meu prédio, a pessoa que vinha limpar minha casa eram as pessoas que moravam na favela, porque o trabalho era tão mal remunerado que elas não tinham condição de pagar um aluguel. Então, que eram trabalhadores, pessoas feito eu e, talvez, com menos sorte, com menos privilégios, 'né, porque eu já nasci numa família de classe média. Então, entender essa condição social; que chega alguém lá que estudou na Alemanha, que tem conhecimento, que sai de lá e vai para o super apartamento de duzentos metros quadrados e fala para elas que elas têm que estudar uma roda, aprender, sabendo que elas vão para casa, num lugar que não tem espaço privado, para cuidar de filho, cuidar de marido. Como fazer isso, 'né? Como fazer isso sem ser injusta, sabendo dessa condição, mas, ao mesmo tempo, era algo que elas tinham que fazer na tarefa delas. Então, entender essa lida e respeitar também esses limites de saber que eu ia para minha casa e eu tinha um quarto à minha disposição, silêncio e elas não tinham nada disso. Muitas, naquela época, nem máquina de lavar roupa tinham, era trabalhar. Eu trabalhava quatro horas, elas oito, 'né. Iam para casa e ainda tinham que lavar a roupa na mão, faxinar, ou seja, e elas é que tinham esse conhecimento da vida nessas comunidades, não eu. E agora, como juntar de uma forma fraterna e boa aquilo que eu podia contribuir com aquilo que elas contribuíram, esse foi meu grande desafio (*id.*, *ibid.*, p. 124).

Para Cafí, o ponto alto do trabalho, onde havia muita alegria, era quando:

[...] a gente conseguia resgatar um ser humano, uma criança, ajudar uma pessoa a se desenvolver aí por um bom caminho, a estudar, ter uma profissão, sair de uma crise. [...] você sempre tem famílias estruturadas, 'né, mas a gente tinha várias crianças de famílias desestruturadas, com alcoolismo, com violência, com desemprego. Um dos grandes desafios era criar ritmo com essas crianças, 'né, porque em casa era tudo muito desordenado e o ritmo faz muito bem para elas, mas, é claro que no começo elas se revelam. Também uma boa alimentação, porque eles eram acostumados com a mistura, 'né, que é arroz e carne, então, verdura, tudo isso era muito estranho. Então, é muito bonito ver no começo do ano e no final, como as crianças já estavam comendo pão integral, verdura, fazendo a oração, respeitando a refeição em silêncio. Mas, tudo isso era um grande trabalho, de todo dia, todo dia se persistir. E também, um trabalho de conversas com mães e pais necessitados de ajuda, 'né; poder 'tá um pouco mais próximo, poder acolher. Então, naquela época, quando eu comecei nas creches, a condição da Monte Azul era muito diferente da de hoje. Naquela época, as crianças no inverno iam tudo de chinelinho havaiana, aquele pé duro, frio, e, aí, foi criado o bazar para que as

pessoas da comunidade pudessem ter acesso a roupas melhores, calçados melhores, por um valor acessível, 'né. Então, nesses quase trinta anos que eu acompanho a Monte Azul, tudo mudou muito. Mas, nesse começo, esse desafio, como manter esse calor, apesar de uma criança com pezinho gelado, com havaiana, no frio de quinze graus, assim, 'né, então, era um desafio físico, anímico, espiritual. Físico, nesse sentido, e também às vezes, do maltrato que a criança sofria, apanhava, um calor de alma e um calor, também... criar um ambiente bonito, 'né, criar. A Ute sempre fala isso, 'né: não é doar só dinheiro, mas você pode doar um quarto, uma coisa que cria um ambiente bonito. Então, tratar dessas alminhas feridas, 'né, tão pequenas, as crianças. A Renate sempre falava isso: elas já pareciam velhinhas e depois elas iam virando criança, aprendendo a brincar, porque a criança dos primeiros sete anos reproduz o ambiente da casa. Se ela está num ambiente de violência, ela vai levar essa violência para dentro do grupo, 'né. Então, eu acho que criar ritmo, criar amor, criar calor, criar confiança de que aquele adulto 'tá ali sempre. Eram todos esses desafios (*id., ibid.*, p. 126-127).

A instituição utilizava o espaço de atuação para horizontalizar o espaço de decisão, como relata Cafí:

[...] eu tive o privilégio de vivenciar dinâmicas na Monte Azul que, hoje seriam impossíveis, porque tudo é regrado pela prefeitura. Mas, na minha época, as vagas eram escolhidas pelas próprias mães. No começo do ano, a gente fazia uma reunião e as mães estabeleciam os critérios de vaga: então, quem 'tá desempregado e não tem companheiro, isso são coisas, assim, eu vivenciei coisas na Monte Azul que as pessoas hoje nem podem imaginar (*id., ibid.*, p. 127).

A horizontalização de decisões foi enfatizada como algo de grande importância no trabalho de Cafí:

[...] quando era coordenadora, eu era responsável por tudo. Então, se desse certo muito bem, se desse errado eu também era responsável. Isso me desanimava, às vezes, me cansava, 'né, porque aí, o coordenador, ele carrega isso, embora a Monte Azul seja muito horizontal e a minha coordenação muito diferente do que é hoje uma coordenação. Sempre você é olhado como alguém acima. Isso também me frustrava muito. Eu não queria; eu sempre tentei me colocar como elas, 'né, mas isso também é uma coisa muito da nossa cultura brasileira do chefe. Eu nunca quis ser chefe [...] (*id., ibid.*, p. 129).

O cursinho se manteve por longos anos, no mesmo formato, oportunizando reflexões, momentos do fazer pedagógico e as artes, além das conversas sobre as relações e os conflitos na favela, conversas sobre crianças específicas e encaminhamentos para o trabalho.

Com o tempo, o trabalho da Associação Comunitária Monte Azul foi crescendo e muitas instituições foram se agregando ao cursinho, até que o jeito de funcionar na informalidade financeira e espacial tornou-se impossível. Viu-se, então, a necessidade de

um apoio financeiro para a expansão desse caminho de formação dos educadores da instituição.

O primeiro projeto para busca de financiamento do cursinho foi escrito para a *Japan International Cooperation Agency (JICA)*³³, no ano 2000. Quando o apoio foi conseguido realizou-se, a partir de 2001 até 2004, o primeiro curso de Formação de Educadores Comunitários, denominado Mainumby. O interlocutor entre a Associação Comunitária Monte Azul e a JICA foi um cidadão japonês, aqui denominado De que estava de passagem pelo Brasil e, ao conhecer a instituição, solicitou estadia como voluntário na instituição, conforme conta em sua entrevista:

[...] Eu queria conhecer essas ideias diferentes, 'né? Aí eu perguntei [...] se eu podia ficar um pouco. Falar a verdade eu precisava ter bastante coragem para perguntar isso: primeiro por ser japonês, pedir alguma coisa é difícil para nós; segundo, porque eu já tinha plano de viajar; terceiro porque não conhecia nada dessa comunidade, da favela e outras coisas, 'né? [...] E eu pedi [...] Eu ia ficar lá duas semanas; depois pensei: — Bom, eu vou ficar mais um pouco. E fiquei mais tempo e acabei ficando lá cinco anos (ENTREVISTA COM EX-VOLUNTÁRIO JAPONÊS, apêndice VI, p. 132)³⁴.

Conta De que a motivação para seu pedido foi um diferencial entre as instituições que já havia conhecido e a Associação Comunitária Monte Azul: “[...] em outros lugares você percebe, como estrangeiro, a nítida separação de classe. Quem vem de fora para ajudar e quem é morador para receber ajuda. Essa nítida e incrível separação, eu não vi na Monte Azul” (*id.*, *ibid.*).

De atuou profissionalmente no Brasil em um projeto pela humanização do parto, projeto esse no qual a Associação Comunitária Monte Azul foi pioneira no Brasil: “[...] a JICA ‘tava procurando alguém que fosse para Fortaleza, para realizar um projeto de saúde materno-infantil e eu me candidatei. Eu fui aceito e fui enviado a Fortaleza, onde eu trabalhei durante cinco anos nesse projeto; a proposta foi a humanização do parto [...]” (*id.*, *ibid.*, p. 133).³⁵

De manteve o vínculo com a Associação Comunitária Monte Azul e pôde auxiliar no financiamento do primeiro Mainumby, realizado pela JICA:

³³ Agência do governo japonês responsável pela implementação da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA), que apóia países em desenvolvimento.

³⁴Entrevista realizada no dia 30 de junho de 2021, às 21h horas, tendo durado 49 m e 26 s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

³⁵ Entrevista realizada no dia 8 de abril de 2021, às 14h, tendo durado 1 hora, 55 minutos e 12 segundos, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

[...] a JICA de São Paulo, era, na verdade, um pouco separada do meu trabalho porque a gente trabalhava com Brasília, mas JICA de São Paulo fazia visita para Monte Azul de vez em quando, comigo, e perguntou para mim se a Monte Azul não gostaria de dinheiro. Eu falei: — Claro que sim, 'né? Eles perguntaram se tinha um projeto interessante na Monte Azul. Eu perguntei para Renate. Renate falou: — Ah, a gente quer ampliar o cursinho de sábados, o cursinho de sábados. Então fez um projetinho sobre isso. E, depois de um certo tempo, surgiu esse nome: Mainumby. A JICA gostou. A JICA não tinha outros contatos com comunidades carentes. O contato da JICA era com o governo, com negócio e não tinha contato com comunidades. Então eles aceitaram a proposta e financiaram (*id., ibid.*).

Os encontros para a organização do curso começaram a partir do ano 2000, antes mesmo da chegada do financiamento, conforme narra Ie: “[...] estávamos em um congresso na escola Rudolf Steiner e, nesse momento, nós recebemos a notícia, através (*sic*) do De, que a JICA tinha aprovado, o financiamento de um curso de formação de educadores” (ENTREVISTA COM COORDENADORES PEDAGÓGICOS DO CURSO MAINUMBY I, apêndice VI, p. 137). Ie continua: “E aí quando veio o dinheiro a gente foi escolher o nome do curso. Veio essa ideia de chamar o curso de Mainumby, por ser um outro nome do beija-flor, em Guarani. E aí todo mundo concordou que esse nome era adequado (*id., ibid.*, p. 140-141).

Durante os três anos de realização, o Mainumby I teve uma conselheira experiente em Pedagogia Waldorf, um grupo coordenador, composto pelos coordenadores pedagógicos dos três núcleos da instituição, e uma coordenação administrativa, constituindo uma gestão compartilhada e participativa. Para estruturar o curso primeiro constitui-se o grupo de coordenadores e organizou-se encontros. Havia uma periodicidade para os encontros, menciona Ie:

“Toda a semana tínhamos uma reunião na sala de visitas.” (*id., ibid.*, p. 137). Ie ressalta que, nessas reuniões ocorridas numa das salinhas aconchegantes do núcleo Monte Azul, construía-se o caminho do curso, “[...] fazendo uma retrospectiva do encontro anterior e pensando nos próximos” (*id., ibid.*, p. 138). Comenta Ne que o ritmo semanal das reuniões de coordenação era bem sistemático: “Nessa maneira de construir um pouco toda a semana, esse ritmo era quase infalível.” (*id., ibid.*). Cada encontro do Mainumby tinha duração de quatro horas e incluía estudo de princípios da Antroposofia, avaliação do encontro anterior e preparo do próximo encontro.

O curso foi estruturado com encontros quinzenais que compreendiam “[...] palestra sobre um tema principal, [...] uma vivência artística e o [...] grupo de interesse.” (*id., ibid.*). O grupo de interesse era uma roda de conversa sobre assuntos do cotidiano

referentes às faixas etárias atendidas na organização. O critério para a participação das várias rodas de conversa era a faixa etária com a qual o participante trabalhava.

Ne conta que, recém-contratada na Associação Comunitária Monte Azul, na função de coordenadora pedagógica, foi “[...] aprendendo e coordenando ao mesmo tempo.” (*id., ibid.*). E ainda que “Isso foi muito ‘bacana. Foi uma vivência cheia de desafios, inseguranças, descobertas, companheirismo [...]” (*id., ibid.*).

Como o grupo de participantes do curso de formação era numeroso (inicialmente contava com 128 participantes), desenvolveu-se uma sistemática específica em que, ora o grande grupo permanecia unido, ora se dividia.

Le conta que, no curso:

Eram três momentos: no primeiro momento, ficavam todos juntos no teatro, com uma palestra temática. Em seguida, no segundo momento, a turma se dividia em dois grupos e um grupo fazia as oficinas e o outro grupo participava do grupo de interesse e, depois, invertia. (*id., ibid.*)

As temáticas apresentadas nas palestras ofereciam um panorama à luz da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf e se desenrolavam por seis meses, assim como as artes. Porém, como o exercício das atividades artísticas requeria um número menor de participantes em cada oficina e um rodízio diferenciado, conta Se que “[...] Eram seis artes [...] Três durante um ano e meio e três no outro um ano e meio.” (*id., ibid.*). As opções de oficinas artísticas eram canto, euritmia, desenho de formas, pintura, trabalhos manuais e escultura em argila. Um momento informal de integração e troca de experiências era proporcionado por intermédio do horário de intervalo, no qual havia uma mesa de lanche cuidadosamente preparada.

Conta Ne:

Eu lembro que um detalhe era que o horário do café: era pensado em meia hora para propiciar esse momento que era muito importante. As pessoas sentavam, conversavam e trocavam ideias. Também falavam com os palestrantes. Era o momento, nem todos saíam correndo, né? A gente conversava, trocava um pouquinho e corria uma boa conversa. Nós até comentávamos sobre ser um momento importante de *feedback* que era levado depois para as reuniões semanais” (*id., ibid.*, p. 143).

O curso Mainumby contou com a realização de uma imersão por ano, planejada para que o grupo pudesse passar mais tempo junto e assuntos pudessem ser abordados mais profundamente.

Enquanto o cursinho (fase inicial do Mainumby) atendia os profissionais do primeiro setênio, o Mainumby I atendia os profissionais do primeiro, segundo e terceiros setênios³⁶. Em sequência aos três anos do Mainumby I, aconteceu um quarto ano denominado ano de especialização, em que a aula principal era mantida para todos; permanecia também o grupo de interesse e novas modalidades de oficinas artísticas foram apresentadas.

Esclarece Ne como reverberava no cotidiano o aprendizado:

[...] como coordenadora da área era possível acompanhar o que aparecia ali no dia a dia e o resultado do Mainumby, 'né? Era uma animação, as coisas práticas apreendidas eram levadas para sala de aula, eram levadas para as reuniões com os professores (*id., ibid.*, p. 143-144).

Enquanto o acompanhamento dos participantes da instituição acontecia no cotidiano, por meio do acompanhamento dos coordenadores, o grupo de alunos oriundos de instituições convidadas recebia acompanhamento de um dos coordenadores do curso com o objetivo de dar suporte para a instituição matriculada (a inscrição feita no Mainumby partia de um convite de instituição para instituição e, então, os educadores da instituição convidada podiam se matricular). Para isso, o coordenador ia até a instituição e fazia, com o grupo de educadores, estudos, observação de sala e orientações, conforme a necessidade por ele verificada.

No final do ano de 2004, o curso foi concluído e aconteceu uma celebração na qual se pôde perceber um pouco do caminho do curso e o desenvolvimento dos participantes. Na ocasião, houve uma exposição de trabalhos e aconteceram muitas apresentações criadas pelo grupo e coordenadas pelos professores de artes, que convidavam seus alunos a declamar, cantar, dançar, enfim, festejar e colocar em prática o repertório apreendido. É importante lembrar que, no fechamento de cada semestre, pequenas celebrações ocorreram no formato de uma espécie de sarau com apresentações coletivas.

Enquanto o curso acontecia o grupo de coordenadores sentiu a necessidade de melhor adequar o momento das palestras à realidade dos participantes, a partir de reflexões sobre a dinâmica da aula expositiva.

³⁶ Ou seja, atendia crianças de zero a sete anos de idade no primeiro setênio; crianças de sete a quatorze anos de idade no segundo setênio e jovens de quatorze a vinte e um anos de idade no terceiro setênio.

Conta Ne:

Surgiu, com o tempo, um sentimento muito forte de que a linguagem daquela aula principal precisava ser mudada, no sentido de uma linguagem menos esotérica que é de pouco acesso, para algo mais vivencial. Alguma coisa mais próxima de nós. Era sempre falado sobre a nossa linguagem dentro daquela aula principal e qual metodologia usar. Nos últimos tempos, tinha uma frase que, para mim, ressoou bastante: Esse curso tem que ser interessante não só para os coordenadores. Esse curso ele ‘tá servindo?’ (*id., ibid.*, p. 141).

Ne explica:

[...] tinha aquela coisa que, talvez, não fosse tão explícita: havia a diferença entre o professor que envolvia o público, sempre avaliávamos isso. Olhávamos para isso no momento da retrospectiva o quanto o professor conseguia envolver os participantes com as perguntas ou na maneira de colocar o tema (*id., ibid.*, p. 141-142).

Le acrescenta: “[...] não se tratava apenas da intenção, atenção e participação; mas, a compreensão do que estava sendo dito. E conforme a linguagem, muitas pessoas não entendem, ‘né?’” (*id., ibid.*, p. 142).

Esses questionamentos nutriram um processo de transformação que iria ocorrer no próximo Mainumby, o Mainumby II, financiado pela *Software AG*³⁷. O Mainumby I teve coordenador administrativo até o seu terceiro ano de funcionamento. No ano de aprofundamento, a equipe de coordenadores pedagógicos estava fortalecida e ela mesma geriu as questões administrativas e pedagógicas. O aconselhamento à equipe também se transformou: a conselheira se afastou um pouco do processo, assessorando o grupo em encontros mais espaçados, porém, mantendo estreito relacionamento com a iniciativa.

Uma nova coordenadora administrativa foi convidada para o exercício do trabalho no Mainumby II. Ela já pertencia ao quadro de funcionários da Instituição e às suas funções agregou-se também a coordenação do Mainumby. A nova coordenadora permaneceu em sua função de 2005 até 2013, sendo responsável pelas versões II e III do Mainumby e, para além delas, pela continuidade do Mainumby III, que seguiu com uma apresentação menos formal, a fim de atender às condições e necessidades da Instituição.

Com a chegada de Ra, novos saberes foram agregados ao Mainumby, em meio a uma crise leve:

Esse encontro, com as pessoas da coordenação era bem interessante, no

³⁷ Empresa alemã de *software*.

entanto eu me sentia peixe fora d'água. Muito justamente por não ser exatamente uma professora e ainda tinha uma influência muito forte do jeito de ser da conselheira pedagógica que acompanhou toda a primeira turma. E aquilo destoava um pouco do meu ponto de vista, porque eu 'tava carregada de conceitos da Pedagogia Social,³⁸ esse olhar mais do desenvolvimento do adulto. Eu tinha muitas críticas ao Mainumby: por exemplo, essa, que eu sentia que o curso não estava bem formatado para adultos. Mas *ok*, fui me desenvolvendo, era bem gostoso, era um momento alto da semana, tanto a reunião quanto o sábado (ENTREVISTA COM EX-COORDENADORA ADMINISTRATIVA DO CURSO MAINUMBY DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES COMUNITÁRIOS, apêndice VI, p. 147)³⁹.

Conta a nova coordenadora, Ra:

[...] eu fui me sentindo fortinha, com mais propriedade da experiência da Monte Azul. E fui me aventurando mais, eu acho. Procurando meu lugar, me colocando no meio daquele monte de pedagogos. Eu comecei a frequentar os congressos de Pedagogia Waldorf. Eu fui em três, e isso fez muita diferença pra eu penetrar mais nesse mundo do ponto de vista pedagógico, da Pedagogia Waldorf. Estar no lugar, como os professores ficam, olhando os processos pedagógicos. (*id.*, *ibid.*).

A coordenadora administrativa procurava formas de se aprofundar em aprendizados que pudessem agregar conhecimento para autodesenvolvimento e consequente aprimoramento profissional em suas atividades:

[...] eu fiz um curso com o Peter Guttenhofer, na escola Rudolf Steiner. Aquele curso de verão dos professores que sempre tem, e justamente ele trouxe essa observação do ser humano através da arte, a Se conhece muito bem. E ele focou no terceiro setênio, olha que presente para mim e aquilo fez todo sentido porque ele já estava falando desse aprender da experiência que hoje eu exercito. Depois, no futuro percebi que se trata dos Sete Processos de Aprendizagem⁴⁰. Ele já tratava disso. Ele não nomeava, mas ele tratava disso (*id.*, *ibid.*, p. 146).

Segundo Ra as práticas pedagógicas da instituição para os jovens não estavam muito adequadas: “Eu via que a prática para o terceiro setênio na Monte Azul vinha sendo copiada do segundo setênio” (*id.*, *ibid.*, p. 148).

Enquanto acontecia o Mainumby, foi implantado um novo projeto para o

³⁸ Ressalte-se que existem várias concepções de Pedagogia Social, mas sua discussão ultrapassa os limites desta dissertação. Assim, para seus efeitos a expressão se refere àquela pedagogia desenvolvida nos movimentos e nas instituições da sociedade civil.

³⁹ Entrevista realizada no dia 16 de abril de 2021, às 14h, tendo durado 57 m e 30 s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

⁴⁰ Metodologia que aproxima os processos de aprendizagem aos processos vitais do ser humano. Lamentavelmente o tratamento mais específico dos Sete Processos de aprendizagem ultrapassa os limites desta dissertação.

atendimento aos jovens:

[...] eu estava lutando ‘pra levar o projeto Enfrentando o Futuro com Coragem⁴¹ para dentro da Monte Azul, desde que eu entrei e, em 2007, eu consegui, finalmente, colocar. Demos um jeito de inserir esse curso dentro do Mainumby. Então foi um marco bem importante, até porque não só entrou essa visão mais específica para o terceiro setênio. Era algo que todos nós da coordenação sentíamos um pouco defasado. O Projeto Enfrentando foi muito bem-vindo depois de muita luta, porque foi difícil eu conseguir me fazer entender dentro de um ambiente que tinha outras linguagens (*id., ibid.*).

O projeto Enfrentado o Futuro com Coragem propunha uma abordagem em que o aprendizado poderia se dar a partir de uma busca interna, revelada por meio de técnicas vivenciais que estimulariam o aluno a pesquisar-se e motivar-se a partir de si. Essa premissa foi aderida ao Mainumby e ele adquiriu novas características. Esse processo foi paulatino.

O Mainumby II, realizado nos anos de 2005 até 2008, teve o perfil de trabalho semelhante ao Mainumby I, sendo agregado a ele um trabalho de conclusão com características diferenciadas no que se refere a cursos para formação de educadores. Este trabalho foi orientado por Ra:

Implantei, no final da segunda turma, no quarto ano, um trabalho final de curso. O que era orientação da Pedagogia Social, eu orientava os meus colegas da coordenação. Eu me lembro da Ive, da Ca, da Luka; não sei se tinha mais alguém. A gente pegava um grupo de alunos e conduzia [...] O trabalho não tinha a ver com as matérias do curso, mas com o processo da pessoa. A gente investigava, fazia perguntas. E cada um gerou um trabalho de final de curso baseado nessa pesquisa de si mesmo em relação aos temas⁴² do Mainumby (*id., ibid.*).

Relata Ra, ao rememorar aspectos dos Mainumbys anteriores que foram suspensos: “Nesse Mainumby, o III, nós abrimos mão dos estágios. Isso era uma parte superdifícil, os estágios. No Mainumby I teve o acompanhamento das organizações participantes e depois também não teve mais [...]” (*id., ibid.*, p. 149).

O Mainumby foi suspenso em 2009, devido a um problema de saúde da coordenadora que ficou de licença por longo período, nesse ano.

Em 2010, o curso voltou a funcionar no formato anterior à pausa, sendo finalizado em 2012. Na sequência, a falta de financiamento impediu a realização do Mainumby

⁴¹ Projeto destinado aos jovens, que visa oferecer-lhes condições de olharem para si mesmos, organizarem-se e programarem-se para o futuro, traçando metas a pequeno, médio e longo prazo.

⁴² Não foram encontrados documentos que pudessem elucidar quais temas serviram de base para do curso.

enquanto curso livre com três anos de duração. Para que fosse mantido, o curso sofreu transformações, membros da equipe dobraram tarefas e outros membros deixaram de participar. Contou-se também com trabalho voluntário.

Ra descreve a continuidade do trabalho: “Teve uma versão IV que foi em 2013 um módulo para cada setênio.” (*id.*, *ibid.*). Essa nova versão do Mainumby compreendeu um ano de trabalho em quatro módulos. O primeiro módulo se referiu à introdução aos princípios da Antroposofia e foi denominado Despertar; o segundo abordava aspectos do trabalho com o primeiro setênio e recebeu o nome de Infância Querida; o terceiro, que tratava de aspectos do segundo setênio recebeu o nome de Nossa Ciranda e o quarto, que abordava aspectos do terceiro setênio, chamou-se Tecendo o Futuro. Essa versão atendia às necessidades do grupo de educadores da Instituição que se encontrava num momento peculiar, conta Se, colaboradora da instituição que acompanhou a entrevista:

Eu lembro que naquela época a postura de nossos educadores mudou bastante. Eles estavam fazendo faculdade e aí se sentiam cobrados: — Como assim, fazer o Mainumby fora do horário de trabalho? De repente não era mais um benefício e sim uma cobrança. E a outra coisa que eu lembro é que as pessoas [inint] já estavam trabalhando e não queriam se aprofundar no terceiro setênio (*id.*, *ibid.*, p. 150).

A falta de financiamento promoveu prós e contras: “[...] num certo sentido, a gente ficou mais livre e aí a gente criou um outro formato de Mainumby, mais parecido com o projeto Enfrentando o Futuro com Coragem que também é mais voltado 'pra realidade do aprender do adulto” (*id.*, *ibid.*, p. 148-149). Ao manter o curso nesse novo formato, algo especial surgiu: “[...] nós nos aprofundamos cada vez mais num processo vivo de aprendizagem a partir de vivências e do resgate do que elas provocavam” (*id.*, *ibid.*, p. 150).

Novas ideias foram incluídas a partir da necessidade de manter o curso e também a profissional que o coordenava: “O último dinheiro que veio da *Software* foi em 2013 e depois eu fiquei sem salário, aí então, foi criada uma consultoria.” (*id.*, *ibid.*). Foi então que surgiram os Mainumbys Itinerantes. Estes Mainumbys aconteciam quando uma Instituição solicitava a formação de educadores comunitários *in loco*. Alguns aspectos que compõem esse período do Mainumby serão apresentados mais à frente, nesta dissertação.

Durante a administração de Ra, o Mainumby passou por mais uma transformação, desdobrando-se em duas ações: a regular e já existente, que acontecia no núcleo Monte Azul, e a renovada, que passou a acontecer no núcleo Horizonte Azul.

Declara Mo⁴³ que “[...] o maior propósito do Mainumby acontecer no Horizonte Azul foi trazer algo para cá⁴⁴ de forma que as pessoas não precisassem viajar para estudar⁴⁵ e também para fortalecer a nossa região.” (*id., ibid.*).⁴⁶

Desde sua criação, em 1979, até 2008, o curso ocorreu no espaço físico do núcleo Monte Azul; porém, a partir desse ano, iniciou-se o Mainumby Horizonte Azul.

Mo explica:

O Mainumby na Monte Azul acontecia até uma da tarde ou uma e meia da tarde. Era bem desgastante para as pessoas que iam daqui para lá. Porque praticamente ia o sábado todo embora ao fazerem esse deslocamento. Era um esforço muito grande que as pessoas tinham que fazer. Inclusive também faziam faculdade para poder trabalhar nas creches, porque precisava ter diploma. Foram muitos anos de esforço físico e sacrifício dos filhos para ter o curso de pedagogia e era tudo presencial, diariamente [...] (ENTREVISTA COM COORDENADOR DO NÚCLEO HORIZONTE AZUL, apêndice IV, p. 154).

O Horizonte Azul pôde ter o Mainumby a partir da parceria com um instituto:

Era esforço de todo mundo para fazer faculdade, o Mainumby e poder atuar nas creches. É preciso reconhecer essa vontade. E aí [...] chegou uma oferta do Instituto Olinto Marques de Paulo⁴⁷ [...] esse projeto [...] ele foi bem consistente nos três anos 2008, 2009 e 2010. (*id., ibid.*).

A participação do instituto foi exclusivamente financeira, conforme esclarece Mo: “Eles só deram o dinheiro e a gente teve que administrar.” (*id., ibid.*, p. 155). Além de instrumentalizar os educadores, havia outro interesse nos estudos proporcionados pelo curso: “O foco do aprendizado foi o primeiro, segundo e terceiro setênio e então os docentes vinham, cada vez na medida do possível. Mas também focamos

⁴³ Nome fictício de um dos coordenadores do núcleo Horizonte Azul.

⁴⁴ Nesse momento, o entrevistado estava nas dependências da Chácara Horizonte Azul, propriedade da Instituição localizada no bairro Horizonte Azul.

⁴⁵ O entrevistado refere-se a “viajar para estudar”, pois a Chácara Horizonte Azul está localizada em bairro da zona rural do município de São Paulo, próximo ao município de Itapeccerica da Serra.

⁴⁶ Entrevista realizada no dia 20 de maio de 2021, às 10h 30m horas, tendo durado 1 h, 26 m e 58 s, sendo transcrita na íntegra *ipsis litteris*.

⁴⁷ Organização social fundada em 2007, com finalidade de gerar transformação social por meio da educação.

bastante no segundo setênio porque queríamos abrir uma escola Waldorf no bairro.” (*id.*, *ibid.*). Os encontros do curso Mainumby auxiliaram no processo de formação da Escola de Resiliência, escola na periferia da zona sul de São Paulo que utiliza a Pedagogia Waldorf:

[...] em junho de 2009 começamos a unir os pais que queriam a escola. Eram trinta e duas famílias, e começamos a fazer encontros e nos prepararmos para começar em 2010 [...] E quando começaram esses encontros de pais foi ficando pesado participar de dois sábados de formação e mais um para o encontro de pais, então fomos minimizando os encontros de formação e ficando um sábado no Mainumby formação e outro no encontro de pais (*id.*, *ibid.*, p. 157).

O trabalho no núcleo Horizonte Azul partiu da premissa da importância da integração entre os equipamentos sociais da região com a comunidade. Com o tempo, o Mainumby foi oferecido aos pais, para fomentar o movimento da Escola de Resiliência⁴⁸.

O curso seguiu com propósito firme; porém, buscava-se renovação de estrutura para atender às novas necessidades com precariedade financeira. O grupo de organizadores buscava “[...] a cada mês, tentar ver o que cabia como conteúdo, o que poderia ser geral para a palestra e, depois, na segunda parte do sábado, havia encontros por áreas específicas. A intenção era podermos nos sentir em um grupo, também porque os pais estavam juntos” (*id.*, *ibid.*, p. 158).

O curso era composto de teoria e prática: “[...] tinha primeiro alguma coisa próxima de uma palestra e em seguida abria para uma conversa e, depois, uma prática que tinha a ver com a área específica, podendo ser: As creches, o “Nossa Ciranda”, ou os jovens.” (*id.*, *ibid.*).

Os encontros eram mais curtos: “Diferente da Monte Azul que ia até uma hora da tarde, nós sempre fomos até meio-dia. Pensando que, depois as educadoras poderiam ter tempo para se organizarem, isto é, almoçar em casa, lavar roupa”. (*id.*, *ibid.*).

Com vistas a organizar o impulso para a realização da escola, o leque de experiências e aprendizado ampliou: “Houve algumas aulas que às vezes foram diferentes, não foram sempre palestra. [...] Tiveram aulas que foram dadas pelo pessoal da manutenção, com o tema de: Trocar torneira, cortar vidro”. (*id.*, *ibid.*).

Nesse novo formato, o Mainumby agregou escola e família, estreitando laços por

⁴⁸ Primeira escola Waldorf do bairro, constituída em parceria com o poder público e com o apoio da Escola Rudolf Steiner.

meio da convivência e do conhecimento. As atividades eram completadas após os encontros, no formato de oficinas semanais:

O curso foi muito precioso na formação da escola e desses docentes da Escola de Resiliência. [...] formou muitas pessoas para depois caminharmos pela escola. Então não [inint] uma formação completa, mas o Mainumby ofereceu atividades durante a semana, ‘né? Isso é importante dizer. Durante a semana tinham oficinas de estudos de alguns temas como artes, música (*id., ibid.*, p. 159).

Mo completa sua narrativa: “[...] o MEC informa que são indicadores de qualidade do trabalho a formação continuada, trabalhar com as famílias e fazer encontro de pais. Naquele tempo nós procurávamos manter isso” (*id., ibid.*) e conclui: “Você começa a falar do Mainumby e você não consegue deixar de falar do conjunto” (*id., ibid.*, p. 160).

A realização do Mainumby no Horizonte Azul evidenciou a possibilidade da flexibilidade na estruturação do curso, sem que ele perdesse seus fundamentos.

Em paralelo, no que se refere ao curso regular, em 2013, quando terminou o financiamento do Mainumby por parte da *Software* AG, a Instituição criou a proposta de consultorias pedagógicas a outras instituições por meio do Mainumby Itinerante.

Na proposta do Mainumby Consultoria, o curso ia até a instituição proponente, deslocando a equipe pedagógica até lá. Esse modelo permanece até os dias atuais. Foram realizados cursos Mainumbys itinerantes nos estados da Bahia e de Pernambuco. Para esta pesquisa, foi realizado um grupo focal com participantes do curso realizado na Bahia. Ra foi a coordenadora do Mainumby Bahia. Ela relata: “Foi uma realização profissional incrível para mim, onde eu pude ser bastante livre, pude inovar” (GRUPO FOCAL MAINUMBY BAHIA, apêndice VII, p. 212).⁴⁹

Lançou-se mão do ineditismo para atender às necessidades do projeto: “Tudo foi inédito, de verdade. Então, justamente essa entrega de pensar: — Olha, eu não sei o que é, mas é bom o que tem aqui; isso foi uma felicidade social. Eu confiei em mim, portanto, eu confiei no mundo” (*id., ibid.*, p. 212-213).

O Curso Itinerante Introdução à Pedagogia Waldorf foi modular, sendo que os cinco módulos aconteceram em locais diferentes da Bahia. O primeiro módulo ocorreu na região de Salvador, em Lauro de Freitas; o segundo aconteceu em Seabra; o seguinte módulo em Serra Grande e o último ocorreu na península de Maraú. Para Fa, participante

⁴⁹ Entrevista realizada no dia 9 de outubro de 2021, às 9h, tendo durado 53 m e 4 s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

do curso, percorrer distâncias e adentrar na realidade de outras regiões da Bahia foi interessante:

Achei que isso trouxe uma riqueza, inclusive, em relação aos esforços que cada um tinha que fazer para estar ali. Então, acho que essa variação foi rica. O ritmo diário eu achei relativamente parecido com formações e vivências de alguns seminários e tal. Ser itinerante, para mim, talvez tenha sido o que eu achei mais rico. É legal você ir sempre para o mesmo lugar, mas ser itinerante trouxe uma dúvida a cada vez. E você, querendo, ou não, você chegava diferente no local porque você tinha um percurso diferente para percorrer. Então, você chegava com uma bagagem que já de cara era uma bagagem nova, em cada módulo (*id., ibid.*, p. 213).

Como os módulos aconteciam em locais diferentes, havia equipes (geralmente compostas pelos integrantes moradores da cidade) responsáveis pela organização da estrutura física para o módulo em questão. Isso compreendia um grande aprendizado, segundo Fa⁵⁰, que participou de uma das equipes organizadoras, na península de Maraú:

Quando o módulo foi no Jardim do Cajueiro⁵¹, eu participei da parte da organização mais técnica mesmo; dorme no colchão, não dorme no colchão, compra, onde compra. Foi uma coisa bem trabalhosa. Então, é preciso pensar que isso aconteceu em todos os módulos. Por exemplo, eu não participei de, praticamente, nada nesse sentido em Seabra, nem em Salvador. Apesar de saber que existia. No Jardim do Cajueiro eu trabalhei mais nesse sentido. Eu tenho uma clareza maior porque eu era de lá. Então, eu percebi que essa parte de organização era bem trabalhosa, 'né? [...] Agora eu tenho dúvida se, por exemplo, quem foi aluno itinerante e não trabalhou na organização tem essa clareza, já que não era seu lugar de origem. Seria legal que tivesse, 'né? Porque quando você vê o esforço que é necessário para uma realização você valoriza, muda um pouquinho. Todo mundo sabia que tinha um "perrengue", carregava caixa. Mas, quando você não 'tá perto, você não tem tanta clareza da quantidade de coisas que tem que se pensar antes de acontecer o evento [...] (*id., ibid.*, p. 216-217).

Nesse curso, foi constituída uma equipe de multiplicação da proposta, composta por participantes dele e que também eram professores de Pedagogia Waldorf atuantes e, com isso, poderiam difundir a metodologia nas várias regiões baianas. Estes participantes iniciavam as atividades com os docentes do curso dois dias antes da chegada dos outros participantes e finalizavam a sua atuação um dia depois. Nestes períodos, os assim chamados multiplicadores tomavam maior contato com a metodologia que lhes era apresentada a partir da proposta pedagógica do módulo a ser oferecido. Os multiplicadores tinham tarefas no curso para manutenção e auxílio na realização das

⁵⁰ Nome fictício.

⁵¹ Escola Waldorf na Península de Maraú.

práticas. Conta Ra:

Eu acho que foi uma inovação por mim almejada, mas nunca vivida antes. Eu acho que criar essa imagem dos multiplicadores foi algo marcante. Viver isso, ‘né? Esse caminho de participação, do aprendiz que ao mesmo tempo tem uma participação ativa, ‘né? (*id., ibid.*, p. 213).

Os multiplicadores puderam estudar os Sete Processos de Aprendizagem, por trás do método vivencial do Mainumby e despertaram para a possibilidade de desdobrá-lo em sua prática pedagógica cotidiana, porém, a compreensão deu-se de forma germinal, segundo Fa que também fazia parte da equipe de multiplicadores:

[...] os Sete Processos da Aprendizagem, não são uma coisa que eu tenho incorporado dentro de mim, que eu coloco no meu dia a dia. É quase uma cosmogonia que você sabe que existe e então em algum momento vem uns *flashes*, e aquilo faz sentido. Essas coisas ficam num pano de fundo que em algumas horas você vê, mas não é uma coisa consciente (*id., ibid.*, p. 213-214).

Fa demonstrou, em sua narrativa, a percepção de que o processo de aprendizagem proposto no curso exigia do docente que ele não enrijeça o conteúdo a partir de um planejamento prévio estruturado passo a passo para a aula:

Então, sobre a percepção do planejamento do curso, eu me lembro de uma sensação de sempre chegar dos módulos e falar assim: — Gente, elas chegam com um esqueminha, e tudo pode mudar, dependendo do que as pessoas falam. Eu achava isso e ainda acho muito rico, empodera muito. Tem que estar a fim de poder errar, ou senão ter muita certeza. Enfim, tem alguma coisa aí bem potente. Justamente é você entrar nos processos com um tanto de trabalho feito e aberta para o que vem; entender que isso pode ser uma ferramenta, dependendo de como você vai para o trabalho. Então, essa vivência do multiplicador, olhando para essa metodologia, isso, sim, para mim, foi impactante (*id., ibid.*, p. 214).

Para Ra a metodologia utilizada promovia mudanças nos participantes e também no próprio docente: “Quanto ao conteúdo, a gente tinha indicadores para serem trabalhados só que a coisa era tão viva que minava o sentido dos controles do professor.” (*id., ibid.*, p. 216). Isto estava posto, tanto para os Mainumbys itinerantes quanto para os cursos dentro da própria Instituição.

Se⁵² faz um breve resumo dos Mainumbys que ocorreram dentro da instituição:

Desde 1979, nós tivemos um curso de formação que funcionou sem

⁵² Nome fictício para designar a atual coordenadora do curso Mainumby.

financiamento até 2001. Nós tivemos, até 2013, os Mainumbys financiados e ao longo do processo; em 2008, o Mainumby frutificou, numa nova iniciativa, agora acontecendo no núcleo Horizonte Azul. Ela perdurou até março de 2020, sendo interrompido devido ao isolamento imposto pelos protocolos de saúde devido à pandemia. Pretende-se o reinício em breve. (ENTREVISTA COM ATUAL COORDENADORA DO MAINUMBY, apêndice VI, p. 162).⁵³

Se esclarece os acontecimentos ocorridos a partir de 2014, no Mainumby, no núcleo Monte Azul:

De 2014 até 2016, não houve Mainumby na Monte Azul, mantendo-se apenas o do Horizonte Azul. Tivemos, em 2016, um período de reestruturação da gestão organizacional que até então era exercida por um único órgão interno, a Comissão de Metas, e passou a ser exercida por três órgãos que são o Conselho de Desenvolvimento, o Conselho de Saúde e o Conselho de Educação e Cultura, este responsável pelo curso Mainumby na Monte Azul. Em 2017, retoma-se o Mainumby na Monte Azul, com quatro encontros aos sábados, com temas variados. Este Mainumby foi mantido financeiramente pela Instituição, com docência de membros da equipe pedagógica da Instituição e de voluntários ou convidados remunerados quase que simbolicamente. Em 2018, houve também quatro encontros cujo tema foi a Pedagogia de Emergência. Em 2019, foram realizados oito encontros com o título: O Outro em Mim. Para o exercício do Mainumby, na Monte Azul, em 2020, foram planejados oito encontros com o tema: Os Doze Sentidos. Este curso foi interrompido devido à pandemia. Ele seria realizado em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que faria um acompanhamento e seria responsável pela emissão de certificados do Mainumby na modalidade curso de extensão. Em 2021, o curso foi retomado no formato *online*, com temáticas fechadas por semestre. No primeiro semestre, o tema foi: A Criança Interior e, no segundo semestre, estamos seguindo com o tema da questão indígena na educação⁵⁴. (*id.*, *ibid.*).

Nas linhas que seguem a pesquisadora destacou declarações de ex-educadores dos três núcleos da instituição que participaram do curso a partir do momento que ele foi denominado Mainumby e que obteve o seu primeiro financiamento. Para Les, o diferencial no processo do ensino-aprendizagem, oferecido pelo Mainumby, quando comparado a outros cursos de Pedagogia Waldorf e de educação de adultos, está na “[...] leveza dos docentes. A forma como eles ensinavam, para mim, foi um fator fora do comum.” (GRUPO FOCAL EX-ALUNAS DO MAINUMBY, apêndice VII, p. 238)⁵⁵.

Luz⁵⁶ aponta outras especialidades do curso Mainumby, ao ponderar que “[...] ele é aberto e ele é gratuito. Então, quem quiser pode estar lá e isso, por si só, considerando

⁵³ Entrevista realizada no dia 30 de abril de 2021, às 14 h, tendo durado 1 h, 9 m e 30 s, sendo transcrita na íntegra *ipsis litteris*.

⁵⁴ A questão indígena abordada no curso partia de depoimentos de cidadãos descendentes dos povos originais do Brasil, imersos nas culturas nativas.

⁵⁵ Entrevista realizada no dia 25 de agosto de 2021, às 14:00 horas, com duração de 57 minutos e 32 segundos, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

⁵⁶ Nome fictício de ex-aluna do Mainumby.

que é um curso de Pedagogia Waldorf, é um negócio muito importante” (*id., ibid.*). Luz declara: “[...]o que eu me lembro era como o encontro era gostoso [...] A gente comia comida boa, a gente ria, a gente cantava, era muito gostoso.” (*id., ibid.*). E continua: “[...] o Mainumby era um curso muito prático.” (*id., ibid.*). Za⁵⁷ comenta a respeito da correlação entre teoria e prática, no Mainumby e de como esta prática atuou nela:

Tinha pessoas que, às vezes, vinham com a fala que não conseguia entender, mas eles demonstravam com gestos, com movimentos e isso entrava dentro do meu coração. Coisa que me marcou bastante foi a aula de música. O professor pediu para que nós assistíssemos um filme, ‘né? Ele falou o nome de alguns filmes. E eu falei: — Mas, o que tem a ver a dança com educação, ‘né? Eu perguntei para ele, ele falou assim: — Na dança, você tem que deixar alguém te conduzir e você também precisa conduzir. [...] eu sou o que eu sou hoje, foi pelo Mainumby, porque, muitas vezes, não entendia as falas, as teorias que traziam. Mas, a prática, me fez ser a educadora que eu sou hoje. Assim, tenho muito orgulho, ‘né, da educadora que eu sou, que me formei. Sei que ainda tenho muito que melhorar como ser humano na caminhada. Mas eu não troco o Mainumby por nenhuma faculdade. Essa pós, agora, que eu fiz também; ela trouxe a parte teórica, mas na prática, meu bem, pode me dar duzentas crianças que eu ‘tô feliz, tranquila, assim, sabe? Vai ser uma leveza na sala. Então, assim, isso eu trouxe do Mainumby (*id., ibid.*, p. 202).

Za continua:

Aqui na comunidade, aqui na Monte Azul, as pessoas mais humildes têm acesso a isso, sabe? Têm acesso de várias formas: de comer, de estudar, de aprender, de se voluntariar. Então, assim, se a minha família mudou, se a minha vida mudou, foi pelo aprendizado que eu tive lá na Monte Azul e, em especial, no Mainumby. Eu sou filha do Mainumby. Eu fiz oito anos de Mainumby e gostaria de fazer de novo” (*id., ibid.*).

Za se refere ao momento do grupo de interesse como um momento de aprendizagem importante. Nos grupos de interesse, os alunos se encontravam para falar e contar das suas ações com as crianças:

Então, aqueles grupos pequenos, grupos de interesse, no meu caso, era onde eu mais aprendia, ‘né? Lá na plenária, às vezes, eu me perdia um pouco, porque tinha falas que eu não conseguia entender, ‘né? Porque, para mim, até hoje, é muito difícil as falas de Rudolf Steiner (*id., ibid.*, p. 203).

Luz pondera sobre o aprendizado das artes no curso Mainumby e o reflexo do trabalho artístico nos alunos:

É importante o quanto a gente trabalha as artes no Mainumby, ‘né, porque com essas crianças que trabalhamos, às vezes, a gente tá

⁵⁷ Nome fictício de ex-aluna do Mainumby.

falando, falando, falando, eles nos olham e não estão querendo nada com aquilo, né. Mas, quando a gente passa para o âmbito do fazer, o querer fazer com sentido, aquele fazer que emociona, aquele apelo para o coração deles, aí, sim, a coisa faz sentido, ‘né? (*id., ibid.*, p. 205).

O Mainumby ofereceu, aos participantes, momentos que extrapolaram aspectos do aprendizado convencional. Za narra um desses momentos e declara a importância que ele teve em sua vida:

Uma vez, o Mainumby nos levou para uma imersão, acho que é assim que fala. E foi até com a Llo⁵⁸. [...] Eles fizeram uma vivência de nós olharmos para nós, desde quando estávamos no ventre da mãe. Eu lembro que eu chorei muito, porque eu nunca tinha olhado para isso [...] aí, a Llo veio até mim e perguntou o que eu tinha e eu falei das minhas dores que eu nunca tive coragem de falar [...] Então, assim, o Mainumby, ele me fez olhar para dentro de mim, para que eu pudesse melhorar, como pessoa, como ser humano, entendeu? (*id., ibid.*, p. 206).

O aprendizado não era algo estritamente intelectual; era algo que se levava para a vida privada.

Afirma Za:

Então, assim, o Mainumby me fez cair na real. Antes, o meu sonho era só dar coisas boas para as crianças, meus filhos, tipo *vídeo game*, bonecas caras. Eu achava que isso era importante, ‘né? E, lá no Mainumby, eu aprendi que isso não é importante, né; é importante o respeito, o carinho, o tempo que você passa com eles. Então, assim, eu mudei como mãe, como ser humano, como pessoa, ‘né? Então, assim, eu levo isso para toda minha vida, ‘né? Pedi perdão para os meus filhos dos gritos, dos tapas. Até hoje, eu ainda falo: — Ai, gente, me perdoe. Eles: — Mãe, ‘tá perdoada. Então, assim, é como eu falei, eu sou Mainumby. A minha prática veio de lá, né. Olha, gente, eu já andei por várias coisas, já fiz várias pós e faculdade, mas a faculdade do Mainumby, não tem para ninguém. Eu agradeço (*id., ibid.*, p. 207).

O aprendizado se levava também para a comunidade, acrescenta Za:

Uma coisa, assim, muito bonita também, foi que me falaram que é importante você abaixar na altura da criança, olhar para ela com olhar de respeito, de devoção, de carinho, sabe? E falar mesmo o que precisa, mas, falar com coração e, às vezes, nem precisa abrir a boca, ‘né? Então, lá na comunidade eu trabalhava com crianças com vidas muito difíceis, tanto quanto a minha, mas eu estava ali e eu aprendi, lá no Mainumby, que eu posso melhorar a vida de cada criança que passa pela minha vida, mesmo que, de vinte crianças, uma fique bem. A minha intenção é que as vinte fiquem, né. Isso me fez melhorar como ser humano, como pessoa, ‘né, porque se eu sou boa lá, eu também poderia ser boa em casa. Se eu melhorasse lá, eu poderia melhorar em casa. Então, eu trouxe isso para minha vida (*id., ibid.*, p.

⁵⁸ Nome fictício para identificar docente muito comprometida com o Mainumby.

206-207).

Za comenta sobre o momento dos intervalos e a socialização proporcionada no curso:

Para mim, era uma festa, porque eu adoro comer, sou taurina. Então, era muito gostoso, porque tinha muitas coisas gostosas, todo mundo se encontrava, e aquela bagunça, um tirava sarro do outro (*id., ibid.*, p. 209).

A dinâmica do Mainumby permitia que as colaboradoras mais experientes atuassem como oficinairas, coordenadoras de Grupo de Interesse e docentes. Conta Za: “Era muito legal, de ver as colegas, assim, que estavam no dia a dia com você, também te ensinando”. (*id., ibid.*).

Za finaliza sua narrativa, contando a respeito da disposição de participar dos encontros do Mainumby: “[...] a gente trabalhava a semana inteira. A gente chegava lá cansada, para acordar era difícil, mas quando chegava lá se animava, ‘né? E, depois pensava: — Ah, foi muito bom. Ainda bem que eu vim, ‘né?’” (*id., ibid.*).

Os relatos das ex-alunas do Mainumby falam de sua satisfação em estarem presentes nos encontros do curso e, também, da sua importância na aquisição de instrumental para o trabalho com seus alunos.

Até aqui, foram transcritos trechos de entrevistas e grupos focais dos participantes da história do Mainumby, curso de formação de educadores comunitários. Nas linhas que seguem, trechos de entrevista com ex-aluna da Instituição (denominada Li) contam sobre o caminho da aluna para ingressar e participar dos cursos promovidos para a comunidade, pela Instituição, e da importância da integração de Li nesse ambiente educacional, ambiente preservado e nutrido pelo conhecimento promovido aos educadores comunitários da Instituição, por meio do curso Mainumby.

Aí, eu passava em frente do OSEM⁵⁹, isso com treze e quatorze anos, e pensava: — Meu Deus, eu quero estudar aqui, um dia. Eu via na rua, do nada, uma galera do OSEM, caminhando com uma lanterna na mão. Eu pensava: — Que isso? — É o pessoal do OSEM. Gente, então, esse lugar é mágico. Aí, daqui a pouco, via, na rua, alguém girando uma coisinha de crepom. ‘Nossa, eu preciso conhecer. E aí, passando em frente, um dia, eu resolvi pedir para entrar. Deveria ter 14 anos, provavelmente, e perguntei como é que fazia para fazer inscrição. Responderam: — Olha, precisa algum adulto para te inscrever. Minha mãe, com filhos pequenos, tinha dificuldade, mas ela passou

⁵⁹ Sigla referente à Orientação Socioeducativa ao Menor. Denominação antiga do trabalho realizado que permaneceu como tradição na comunidade.

e formalizou as coisas e fiquei na fila de espera. Eu acho que eu passei lá todos os dias. E aí, eu não sei se eu venci pelo cansaço [risos], ou se de fato, surgiu a minha vaga. [...] o Programa do qual participei era o “Agente Jovem”, ‘né? Foi muito bem lecionado pelo Ro; ele me fez apaixonar pelo mundo Waldorf, de uma forma muito profunda e muito eficaz, sabe? Os versos, eu tenho decorado na minha cabeça, até hoje, sabe? Usei isso a minha vida toda. Uso hoje com meu esposo e os meus filhos, né? Então, é, para mim, uma coisa muito forte. E aí, no projeto, a gente conheceu vários lugares. A gente teve oportunidade de conhecer teatro. Tudo o que eu achava que existia no mundo, mas eu não fazia ideia de como chegar até eles, eu consegui chegar através (*sic*) da ponte Monte Azul, sabe? Então, foi muito sensacional, eu, aos 15 anos, do extremo da periferia, conhecendo o mundo. Aquela história que tende a ser triste, eu superei. Foi um divisor de águas na minha vida, onde(*sic*) eu entendi e falei: —Eu vou conseguir fazer uma faculdade, talvez, eu tenha que pegar três ônibus; talvez, não consiga chegar em 15 minutos; talvez, seja em 3 horas mas eu vou conseguir fazer. E, assim, eu concluí. Fiz tudo o que eu queria. Eu acredito muito nessa força espiritual que eu tive como embasamento [...]. (ENTREVISTA COM EX-ALUNA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL, apêndice VI, p. 163-164).⁶⁰

Li descreve uma das ações realizadas por ela e proposta pelo educador:

O Re nos propôs fazer um projeto de vida, passo a passo, com objetivo geral, específico, tal, tal, tal. E eu tenho isso escrito, até hoje. Para mim, é ainda o que eu luto e corro atrás. Não mudou. O objetivo geral era ser feliz e os específicos eram: faculdade, tal curso, tal pedagogia, tantos filhos, tal esposo, tal casa, tal lugar. Eu fiz 30 anos, nesse ano. Eu fiz um vídeo de retrospectiva desses 30 anos e ‘tá lá o projetinho. Mostrei na festa o vídeo e falei, lá: — É isso aqui que eu ainda corro atrás, apreendido na Monte Azul, com quinze anos (*id., ibid.*, p. 164).

Ao ser questionada a respeito do que não pode faltar a um educador, em seu trabalho, Li declara que:

[...] tudo, o que não pode faltar num educador é o amor pelo que faz, principalmente fora da sala de aula, porque dentro da sala, seguir um protocolo de educação, só se o cara for muito ruim para não conseguir fazer algo bom ali dentro, sabe? O que acontece fora da sala de aula, as abordagens pré e pós café da manhã, pré e pós almoço, a tia da cozinha que te insiste para comer um pouquinho de salada, o tio da marcenaria que não ‘tá num dia muito bom e escolhe te dar um abraço, ao invés de qualquer outra coisa. O que acontece fora da sala, sabe? Acho que estar dentro da sala de aula é uma consequência do que você estudou para falar, para replicar. O que acontece fora da sala de aula, você só é capaz de executar se você amar o que você faz, sabe? Então, ver aquela galera de educadores trabalhando loucamente para os eventos culturais acontecerem, eventos que o bairro nem sabia dar valor, sabe? Não sabia, não sabia, a começar por mim. [...] Isso me diz muito sobre o educador (*id., ibid.*, p. 165-166).

⁶⁰ Entrevista realizada no dia 4 de setembro de 2021, às 15h, tendo durado 41 m e 28 s, sendo transcrita na íntegra, *ipsis litteris*.

Em sua entrevista, Li conta a respeito do ambiente que se fazia dentro da Instituição e das regras que lá existiam:

Na época, os relacionamentos eram muito mais saudáveis, dentro das paredes da Monte Azul, do que fora, sabe? A gente vem de uma juventude que, cada vez mais, se digitaliza. A palavra é forte, mas se prostitui mesmo por pequenas coisas, né. E, na época, isso era muito menos forte, assim, do que o que é hoje. Mas, os fatos de que a Instituição pedia para se vestir adequadamente, de não poder mexer no celular dentro das dependências da Monte Azul, de você ter já certas regras de conservação para uma convivência mais saudável, com certeza funcionava (*id., ibid.*, p. 166-167).

Ao finalizar a entrevista, Li declara suas impressões sobre o Mainumby:

Então, esse grande curso de formação intelectual ensina como ‘botar em prática a Pedagogia Waldorf e tornar os nossos educadores pessoas admiráveis. Quando eu olhava para o Re, para o Ro, para a Queque, diante de uma sala de aula, eu não queria perder um segundo do que esses caras estavam falando, porque eu sabia que eram coisas que eu não sabia e que eu queria aprender. Então, o Mainumby, ele tem essa responsabilidade mesmo, de trazer a Pedagogia Waldorf, inclusive para ser aplicada (*id., ibid.*, p. 168).

As narrativas contidas no capítulo II dessa dissertação percorrem o caminho histórico do Mainumby, contado com a expressão das mais variadas pessoas, sejam elas brasileiras e estrangeiras, de várias cores e raças e distintos níveis sociais, em vários cargos ou posições na Instituição e revelam impressões que contam sobre sua eficiência, e a criatividade empregada num movimento que permanece. Maiores detalhes dessa observação poderão ser encontrados nas considerações finais desse trabalho de pesquisa. As transcrições contidas nos apêndices VI e VII revelam ainda mais as peculiaridades dessa história.

2. A Sequência Histórica dos Acontecimentos do Curso Mainumby

Nas linhas que seguem, a pesquisadora apresenta as características do Curso de Formação de Educadores Comunitários da Associação Comunitária Monte Azul no tempo, segundo os depoimentos contidos nos apêndices VI (referente às entrevistas) e VII (referentes aos grupos focais) deste trabalho.

No período de 1979 até 2000, o curso livre de educação continuada proposto pela Instituição foi denominado “Cursinho da Renate” e aconteceu semanalmente, por duas

horas, aos sábados, no início, sofrendo transformações ao longo dos anos, conforme a necessidade da instituição e do grupo. Sua estrutura foi composta de palestra, atividade artística e manual, conversa sobre crianças e conversas sobre assuntos gerais.

Participaram do curso as educadoras das creches da Instituição e convidados de outras instituições. Posteriormente, o curso foi estendido aos educadores do contraturno da Instituição que trabalhavam com crianças maiores, em idade escolar.

Nesse período, o curso não teve financiamento e sua gestão foi realizada pelo coordenador pedagógico da Instituição. O “Cursinho da Renate” funcionou com participação voluntária de docentes, abordando sempre as temáticas do ponto de vista da Pedagogia Waldorf. Sua dinâmica partiu da observação da realidade do cotidiano do trabalho e incorporou as experiências de vida dos educadores (brincadeiras, canções, regionalismos trazidos pelos participantes), almejando, com isso, privilegiar a riqueza cultural local.

Visitas do grupo de educadores às várias salas de aula foram adotadas no curso para observação e adequação do espaço de atendimento. As avaliações para verificação do aprendizado foram constantes. No final de cada ano de exercício do curso, realizou-se uma formatura, o que era recebido pelos participantes como um momento de celebração e empoderamento.

No período de 2001 até 2004, em nova etapa, o curso foi denominado Curso de Formação de Educadores Comunitários Mainumby I e funcionou na modalidade de curso livre com formação em três anos. Durante o percurso foi incluído um quarto ano de aprofundamento pedagógico. Os encontros aconteceram com periodicidade mensal, um sábado por mês e com duração de 4 horas.

O Mainumby I contou com financiamento e, assim, pôde ser realizado para atender aos educadores da Instituição, também atender educadores de outras instituições não governamentais e da rede pública de ensino. O curso foi coordenado pela equipe de coordenadores pedagógicos da Instituição e por um consultor experiente em Pedagogia Waldorf. Houve, também, um coordenador administrativo cuja tarefa compreendeu atender a questões organizacionais, financeiras e de comunicação com o parceiro financiador.

À semelhança do Cursinho da Renate, a estrutura dos encontros previu palestra, oficinas de arte e de trabalhos manuais, além de Grupos de discussão sobre o cotidiano dos educadores, denominados “Grupos de Interesse”, e, neles, os participantes

costumavam dialogar sobre peculiaridades do atendimento e propor recursos para o trabalho cotidiano.

O Mainumby I promoveu estágios na Instituição ou em instituições parceiras e visitas dos coordenadores do curso (denominados consultores para esta tarefa) às instituições participantes, com o objetivo de acompanhamento pedagógico. Ao final de cada etapa semestral do curso, aconteceu uma festividade com apresentações dos participantes e dos docentes.

No período de 2005 até 2013, aconteceram os Cursos de Formação de Educadores Comunitários Mainumby II, III e Mainumby Escola Oficina Social. Enquanto os Mainumbys II e III foram financiados por parceiro investidor, o Mainumby Oficina Social funcionou por meio dos recursos da instituição, buscando, complementarmente, outras formas de sustentação.

Conforme o financiamento escasseou, houve transformações na formação da equipe coordenadora do curso, mantendo-se a estrutura de coordenação mista entre coordenação pedagógica e administrativa. A atuação do consultor pedagógico também foi rareando.

A estrutura pedagógica do curso e dos encontros foi mantida conforme anteriormente apresentado neste trabalho, à exceção dos estágios e das consultorias que não mais aconteceram.

Nesse período, ações inovadoras foram implantadas no processo e a primeira delas foi oferecer maior atenção ao aprimoramento dos educadores dos jovens da Instituição, por meio da intensificação da apresentação de conteúdos para o terceiro setênio. A prática pedagógica no curso tornou-se mais vivencial e implantou-se aspectos da metodologia dos Sete Processos de Aprendizagem como recurso para o suporte pedagógico do curso. Aspectos da Pedagogia Social também foram incorporados como recursos pedagógicos.

No Mainumby II, concretizou-se a proposta da realização do trabalho de conclusão do curso, em que cada participante apresentou o desdobramento de um tema, considerando aspectos de seu desenvolvimento pessoal no curso. Enquanto o Mainumby II foi um curso livre com duração de três anos, mais um ano de aprofundamento, o Mainumby III não teve o ano de aprofundamento. Detalhes sobre o Mainumby Oficina Social serão dados mais adiante, neste trabalho.

Como anteriormente afirmado, a Associação Comunitária Monte Azul tem três núcleos de atuação, sendo que o núcleo Horizonte Azul é distante dos núcleos Peinha e

Monte Azul. Enquanto os núcleos Monte Azul e Peinha estão situados próximo à ponte João Dias, nas imediações da Marginal Pinheiros, o núcleo Horizonte Azul se localiza na periferia da cidade de São Paulo, próximo ao limite do município, em direção à Itapeverica da Serra... No ano de 2008, a coordenação do núcleo Horizonte Azul decidiu oferecer à comunidade do bairro e a seus trabalhadores, um curso Mainumby, facilitando assim, a vida dos educadores do núcleo que, para participar do Mainumby organizado no núcleo Monte Azul, enfrentavam trânsito intenso e saíam do bairro de madrugada, retornando às suas casas no meio da tarde de sábado. Esta razão somou-se ao fato de haver o interesse dos moradores do bairro em organizar a primeira escola Waldorf na periferia de São Paulo, em parceria com a Associação Comunitária Monte Azul. Ficou evidente que seria necessário um curso de formação na região.

Até o ano de 2007, os cursos Mainumbys foram realizados exclusivamente no núcleo Monte Azul, da Associação Comunitária Monte Azul, passando, em 2008, a acontecer nos núcleos Monte Azul e Horizonte Azul. Este período de duplicidade do curso alongou-se até 2014, quando foi feito um intervalo na realização do curso no núcleo Monte Azul.

Serão apresentadas, a seguir, as características do curso livre de educação continuada Mainumby Horizonte Azul, no período de 2008 até 2019.

O curso abordou temas com base na Pedagogia Waldorf e na Antroposofia e manteve a estrutura de palestras e oficinas de arte e trabalhos manuais; incluiu também ações na horta comunitária. Para incrementar a proposta, realizaram-se oficinas complementares durante a semana. Procurou-se atender às necessidades dos educadores e também nutrir uma nova iniciativa, por meio da participação dos pais de alunos que se prepararam para a organização da escola Waldorf do bairro.

O curso manteve a estrutura dos encontros e sua organização esteve sob a responsabilidade das várias áreas de trabalho do núcleo. Houve liberdade das equipes na escolha de ações e dos temas a serem desenvolvidos. Um breve período de financiamento orientou os primeiros passos do curso.

Enquanto isso, em 2017, o curso Mainumby no Horizonte Azul retornou, realizando as seguintes iniciativas: Curso livre Mainumby (temas Avulsos), realizado em 2017, com quatro encontros no ano - Trauma pedagogia, realizado em 2018, com quatro encontros no ano; O Outro em Mim, realizado em 2019, com oito encontros no ano; Os Doze Sentidos, realizado em 2020. Foram previstos oito encontros no ano, mas realizados

apenas dois encontros (o curso foi interrompido devido à Pandemia de Covid 19); A Criança Interior, realizado no primeiro semestre de 2021. Com quatro encontros; Questão Indígena na Educação, realizado no segundo semestre de 2021, também com quatro encontros. Os cursos aconteceram no formato *online*, em 2020 e 2021.

Não houve financiamento neste período do curso. A Instituição manteve um coordenador com múltiplas tarefas dentro da Instituição, incluindo a organização do curso.

Mainumby Itinerante foi o nome dado à modalidade do curso de Formação de Educadores Comunitários Mainumby que teve a característica de deslocar-se até as instituições que solicitaram o curso e por ele pagaram. A primeira iniciativa ocorreu em 2016 e 2017 e foi denominada Mainumby Bahia. O curso teve o formato de imersão e sua estrutura compreendeu cinco encontros, cada um deles com sete dias consecutivos de trabalho (manhã, tarde e noite). Cada módulo do curso aconteceu em uma região da Bahia e os participantes se deslocaram para fazer o curso, conhecendo, assim, as várias regiões do estado e seus costumes. A prática pedagógica foi calcada nos Sete Processos de Aprendizagem e as atividades foram predominantemente vivenciais. Criou-se um sistema de multiplicação da proposta por meio do treinamento de uma pequena equipe dentro do grupo discente. O objetivo, para isso, foi o de manter um grupo que pudesse divulgar a Pedagogia Waldorf com a metodologia que se desenvolveu no Mainumby. A gestão do curso foi realizada por intermédio de parceria entre a Instituição proponente (que financiou o curso ou recorreu a financiadores para que ele pudesse ocorrer) e a Associação Comunitária Monte Azul (que ofereceu a estrutura pedagógica para a realização do curso).

A análise dos relatos dos participantes evidenciou que o curso Mainumby aconteceu ininterruptamente desde a sua criação, passando por fases, com características específicas relacionadas ao seu financiamento, ou à falta dele. Quando houve financiamento, o curso apresentou maior formalidade e remuneração dos participantes da equipe; quando não houve financiamento, o curso permaneceu apoiado na equipe pedagógica da Associação Comunitária Monte Azul, que direcionou esforços e contou com trabalho voluntário e doações.

Para além da quantificação das fases pelas quais o Mainumby passou, percebeu-se que o curso nutriu a Instituição e divulgou a Pedagogia Waldorf e a Antroposofia, disseminando a sua prática em instituições de terceiro setor.

Os relatos contaram a respeito de uma metodologia vivencial, inclusiva e que considerava as experiências de vida que os participantes traziam consigo. Os Grupos de Interesse foram considerados de grande importância, pois ali, o participante podia falar sobre as dificuldades do cotidiano, ouvir sugestões e sentir-se incluído, recebendo apoio para um trabalho difícil.

Uma das peculiaridades do ineditismo do curso foi oferecer, de forma gratuita, os ensinamentos da Pedagogia Waldorf e da Antroposofia, em especial no ambiente do terceiro setor. O curso buscou integrar, incluindo as redes públicas e privadas de ensino em seu atendimento.

No caso do Mainumby Bahia, o curso convidou os participantes para o exercício a realizarem parte da sua organização. Este curso foi denominado itinerante, formato que permitiu que fosse desenvolvido em região distante da Instituição, propagando, assim, os seus princípios.

O impulso do Mainumby no Horizonte Azul aproximou Instituição e comunidade local de forma a incluir pais de alunos como participantes, juntamente com os educadores. Com o tempo, esse grupo de pais se fortaleceu e iniciou a escola de Resiliência no núcleo Horizonte Azul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos narrados nas entrevistas e nos grupos focais incluídos nos apêndices dessa dissertação evidenciaram uma história em que limites foram superados e as esperanças e os sonhos mantiveram-se vivos, estimulando a realização do curso Mainumby, que perpassou quarenta anos de história na comunidade à qual fora destinado. Durante todo esse tempo, o curso se metamorfoseou, em processo, para atender às exigências da realidade da Instituição e das comunidades. O curso se manteve a partir do trabalho voluntário de seus fundadores, estabelecendo-se depois por financiamentos e soluções criativas, objetivando a sua continuidade, confirmando-se, assim, a hipótese da pesquisadora.

Bem distante de uma espera passiva, inconsciente e fatalista, o que se apresentou na história narrada foi ação dinâmica por meio da qual transformações sociais aconteceram, vidas foram inspiradas e milhares de crianças, jovens e adolescentes foram tocados pela realização da educação comunitária baseada na Pedagogia Waldorf. As narrativas dos entrevistados apontam na direção da ação em busca da realização do sonho de atender à comunidade com Pedagogia Waldorf e também de inspirar outras instituições a percorrerem caminho semelhante. A Instituição divulgou a Antroposofia no terceiro setor.

Longe de esperar passivamente, muitas pessoas dialogaram e trabalharam para a realização de um ambiente pedagógico capaz de desenvolver educadores em suas particularidades e capacidades para o trabalho com a comunidade em situação de vulnerabilidade.

Quando se pensa em diálogo, é comum remeter-se à ação entre duas pessoas. No entanto, a realidade pode apresentar outras formas de diálogo. Uma delas acontece entre o homem e sua realidade social. É nesse diálogo que se pode perceber a tensão entre os anseios e a situação social do indivíduo e, também, de um grupo que, para além da paralisia, lança-se às realizações. Ampliando mais essa forma de diálogo entre o ser indivíduo e o ser social que vive em cada um, pode-se amadurecer questionamentos a respeito do tipo de sociedade que se quer ter para viver. Porém esse amadurecimento requer descobrir-se autônomo e capaz. Requer fazer um processo de libertação a partir do sonho quando o homem estabelece o diálogo entre seus anseios e sua situação social, ele

pode adquirir mobilidade diante de situações opressoras, compreendendo que é possível criar novos contextos e libertar-se da opressão, colocando a esperança em ação.

Não só um indivíduo pode lançar-se a construções libertadoras, mas também uma comunidade pode fazê-lo e, enquanto os indivíduos que compõem a comunidade maturam seus processos individuais, o coletivo recebe os reflexos e cria situações alternativas diante das dificuldades e assim faz sua história. A atual pesquisa aponta na direção de que uma construção coletiva ocorreu a partir do que se observou como necessidade, ou seja, já na fase pioneira da constituição da Associação Comunitária Monte Azul, começou um curso de formação para educadores comunitários, uma criação inovadora, com parâmetros gerados a partir da realidade local. Longe de estar enrijecida, esta construção coletiva passou por transformações ao longo do tempo, que garantiram a eficiência do atendimento aos educadores, trabalhadores da Instituição, educadores estes sem graduação e muitas vezes sem escolaridade, porém formados na escola da vida.

A ideia original de que integrantes da comunidade poderiam ser educadores teve que ser acompanhada de uma solução para que estes fossem instrumentalizados e por isso surgiu o curso. A percepção da necessidade deu-se, primeiramente, a partir do diálogo entre os indivíduos representantes, responsáveis pela Instituição e as necessidades observadas no coletivo da comunidade. Posteriormente, conforme o trabalho foi se desenvolvendo, o curso passou a ser gerido por uma equipe cujos vários olhares garantiram um percurso sempre atualizado diante das necessidades da comunidade. A gestão coletiva garantiu a horizontalização do processo.

A própria constituição da Instituição partiu da leitura das necessidades da comunidade que se formava, com a chegada de migrantes, na região, no final da década de setenta. Os pioneiros da iniciativa puderam se posicionar diante da realidade que se apresentava, oferecendo um trabalho com potencial para a inclusão e para a tentativa de minimização da situação de vulnerabilidade dos que chegavam e se acomodavam no entorno. A comunidade atuou na organização da Instituição, imprimindo ao atendimento às características dos grupos que formavam uma mescla de várias culturas, trazidas pelos migrantes de diferentes regiões do país. Não obstante, uma nova cultura se formou no local.

Uma conversa entre as necessidades da comunidade e o trabalho social foi estabelecida, produzindo transformação. Não só uma transformação na comunidade ocorreu, mas também outras comunidades foram influenciadas, enquanto participavam

do Mainumby.

A história revelada por meio das memórias dos participantes demonstrou a superação da imobilidade diante de uma situação impactante, em que fome, violência e insalubridade estavam presentes. O que no início dessa história parecia impossível, hoje, se encontra edificado.

Em relação ao analisado, o curso Mainumby mostrou-se, por meio das narrativas dos participantes da pesquisa, como uma realização que transformou utopia em realidade, a partir do momento em que abriu espaço para membros da comunidade (pessoas comuns, muitas vezes sem escolaridade) serem educadores preparados por meio do curso. Diante da situação limitante que correspondia à falta de estrutura de uma comunidade em oferecer os cuidados aos seus rebentos, pôde-se, então, dedicar às crianças, adolescentes e jovens a educação qualificada que engloba o cuidar e o educar, a partir dos próprios moradores da comunidade. A Associação Comunitária Monte Azul foi a primeira Instituição social Waldorf do Brasil, quebrando o paradigma de que esta prática pedagógica é elitista e onerosa. Esse ineditismo transformou mais uma vez utopia em realidade e abriu portas para que outras instituições pudessem se beneficiar desse exemplo de realização.

Sabendo que a Associação Comunitária Monte Azul gerou um curso que permaneceu qualificando trabalhadores da educação social e mantendo a Pedagogia Waldorf no atendimento à comunidade em situação de vulnerabilidade, percebe-se aqui o inédito-viável, esperançado.

Concluindo, pode-se afirmar que a pergunta da pesquisa relativa a qual o caminho histórico do curso e como ele se desenvolveu foi respondida e que a metodologia utilizada favoreceu o processo de levantamento histórico. A pesquisadora faz, agora, considerações a respeito do impacto da pesquisa em sua pessoa.

No livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (2001. p. 34), Freire relata uma passagem de sua vida em que um dos pais de alunos do SESI pediu a palavra em reunião presidida por ele e apresentou suas considerações a respeito da distância entre a sua realidade de vida e a realidade de vida de Freire. Conta Freire que (*id., ibid.*, p. 39) essas palavras foram por ele levadas em lembrança no exílio e que foram elementos responsáveis por seu amadurecimento e reposicionamento de vida, uma vez considerada a repercussão do encontro com o homem que falava de sua compreensão de mundo. Seguindo a mesma linha de raciocínio, essa pesquisa impactou a

pesquisadora quando ela se encontrou com as narrativas de pessoas simples que puderam expressar sua cultura, seus valores e apresentar suas lembranças que foram valorizadas e consideradas num processo científico. À semelhança do escritor pernambucano, muitos dos depoimentos permanecem vivos na memória da pesquisadora, promovendo reflexão paulatina e silenciosa. Estaria a pesquisadora se metamorfoseando em silêncio, enquanto busca ser mais? A pesquisadora espera que tal disposição possa se estender às pessoas que lerem essa dissertação. Agrega-se aqui à palavra espera o sentido de continuidade a partir do ponto de vista de que algo surgiu como reflexão e em parte foi compartilhado.

1. Últimas Observações

Esta pesquisa acadêmica aconteceu em paralelo a uma pesquisa institucional, em que o curso Mainumby foi também objeto. Os dados coletados pela equipe de profissionais da Instituição puderam ser agregados à pesquisa acadêmica, assim como as observações feitas durante a pesquisa acadêmica foram consideradas na pesquisa institucional. É importante esclarecer que a pesquisa acadêmica não teve cunho de intervenção na Instituição.

Quando a pesquisadora iniciou esta pesquisa, pretendia cruzar as informações adquiridas por meio das entrevistas e grupos focais com outras fontes documentais como, fotografias, planejamentos de curso e registros avaliativos. Porém, a dificuldade de localizar tais fontes foi muito grande. Em certa medida, tais documentos foram encontrados, mas careciam de detalhada recuperação e organização e não houve tempo hábil para esta realização. Uma nova pesquisa poderá complementar o espectro de possibilidades para o levantamento da história do curso Mainumby.

Os detalhes a respeito do método utilizado no curso, colhidos por meio do testemunho dos participantes, deixaram na pesquisadora forte impressão de que a metodologia que se desenvolveu no Mainumby encerra inovações que podem contribuir para o processo do aprender de adultos em várias áreas. Faz-se aqui a sugestão de que a metodologia seja objeto de nova pesquisa científica.

Esta pesquisa tateou dois temas sem prestígio dentro do ensino no país: os cursos livres e a educação comunitária e social. Espera-se que estes temas estejam cada vez mais em evidência no âmbito das pesquisas em educação, considerando que os cursos livres vagueiam sem distinção em nossa legislação (conforme exposto na introdução deste

trabalho) e a educação nas comunidades não tem ainda o merecido reconhecimento de uma de suas principais particularidades que é a vasta riqueza cultural, uma vez que, nas comunidades, são mesclados hábitos, costumes e valores das mais variadas regiões do nosso país e integradas numa única e nova cultura no organismo da comunidade.

Vários participantes desta pesquisa demonstraram gratidão pelo impulso do curso e sua realização e confirmaram que tiveram suas vidas marcadas pelo que viveram na Instituição e no curso Mainumby.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Nelsio; BALDANZA, Renata Francisco; GONDIM, Sônia Guedes. *Focal Groups on-Line: From the Conceptual Reflections To the Virtual Environment Application*. *SISTEM Journal of Information Systems and Technology Management*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 05–24, 2009.

ALMEIDA, Débora Alves de. *O modelo dinâmico do desenvolvimento: contribuição da pedagogia social de base antroposófica para intervenções sociais*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALONSO, Ana lúcia Faggion. *A contribuição do terceiro setor para a qualidade de vida em favelas*. Dissertação (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL. *Núcleo ESF Estratégia Saúde da Família*. 2021b. Disponível em: <https://www.montezul.org/pt-br/portfolio/esf-estrategia-saude-de-familia/>. Acesso em: 2 nov. 2021.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MONTE AZUL. *Onde estamos*. 2021a. Disponível em: <https://www.montezul.org/pt-br/project-type/onde-estamos/>. Acesso em: 2 nov. 2021.

BACH JUNIOR, JONAS. *A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; SILVA, Maurício Pedro. A prosa poética de Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido. *Educação em Perspectiva*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 527–537, 2019. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v9i3.1106.

BERNARDES, Ângela de Carvalho. *Educação e formação humana de adolescentes nos projetos esportivos em organizações não governamentais*. 2020. Dissertação (Mestrado)

- Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2020. Disponível em: [https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2159/2/Angela Bernardes.pdf](https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2159/2/Angela%20Bernardes.pdf).

BOS, Alexander. *Desafios para uma Pedagogia Social*. São Paulo: Antroposófica, 1986.

CASSAB, LatifAntonia. Tessitura investigativa: a pesquisa científica no campo humano-social. *Revista Katálysis*, [S. l.], v. 10, n. spe, p. 55–63, 2007. DOI: 10.1590/s1414-49802007000300006.

CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, 6. 2005. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11p. ALBERTI, Verena. *Tratamento das Entrevistas de História Oral no CPDOC*, p. 1-11.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3. 2016. Rio Grande do Norte: Natal, 2016. 13 p. MORAIS, Francisco de Assis Marinho; OLIVEIRA, José Carlos Pereira de; OLIVEIRA, Antônio Leonilde de, Silva, Gessione Moraes da; SILVA, Cícero Moreira da. *O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências*. p. 1-13.

CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA QUARENTA ANOS DE DEMOCRACIA, PROGRESSOS, CONTRADIÇÕES E PROSPETIVAS, 8. 2011. Évora: Universidade de Évora. 2011. 128 p. COSTA, Rosalina Pisco. *A transcrição de entrevista e a (re)construção social da realidade*. Universidade de Évora, 2011, [S. l.], v. 16, n. 22, p. 119–128.

CRAEMER, Ute. *Favela-Kinder*. 3. ed. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1982.

CRAEMER, Ute. *Crianças entre luz e sombras*. São Paulo: Associação Comunitária Monte Azul, 1997.

CRUZ, Denise Santos da. *Vivenciar aprendendo: contribuições da pedagogia à formação*

do pedagogo no século XXI. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoi, dezembro, 2002, p. 314-332.

FGV CPDOC, *Entrevistas do Programa de História Oral: o que é História Oral*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: [http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-Freire, P_ Pedagogia da autonomia.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-Freire_P_Pedagogia_da_autonomia.pdf). Acesso em 14 de janeiro de 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1–36, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.

GOHN, Maria da Gloria. *Educação Não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

JUSBRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96*. [s.d.]. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art-42>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.

KEPPKE, Rosane Segantin. *Dois casos e um alerta para as organizações do terceiro setor: Raízes Fundação para os Sem Teto e Associação Comunitária Monte Azul*. Dissertação (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2000.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução? 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: Como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, Isabella Delcorso Cury de. *Multiculturalismo no Bom Retiro (SP): o caso do Colégio de Santa Inês*. 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2019.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Narrative interviews: an important resource in qualitative research. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, [S. l.], v. 48, n. spe2, p. 184–189, 2014.

OLIVEIRA, Liliansa Silva Câmara de. *A educação não formal como meio de aprendizagem na sociedade atual*. [S. l.], 2012. Disponível em: www.conedu.com.br. Acesso em?

PIMENTEL, Lucia. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *Ouvir ou ver*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 88–98, 2015.

PORTAL DAS OS. *Estatuto Social Monte Azul*. 2020. Disponível em: <https://www.portaldasos.com.br/wp-content/uploads/2020/09/PDF-2-Estatuto-Social->

[Monte-Azul.pdf](#). Acesso em?

REIS, Claudia de Jesus Tietsche. *Os princípios pedagógicos de Freire e Steiner e suas relações com os meios eletrônicos do cotidiano discente*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

RICOEUR, Paul.. *Tempo e narrativa*: tomo I. Campinas: Papyrus, 1983.

RODRIGUES, Juliana. *Contos milenares e autoconhecimento na formação de professores: uma experiência estética*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ROMÃO, José Eustáquio. Formação de Docentes: uma questão sempre presente. *Dialogia*, [S. l.], p. 78–88, 2008. DOI: 10.5585/dialogia.v 0i0.793.

ROMÃO, José Eustáquio. Movimentos sociais, ongs e Terceiro Setor. *Educação e Linguagem*, [S. l.], p. 18–34, 2010.

ROMÃO, José Eustáquio. Pesquisa na Instituição de Ensino Superior: referencial teórico, que bicho é este? *Cadernos de Pós-graduação*, [S. l.], v. 4, p. 19–32, 2009. DOI: 10.5585/cpg.v4n0.1791.

ROMÃO, José Eustáquio. Docente: um ser humano acima de tudo. *Visão Global - DESCONTINUADO A PARTIR DE 2013*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 7–22, 2007.

SALGADO, Mara; FRANCISCATTI, Kety; SIMÕES, Valéria. A análise dos dados da História Oral: fundamentos para uma Psicologia Crítica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], p. 304–319, 2014.

SALLES, Rubens. *Formação continuada com base na Pedagogia Waldorf: contribuições*

do projeto Dom da Palavra. Dissertação (mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

SANTOS, Evelaine Cruz dos. *Formação de professores no contexto das propostas pedagógicas de Rudolf Steiner (Pedagogia Waldorf), Maria Montessori e da experiência da Escola da Ponte*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista- UNESP, Rio Claro, 2015.

SANTOS, Márcia Pereira dos. História e Memória: desafios de uma relação teórica. *Opsis*, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 81–98, 2010. DOI: 10.5216/o.v7i9.9331.

SARAIVA, Rosana Lucille Bassinello. *Empreendedorismo ético e solidário: desafios e potencialidades*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Desafios da Construção de um Sistema Nacional Articulado de Educação. *Scielo*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 213–232, 2008. DOI: 10.1590/s1981-77462008000200002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, Rafael Celestino da; FERREIRA, Márcia de Assunção. Construindo o Roteiro de Entrevista na Pesquisa em Representações Sociais: como, por que, para que. *Escola Anna Nery*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 607–612, 2012. DOI: 10.1590/s1414-81452012000300026.

SOUZA, Luciana Karine de. Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa. *PSI UNISC*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 52–66, 2020.

STEINER, Rudolf. *Economia e sociedade: à luz da ciência espiritual*. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003.

STEINER, Rudolf. *Os pontos centrais da questão social*. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2018.

STEINER, Rudolf. *A questão pedagógica como questão social*. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2019.

STUSSI, Maria Martha. *O processo de formação docente da Pedagogia Waldorf: narrativas (auto)biográficas de professoras em formação*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

VIEIRA, Camile Viana da Cunha Silva. *Formação de professores em uma perspectiva ludoestética: contribuições para a prática pedagógica de docentes na escola Waldorf Dendê da Serra*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa acadêmica. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Acadêmico e Doutorado) da Universidade Nove de Julho (PPGE - Uninove), na Linha de Pesquisa Educação Popular e Cultura (LIPEPCULT) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Campus Vergueiro, São Paulo, realizada pela pesquisadora Coordenador Carla Matheus Evangelisti Silva, sob orientação do Professor Dr. José Eustáquio Romão, que resultará em uma dissertação de mestrado.

Você foi selecionado(a) porque é uma pessoa importante para o levantamento das informações a respeito do desenvolvimento do curso de formação de educadores comunitários, Mainumby, objeto de estudo dessa pesquisa. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição. Seu envolvimento nessa pesquisa consistirá em participar de entrevistas, grupo focal e/ou responder a um questionário online. Ao aceitar participar da pesquisa, fica claro que não haverá qualquer incentivo financeiro ou qualquer ônus para o participante.

Sua identidade não será revelada como participante da pesquisa acadêmica. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato.

Você receberá uma via deste termo onde consta *e-mail* para contato com a pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, a qualquer momento.

Patricia Carla Matheus
Evangelisti Silva
Email:pcevoa@uni9.edu.br
Estudante de Pós-Graduação

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Data: _____

Nome completo do(a) participante da pesquisa: _____

Assinado(a) participante: _____



APÊNDICE II

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a realização da pesquisa de Coordenador Carla Matheus Evangelisti Silva, pesquisa acadêmica de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE - Uninove), na linha de pesquisa Educação Popular e Cultura (LIPEPCULT), sob orientação do Professor Dr. José Eustáquio Romão.

Estamos cientes de que a pesquisa será realizada nas dependências da Associação Comunitária Monte Azul, podendo a pesquisadora consultar e divulgar em seu trabalho acadêmico os documentos e arquivos da Instituição. Declaramos estar cientes e de acordo com a realização de grupos focais e entrevistas com os trabalhadores, ex-trabalhadores, alunos e ex-alunos da Instituição, para a coleta de dados de pesquisa.

_____, _____, _____ de _____ de _____.

Nome/ Cargo e função: _____

NÚCLEO MONTE AZUL **ENDEREÇO DA SEDE:**
NÚCLEO PEINHA RUA FRANCISCO XAVIER DE ABREU, 483
NÚCLEO HORIZONTE AZUL 05836-180 SÃO PAULO SP
TEL (11) 5852-3600
MONTEAZUL@MONTEAZUL.ORG.BR
MONTEAZUL.ORG.BR

APÊNDICE III

DECLARAÇÕES



1. Declaração de Ute Craemer

Declaro que autorizo a identificação de minha pessoa, por intermédio do uso de meu nome na dissertação de mestrado de Patricia Carla Mathes Evangelisti Silva, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Acadêmico e Doutorado) da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), na linha de pesquisa Educação Popular e Cultura (LIPEPCULT) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Campus Vergueiro. São Paulo, sob orientação do Professor Dr. José Eustáquio Romão.

São Paulo, dia 04/11/2021

Ute Else Ludovike Craemer



2. Declaração de Renate Keller Ignácio

Declaro que autorizo a identificação de minha pessoa, por intermédio do uso de meu nome na dissertação de mestrado de Patricia Carla Mathes Evangelisti Silva, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Acadêmico e Doutorado) da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), na linha de pesquisa Educação Popular e Cultura (LIPEPCULT) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Campus Vergueiro, São Paulo, sob orientação do Professor Dr. José Eustáquio Romão.

São Paulo, dia 05/11/2021

Renate Keller Ignácio
RNE; 691260-O



3. Declaração de Paulo Roberto Ignácio

Declaro que autorizo a identificação de minha pessoa, por intermédio do uso de meu nome na dissertação de mestrado de Patricia Carla Mathes Evangelisti Silva, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Acadêmico e Doutorado) da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove), na linha de pesquisa Educação Popular e Cultura (LIPEPCULT) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Campus Vergueiro, São Paulo, sob orientação do Professor Dr. José Eustáquio Romão.

São Paulo, dia 05/11/2021

Paulo Roberto Ignácio
RG: 5.310.565-5

NÚCLEO MONTE AZUL ENDEREÇO DA SEDE:
NÚCLEO PEINHA RUA FRANCISCO XAVIER DE ABREU, 483
NÚCLEO HORIZONTE AZUL 05636-180 SÃO PAULO SP
TEL (11) 5542-3600
MONTEAZUL@MONTEAZUL.ORG.BR
MONTEAZUL.ORG.BR

APÊNDICE IV

Questionário para Resgate da História do Curso de Formação de Educadores Comunitários Mainumby

Este questionário é complementar à vivência realizada na reunião de coordenadores, no dia 12/03/2021 e tem como finalidade localizar educadores, ex-alunos, pais de ex-alunos, pais de alunos atualmente matriculados, para participarem da pesquisa de resgate histórico do Curso de Formação de Educadores Comunitários da Monte Azul. Buscamos localizar também, famílias que estão envolvidas com a Instituição há três gerações. Precisamos localizar pessoas que foram atuantes na história do curso e gostaríamos de contar com a sua ajuda respondendo as seguintes questões:

Nome: _____

De qual roda de conversa você participou na reunião de coordenadores no dia 12.03.2021?

- Cursinhos da Renate: de 1979 até 2001
- Mainumby, com parceiros investidores: 2001 até 2013
- Mainumby 2008 até 2021- incluindo formação continuada no Horizonte Azul
- Não participei da reunião

Nome: _____

Quais educadores você indicaria para serem entrevistados?

Onde encontrá-los?

Como encontrá-los?

Quais perguntas você acha que seriam importantes fazer aos educadores que você indicou, para resgatar a parte da história que eles viveram ou vivem na Associação Comunitária Monte Azul?

Quais ex-alunos você indicaria para serem entrevistados?

Onde encontrá-los?

Como encontrá-los?

Quais perguntas você acha que seriam importantes fazer aos ex-alunos que você indicou, para resgatar a parte da história que eles viveram na Associação Comunitária Monte Azul?

Quais pais de ex-alunos você indicaria para serem entrevistados?

Onde encontrá-los?

Como encontrá-los?

Quais perguntas você acha que seriam importantes fazer aos pais de ex-alunos que você indicou, para resgatar a parte da história que eles viveram na Associação Comunitária Monte Azul?

Quais pais de alunos matriculados, atualmente, você indicaria para serem entrevistados?

Onde encontrá-los?

Como encontrá-los?

Quais perguntas você acha que seriam importantes fazer aos pais de alunos matriculados, atualmente, que você indicou, para resgatar a parte da história que eles vivem na Associação Comunitária Monte Azul?

Quais famílias você conhece que estão envolvidas com a Instituição há três gerações? Dê preferência às famílias com envolvimento na área da educação. A última geração pode ser representada por um(a) aluno(a).

Onde encontrá-las?

Como encontrá-las?

Quais perguntas você acha que seriam importantes fazer a essas famílias que você indicou, para resgatar a parte da história que elas viveram e vivem na Associação Comunitária Monte Azul?

APÊNDICE V

Roteiro de Entrevistas e Grupos Focais

- 1- Ambientação: Preparativos de abertura do evento, acolhimento dos participantes.
- 2- Proposta artística: Podendo variar o recurso entre música cantada, verso declamado e desenho a ser realizado pelos participantes.
- 3- Perguntas:
 - 3.1- Perguntas gerais: Com finalidade de contextualizar o momento histórico.
 - 3.2- Perguntas específicas: Com finalidade de detalhar aspectos dos acontecimentos históricos.
 - 3.3- Perguntas subjetivas e sensíveis: Com finalidade de adentrar ainda mais ao universo individual de cada participante.
 - 3.4- Considerações finais e acréscimos: Com finalidade de abrir espaço para possíveis aspectos considerados importantes pelos participantes e que não foram abordados.
 - 3.5- Fechamento: Solicitação de envio de material documental físico para ampliação das informações, agradecimentos e despedidas.

APÊNDICE VI

Entrevistas

1. Entrevista com Keller, Renate.

Data e hora da gravação: 12 de março de 2021, às 09h05min.

Tempo de gravação: 27 minutos e quarenta e cinco segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsis Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = para palavras ininteligíveis.

Entrevistador: Teremos nesse encontro o depoimento de Renate Keller que irá nos contar a respeito da trilha sociopedagógica percorrida pela Associação Comunitária Monte Azul, desde a organização do cursinho, até o Mainumby financiado.

Keller: Bom dia a todos e a todas. Quando a Se me fez esse convite eu fiquei refletindo e até olhando nos meus cadernos a história do cursinho, como a gente chamava. Me veio, na verdade, que esse cursinho teve um período de gestação que eu nunca coloquei em relação, mas de repente me veio essa relação que foi no tempo que eu e o Paulo a gente trabalhava na Giroflex⁶¹. Na Giroflex eu tive várias tarefas, entre elas a de dar um curso, de dar formação para os jovens, para os adolescentes que trabalhavam na empresa. Porque o senhor Po que era o diretor, um dos donos da Giroflex. Ele era antropólogo. Na época os jovens entravam na firma já na produção direto, sem ter um aprendizado, sem ter uma formação e ele queria dentro da Giroflex fazer essa formação de jovens e inclusive através desse impulso o Paulo fez um curso no SENAI⁶² de instrutor de marcenaria. O Seu Po, ele tinha essa ideia de que os jovens aprenderiam a profissão, mas também conhecimentos gerais e habilidades artísticas e essa parte era por minha conta, então os jovens podiam sair três vezes na semana da produção e ter aula comigo, eu podia dar para eles os assuntos que eu queria e que eu achava importante para eles. Então a gente aprendia biologia, por exemplo, história da humanidade, do Brasil. A gente fazia arquitetura, matemática, várias coisas que eu percebi a fragilidade na educação que eles ‘tavam tendo nas escolas públicas. Depois veio a crise do petróleo e esse projeto na Giroflex foi de água abaixo e nessa época nós conhecemos a Ute e nós decidimos de trabalhar junto com ela nessa construção que a gente não fazia nem um pouco de ideia o que

⁶¹ Empresa de cadeiras de origem brasileira que decretou falência em 2014.

⁶² Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

seria disso, mas que a gente começou com ela na favela Monte Azul. A gente ‘tava junto na Fundação da Associação Comunitária Monte Azul e eu comecei sendo professora de jardim de infância e o Paulo instrutor de marcenaria para os jovens. Ele, nesse primeiro ano, também na parte da manhã, ele frequentava o seminário pedagógico da escola Rudolf Steiner. Então foi assim o primeiro ano, a gente se adaptando. A gente tinha os nossos filhos a Ba tinha um ano e o Ro três anos então a gente meio se revezava para cuidar das crianças. O Ro já vinha comigo no jardim e uma das alunas ‘Tá aqui. Não se ela ‘tá aqui, a Ta, ela foi minha aluninha no Jardim, naquela primeira época.

Ta: (Nesse momento outra pessoa da Instituição entrou na conversa) eu estou aqui, sim.

Keller: Acho que foi em 79 mesmo, ou 80 que a Ute fez uma viagem para Alemanha, para dar palestras e na volta ela passou na Colômbia e visitou lá um projeto social de um padre. Esse padre fazia um projeto social dentro de uma favela, não sei mais qual cidade exatamente que era e ali ela teve uma experiência muito interessante que ela trouxe para nós. Porque nós atendíamos no começo eu acho que mais ou menos 150 crianças no todo. Em todas as faixas etárias e no Jardim eu tinha 25 crianças e tinha voluntárias do bairro. A Dona La, a dona, esqueci o nome da outra senhora que fazia um Jardim de Infância na parte da manhã porque o meu era na parte da tarde. E a gente viu que muitas crianças ficaram sem poder frequentar esse jardim. A gente começou a conhecer as famílias na favela e via quantas crianças que necessitariam de um lugar como esse. Então a nossa ideia eu já foi querer expandir, querer ampliar. Aí a Ute trouxe a experiência desse projeto onde esse padre envolveu as mulheres moradoras da comunidade como educadoras. Isso nos inspirou bastante de fazer o mesmo. Então, acho que foi em 1980 que eu comecei a fazer um cursinho para quem tivesse interessado jovens e também mulheres já mais maduras, para se prepararem para serem educadoras e a gente poder expandir o nosso trabalho. Então, aos poucos esse cursinho foi tomando forma. Ele tomou forma a partir da observação da experiência das pessoas no trabalho, ‘né? Sempre tinha um momento onde a gente tratava sobre a observação da criança e o desenvolvimento infantil, mas também eu sempre perguntando: — O que vocês se lembram da sua infância? — Como vocês observam os seus filhos? E assim, sempre tentando construir em conjunto as imagens que dariam uma base para a gente pensar o quê oferecer enquanto educação, enquanto o espaço, enquanto atividades dentro do dia a dia. Também sempre tinha uma parte artística, uma parte de fazer alguma coisa, de aprender a fazer uma boneca, aprender também trabalhar com madeira. Tinha uma época, a gente fazia pequenas gamelas de madeira para usar de brinquedo dentro da sala. Fazíamos pintura, fazíamos trabalhos manuais, então sempre tinha esse lado mais do pensar, de teoria, mas sempre tentando que essa

teoria fosse sempre baseada nas nossas experiências e naquilo que a gente pode observar na nossa vida. Eu fiz um levantamento dos temas para a entrevista, porque eu achei meus cadernos aonde ‘tá tudo anotado o que a gente fazia, então, era um aspecto bem amplo. A gente falava muito também de alimentação, dessa correspondência da planta com o ser humano, da saúde, então, também nessa época foi construído o primeiro ambulatório da Monte Azul num barraco de madeira aonde o Dr. MI⁶³ começou a atender as famílias e eu percebi, através dessa retrospectiva, que a gente tinha uma ligação muito forte com a área de saúde, nesses primeiros anos porque dali então nós conseguimos firmar um convênio com a Associação de Amparo ao Menor Carente (AMENCAR) que era uma organização que tinha sua sede no sul do Brasil e que recebia recursos de padrinhos da Alemanha e através desses recursos e também das palestras que a Ute fazia e dos apoios que a gente conseguia, através de doadores da Alemanha, a gente conseguiu criar as crechinhas. Então a primeira crechinha. Mas era assim a primeira creche era no lugar onde hoje é a creche da Monte Azul e era o barraco que a gente comprou era de uma família que se mudou dali e que junto com os pais, com as pessoas moradoras da comunidade, a gente pintou, a gente arrumou, deixou um pouco mais bonitinha e a primeira mãe de creche era dona Ma que era analfabeta. Ela não sabia ler, escrever, mas ela era uma senhora que tinha duas filhas. Muito alegre, muito coração, muito aconchegante, então o nosso primeiro modelo era uma mulher, uma educadora com sete crianças. Eram sete crianças que ela cuidava como se fosse mesmo uma família e era muito simples. Acho que ela buscava água na mina. Ainda no começo, não tinha água encanada e tinha essa participação do cursinho, mas tem a pouco apoio para ela realmente nesse dia a dia com as crianças, então ela fazia como ela sabia fazer como mãe, com a história que ela mesmo tinha. Depois a gente comprou mais casinhas e fomos fazendo essas crechinhas dentro da favela Monte Azul e mais mulheres que participavam desse cursinho puderam ser contratados pela Associação para poder fazer esse trabalho educativo. E tinha dentro desse cursinho dois grupos eram as mulheres e as meninas. A Ta era uma dessas meninas. Todo mundo chamava elas de meninas da Renate, que era a Ta, era a L, a E, a Da, a M, Na, Ly, 'né? Tem uma lista bem grande de nomes. Elas começaram a assumir o jardim de infância. A diferença entre creche e jardim de infância na época era que o jardim era meio período e a creche era o período integral. Depois do meu terceiro ano, eu mesmo sendo essa professora de um grupo, eu entreguei esse grupo, eu não me lembro mais para quem que era exatamente que assumiu o meu grupo.

⁶³ Nome fictício do primeiro médico voluntário da Instituição.

Ta: Foi eu, Renate.

Keller: Você? Você junto com quem?

Ta: Daí 'tava junto com L. Foi na época que entrou se também, um pouco mais para frente. Eu junto com L, 'né?

Keller: E com isso eu pude me dedicar totalmente a esse acompanhamento pedagógico e organização dessas crechinhas que foram surgindo, depois também expandindo para Peinha e expandido para Horizonte Azul. Uma coisa também que a gente fazia era tentar que uma pessoa pudesse aprender com a outra pessoa, uma crechinha aprendendo com a outra. Então o curso passou a ser aos sábados. Todo sábado, quatorze horas e às vezes a gente saía do nosso espaço 'aonde a gente fazia o cursinho e ia visitar uma das crechinhas para ver como é que era esse ambiente. Era aconchegante? Será que adequado para as crianças? Fazíamos assim para se inspirar mutuamente. Na época também em São Paulo a situação política era bem dramática porque era o final de ditadura militar e começo das demonstrações populares para as eleições diretas e tinha um movimento grande de mulheres da periferia para reivindicar melhorias com os painéis. As mulheres de carestia e movimento de creches, então a gente participou muito ativamente desses movimentos e assim a gente conheceu várias creches também da nossa redondeza. Eu dei muitas aulas também nessas outras creches para inspirar as educadoras em fazer uma educação adequada à criança pequena. Na época tinha muita essa tendência das crianças pequenas sentar em fileira e aprender assim como hoje, na verdade, nessa parte não, mudou muita coisa. A Turma da Touca, a Estrela Nova, Jardim Macedônia, Figueira Grande eram todos os lugares aonde a gente se relacionava e trocava saberes. Depois conseguimos o convênio com a Assistência Social, isso foi no ano de 1984 e a partir disso a gente teve relacionamento com assistentes sociais da prefeitura que recebiam com muita abertura as nossas contribuições, 'né? E teve vários encontros de creches da região onde a gente pôde fazer oficinas, participar, também das reflexões sobre educação. Desse movimento todo surgiu a AMESC (Associação dos Movimentos de Entidades Sociais Comunitárias), associação das entidades sociais que tinham creches ou que tinham projetos dentro comunidades. Então era praticamente uma organização também para a gente reivindicar melhores condições com a prefeitura. Então esse trabalho eu fazia até 1991 e em 86 para 87 nossa família, Paulo, eu com as crianças, a gente ficou foi para Alemanha 8 meses lá. Nessa época, antes que eu fosse para Alemanha para poder preparar essa minha saída desse trabalho a gente fez como se fosse uma formatura do cursinho, então assim, isso também eu percebi várias vezes teve provas, eu fazia provas para ver se minhas alunas aprenderam alguma coisa. E ali então a gente fez uma formatura e algumas educadoras foram

escolhidas para serem coordenadoras que era a L a E, acho que a Na isso era também para elas aprenderem esse lado de fazer compras porque tudo isso ‘tava debaixo do meu chapéu nessa parte também de suprir as necessidades, manutenção e tudo. Claro, tinha as pessoas que ajudavam, tinha o Gi que era motorista e que fazia as compras. Mas então teve essa preparação e depois essa minha ausência. Nessa minha ausência eu participei na Alemanha de um seminário de jardins Waldorf professo e nesse seminário eu conheci a Cafí⁶⁴. A Cafí que é psicóloga, hoje é biógrafa e na época ela morava na Alemanha porque ela casou com um alemão que é o pai da primeira filha dela. Foi muito engraçado, quando eu apresentei nesse grupo, dentro desse seminário os olhinhos da Fi faziam assim, brilhavam e ela ficou muito feliz de ir conhecer através de mim Monte Azul e quando ela voltou para o Brasil então ela veio e assumiu essa minha função de coordenadora pedagógica das creches. Então a partir de 1991 a Fi assumiu essa liderança e eu me dediquei mais administrativa da associação que tinham muitas frentes que a gente ‘tava lutando e fazendo captação de recurso, reconstrução do Centro Cultural, por exemplo. Então eu tinha muitas outras tarefas e fiquei muito grata da Cafí assumir essa tarefa porque eu também me senti um pouco esgotada. Eu pensei: - Para eu continuar dando o cursinho assim eu teria que ter uma de novo, prática, eu mesmo com crianças. Depois chegaram outras pessoas que era Maia, a Mi, A, ‘né? Mas o cursinho sempre continuando assim um pouco nesse formato até o final dos anos noventa, como eu tinha criado esse formato de reflexão, fazer, analisar, conversar, a gente fazia muito também descrição de crianças, a gente falava de algumas crianças que nos preocupavam para acharmos soluções ou mesmo só para criar uma força para essa criança, uma força espiritual para que essa criança pudesse se desenvolver. E a partir, acho que o primeiro Mainumby, então ele ainda não tinha esse nome, mas a gente sentiu como a gente expandiu muito, tinha muitas educadoras nos três núcleos que a gente precisava realmente um apoio financeiro para melhorar essa formação e também incluir os educadores dos outros projetos aqui da nossa região com quais nós tínhamos esse contato desde começo. E aí eu não sei se foi eu, acho que foi eu que fiz esse projeto para JICA através do De⁶⁵. O De foi um grande apoio, um grande padrinho dos nossos projetos naquela época e nós conseguimos esse apoio financeiro para criar esse primeiro Mainumby e ficou então uma formação de educadores comunitários mais estruturado.

⁶⁴ Nome fictício para designar a coordenadora pedagógica da Instituição que substituiu Renate Keller na coordenação pedagógica da Instituição.

⁶⁵ Nome fictício para denominar voluntário japonês que auxiliou na comunicação entre Jica e a Monte Azul.

Entrevistador: Renate, a história é longa e nosso tempo encerrou. Muito bonito te ouvir. Temos tempo para arredondar.

Keller: Eu já terminei. Estou vendo a hora, aqui.

Entrevistador: Obrigada.

2. Entrevista com Ex-Coordenadora Pedagógica das Creches e do Cursinho

Data e hora da gravação: 27 de agosto de 2021, às 13:30 horas.

Tempo de gravação: 45 minutos e 29 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsis Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Entrevistador: 'Tá bom. Eu fiz uma entrevista com a Renate, aliás, foram algumas entrevistas, numa delas, ela contou um pouquinho a respeito do momento em que ela encontrou você lá na Alemanha, e aí, eu, que já tinha muita vontade de te convidar para uma entrevista, então pensei: — Ah, essa é a hora, vamos continuar esta história. Mas, para aquecer um pouquinho, você tem papel e giz aí?

Ex-coordenador: Sim, eu já separei.

Entrevistador: 'Tá certo, então, para aquecer um pouquinho, eu pensei que você poderia fazer uma expressão em cores, não precisa necessariamente ser um desenho, mais uma expressão em cores, a respeito da sua sensação quando você adentrou à Instituição, quando você conheceu. E aí, começou seu trabalho. Quais foram as primeiras impressões.

Ex-coordenador: 'Tá bom.

Entrevistador: E, para isso que tal cinco minutos?

Ex-coordenador: 'Tá bom.

Ex-coordenador: Eu já terminei.

Entrevistador: Ok. Depois você me manda uma foto?

Ex-coordenador: Então, eu desenhei a Monte Azul como polo de calor espiritual atuando na terra transformando os seres humanos.

Entrevistador: É?

Ex-coordenador: Desde que eu vi o cartaz na Alemanha anunciando uma palestra da Ute Craemer, em Stuttgart, que eu conheci a Monte Azul na Alemanha.

Entrevistador: 'Ahã, então, quer contar essa história para mim?

Ex-coordenador: Sim. Em 1985, eu fui viver na Alemanha. Não conhecia a Antroposofia, mas, por caminhos do destino, na minha rua tinha um Jardim Waldorf, e eu acabei me interessando e resolvi fazer estágio. E no primeiro dia, tinha um corredor nessa casa com um quadro de avisos, e eu olhei um cartaz que falava: Trabalho social e pedagógico no Brasil, favela Monte Azul. Naquele tempo se chamava de favela Ute Craemer. Quando eu olhei aquele cartaz, eu já sabia que eu ia trabalhar lá e eu já sabia que aquilo tinha a ver com meu destino. Não me pergunte. Eu faço um paralelo, que eu acho interessante, anos depois, quando eu fui estudar a biografia do Joseph Beuys, que é o artista que criou o conceito de escultura social. Ele estava, na época do nazismo, numa queima de fogos de livros, 'né, numa queima de livros e ele puxou um livro e esse livro era de um escultor, isso mudou a vida dele. Ele foi estudar escultura e desenvolveu o conceito de escultura social. Então, tem esses destinos, 'né. Eu olhei aquilo, e aí esse evento ia ser no fórum [inint], em Stuttgart, onde começou a primeira escola Waldorf e eu fui lá ouvir a Ute. E aí, começou minha história. Desde aquele momento, eu decidi que eu ia trabalhar na Monte Azul. Entre esse momento e eu realmente trabalhar foram sete anos; mas, eu já comecei a me dedicar de longe à Monte Azul, a fazer palestra, ganhar dinheiro e mandar para a Instituição. Em 1987 eu conheci a Renate, no final de 1987 para 1988, eu vim fazer estágio, então, eu fui estagiária. E aí, em 1991, eu de fato, comecei a trabalhar na Monte Azul. Então, eu falo que o encontro mais importante da minha vida foi com a Monte Azul, não foi com marido [risos], foi esse encontro incrível.

Entrevistador: Que coisa, e me diz, essas palestras que você deu para conseguir dinheiro, já começou ajudar no processo lá na Alemanha?

Ex-coordenador: Isso. Eu conheci a Renate no seminário de Pedagogia Waldorf e ela estava fazendo um ano sabático o com marido e os filhos e morando na casa dos pais, na Alemanha e, através disso, eu conheci o 'Seu [inint], que era o pai dela, que era professor Waldorf e, com ele, eu fiz várias palestras, ainda eram feitas com slides. Então, quando eu vim em 1987 e fiz o meu estágio, eu fiz várias fotos e a gente fazia palestras em escolas Waldorf, na Alemanha e, naquela época, isso arrecadava muito dinheiro e depois ele mandava para cá.

Entrevistador: Você quer detalhar para mim?

Ex-coordenador: Então, eu comecei a me acercar da Monte Azul a partir desta palestra, da Ute. E aí, a Ute colocou que quem quisesse encontrar com ela e falar, ela estava hospedada na casa dos Keller, os pais da Renate, em Stuttgart, poderia ir lá e eu fui. Só que, eu cheguei lá e tinha outras pessoas e eu olhei a Ute e eu pensei: Meu Deus, mas eu não tenho nada para falar com ela e foi embora [risos]. Até hoje eu não sei por que eu fiz isso, mas eu fui embora. E aí, eu comecei a fazer o seminário de Pedagogia Waldorf, mas aí, eu comecei a me

informar sobre a Monte Azul, que era esse impulso, 'né, fui atrás, e eu comecei a fazer o seminário de professora de jardim de infância, que era um seminário modular e, um dia, a senhora que era coordenadora do meu curso, falou na sala: Nós vamos receber uma visita do Brasil que vai ficar um mês aqui conosco, a Renate Keller, que a fundadora da Monte Azul. Aí, a Renate disse que meu olho fez assim, que brilhava, porque daí, eu já tinha comentado a ir atrás. E aí, foi um encontro de destino, porque eu sou amiga dela até hoje. A gente é amiga há trinta anos. Eu dei aula de alemão para o marido dela, o Paulo, a gente saía. A Renate que fundou as creches e trabalhou nelas e ela queria uma pessoa para a substituir e eu vim a ser essa pessoa. Eu fui a primeira pessoa, depois da Renate, que fez esse trabalho de coordenação nas creches, 'né. Foi um encontro de vida mesmo.

Entrevistador: Ela comentou dos seus olhos brilhando [risos]. E aí, assim, então, você veio morar no Brasil.

Ex-coordenador: Não. Aí, foi assim, aí eu ouvi sobre essa palestra, eu conheci a Renate, em 1987, eu vim fazer estágio. Eu só voltei para o Brasil em 1990. Só que, aí, eu estava grávida. E minha filha nasceu, eu ainda esperei mais um ano e, em 1991, eu comecei a trabalhar na Monte Azul. Mas aí, eu já tinha essa ligação, 'né. E aí, em 1991, eu consegui. Minha filha já tinha um aninho. Eu consegui organizar. Eu trabalhava meio período e eu comecei com esse trabalho no que, naquela época, se chamava creche, 'né, hoje já é um contexto bem diferente.

Entrevistador: Então, o seu primeiro trabalho lá foi como coordenadora pedagógica das creches?

Ex-coordenador: Isso.

Entrevistador: Naquele momento, você se lembra qual era o perfil, quantas creches tinha, quantos Jardins tinha, quais eram os núcleos que estavam funcionando?

Ex-coordenador: Os núcleos eram Monte Azul, Peinha e Horizonte Azul. Já tinha creche, também. Agora, os números eu vou ter que pesquisar depois e te falar, porque já são quase trinta anos, 'né [risos].

Entrevistador: Olha, não precisa. Você já deu uma boa visão de que era um trabalho que tinha estrutura nos três núcleos.

Ex-coordenador: Isso, embora, a Monte Azul fosse o núcleo que agregasse o maior número de creche, 'né, já tinha na Peinha já quatro grupos ou dois é, não me lembro, e, no Horizonte Azul também.

Entrevistador: Certo. Quais foram as suas colegas na coordenação?

Ex-coordenador: Inicialmente, eu fiquei sozinha. Eu também não posso te precisar datas, mas eu fiquei um bom tempo sozinha, mas depois eu tive várias colegas, foi a Me, foi a Ma, depois

acho a Ne, a Ne não coordenei com ela. Acho que, as pessoas que eu me lembro de ter coordenado juntos só a Me e a Ma. As coordenadoras que vieram depois, eu já não estava. Mas, durante um bom tempo, eu fiquei sozinha.

Entrevistador: Nos três núcleos?

Ex-coordenador: É. Naquela época, era tudo muito diferente do que hoje; não era tão formatado quanto é hoje. Quando eu falo coordenação, eu não tinha sala. Eu ficava todo dia nos grupos trabalhando com elas. Quando tinha as festas, eu fazia os eventos na Monte Azul, na Peinha e na Horizonte Azul. E, eu comecei meu trabalho na Peinha. Depois que eu fui para a Monte Azul, e na Horizonte Azul, presencialmente, eu trabalhei pouco. As educadoras vinham para as reuniões, mas nas festas eu sempre estava, e nos cursinhos, 'né, a Renate deve ter falado dos cursinhos, que naquela época era uma educação Waldorf continuada para as mulheres que eram da comunidade e que faziam esse trabalho que, a gente chamava de mãe de creche. Naquela época, ainda não tinha essa lei básica, essa diretriz de que, uma pessoa para trabalhar com o primeiro setênio teria que ter uma formação Universitária. Então, nós tínhamos muita liberdade; nós queríamos mulheres que tivessem amor às crianças e não, necessariamente, uma formação acadêmica, por isso, muitas mulheres que viviam na favela eram mãe de creches, 'né. E aí, a gente ia fazia a formação contínua, todo sábado; mudou de horário, às vezes, mas sempre duas horas por semana de estudo.

Entrevistador: Certo, como foi para você trabalhar com mães de creche, com pessoas da comunidade e educadoras?

Ex-coordenador: Bom, o primeiro grande desafio foi chegar depois da Renate [risos]. As educadoras eram tão ligadas à Renate, claro, pioneira, começou esse impulso. Várias delas eram meninas quando a Renate chegou lá e depois se tornaram professoras de Jardim ou mães de creche. Então, esse foi o primeiro grande desafio, foi ser a sucessora da Renate, 'né. Então, muitos anos depois, teve uma pessoa que me pediu desculpa porque algumas me ignoravam, do tipo assim: Será que se a gente a fizer isso a Renate volta, ou elas iam falar com a Renate. Então, assim, quando eu comecei na Peinha foi bastante desafiador porque eu tinha que aprender uma tarefa que a Renate me explicou como era, mas que não tinha um formato, assim, delimitado, de cargo, 'né, eu precisei entender na vida. Eu com pessoas, costume me dar bem, então; esse não foi tão grande problema; o problema foi eu me inserir numa estrutura que já, há muitos anos vinha sendo carregada pela Renate e por outras pessoas. Então, eu acho que essa, foi entender que tarefa era essa, como que eu tinha que me comportar, como seriam as reuniões. Não tanto nas relações pessoais, 'né.

Entrevistador: Baseada nessa compreensão, o que você pode me contar? O que você

compreendeu? Eu escrevi aqui que você falou assim: — Entender a Monte Azul na vida. Enquanto você vivia, então, você estava entendendo a Monte Azul. E o que você entendeu?

Ex-coordenador: Naquela época, existia um tema na comunidade que eu já não sei se existe hoje, que era quem é de fora quem é de dentro. Eu sou de fora. porque eu não sou da Comunidade. Isso é uma coisa muito forte. Eu não sei dizer se hoje é ainda, então, esse já era um tema. Eu vim da Alemanha; eu tinha feito o seminário de Pedagogia Waldorf; eu tinha um certo conhecimento, mas eu não era uma pessoa da comunidade. Então, eu tinha algumas vantagens e algumas desvantagens, 'né. Eu morava num apartamento muito grande, aqui na Granja Julieta, com meu primeiro marido e isso foi algo que eu precisei vencer. Eu tinha vergonha, 'né, porque eu estava muito perto da Monte Azul; eu ia lá todo dia, mas, eu tinha uma condição econômica muito boa e até entender que isso não era o mais importante, 'né, e que eu não precisaria ter vergonha do lugar que eu estava... eu tive que ir me trabalhando. Esse foi um lado, 'né, de tentar entender também. Outra coisa, entender, naquela época, o que era uma favela, porque a imagem que vai para mídia é que, na favela é lugar de bandidos e, muito pelo contrário. Eu entendi que as pessoas que me serviam, o porteiro do meu prédio, a pessoa que vinha limpar minha casa, eram as pessoas que moravam na favela, porque o trabalho era tão mal remunerado que elas não tinham condição de pagar um aluguel. Então, que eram trabalhadores, pessoas feito eu, e talvez com menos sorte, com menos privilégios, 'né, porque eu já nasci numa família de classe média. Então, entender essa condição social; que chega alguém lá que estudou na Alemanha, que tem conhecimento, que sai de lá e vai para o super apartamento de duzentos metros quadrados e fala para elas que elas tem que estudar uma roda, aprender, sabendo que elas vão para casa, num lugar que não tem espaço privado, para cuidar de filho, cuidar de marido. Como fazer isso, 'né? Como fazer isso sem ser injusta, sabendo dessa condição, mas, ao mesmo tempo, era algo que elas tinham que fazer na tarefa delas. Então, entender essa lida e respeitar também esses limites de saber que, eu ia para minha casa e eu tinha um quarto à minha disposição, silêncio e elas não tinham nada disso. Muitas, naquela época, nem máquina de lavar roupa tinha, era trabalhar. Eu trabalhava quatro horas, elas oito, 'né. Iam para casa e ainda tinham que lavar a roupa na mão, faxinar, ou seja, e elas é que tinham esse conhecimento da vida nessas comunidades, não eu. E agora, como juntar de uma forma fraterna e boa aquilo que eu podia contribuir com aquilo que elas contribuíram, esse foi meu grande desafio.

Entrevistador: Muito obrigada. Esse paralelo que você fez foi muito 'bacana. Então, e nesse contexto, você coordenava e tinha também o cursinho.

Ex-coordenador: Isso.

Entrevistador: O que você pode me contar a respeito do cursinho?

Ex-coordenador: Olha, uma vez a Renate e eu fizemos um cálculo de horas de cursinho; deu um doutorado, 'né? Então, o cursinho, ele abordava todos os temas com a visão da Pedagogia Waldorf dentro do primeiro setênio, então, a gente abordava conto de fadas, desenvolvimento humano, as festas do ano, o canto, tudo que tinha a ver com o primeiro setênio. E, também, às vezes, algumas outras coisas. Naquela época, tinha muita fofoca [risos]; não sei se hoje continua, mas tinha muita fofoca, eram muitas mulheres e, uma vez, a gente trabalhou o “Tratado Geral da Fofoca”, do Gaiarsa, para tentar reverter isso um pouco. A gente trabalhava alimentação, se tinha muito problema do açúcar e do sal, 'né. O brasileiro, ele não tempera com açúcar e sal; ele come açúcar e sal. Então, assim, tentar trabalhar essa questão: o que é dar um suco de fruta natural, que você não precisa agregar um açúcar. A Monte Azul é muito pioneira em muitas coisas. Então, tinha curso de reaproveitamento de alimento: como você usa uma casca de banana, a folha da cenoura, isso assim, em tempos em que nem se falava disso, 'né. Então, todos esses aspectos pedagógicos e de saúde da criança nos primeiros sete anos nós abordávamos, sempre tentando ter dinâmica artística, 'né, e uma linguagem muito acessível.

Entrevistador: Então, você me conta que, no cursinho tinha a parte da Pedagogia Waldorf, a parte de atualidades, de convívio, como esse próprio estudo do “Tratado” e o pioneirismo também relacionada à alimentação, ok?

Ex-coordenador: É. O foco era mesmo a Pedagogia Waldorf, 'né. Eventos como este, do “Tratado Geral da Fofoca”, isso não era o foco, mas acontecia quando havia uma necessidade.

Entrevistador: Certo. E assuntos relativos à comunidade aconteciam também?

Ex-coordenador: Eu não sei se exatamente dentro do cursinho, eu acho que acontecia quando a gente trazia estudo de caso, mas os assuntos da comunidade eles vinham mais nas reuniões que nós fazíamos e nas conversas sobre as crianças, 'né.

Entrevistador: Certo. Cafê, você tem algum tipo de registro desse tempo como coordenadora?

Ex-coordenador: Só foto, algumas fotos, registro não. Naquela época, não tinha computador, essas coisas [risos].

Entrevistador: Caderno? Será que você tem algum caderninho com as anotações?

Ex-coordenador: Eu posso procurar. Agora assim, de momento, não poderia te dizer se eu tenho ou não. Até porque, sabe, eu me mudo tanto que as coisas vão ficando para trás, porque eu só posso carregar o essencial [risos]. Mas, eu posso procurar. As educadoras talvez tenham, elas tenham esses registros do cursinho que nós fizemos juntas.

Entrevistador: Muito bom. Eu fiz umas anotações aqui enquanto você falava, e aí, eu quero te perguntar um pouquinho sobre os momentos de maior alegria que você teve? Quantos anos trabalhou?

Ex-coordenador: Então, sete anos eu trabalhei nas creches, mas eu sou psicóloga e depois eu fiz a formação biográfica e fiquei 16 anos no ambulatório, como biógrafa, com uma pausa aí no meio de quase seis anos que eu morei na Alemanha. Eu trabalhei quatro anos antes de ir, fiquei seis anos, voltei, trabalhei doze anos. Acabei de sair agora [risos].

Entrevistador: Olha só. Então, quais foram seus momentos de maior alegria ali, naquele contexto?

Ex-coordenador: Só na creche ou em tudo?

Entrevistador: No contexto da Associação Comunitária Monte Azul, como um todo.

Ex-coordenador: Eu acho que, sempre, toda vez que a gente conseguia resgatar um ser humano, uma criança, ajudar uma pessoa a se desenvolve aí por um bom caminho, a estudar, ter uma profissão, sair de uma crise. Isso foram pontos altos. Outros pontos altos foram as festas, 'né. Eu gostava muito de organizar as festas de Nicolaus⁶⁶, de São João, de Micael⁶⁷ para as crianças, a gente fazia teatro, cantava, preparar as festas, embora fosse muito trabalho. Sempre foi um ponto alto para mim também, as reuniões, as integrações e a convivência com esses pioneiros, a Ute, a Renate, o Paulo, que eu trabalhei muito tempo com eles ainda na Monte Azul, 'né, então, poder estar perto dessas pessoas e beber da sabedoria delas, em relação ao social, sempre foi muito especial para mim e toda essa troca, muito dinâmica que a gente tinha na Monte Azul, 'né, entre as pessoas.

Entrevistador: Sei. E você falou a respeito de resgatar o ser humano. Eu queria te perguntar um pouquinho a respeito de como as crianças chegavam na creche. Quais eram os desafios? Se você lembrar, falar também de encontros bem-sucedidos.

Ex-coordenador: Eu acho que, claro que você sempre tem famílias estruturadas, 'né, mas a gente tinha várias crianças de famílias desestruturadas, com alcoolismo, com violência, com desemprego. Um dos grandes desafios era criar ritmo com essas crianças, 'né, porque em casa era tudo muito desordenado e o ritmo faz muito bem para elas, mas, é claro que no começo elas se revelam. Também uma boa alimentação, porque eles eram acostumados com a mistura, 'né, que é arroz e carne, então, verdura, tudo isso era muito estranho. Então, é muito bonito ver no começo do ano e no final como as crianças já estavam comendo pão integral, verdura, fazendo a oração, respeitando a refeição em silêncio, mas tudo isso era um

⁶⁶ Festividade da tradição europeia, mantida pela Pedagogia Waldorf no Brasil e no mundo.

⁶⁷ Festividade para homenagear o Arcanjo Miguel, mantida pela Pedagogia Waldorf.

grande trabalho, de todo dia, todo dia se persistir. E também, um trabalho de conversas com mães e pais necessitados de ajuda, 'né, poder 'tá um pouco mais próximo, poder acolher. Então, naquela época, quando eu comecei nas creches, a condição da Monte Azul era muito diferente da de hoje. Naquela época, as crianças no inverno iam tudo de chinelinho havaiana, aquele pé duro, frio, e, aí, foi criado o bazar para que as pessoas da comunidade pudessem ter acesso a roupas melhores, calçados melhores, por um valor acessível, 'né, então, nesses quase trinta anos que eu acompanho a Monte Azul, tudo mudou muito. Mas nesse começo, esse desafio, como manter esse calor, apesar de uma criança com pezinho gelado, com havaiana, no frio de quinze graus, assim, 'né, então, era um desafio físico, anímico, espiritual. Físico nesse sentido, e também às vezes, do maltrato que a criança sofria, apanhava, um calor de alma e um calor, também... criar um ambiente bonito, 'né, criar. A Ute sempre fala isso, 'né: não é doar só dinheiro, mas você pode doar um quarto, uma coisa que cria um ambiente bonito, então, tratar dessas alminhas feridas, 'né, tão pequenas, as crianças. A Renate sempre falava isso: elas já pareciam velhinhas e depois elas iam virando criança, aprendendo a brincar, porque a criança dos primeiros sete anos reproduz o ambiente da casa. Se ela está num ambiente de violência, ela vai levar essa violência para dentro do grupo, 'né. Então, eu acho que criar ritmo, criar amor, criar calor, criar confiança de que aquele adulto 'tá ali sempre. Eram todos esses desafios.

Entrevistador: E com relação a convivência com os pais? O relacionamento com os pais, a participação dos pais no contexto da creche, como era?

Ex-coordenador: Olha, eu não posso te dizer que eu tive tanta convivência com os pais, eram pais pontuais, 'né, o que nós fazíamos era nas festas, eles vinham, e aí, a gente fazia questão de fazer tudo muito bonito, não só para as crianças, mas, por exemplo, na festa de São João tinha uma grande mesa farta, com comida gostosa para os pais, 'né, depois do evento. Então, acolher esses pais e eu não conseguia estar em todas as reuniões, 'né. Mas, por exemplo, eu tive o privilégio de vivenciar dinâmicas na Monte Azul que, hoje seriam impossíveis, porque tudo é regado pela prefeitura. Mas na minha época, as vagas eram escolhidas pelas próprias mães. No começo do ano a gente fazia uma reunião e as mães estabeleciam os critérios de vaga: então, quem 'tá desempregado e não tem companheiro, isso são coisas, assim, eu vivenciei coisas na Monte Azul que as pessoas hoje nem podem imaginar. E aí, eu também tinha ligação com os pais, ou se eu tinha que fazer uma conversa, mas não era sempre tão simples não. A gente não pode ter a ideia errônea que o social é romântico, e não é porque uma criança tem uma creche, que a gente está se dedicando, que os pais sempre reconhecem, não é assim. É um trabalho árduo, 'né.

Entrevistador: Eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre o cursinho que é a raiz do trabalho que vem se transformando, agregando, até chegar no Mainumby com a estrutura de hoje.

Ex-coordenador: Isso, exatamente.

Entrevistador: E o Mainumby com a estrutura de hoje teve a sua origem lá, então, você trabalhou muito tempo na Associação Comunitária Monte Azul. Como você vê esse caminho do Cursinho, do Mainumby que já teve várias facetas, até hoje?

Ex-coordenador: Olha, eu posso te falar muito bem do cursinho e do Mainumby, eu tenho uma imagem, clara, mas aí, eu já estava na área da saúde, eu não acompanhei tão de perto, mas eu posso falar alguma coisa. O cursinho, ele era muito íntimo, 'né? Ele era um local onde, as mães de creche e nós, as pessoas que trabalhávamos com elas, nos encontrávamos. Muitas vezes, nós convidávamos pessoas de fora para falar, o pastor da comunidade num tema apropriado, por exemplo. A Lu⁶⁸, aliás, a Lu sempre foi uma grande parceira nessa época, assim, 'né, ela sempre colaborou muito conosco. Mas, era um evento íntimo, no qual, por exemplo, se uma mãe de creche tivesse um problema e a gente percebesse que ela não estava bem, a gente podia conversar. Ali era um espaço de aprendizado, mas um espaço muito íntimo e pessoal, 'né. E, nós tivemos como parceiros nesse cursinho, muitos anos antes do Mainumby começar, as pessoas, os funcionários da Estrela Nova, que é uma ONG com a Mínia, o Y, com o Ma, então, essas eram as pessoas de fora, vamos dizer assim, que vinham participar do nosso cursinho. Então, mas eles já eram parceiros fixos, então, era um ambiente bastante íntimo e com uma linguagem muito acessível, muito cheia de imagem. Eu tenho muita gratidão a esse tempo, porque graça aos cursinhos, eu aprendi a falar de antroposofia de uma forma não arrogante, de uma forma, assim, que isso me serve até hoje. Eu posso fazer antroposofia de uma forma entendível em qualquer lugar, 'né, por conta desse exercício. O Mainumby, ele foi estruturando, tinha horário, tinha um dia, tinha tema, mas tudo muito íntimo, 'né. O Mainumby foi estruturando, dando uma forma e abriu, ou seja, ele começou a convidar profissionais do âmbito social, 'né, ligados ao trabalho, para que pudessem participar e virou uma formação para colaboradores da Monte Azul e agregando profissionais de fora, porque a gente tinha muitas perguntas de pessoas que queriam participar, mas dentro daquela estrutura do cursinho, não era cabível e eu acho que o Mainumby criou a estrutura que tornou possível, então, ele tem essa estrutura que fazia uma palestra, depois tinha os grupos de trabalhos e profissionais de vários âmbitos também, 'né, então, eu acho que

⁶⁸ Nome fictício para designar colaboradora voluntária.

o Mainumby ele trouxe, ele agregou essa possibilidade de pessoas que, não tinham condição também de ir para um seminário⁶⁹ Waldorf, de ir para uma formação, de ter uma formação acessível com profissionais da maior qualidade todos eles, então, eu acho que essa é a grande contribuição do Mainumby, é abrir esse espectro.

Entrevistador: Sim. Cafí. Lembrando desses momentos que você viveu lá na Associação Comunitária Monte Azul, momentos de frustração. Você teve?

Ex-coordenador: Ah, claro. Quem não tem? Seria estranho dizer que não tenho [risos].

Entrevistador: Gostaria de contar?

Ex-coordenador: Então, eu estou refletindo aqui, porque não são tantos assim, eu preciso dizer isso. Eu brinquei uma vez com a Ute que, se eu conseguisse fazer com um homem o que eu faço com a Monte Azul, estaria bem, porque eu sempre me apaixono pela Monte Azul, e aí, às vezes eu tenho umas crises e fico brava e depois me apaixono de novo. A Monte Azul é uma grande paixão há trinta anos. Eu sempre consegui revitalizar isso, 'né. Mas, por exemplo, deixa eu pensar, frustrações. Por exemplo, quando nas reuniões com as mães de creche e eu não conseguia passar aquilo que eu estava sentindo, ou quando uma vez eu fiquei muito brava, foi a única vez e eu gritei, assim, então, isso eu não achei legal também. Esse "não ser entendida por elas", às vezes e também, quando era coordenadora, eu era responsável por tudo. Então, se desse certo muito bem, se desse errado eu também era responsável. Isso me desanimava, às vezes, me cansava, 'né, porque aí, o coordenador, ele carrega isso, embora a Monte Azul seja muito horizontal e a minha coordenação muito diferente do que é hoje uma coordenação. Sempre você é olhado como alguém acima. Isso também me frustrava muito. Eu não queria; eu sempre tentei me colocar como elas, 'né, mas isso também é uma coisa muito da nossa cultura brasileira do chefe. Eu nunca quis ser chefe, 'né, ter que mandar uma pessoa embora era um momento de grande frustração para mim e tristeza. Mesmo que eu soubesse que a pessoa tinha que ir, mas eu tenho que fazer essa tarefa, nossa, muito difícil. Ou alguma criança que a gente perdia, 'né, que a gente estava fazendo aquele trabalho, a mãe tirava, ou a criança tinha que se mudar, ou uma condição da vida, triste, uma criança que perdia os pais, ficava sozinha. Eu estou focando muito na creche, 'né, embora eu fiquei mais tempo no ambulatório do que nas creches. Mas, eu acho que no ambulatório é parecido, guardadas as proporções. Assim, quando um cliente, você não consegue fazer um trabalho com ele, embora isso tenha me acontecido muito poucas vezes, eu preciso te dizer que uma grande frustração minha foi esse um ano e

⁶⁹ Denominação antiga do Curso de Formação de Educadores Waldorf, mantido atualmente pela Faculdade Rudolf Steiner.

meio de trabalho on-line com os pacientes, por conta da pandemia, eu não, não é a minha natureza. Não adianta eu dizer que eu tenho que estar agradecida porque eu não 'tô [risos], me esgotou muito. Atender online é uma coisa que eu não gosto, então, isso me frustra. Atender on-line me frustra, mesmo sabendo que eu posso atender alguém que 'tá lá na china, para mim não é um argumento. Eu prefiro atender quem a vida me traz do que quem 'Tá lá na China. Então, eu acho que essa foi uma frustração recente minha, assim. Mas, eu acho que é isso, assim, não ser entendida às vezes, 'né, nas minhas colocações, isso, foram esses momentos. Mas, eu não tive grandes embates, nada assim, graças à Deus [risos].

Entrevistador: Obrigada. Eu vou fazer mais duas perguntas para você.

Ex-coordenador: Por favor.

Entrevistador: Agora vamos falar da Associação Comunitária Monte Azul como um todo. O quê, para você, faz a Associação Comunitária Monte Azul ser a Associação Comunitária Monte Azul?

Ex-coordenador: Essa pergunta eu sempre me faço, 'né. Muitas vezes eu fiz palestras sobre a Monte Azul e eu me perguntei: O que define a Monte Azul como Monte Azul? E é difícil para mim responder porque, para mim, o que faz a Monte Azul ser a Monte Azul, não é algo concreto, mas é o que permeia o concreto. É esse desejo de, realmente dá condições ao ser humano, dele se tornar humano, 'né. Isso não é dar alguma coisa, mas é a forma como eu olho um ser humano, a forma como eu me relaciono com ele, a forma como eu respeito aquilo que ele é, mesmo ele chegando em mim nas piores condições, talvez sendo um marginal, 'né. Então, assim, reconhecer no outro aquilo que é humano e tentar, a partir disso, mudar alguma condição, então, esse olhar isso é o que determina para mim a Monte Azul como a Monte Azul é essa escultura do invisível, é o que 'tá no entre, é o que você não vê e que é difícil falar, 'né, não sei se dá para você entender.

Entrevistador: Você me fez entender. Você usou bem as palavras. Eu consegui fazer uma imagem disso.

Ex-coordenador: Então, é a forma como eu me relaciono com o ser humano, é a forma como eu estruturo uma reunião, onde eu incluo todo mundo, onde está a faxineira e está o engenheiro, 'né, é a forma das relações não estratificadas, mais lineares. E esse impulso espiritual incrível que eu acho que vive na Monte Azul, 'né, esse impulso de ver o ser humano como alguém muito maior do que aquele que ele é, 'né.

Entrevistador: Em uma palavra, se você pudesse comunicar o que é para você a Associação Comunitária Monte Azul, qual seria?

Ex-coordenador: Calor.

Entrevistador: Ok, eu te agradeço. Agora, te pergunto se você quer falar mais alguma coisa, se tem algo que você gostaria de expressar que as minhas perguntas não tenham alcançado.

Ex-coordenador: Bom, não necessariamente tem a ver com essas suas perguntas, eu não sei o que vocês vão fazer com esse vídeo, mas eu queria agradecer porque eu fiquei muito emocionada, a Monte Azul é a minha escola de vida, tudo que eu aprendi, eu aprendi lá, então, eu aprendi muito.

Entrevistador: Muito obrigada.

Ex-coordenador: Eu espero que eu tenha conseguido ir de encontro às suas perguntas e às suas necessidades.

3. Entrevista com Ex-Voluntário do Japão

Data e hora da gravação: 30 de junho de 2021, às 21 horas.

Tempo de gravação: 49 minutos e 26 segundos.

Modalidade da transcrição: *Ipsis Litteris*.

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Entrevistador: Boa noite. Tudo bem? Para abrir nossa entrevista eu gostaria de ler um verso, só um minutinho, é um verso de Cora Coralina:

“Desistir, eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério. É que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.”

Ex-voluntário: Meu Deus, isso é tão lindo, ai que coisa, era isso que eu precisava ouvir hoje.

Entrevistador: 'Tá bom. Muito bem. De, eu mandei para você uma prévia a respeito do que a gente iria conversar com você, então para começar eu queria te perguntar, como foi que você chegou até a Associação Comunitária Monte Azul?

Ex-voluntário: 'Nossa, vai voltar até lá, é? Muitos passos. Então, eu até escrevi um livro sobre isso, 'né? Porque a história foi muito interessante. Eu 'tava viajando pela América Latina. Recebi uma bolsa de viagem de um ano para conhecer a América Latina. E como eu estudava, estava estudando educação sexual, eu entrei em contato com as Nações Unidas, mais especificamente, com o fundo de população, ou seja, aquela agência que cuida de planejamento familiar dentro das Nações Unidas. Aí eles me passaram todos os contatos da América Latina, de gente que trabalha nas comunidades com a questão de mulheres, saúde da mulher, planejamento familiar e disseram que 'tava tendo uma conferência interamericana em São

Paulo. Meu primeiro passo foi de participar nessa conferência e depois eu ia viajar pela América do Sul e não queria aprender português porque eu achava que ia atrapalhar minha aprendizagem de espanhol. Porque eu queria aprender espanhol. Só que eu encontrei a Gel, médica do ambulatório da Monte Azul e ela me levou para a Monte Azul para conhecer. Outras pessoas também me levaram para conhecer outras comunidades. A Gel me levou para Monte Azul. Para mim, a Monte Azul foi completamente diferente dos outros, 'né? Assim, porque em outros lugares você percebe, como estrangeiro, a nítida separação de classe. Quem vem de fora para ajudar e quem é morador para receber ajuda. Essa nítida e incrível separação, eu não vi na Monte Azul. Aí eu achei tão bonito e eu voltei novamente sozinho para conversar com a Gel, ela começou a explicar as coisas da antroposofia, Rudolf Steiner, as palavras soavam muito estranho para mim, mas eu fiquei curioso. Eu queria conhecer essas ideias diferentes, 'né? Aí eu perguntei para Gel se eu podia ficar um pouco porque eu vi que tinha alemães trabalhando como voluntários. Falar a verdade eu precisava ter bastante coragem para perguntar isso: primeiro por ser japonês, pedir alguma coisa é difícil para nós; segundo porque eu já tinha plano de viajar, terceiro porque não conhecia nada dessa comunidade, da favela e outras coisas, 'né? Mas pensei: — Bom, eu acho que, assim, eu preciso ficar um pouco. Hoje, eu até penso que eu escutei uma voz dizendo: — De, tenha coragem para pedir. E eu pedi, a Gel aceitou e me levou para creche Menino Jesus onde a E, La e na época Na e depois Nalia eram as mães da creche. Eu ia ficar lá duas semanas; depois pensei: — Bom, eu vou ficar mais um pouco. E fiquei mais tempo e acabei ficando lá cinco anos. No começo era na Creche Menino Jesus, depois trabalhei em cima na escolinha, antes do centro cultural. Eu lavava alface, lembra? Lavava alface todos os dias para fazer minha tarefa. Foi muito, muito interessante. Aí depois, como eu já 'tava relacionado com governo de São Paulo, as pessoas pediram minha ajuda em realizar a campanha de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) na comunidade e o que levei para reunião do ambulatório, na época. Sine e a Ete ajudaram e a gente fez várias, várias campanhas e acabei ficando. Durante cinco anos eu me autofinanciava, 'né? Eu voltava para Japão de vez em quando, fazia palestras, recebia dinheiro, escrevi livro, vendia, levei a Te para uma viagem no Japão inteiro. Eu era aluno de Universidade no doutorado e recebia a bolsa de estudo, 'né? Então eu trabalhava como voluntário com esses recursos que eu juntava. E passando cinco anos eu tive Oz, minha filha, que também nasceu com a Gel, parteira da Monte Azul. Uma experiência inesquecível. A primeira lembrança da minha vida, se você for perguntar foi o nascimento da Oz. Foi muito incrível. Oz nasceu e eu tinha que começar realmente trabalhar, levar a sério minha vida. Eu levei a família para Japão, trabalhei na AIDS no Japão, com a comunidade brasileira do

Japão, só que foram três anos de contrato, passando esses três anos eu encontrei outro projeto que era da JICA, e a JICA ‘tava procurando alguém que fosse para Fortaleza, para realizar um projeto de saúde materno-infantil e eu me candidatei. Eu fui aceito e fui enviado a Fortaleza, onde eu trabalhei durante cinco anos nesse projeto; a proposta foi a humanização do parto porque bem no início quando a gente procurava o tema, a Gel falava no meu ouvido: — De, faz a humanização do parto, humanização do parto. Eu prestei atenção porque eu não sabia muito bem a situação do Brasil, mas para planejar esse projeto a gente pesquisou bastante. Vimos que o Brasil precisava de gente que nem a Gel, parteira profissional, então a gente escreveu proposta para o governo do Brasil para formalizar a profissão de parteira profissional e com bastante ajuda das parteiras do Japão. A gente recebia muitas visitas das parteiras do Japão. A gente mostrava a arte de parteira para os médicos e enfermeiros do Brasil. Então foram cinco anos desse projeto com a JICA. Então foi muito lindo projeto e a JICA de São Paulo, era, na verdade, um pouco separado do meu trabalho porque a gente trabalhava com Brasília, mas JICA de São Paulo fazia visita para Monte Azul de vez em quando, comigo e perguntou para mim se a Monte Azul não gostaria de dinheiro. Eu falei: — Claro que sim, ‘né? Eles perguntaram se tinha um projeto interessante na Monte Azul. Eu perguntei para Renate. Renate falou: — Ah, a gente quer ampliar o cursinho de sábados, o cursinho de sábados. Então fez um projetinho sobre isso. E depois de um certo tempo surgiu esse nome: Mainumby. A JICA gostou. A JICA não tinha outros contatos com comunidades carentes. O contato da JICA era com o governo, com negócio e não tinha contato com comunidades, então eles aceitaram a proposta e financiaram. A Renate sofria bastante com essa relação com a JICA. A JICA era bastante cri cri e sei lá, a Monte Azul um pouquinho relaxado no olhar de JICA em termos de planejamento, prestação de conta. A Renate falava assim: — Ah, na comunidade você não pode planejar e sempre ficar dentro do planejamento, todo. Mas acho que o financiamento foi bastante significativo. Eu mandei outro dia para Pa⁷⁰ a o valor, foi 15 milhões de ienes, ou seja, 150.000 dólares, na época. 150.000 dólares em quatro anos. 2001 até 2004 e no relatório da JICA ‘tava escrito que a Monte Azul recebeu cento e vinte e oito inscritos, cento e vinte e oito pessoas começaram e sessenta e três terminaram para receber o certificado. Veio instituições de várias partes. Várias comunidades participaram.

Coordenador: De você falou que foi feito um projeto. Eu entendi que você fez o projeto.

Ex-voluntário: Não, a Monte Azul. Eu só fiz ponte, eu era apenas uma ponte entre JICA e a

⁷⁰ Nome fictício da entrevistadora.

Monte Azul. A Monte Azul que escreveu a projeto, mandou para JICA. JICA fez a visita porque eu ‘tava em Fortaleza. O meu projeto em Fortaleza terminou 2001 e eu voltei para Japão durante dois anos, ’né, e no finalzinho do meu tempo em Fortaleza eu consegui fazer essa ponte entre Monte Azul e JICA de São Paulo e depois saiu o projeto e o Monte Azul trabalhou com esse financiamento entre 2001 até 2004 e eu voltei para Monte Azul no ano de 2003, finalzinho do curso Mainumby, novamente para trabalhar durante dois anos, agora para JICA de São Paulo. Então eu peguei o finalzinho do Mainumby durante um ano e meio. Eu ‘tava fazendo o projeto junto com a JICA de São Paulo, junto com a Secretaria de Saúde, Secretaria de Educação, Secretaria de Meio Ambiente, UNICEF (*United Nations Children’s Fundation*)⁷¹ e UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*)⁷². Muita gente envolvida, mas menos recurso Algo mais pontual na região de Campo Limpo. O Mainumby era muito interessante para o meu projeto porque já ‘tava acontecendo e meu projeto em São Paulo foi chamado: Um projeto pela Paz. Primeira Infância pela Paz, então o Mainumby era uma proposta muito importante para treinar as mães de creche, os funcionários de creche de outras comunidades.

Coordenador: Ok. Muito obrigada pelas informações, pelos dados e agora nós vamos te fazer uma pergunta mais subjetiva. Queremos saber o que foi para você conhecer a Associação Comunitária Monte Azul? Conviver com as pessoas ali? Trabalhar ali? O que representou para você?

Ex-voluntário: Eu fui para Monte Azul já há trinta e três anos atrás. Eu tenho sessenta anos, mais da metade da minha vida é com Monte Azul. E falando português, amando o Brasil porque naquele ano 1988 quando eu conheci Monte Azul eu conheci muitas coisas novas, a Antroposofia, as favelas, o Brasil, idioma português, tudo, tudo. E essas novidades se tornaram central da minha vida. Depois disso sempre aconteceram coisas ao redor do Brasil, em português, com os brasileiros, com pensamento antroposófico, mais para as pessoas da comunidade menos favorecida do que de outra classe social. Até hoje meus amigos são quase todos ou da Monte Azul, ou ex-voluntários da Monte Azul, ou apoiadores da Monte Azul, sabe? E depois que eu voltei para Japão, já faz quinze anos, eu trabalho com as comunidades brasileiras através das escolas brasileiras, no Japão, ‘né? Onde não tem Antroposofia, onde não tem atitude com relação à Pedagogia Waldorf, mas são brasileiros. Então eu continuei no caminho. E eu procuro levar a Monte Azul para eles, ’né, o meu conhecimento que adquiri através da Monte Azul, a atitude de trabalho com a

⁷¹ *United Nations Children’s Fund.* Órgão da Organização das Nações Unidas.

⁷² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura. Agência das Nações Unidas.

comunidade e também um pouquinho da Pedagogia Waldorf que eu aprendi. Então eu procuro levar a minha experiência com a Monte Azul para essas comunidades brasileiras aqui no Japão. Então mudou minha vida. Não sei se mudou a minha vida ou eu encontrei minha vida lá.

Entrevistador: Na verdade tenho uma dúvida bem concreta porque aconteceram três anos do primeiro Mainumby depois um 4º ano de aprofundamento. E uma coisa que não ficou claro para gente porque temos informações diferentes foi que sobrou dinheiro nos primeiros três anos e por isso pôde-se fazer o quarto ano, você sabe disso dessa sobra de dinheiro?

Ex-voluntário: Não sei muito bem, esse lado eu não sei, mas é o seguinte, a Monte Azul começou já no ano de 2001 nos meados de ano, não lembro, Junho, alguma coisa assim. E quando eu fui visitar a Monte Azul, setembro 2001 a Monte Azul ‘tava reclamando: — A JICA não dá dinheiro, ‘tá demorando porque não sei quem não assinou, não sei o que tal. Mas eu sei que dezembro a JICA começou a pagar, então a Monte Azul tinha gasto primeiros meses sem financiamento, ‘né? E JICA começou a pagar somente em dezembro de 2001 e pagou durante 2002, 2003, 2004, não sei até quando. Então a JICA deve ter pago essa fase e depois terminou e o que a Monte Azul tinha talvez era para compensar o gasto no início, alguma coisa assim e depois a Monte Azul, sem financiamento próprio da JICA, continuou fazendo o curso, alguma coisa assim.

Entrevistador: Pode ter sido mesmo algo assim. E aí então o que eu queria ouvir ainda de você é se você tem algum pensamento para a gente nesse sentido, para o futuro. O que você acha que é importante fazer, pensando no mundo de hoje?

Ex-voluntário: Ok. Então no Japão o problema é educação para brasileiros. Eles enfrentam uma situação muito difícil, estão bastante perdidos, porque os pais trabalham durante muitas horas e os filhos na escola japonesa se perde e, na escola brasileira se perde. Educação é muito complicado. Eles precisam de uma orientação. Orientação, uma proposta internacional Brasil-Japão uma com bom casamento, porque só com a escola japonesa não funciona. A educação das escolas japonesas para filhos dos brasileiros para 80% das vezes não funciona. A criança fica muito perdido. Somente uma pequena porcentagem de filhos de brasileiras tem sucesso no mundo acadêmico, a grande maioria fica muito parecido com a favela. Tem gente muito inteligente em qualquer lugar, mas maioria fica como no movimento de migração de Nordeste para São Paulo, no Brasil. Locais brasileiros aqui do Brasil, no Japão, então no novo ambiente os imigrantes tem muita dificuldade. A sociedade hospedeira, no caso Japão, não consegue educar eles, por isso muitos escolhem a escola brasileira no Japão porque eles sentem mais confortável. Estas escolas estão muito longe do Brasil, então receber a nutrição do Brasil é muito difícil, até a

exposição ao idioma é muito limitado, só dentro da escola com os professores, entre alunos conversando em português e não tem a riqueza de museu, livros e muitas coisas faltam, então a gente ‘tá vendo muita dificuldade de filho de imigrantes brasileiros aqui no Japão. E eu acho que um curso assim, desse tipo vai muito beneficiar essa comunidade.

Entrevistador: Um curso para os educadores que trabalham diretamente com crianças, adolescentes e jovens brasileiros no Japão?

Ex-voluntário: E ao mesmo tempo eu acho legal se a gente puder oferecer um curso parecido para o povo japonês, pois educador comunitário não existe aqui no Japão, não tem esse conceito e é muito necessário. Japoneses também têm que aprender isso pelo menos para trabalhar com os imigrantes, pelo menos com os brasileiros e tem muita gente de boa vontade que querem trabalhar com a comunidade brasileira e até falam português mais ou menos. Estes também vão se beneficiar muito, ‘né, com esse tipo de curso.

Entrevistador: ‘Nossa, que coisa muito interessante, muito interessante mesmo. Vamos pensar o que a gente consegue fazer juntos. Eu estou bem satisfeita, muito obrigada, muito feliz. Um abraço para você.

Ex-voluntário: Obrigada você também.

4. Entrevista com Ex-Coordenadores Pedagógicos e Docentes do Curso MainumbyI.

Data e hora da gravação: 08 de abril de 2021, às 14 horas.

Tempo de gravação: 1 hora e 55 minutos e 12 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsi Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Entrevistador: Nós pensamos em começar com um desenho para a gente esquentar. Algo bem simples com a pergunta: — O que é o Mainumby para você?

Ne: ‘Tá bom.

Entrevistador: Vamos mostrar?

(Coordenador mostra o desenho)

(Ne mostra o desenho)

(Ie mostra o desenho)

Ie: Muito lindo.

Entrevistador: Nesse primeiro bloco a pergunta é: — Como foram

acontecendo os Mainumbys, a partir do primeiro financiamento até onde vocês estiveram presentes?

Ne: ‘Tá. Uma coisa que me marcou no primeiro Mainumby, foi a questão financeira. O gesto da LLo, ela dividiu com todas as coordenadoras que assumiram as suas áreas o dinheiro que recebeu do pagamento de seu trabalho como conselheira. Isso é uma coisa que eu me lembro sempre, essa relação com o dinheiro já começou um pouco diferente, achei bonito. Talvez não tenha se desenvolvido tanto isso porque depois veio um financiamento bom.

Entrevistador: Eu gostaria de fazer uma pergunta pra localizar na história. Durante o caminho da história quando foi que houve esse gesto da LLo? [inint]

Ne: Foi enquanto não chegava o dinheiro da JICA no Mainumby I.

Entrevistador: Então teria só um salário para LLo e ela distribuiu entre todos. Foi assim.

Ne: É, ‘né Ie?

Ie: Bom, eu como uma boa fleuma, me lembrei de que estávamos em um congresso na escola Rudolf Steiner e nesse momento nós recebemos a notícia, através (*sic*) do De que a JICA tinha aprovado o financiamento de um curso de formação de educadores. E então no meio do congresso, em alguns intervalos, paramos e fomos pra uma sala. Ali havia várias pessoas para conversarmos sobre o porquê existir o curso. Em seguida foi feito um projeto e o De apresentou na JICA e então, depois de muito tempo, quando ninguém nem lembrava mais, veio esse retorno. Então nós fizemos reunião para formar um grupo e pensar como fazer isso, ‘né? Não sei se você ‘tava Ne.

Ne: Não, ainda não.

Ie: Foi o primeiro encontro do nascimento do Mainumby, ‘né?

Entrevistador: Isso é em 2000?

Ie: Isso acho que foi 2000. Porque daí começou em 2001.

Ne: Em março de 2001 eu já tinha entrado.

Ie: Isso foi em 2000. Foi no congresso lá na Steiner. E aí se formou aquele grupo. Depois tivemos outras reuniões na Monte Azul e a contribuição da LLo foi fundamental. E aí a gente foi pensando: como seria a grade curricular, [init.], quais eram as pessoas que ocupariam os cargos. Toda semana tínhamos uma reunião na sala de visitas que infelizmente não existe mais, para mim foi muito dolorido.

Ne: Não existe mais?

Ie: Não, agora virou ateliê ‘né?

Ne: Ah bom.

Ie: Mas aquela sala tinha um espaço muito aconchegante. E os encontros foram lá todos esses

anos. Faz sete anos que a gente se reúne lá embaixo, na Casa Amarela, mas antes disso nos reuníamos lá. Eu tenho doces lembranças daquele espaço. Era aonde íamos nos construindo a cada encontro, fazendo uma retrospectiva do encontro anterior e pensando nos próximos.

Ne: Fomos bem sistemáticos, 'né? Nessa maneira de construir um pouco toda a semana, esse ritmo era quase infalível, 'né? Como eram várias pessoas e muitas experiências ricas, todo mundo tinha espaço para relatar a vivência de seu grupo, 'né? O curso já começou com aquela estrutura de uma palestra sobre um tema principal dentro da grade, 'né? E depois uma vivência artística e depois, eu acho que foi o marco para mim do Mainumby. Ao longo dos anos cada vez mais foi clareando a importância daquele grupo, eu não me lembro agora o nome.

Ie: Grupo de interesse, 'né?

Ne: Grupo de interesse. Para fazer o vínculo no dia a dia. De como isso será levado nas áreas da Monte Azul ou de quem estivesse participando. Levantando perguntas e necessidades. Uma coisa que me marcava também, porque eu entrei na Monte Azul e já entrei no Mainumby, o que me marcou foi esse companheirismo da gente ir aprendendo enquanto fazia. Porque eu não tinha essa experiência de acompanhar vivencialmente o projeto Caminhando Juntos e então eu fui aprendendo e coordenando ao mesmo tempo, 'né? Isso foi muito 'bacana. Foi uma vivência cheia de desafios, inseguranças, descobertas, companheirismo e ao mesmo tempo como coordenador da área. Você 'tá numa posição que é diferente. Você está entre colegas e também como coordenador no dia a dia. Não só lá no sábado, mas no dia a dia do trabalho. Isso às vezes tem uma peculiaridade. Uma coisa que era pedida para os coordenadores era que participássemos de tudo. Isso era uma condição, a gente escutava as palestras, depois dava o nosso *feedback*. Sobre o que nós ouvíamos das pessoas, no grupo de interesse, nas conversas e nos intervalos. E então a gente participava de tudo.

Ie: Eram três momentos: no primeiro momento, ficavam todos juntos no teatro, com uma palestra temática. Em seguida, no segundo momento, a turma se dividia em dois grupos e um grupo fazia as oficinas e o outro grupo participava do grupo de interesse e, depois, invertia. E assim a gente também participava das oficinas e do grupo de interesse, sem superlotar as oficinas.

Ne: Usando aquele espaço maravilhoso ali do Centro Cultural, salas grandes que permitia você fazer canto, movimento, e as aulas de dança que nós tivemos lá.

(Nesse momento alguém da Instituição, aqui denominada por Se, entrou na conversa)

Se:(neste instante, alguém da instituição entra na conversa). Eram seis artes, não eram? Três durante um ano e meio e três no outro um ano e meio. Cada pessoa participava em meio ano de uma das artes e depois na próxima. Então completa um ano e meio, foi um rodízio. Então, a

gente dava duas vezes a mesma arte.

Ne: É.

Ie: Isso.

Se: Justamente por causa do grupo de interesse.

Ne: Foi. Tivemos canto, euritmia que depois virou dança, 'né? E euritmia, artes manuais, desenho de formas, pintura, 'tá me faltando...

Entrevistador: Argila.

Ne: Modelar argila, 'né. [inint].

Entrevistador: Deu mais de seis: canto, artes manuais, pintura, formas, argila, euritmia...

Se: Arte da fala.

Ne: Eu acho que mudava, acho que teve uma variação. Uma arte que não pôde ser dada no semestre ou em um ano teve variação. Por isso que tem mais modalidades.

Ie: Mas eu acho também, Ne, que no quarto ano nós trouxemos essas diferenças e as pessoas fizeram escolhas, se eu não me engano, porque no quarto ano tinha um outro contexto. Até porque tinha a questão do TCC (Trabalho de Conclusão de curso), o trabalho final.

Su: Isso mesmo, nos primeiros três anos foram seis Artes e no quarto teve diversas outras.

Ne: É, isso mesmo. E esse TCC depois com a Ra. Ela apresentou um jeito próprio de escolher um tema. Ela trouxe um processo de relação e depois uma pergunta: — Como as pessoas escolhiam o tema? E nós como coordenadores nos colocamos a serviço para os participantes escolherem a tutoria. Porque tinha uma tutoria para fazer nesse acompanhamento, por meio das reuniões de acompanhamento. as dificuldades a gente levava para reunião de supervisão semanal.

Entrevistador: Deixa eu perguntar uma coisa, esse TCC com tutoria, não foi no Mainumby II? Porque o Mainumby I, ele foi coordenado pela Mw. E aí teve o aprofundamento que pelo que nós lemos nos documentos sobre o aprofundamento, ele foi feito com a sobra de uma verba.

Ne: Pode ser.

Entrevistador: Já o Mainumby II foi organizado com o aprofundamento previsto e foi a Ra, se não me engano que foi responsável pelo Mainumby II.

Ne: Tenho alguma lembrança dos maravilhosos retiros.

Ie: Eu tenho muitas fotos dos Retiros, mas tudo física, se alguém precisar.

Entrevistador: Precisamos sim, eu vou até anotar aqui. 'Tá. No Mainumby II e III houve retiros também?

Ie: Sim, também.

Ne: Tiveram. Houve um no mosteiro, maravilhoso, 'né?

Ne: O primeiro foi no Centro Paulus⁷³.

Entrevistador: Foi, é.

Ne: Não, o primeiro foi sobre artes, foi ainda em outro lugar que eu não fui.

Ie: Ah não desculpa, o primeiro foi nesse Terras Altas⁷⁴.

Entrevistador: A temática foi o Caminho do Desenvolvimento da Humanidade, não foi?

Ie: É, eu não me esqueço do gongo que o Ge e a Di levaram, da piscina que foi maravilhosa. Muitas coisas boas. E depois nós tivemos um com o Ai, da Paidéia.

Ne: Teatro, acho.

Ie: A gente fez teatro também, foi muito legal.

Ne: O do centro Paulus foi sobre biográfico, 'né? Que foi o grupo Mani e Manu [inint]

Ie: Isso eu não me lembro, você acredita? Apagou completamente. Ah 'to lembrando.

Entrevistador: 'Tá faltando um.

Ne: Um retiro?

Entrevistador: É.

Ne: Será que teve ano que não foi?

Entrevistador: Porque foi semestral, 'né? Não era semestral?

Ne: Eu não sei se no último ano o dinheiro deu.

Entrevistador: Não, acho que vocês têm razão, era no começo do ano, era um por ano mesmo, é isso.

Ne: Eu me lembrei de uma questão, acho que tem a ver com financeiro. A gente convidava novas pessoas 'pra participar. Acho que era uma intenção mesmo de trazer coordenadores novos para o grupo de interesse, 'né? [inint].

Ne: Isso, a Si assumiu um grupo de interesse e eu a apoiava e isso aconteceu em vários grupos de interesse da gente passar o bastão mesmo, 'né? E isso foi muito interessante. Em alguns momentos eu entrava com ela. A gente fez atividade de Natal juntas, quase que um semestre todo, 'né?

Entrevistador: Só um minuto, tivemos Mainumby III?

Ie: Nós não tivemos III.

Ne: É, aí eu fico perdida, 'né, nesse tempo.

Ie: O que houve foram os cursinhos da Renate.

Entrevistador: É, 'né?

Ie: Foi a partir deles que surge a ideia de um projeto para ter dinheiro, para fazer formações. E

⁷³ Local destinado para retiros e eventos.

⁷⁴ Local destinado para retiros e eventos.

aí quando veio o dinheiro a gente foi escolher o nome do curso. Veio essa ideia de chamar o curso de Mainumby, por ser um outro nome do beija-flor, em Guarani. E aí todo mundo concordou que esse nome era adequado.

Entrevistador: Houve um movimento onde os coordenadores passaram os grupos de interesse para serem coordenados por educadores, vocês se lembram se isso foi no Mainumby I ou no Mainumby II?

Ne: Não, não foi no I não, isso já foi depois. Eu me lembro bem que foi junto com a Ra, acho que foi até no terceiro Mainumby e não foi uma deliberação para todos os grupos de interesse, e sim uma coisa de ir sentindo, 'né? Eu não lembro exatamente, mas eram questões específicas ou de saída de um coordenador e com isso se abria essa necessidade, mas ao mesmo tempo tinha esse espírito de fomentar realmente a essa passagem de bastão.

Entrevistador: 'Tá, se não me engano o grupo era berçário e Mini Grupo compondo um grupo de interesse. E depois a creche compondo outro grupo de interesse.

Ne: Em algum momento houve a necessidade de separar e em primeiro momento eram juntos. Viu-se a necessidade de separar, porque eram interesses bem específicos, 'né?

Entrevistador: Sim, eu tenho uma pergunta sobre isto que é: — Quais eram as áreas que foram abordadas no Mainumby I? As áreas pedagógicas.

Ie: Eram todas.

Entrevistador: Então vamos lá, você especifica para mim?

Ie: Bom, a gente tinha o primeiro setênio, segundo setênio, terceiro setênio e Caminhando Juntos.

Entrevistador: E sobre o quarto ano de aprofundamento, vocês poderiam falar um pouquinho?

Ne: Esquecemos de falar que essas reuniões semanais eram um período inteiro, Quatro horas de reunião e elas tinham então estudo [inint]. Tinha estudo. Surgiu, com o tempo, um sentimento muito forte de que a linguagem daquela aula principal precisava ser mudada. No sentido de uma linguagem menos esotérica que é de pouco acesso, para algo mais vivencial. Alguma coisa mais próxima de nós. Era sempre falado sobre a nossa linguagem dentro daquela aula principal e qual metodologia usar. Nos últimos tempos tinha uma frase, que para mim ressoou bastante: esse curso tem que ser interessante não só para os coordenadores. Esse curso ele 'tá servindo?

Entrevistador: Isso que você falou é muito importante. Nas reuniões semanais percebeu-se que precisava mudar algo com relação aos discursos e as estratégias para adquirir a atenção e o interesse dos participantes, é isso 'né?

Ne: É, acho que tinha aquela coisa que, talvez, não fosse tão explícito: havia a diferença entre

o professor que envolvia o público, sempre avaliávamos isso. Olhávamos para isso no momento da retrospectiva o quanto o professor conseguia envolver os participantes com as perguntas ou na maneira de colocar o tema.

Ie: E a maior questão, não se tratava apenas da intenção, atenção e participação; mas a compreensão do que estava sendo dito. E conforme a linguagem muitas pessoas não entendem, 'né?

Entrevistador: É, eu participei do primeiro Mainumby e depois participei de um Mainumby Itinerante, isso foi em 2016 lá na Bahia. Percebi que havia uma diferença muito grande na abordagem, acredito que vocês passaram por um processo de construção, questionamento e revisão. E aí nesse momento lá no Mainumby Bahia em 2016, entrou-se de cheio na questão dos processos vitais atuando enquanto ferramenta para aprendizagem. Quem fez a coordenação desse projeto foi a Ra. Vocês conseguem contar como foi que aconteceu essa transformação?

Ne: Eu acho que foi uma busca de aprendizagem mesmo. Cada um tinha mais afinidade com algo, fosse dar uma palestra ou apresentar o conteúdo de uma maneira mais participativa, e isso era conversado. Sabe, eu vou dizer uma coisa aqui, não sei se interrompe com a pergunta. Mas essa transição que você 'Tá colocando para o Mainumby Bahia ela também tem algo que é da própria Ra. Porque ela tem essa pegada da vivência, de levar, e não ficar nessas palestras enormes que todo mundo dorme. Que era sempre uma conversa: — E aquele povo que 'tá dormindo ali no último banco? Porque é escurinho ali, 'né? Isso era sempre uma preocupação a ponto de provocar essa mudança. Não foi um processo todo compartilhado. Enquanto Ra esteve conosco, ela sempre teve esse jeito de compartilhar tudo conosco, tudo, inclusive, ela compartilhava coisas administrativas. Porque ela achava que o educador é um cidadão da educação e precisa se apropriar também de todas as questões financeiras e administrativas. Então ela jogava tudo na reunião. Ela é bem dinâmica e bem participativa. A impressão que eu tenho é que ela tomou isso nas mãos nesse momento em que ela ficou com você, no Mainumby Bahia. Ela se sentiu na liberdade de tomar esse impulso fortemente. Eu tive algumas conversas com ela no começo da elaboração desse projeto lá da Bahia, mas eu não dei continuidade.

Se: Acho que também o que foi importante nesse processo foi o Projeto Enfrentando o Futuro com coragem. Tem uma metodologia parecida e a partir disso ela foi se aprofundando nos processos vitais.

Ne: É verdade. É, isso ela era a coordenadora dos jovens, 'né? Numa época antes de assumir oficina social. Na coordenação dos jovens ela já começou com essa Metodologia dos Sete

Processos Vitais. No Projeto Aprendendo com o Destino, 'né? O método de aprendizagem para jovens e adultos.

Se: Entrevistador, eu me lembro bastante que a Ra tentava passar esses sete passos para um grupo durante um tempo. E não, acho que em parte foi incorporado, mas não na mesma medida como ela tinha desenvolvido.

Entrevistador: Entendi. 'Tá bom. E aí nós tivemos três Mainumbys, foram três vocês confirmam? Ou foram dois?

Ne: Eu me lembro de três e fico em dúvida se foram quatro. Mas a minha memória é realmente péssima. Ie disse pra mim que não, que são três.

Ie: Eu digo que são dois. [inint] formato no Centro Cultural⁷⁵, depois a gente não tinha mais verba, mais patrocínio. E aí foi feito esse Mainumby diferente, com encontros mais abertos, um outro formato que foi o que a Ra foi levando em frente.

Ne: Eu participei de todos, fiquei até o fim e não me lembro de ter uma diferença radical. Talvez esses questionamentos e as avaliações fossem mais presentes. Eu lembro também que tinha uma questão: como tinha menos dinheiro a gente falava também de usar as pratas da casa uma expressão que nem é tão bonita. Quem vinha de fora era estrela, aquelas estrelas falavam: — Ah não vamos usar as pratas da casa. E então tudo é uma coisa só, 'né? Aproveitar essa questão financeira com o impulso foi importante para beneficiar e passar o bastão para outras pessoas participarem. Mas a estrutura de aula grande principal no grupo de interesse e atos continuava até o fim.

Entrevistador: Muito 'bacana. Vocês poderiam falar um pouquinho a respeito do relacionamento entre os participantes, entre os coordenadores ou dos coordenadores para com os participantes e alunos? Os participantes com os docentes que vinham, como que era esse entrosamento?

Ne: Eu lembro que um detalhe era que o horário do café: era pensado em meia hora para propiciar esse momento que era muito importante. As pessoas sentavam, conversavam e trocavam ideias. Também falavam com os palestrantes. Era o momento nem todos saíam correndo, 'né? A gente conversava, trocava um pouquinho e corria uma boa conversa. Nós até comentávamos sobre ser um momento importante de *feedback* que era levado depois para as reuniões semanais.

Entrevistador: 'Tá certo.

Ne: E assim, como coordenadora da área era possível acompanhar o que aparecia ali no dia a

⁷⁵ Espaço físico da Instituição dedicado a encontros e eventos culturais.

dia e o resultado do Mainumby, 'né? Era uma animação, as coisas práticas apreendidas eram levadas para sala de aula, eram levadas para as reuniões com os professores. Eles trocavam entre eles: — Ah então vamos fazer isso e como faz, como que é? A questão prática tem um valor. É uma necessidade de as professoras ter um instrumento para levar; e isso eu lembro que no primeiro Mainumby era sempre bem enfatizado: — Ah querem uma prática, mas a gente não 'Tá aqui para dar receita, a gente 'Tá aqui para estimular a compreensão e a criatividade, 'né? Então era em torno dessas duas questões, 'né? Então tem um impulso na compreensão, no sentido de se aproximar de qual é a ideia que está aqui. O que é importante para o desenvolvimento da criança e do que a criança precisa, 'né? A criança busca, mas também é importante [inint]trocar repertório sobre as necessidades e sobre o que aparecia.

Entrevistador: Ie e em relação as instituições que vinham de fora, que participavam dos Mainumbys, você tem lembranças dessa convivência? Não apenas da troca, mas também do trabalho que era realizado lá nas instituições?

Ie: Olha, eu me lembro.

Ne: Acho que era mais uma atividade para acompanhar as instituições. Ir até algumas instituições. No primeiro curso cada uma de coordenadoras, tínhamos uma Instituição para acompanhar. Eu lembro que eu fui visitar uma em Piraporinha.

Ie: Isso aconteceu, mas eu não cheguei a participar desse grupo de instituições. E também teve, por exemplo, grupo de interesse, reuniões e encontros em que algumas pessoas participavam de outras instituições. Eram momentos em que acolhíamos as angústias para fazer uma troca e fornecer apoio também.

Entrevistador: Então, a próxima pergunta é: Como era feita a acolhida ao docente participante do curso no dia de sua participação?

Ie: Tínhamos sempre uma pessoa do grupo da coordenação responsável por cuidar desses participantes, 'né? E a gente realmente acolhia com muito contato, muito carinho e muita responsabilidade. [inint].

Se: Eu concordo porque eu era docente convidada e me senti muito acolhida e orientada. Então muitas coisas que vocês falaram agora me lembro bem claramente. Como não ser receitas, sobre uma linguagem simples que envolve todos, tudo isso foi passado para mim como uma orientação.

Ie: 'Nossa, isso é fundamental e sempre existiu essa questão de as pessoas dizerem que o curso precisa ser mais prático e menos teórico. Vocês já trouxeram isso aqui e nós debatemos. Mas pelo amor de Deus não adianta só ser prático, 'né? Nós precisamos entender a prática que

estamos fazendo, o porquê eu faço assim e não assado. Então era uma luta constante, principalmente com a Dona Ute, 'né? Ela vivia pregando a prática e menos teoria e hoje uma das coisas que está na nossa visão é realmente entender a teoria por trás da prática. Para que todos carreguem essa consciência e poder se colocar em qualquer situação com tranquilidade, 'né? Por que a gente comemora as épocas do ano? Por que fazemos assim não assado? Isso é muito importante.

Entrevistador: Está bem. Obrigada a todos pela participação. Até logo.

Ie: Até logo.

Ne: Até logo.

Se: Até logo.

5. Entrevista com Ex-coordenadora Administrativa do Curso Mainumby de Formação de Educadores Comunitários.

Data e hora da gravação: 16 de abril de 2021, às 14 horas.

Tempo de gravação: 57 minutos e 30 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsi Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Entrevistador: As entrevistas são muito importantes para a gente entender todo o contexto do curso, então, muito obrigada pela participação. No começo da nossa entrevista a Se (participante convidadas pela Coordenador) vai fazer uma parte artística conosco.

Ra: Aí que delícia!

Se: Então o que eu pensei foi de a gente fazer um desenho com o que tiver de material aí, na mão, pode ser caneta, giz, qualquer material que tenha aí por perto para responder com alguma expressão artística à pergunta: O que faz Mainumby ser Mainumby para você? E o que isso tem a ver com você?

Ra: “Nossa, ’Tá, vou pegar aqui o material.

Entrevistador: Então Ra, no primeiro bloco de perguntas nós queremos perguntar para você: — Como foi a sua chegada no Mainumby? Como desenvolveu o seu caminho? E como foi a sua saída?

Ra: É só essa pergunta? Ou tem outra?

Entrevistador: A partir dessa pergunta e de um roteiro bem simples que nós fizemos, a gente vai fazer outras.

Ra: 'Tá. Bom, eu quero falar que a situação de entrevista é bem diferente de escrever, 'né. E que eu fico superconfortável escrevendo, porque justamente eu posso olhar de novo, então eu 'tô me sentindo um pouco... como se fala isso? Vai sair do jeito que sair e eu não vou ter chance de arrumar, então é um pouco desconfortável. Mas 'tá bom, acho que é uma experiência.

Entrevistador: Você pode também optar por não deixar a gente revelar os dados.

Ra: A minha questão não é o que vai ser citado para fora não, é a resposta mesmo que eu vou dar para você, mas vou embarcar, só queria compartilhar como eu 'tô me sentindo, 'tá bom? 'Tá bom, vamos lá! Então quando eu cheguei...

Entrevistador: Só completar, agora vamos ouvir sobre você no processo e o processo do Mainumby.

Ra: Ah, então sobre a chegada: eu cheguei, só para situar vocês, no finalzinho do quarto ano do Mainumby I, aquele que foi financiado pela JICA e que a Mw era coordenadora administrativa. Então era o ano de 2005 quando eu comecei a trabalhar no Mainumby. E nesse último ano, ele já era um pouco livre, podia criar um pouco. Eu não lembro o que fiz de verdade nesse ano, mas foi muito rico, o que eu lembro de bem quente, era das reuniões da Coordenação, 'né? Então, ali era para pensar o curso e um achava uma coisa, o outro achava outra e eu chegando para coordenar, praticamente tinha um ano de Monte Azul, um ano e pouquinho. Foi 2004. Em 2005 já começou o outro Mainumby, acho que foi isso mesmo. Eu entrei no Projeto Liberdade Assistida⁷⁶, com os meninos em conflito com a lei e depois de seis meses eu fui para o Projeto Tecendo o Futuro⁷⁷. E quando eu fui 'pro Tecendo, fui 'pro Mainumby também, entendeu? Não como gestora, como parte do grupo coordenador. Então essa foi a minha chegada. Concomitantemente em janeiro de 2004, eu fiz um curso com o Peter Guttenhofer, na escola Rudolf Steiner. Aquele curso de verão dos professores que sempre tem, e justamente ele trouxe essa observação do ser humano através da arte, a Se conhece muito bem. E ele focou no terceiro setênio⁷⁸, olha que presente para mim e aquilo fez todo sentido porque ele já estava falando desse aprender da experiência que hoje eu exercito. Depois, no futuro percebi que se trata dos sete processos de aprendizagem. Ele já tratava disso. Ele não nomeava, mas ele tratava disso. Ele falou que o mundo 'tá na era jovem, que todos nós estamos adolescentes nessa virada do milênio. Então isso trazia

⁷⁶ Projeto mantido pela Instituição e destinado a menores assistidos pela lei, devido a pequenas infrações.

⁷⁷ Projeto desenvolvido pela Instituição e destinado a jovens.

⁷⁸ Na Antroposofia cada sete anos de vida de uma pessoa compreendem um setênio. O terceiro setênio é o período de vida de uma pessoa dos quatorze aos vinte e um anos de idade.

uma qualidade para os educadores. Então eu vivi isso e fui me aprofundando nesse estudo que ele trouxe. Então o Mainumby, acho que ele abriu para mim um umbral do estudo sobre o desenvolvimento humano que tem a ver com Pedagogia Waldorf. Eu não sou professora, então eu fiz um caminho autodidata, isso que eu percebo, influenciada pelo Mainumby, pelo Peter Guttenhofer e pelo projeto Enfrentando o Futuro com Coragem e pelos lugares onde eu já tinha passado antes de entrar na Monte Azul. Então minha chegada tem a ver com isso. Esse encontro, com as pessoas da coordenação era bem interessante, no entanto eu me sentia um peixe fora d'água. Muito justamente por não ser exatamente uma professora e ainda tinha uma influência muito forte do jeito de ser da conselheira pedagógica que acompanhou toda a primeira turma. E aquilo destoava um pouco do meu ponto de vista porque eu 'tava carregada de conceitos da Pedagogia Social⁷⁹, esse olhar mais do desenvolvimento do adulto. Eu tinha muitas críticas ao Mainumby, por exemplo, essa, que eu sentia que o curso não estava bem formatado para adultos. Mas *okay*, fui me desenvolvendo, era bem gostoso, era um momento alto da semana, tanto a reunião quanto o sábado. Eu não faltava, assim, só se eu tivesse doente, de cama. Eu nunca perdi um sábado de Mainumby por outra coisa que não fosse um motivo muito grave. Eu me lembro um dia que o meu dente caiu (a minha prótese). Cara eu tirei o dentista da cama, ele morava aqui no bairro, eu não queria saber. Eu fui correndo no consultório para poder ir pro Mainumby, porque eu não ficava fora de jeito nenhum. Acho que foi um pouco assim que eu cheguei. Eu senti um pouco de hostilidade de alguns colegas da Monte Azul pelo fato de eu ser tão recente na casa e já fazer parte do Mainumby. Isso deu pano 'pra manga, mil histórias, viu gente? Se vocês, em algum momento, acharem que precisa se aprofundar nisso, vocês me falam. Acho que não é o foco da pesquisa, mas foi bem complexo isso dentro da Monte Azul e eu realmente recebi essa oportunidade que tinha a ver com uma história do meu ganho e eu podia receber algo por esse trabalho. Acho que isso foi o começo. O Mainumby existiu com a minha presença até 2013. Então eu 'tô falando nesse período do meio de 2005 até 2010. Aí eu fui me sentindo fortinha, com mais propriedade da experiência da Monte Azul. E fui me aventurando mais, eu acho. Procurando meu lugar, me colocando no meio daquele monte de pedagogos. Eu comecei a frequentar os congressos de pedagogia Waldorf. Eu fui em três, e isso fez muita diferença pra eu penetrar mais nesse mundo do ponto de vista pedagógico, da pedagogia Waldorf. Estar no lugar, como os professores ficam olhando os processos pedagógicos. Por que, até então, eu tinha mais um olhar de mãe Waldorf, que eu sou também. E aí foi muito

⁷⁹ Ramo de atuação que utiliza os princípios da Antroposofia direcionados para o exercício das realizações sociais.

encantador. E aquele lugar de crítica mudou por que é igual a gente ‘vê um artista ‘né? O artista tem um lugar de olhar o mundo e, às vezes, a gente trabalhando junto, a gente quer que ele tenha um outro olhar, mas, bom, ele é artista, então esse é um outro olhar. Isso eu fui compreendendo, me apaixonando mais dos professores. Inclusive também compreendi o mundo da Ute, ‘né? Vários dos ‘pipocos, assim, dos conflitos de ideias que eu tinha com ela, de ficar irritada com algumas coisas, eu acho que tinha a ver com essa diferença, que eu não sou exatamente uma pessoa de exatas, mas eu vim do mundo da administração. Me pegava um pouco com esse jeito de olhar que eu encontrei no Monte Azul, inclusive da Ute. Então acho que o meio teve a ver com isso, em relação ao meu desenvolvimento e muitas glórias porque, para mim sempre foi, continua sendo, uma pérola para o desenvolvimento dos professores vivenciar a pedagogia social. Eu acho realmente inconcebível, um professor se formar professor, sem vivenciar as práticas que a pedagogia social propõe e eu tive alguns espaços dentro desses anos aí, para isso. Então levei pessoas da pedagogia social. Implantei, no final da segunda turma, no quarto ano um trabalho final de curso. O que era orientação da Pedagogia Social, eu orientava os meus colegas da coordenação. Eu me lembro da Ive, da Ca, da Luka; não sei se tinha mais alguém. A gente pegava um grupo de alunos e conduzia. Parecia aula do tutor da escola Waldorf, sabe? O trabalho não tinha a ver com as matérias do curso, mas com o processo da pessoa. A gente investigava, fazia perguntas. E cada um gerou um trabalho de final de curso baseado nessa pesquisa de si mesmo em relação os temas do Mainumby. Foi maravilhoso isso para mim e, também em 2007, outra Glória foi que eu estava lutando ‘pra levar o projeto Enfrentando o Futuro com Coragem para dentro da Monte Azul desde que eu entrei e, em 2007, eu consegui, finalmente, colocar. Demos um jeito de inserir esse curso dentro do Mainumby. Então foi um marco bem importante, até porque não só entrou essa visão mais específica para o terceiro setênio. Era algo que todos nós da coordenação sentíamos um pouco defasado. O Projeto Enfrentando foi muito bem-vindo depois de muita luta, porque foi difícil eu conseguir me fazer entender dentro de um ambiente que tinha outras linguagens. Então, por exemplo, eu via que a prática para o terceiro setênio na Monte Azul vinha sendo copiada do segundo setênio⁸⁰. E aí quando eu falava desse outro lugar que o Peter Guttenhofer já tinha trazido e eu me sentia forte. Então foi um marco bem importante levar o Projeto Enfrentando o Futuro com Coragem. Ele foi bem aceito. Com o tempo, não tivemos mais financiamento. E, num certo sentido, a gente ficou mais livre e aí a gente criou um outro formato de Mainumby, mais parecido com o projeto Enfrentando o Futuro

⁸⁰ Na Antroposofia denomina-se setênios os períodos de vida estabelecidos de sete em sete anos, a partir do nascimento do indivíduo. Ex: primeiro setênio equivale ao período dos zero a sete anos de vida de uma criança.

com Coragem que também é mais voltado ‘pra realidade do aprender do adulto, segundo o que eu tenho estudado. Então foram muitas glórias, eu acho, esse meio, sabe? E foi em 2008 que eu passei a ser gestora da escola oficina social que incluía o Mainumby. Muito curioso que, justamente quando implantei o Enfrentando o Futuro com Coragem, eu já não era a coordenadora, enfim, talvez tenha sido providencial. Então esse meio, eu acho que foi um meio de uma transformação no Mainumby feita por mim e por todos. Havia aquela proteção da conselheira ‘pra gente não sair fazendo qualquer coisa. Foi muito bom, mas um dia tem que se libertar, ‘né? E eu acho que o grupo todo cresceu também nesse sentido. Encontramos as formas mais próprias do terceiro setor da Monte Azul, no meu ponto de vista muito melhores, inclusive.

Entrevistador: Nesse momento agora Ra, tenho a necessidade de fazer com você uma linha do tempo. Eu gostaria que você contasse sobre as transformações que foram acontecendo desde que você pegou o projeto até o final e as características de cada uma delas?

Ra: Eu acho que a gente já resgatou bastante, ‘né, foi importante vocês me ajudarem. Então eu cheguei em 2004, no quarto ano do Mainumby I, certo? Aí veio o Mainumby II, então não tinha mais a coordenadora administrativa exclusiva do Mainumby e o Mainumby II teve praticamente o mesmo formato do I e ele teve aprofundamento também que foi esse que eu falei da pedagogia social. Teve trabalho final, orientado pelos princípios da pedagogia social. O II teve o mesmo formato do I com aula principal e no segundo horário grupo de interesse revezando no terceiro horário com aula de arte. E quem era os coordenadores do grupo de interesse, eram os coordenadores pedagógicos da Monte Azul. Aí Mainumby III, esse não teve aprofundamento.

Entrevistador: Teve um Mainumby avulso em 2009? Porque o Mainumby III aconteceu em 2010, pelos registros.

Ra: O Mainumby II aconteceu em 2005, 2006, 2007 e 2008. O Mainumby III aconteceu em não, em 2009 eu acho que não teve. Foi quando eu fiquei doente e me afastei por alguns meses. Em 2010, 2011 e 2012 teve uma mudança, vocês têm que confirmar isso na parte escrita. Nesse Mainumby, o III, nós abrimos mão dos estágios. Isso era uma parte super difícil, os estágios. No Mainumby I teve o acompanhamento das organizações participantes e depois também não teve mais, só teve no Mainumby I, depois disso a gente não deu conta. Teve uma versão IV que foi em 2013 um módulo para cada setênio.

Entrevistador: Ele nunca foi chamado de Mainumby quatro, ‘né Ra?

Ra: Não.

Entrevistador: Que nome que ele tinha?

Ra: Era Escola Oficina Social⁸¹.

Entrevistador: Legal. Eu não consegui captar a informação sobre o Mainumby IV.

Ra: Então, não tinha mais financiamento e nós nos aprofundamos cada vez mais num processo vivo de aprendizagem a partir de vivências e do resgate do que elas provocavam. O curso era modular e o participante escolhia ‘aonde ele queria se focar. O Despertar era um módulo para as pessoas despertarem para a Antroposofia. Como se fosse o módulo introdutório. Eu morro de saudades daquele trabalho. Foi uma Glória.

Se: Eu lembro que naquela época a postura de nossos educadores mudou bastante. Eles estavam fazendo faculdade e aí se sentiam cobrados: — Como assim, fazer o Mainumby fora do horário de trabalho? De repente não era mais um benefício e sim uma cobrança. E a outra coisa que eu lembro é que as pessoas [inint] já estavam trabalhando e não queriam se aprofundar no terceiro setênio.

Ra: E também, com o avançar do tempo, ‘né o ser humano já é outro, a vida é outra. Passou uma década. Isso tudo aconteceu de verdade.

Entrevistador: Certo, então eram quatro módulos oferecidos, ‘né?

Ra: Sim, os módulos eram o Despertar, o Infância Querida⁸², o Nossa Ciranda⁸³ e o Tecendo o Futuro⁸⁴. O Tecendo o Futuro foi o nome dado, rebatizado do próprio Enfrentando o Futuro com Coragem. Uma coisa importante que eu quero lembrar foi que passou a ter o Mainumby do Horizonte. Acho que foi uma mudança importante que dividiu o grande grupo.

Ra: E o Mainumby foi para Bahia no modo itinerante⁸⁵ e agora está lá em Gravatá, em Pernambuco.

Entrevistador: Você saberia situar quem financiou os cursos?

Ra: O Mainumby I foi financiado pela JICA.

Entrevistador: Junto com a *Software* AG ou não?

Ra: Isso eu não lembro. Sei que o Mainumby II e o III foram financiados pela *Software*. O último dinheiro que veio da *Software* foi em 2013 e depois eu fiquei sem salário, aí então, foi criada uma consultoria.

⁸¹ Setor da Instituição responsável por integrar todas as áreas e favorecer o desenvolvimento individual de cada colaborador da Instituição. Este termo será retomado e melhor explicado mais a frente, na entrevista feita com a atual coordenadora do Mainumby.

⁸² Módulo do curso Mainumby que apresentava aspectos da Pedagogia Waldorf dirigidos para o trabalho pedagógico com crianças de zero a sete anos.

⁸³ Módulo do curso Mainumby que apresentava aspectos da Pedagogia Waldorf dirigidos para o trabalho pedagógico com crianças de sete a quatorze anos.

⁸⁴ Módulo do curso Mainumby que apresentava aspectos da Pedagogia Waldorf dirigidos para o trabalho pedagógico com jovens.

⁸⁵ Na modalidade itinerante o curso Mainumby foi realizado a partir da contratação de Instituição, no formato de consultoria para desenvolver o curso em instituições proponentes, tanto na Bahia, quanto em Pernambuco.

Se: Sim. Eu queria mostrar meu desenho. Eu fiz ele pensando em você, você no Mainumby. A primeira coisa que me veio foi o amarelo radiante, como você, levando adiante tudo que estudava, aprendia, lia.

Ra: Obrigada querida.

Ra: Eu acho que eu falei o que eu desenhei sabe? Tem uma coisa que talvez não vai dar para ver. Aqui tem um passarinho, dá para ver?

Ra: Quando eu fiz essa espiral crescente. O que eu senti quando fiz foi que cada Mainumby tinha algo de essência. Uma coisa em espiritual, para benção no mundo, algo assim que fica pairando sobretudo, isso que o Mainumby movimentou.

Entrevistador: Muito obrigada.

Ra: Obrigada também.

6. Entrevista com Coordenador do Núcleo Horizonte Azul

Data e hora da gravação: 20 de maio de 2021, às 10 horas e 30 minutos.

Tempo de gravação: 1 hora e 26 minutos e 58 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsi Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Observação: O início dessa entrevista perdeu-se no momento da gravação.

Mo: Eu pensei que nesse primeiro momento eu poderia falar um pouquinho do geral aqui no Horizonte Azul e como chegou no Mainumby, como uma introdução para entender o contexto.

Entrevistador: 'Tá bom, eu acho ótimo.

Mo: Depois entramos no ritmo de vocês.

Entrevistador: Acho ótimo assim.

Mo: Me deixe pensar por onde a gente começa. Quando a Monte Azul chegou aqui no território do Horizonte Azul havia uma escola pública, 'né? A Amélia Kerr Nogueira. Houve um grande movimento para uma segunda escola, a Blota Júnior. Em seguida veio a terceira escola, a Dom Agnelo Rossi. Eu 'tô contextualizando porque essas são as escolas que têm relação com os Mainumbys. Lutamos pela segunda escola, para ser construída e tal. Para isso colocamos fogo em pneus e então a Blota Júnior nasceu, mias pra frente nasceram o CEU⁸⁶ e o Hospital

⁸⁶ Abreviatura de Centro Educacionais Unificados. Equipamentos educacionais implantados em São Paulo.

Campo Limpo.

Fazendo um breve resumo aqui, houve um momento em 1998 em que tivemos um trabalho com o CENPEC (Centro de Pesquisa Educação e Cultura) ele foi feito para atender os jovens aqui da região. Esse projeto envolveu Amélia Kerr, Blota Junior, Horizonte Azul e Associação Beneficente Arco. Arco que inclusive foi fundada pela S que era a colaboradora da Monte Azul.

Entrevistador: Por quem?

Mo: A S que foi colaboradora no início da Monte Azul foi quem fundou a Associação Beneficente Arco. O trabalho aconteceu primeiro com os jovens dessas duas escolas públicas. Depois houve um desenvolvimento na Arco. Os jovens e coordenadores fizeram um levantamento de tudo que havia aqui no Horizonte Azul, em 1998. Isso aconteceu no primeiro curso de cooperativismo que fizemos junto com esse pessoal. O depoimento da diretora do Amélia Kerr fornece um panorama sobre o que era a região em 1998.

Entrevistador: ‘Nossa que especial. Muito bom. Você chegou aqui em que ano?’

Mo: Ah eu cheguei aqui em 1989 ou 1990. Mas os convênios surgiram em 1998, com a Nossa Ciranda. Anteriormente não havia os convênios, o trabalho se dava em um movimento espontâneo e voluntário. Eu vim para iniciar uma pré-escola em 1990, mas primeiro eu trabalhei na pré-escola da Monte Azul, substituindo a Mima que adoeceu. Também trabalhei um ano na Peinha. Então eu trabalhei na Monte Azul, Peinha e depois vim para cá.

Entrevistador: Não sabia, que legal.

Mo: Por isso entendo que tenho a visão dos três núcleos e realmente a Peinha é o lugar mais difícil de trabalhar. Aqui é um ambiente que acalma as crianças. Então, em 1998 esse foi o projeto. Já em 2000, aí é bem interessante, no ano 2000 tivemos um projeto com a Fundação ABRINQ (Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos) pelos direitos das crianças. Normalmente os projetos vinham com a seguinte estrutura: Primeiro melhorar o trabalho do projeto Nossa Ciranda e depois fortalecer as escolas públicas. Os projetos chegavam com essa fisionomia tanto esse do CEMPEC quanto esse envolvendo as duas escolas, o Arco e toda a região. E o projeto com a Fundação ABRINQ em 2000 se chamava: Programa Crer para Ver, Fundação ABRINQ pelos direitos da criança. O foco era fortalecer a escola pública. Esse foi o primeiro curso que tivemos aqui com o intuito de fortalecer a comunidade. Estou falando do projeto Crer para Ver, [inint] com Fundação ABRINQ pelos direitos da criança. E aí no que consistiu? Foram oficinas semanais durante um ano.

Entrevistador: Isso é bem importante dentro da história do Mainumby.

Mo: É, inclusive a Es⁸⁷ chegou na Monte Azul por causa desse curso. Então eram vários cursos sobre educação ambiental, artesanato, tinha também jardinagem, desenho de formas, pintura em aquarela, aula de violão, tinha mais um...

Entrevistador: Foram semanais?

Mo: Sim semanal. Então divulgamos nas escolas públicas e a Es trabalhava na escola Samuel Morse. Essa escola é ali no Jardim Capela. Nós entregamos folhetos, cartazes informativos e ela chegou para fazer o curso de jardinagem através desses folhetos. Ela trabalhava numa creche e também na escola pública.

Entrevistador: Mas num mesmo dia tinham essas aulas todas?

Mo: Não, as aulas eram alternadas.

Entrevistador: Entendi, em algum momento eram determinadas oficinas e em outro momento trocava.

Mo: Cada dia eram cursos independentes e oficinas independentes e semanais.

Entrevistador: Ah, então várias oficinas paralelas?

Mo: Isso. O de jardinagem quem dava era o Rn, que depois foi professor de jardinagem na escola Rudolf Steiner. A Na era terapeuta artística e dava aula de aquarela. Hr, ela dava aula de flauta. Tínhamos artesanato que era com Mos que está no colégio Micael, ela trabalhou aqui como coordenadora do Projeto Nossa Ciranda. Então acho que aconteceram umas seis ou sete oficinas, durante o ano inteiro e os docentes da região e das ONGs foram convidados, era uma média de dez a doze participantes. Foi nesse contexto que a Es conheceu a Monte Azul, ela sempre lembra disso, que viu um cartaz e se inscreveu. Depois levou o Rn da Jardinagem para fazer jardinagem na creche que ela trabalhava, bem interessante. Só para ilustrar, isso vai ficar com vocês (entrega documentos da época). Ah, só esse original que eu vou pegar de volta, mas tem algumas cópias.

Entrevistador: 'Nossa, que legal. Muito bom.

Mo: Para vocês verem que a motivação chega e fortalece a escola pública e as ONGs.

Entrevistador: Sim.

Mo: Nós circulávamos bastante e nesse tempo já havia as apresentações do auto de Natal nas escolas públicas, oferecíamos para as crianças desde 1996.

Entrevistador: Depois nunca mais parou?

Mo: Depois não parou e sempre fomos para FEBEM⁸⁸, hoje Fundação Casa. Esse é o nosso ideal, levar para as crianças que não estudam aqui com a gente.

⁸⁷ Nome fictício de uma colaboradora do núcleo Horizonte azul.

⁸⁸ Sigla de Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor de São Paulo, atual Fundação Casa.

Entrevistador: Sim.

Mo: (mostra panfleto) Essa coleta seletiva foi em 1998. Justamente está registrado nesse livreto que foi primeiro na Monte Azul, em seguida foi feita a coleta seletiva do bairro. As crianças participaram, muito legal. E em 2000 também começou a Caminhada pela Paz e pela Vida. Em 2000 começamos a caminhar pelas ruas do Horizonte. Foi nesse ano de 2000 às segundas-feiras. Nessa época encontrávamos as pessoas mortas na rua, 'né?

Entrevistador: Foi em 2000 a primeira caminhada?

Mo: Foi no ano 2000. Nessa primeira veio bastante gente: A Mr, a Renate. Essa primeira foi a inauguração. No fundo a gente copiou a ideia do Padre J, 'né? Era a Caminhada pela Paz e pela Vida [inint] que ia até o cemitério São Luis. Em 2008 fizemos um movimento que tratou de as pessoas não precisarem se deslocar para ir para a Monte Azul, fazer o Mainumby. As pessoas da chácara do Horizonte participaram do Mainumby lá na Monte Azul entre 2001 e 2008. Desde a época dos cursinhos as pessoas se deslocavam para lá, a reunião de quinta era lá e ficava muito difícil para as pessoas da chácara irem até lá. O Mainumby na Monte Azul acontecia até uma da tarde ou uma e meia da tarde. Era bem desgastante para as pessoas que iam daqui para lá. Porque praticamente ia o sábado todo embora ao fazerem esse deslocamento. Era um esforço muito grande que as pessoas tinham que fazer. Inclusive também faziam faculdade para poder trabalhar nas creches, porque precisava ter diploma. Foram muitos anos de esforço físico e sacrifício dos filhos para ter o curso de pedagogia e era tudo presencial, diariamente, eles iam lá naquela Rua Senhora de Sabará fazer curso. Na UNISA⁸⁹, na Nossa Senhora do Sabará, 'né?

Entrevistador: As educadoras do Horizonte Azul participaram desde o começo? Desde a época da Renate? Participaram do cursinho, 'né?

Mo: Sim, sim. Ele era o único, então quando começou a Creche São Miguel⁹⁰, as educadoras iam para participar do cursinho. Eu também participava pela pré-escola, então isso era uma constante até que depois veio o projeto do Mainumby, 'né? Ele foi mais sistematizado e ia até uma e meia da tarde, com lanche reforçado. Era esforço de todo mundo para fazer faculdade, o Mainumby e poder atuar nas creches. É preciso reconhecer essa vontade. E aí no ano e 2008 chegou uma oferta do Instituto Olinto Marques de Paulo. A Ra e a LLo me chamaram lá na Escola Rudolf Steiner para conversar sobre esse projeto e ele foi bem consistente nos três anos 2008, 2009 e 2010. Ele acontecia a cada quatorze dias, foi muito intenso.

Entrevistador: Então foram três anos com o Instituto Olinto financiando o curso?

⁸⁹ Instituição de ensino superior na região sul da cidade de São Paulo.

⁹⁰ Nome de uma das creches do Horizonte Azul.

Mo: Isso 2008, 2009 e 2010. Então foi um presente muito bom! Era bem carimbado, vieram da LLo e da Ra, dentro da proposta [inint] Instituto Olinto, mas não vingou porque nas creches e EMEIs⁹¹ ter aulas aos sábados para professores não é uma coisa confortável, a não ser que seja remunerado. A Renate ficou frustrada, nós também. O Instituto Olinto tenta fazer isso até hoje.

Entrevistador: E por que não deu certo?

Mo: Porque depende dos professores quererem ter aulas aos sábados e dar sequência, 'né? Quase ninguém quer fazer uma coisa assim.

Entrevistador: Os professores não querem?

Tê: (Nesse momento alguém da Instituição entrou na conversa) Não querem, pois sai do horário de trabalho, 'né?

Mo: Os professores da EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Foi frustrante, a Renate que também tinha muita expectativa foi se frustrando. Enfim essas pontes foram tentadas com as escolas públicas, então tinha essas raridades como Es e outras pessoas que cursavam por elas, não pela Instituição. As instituições não conseguem, 'né? Representantes vão e até fazem, mas não é uma coisa contínua.

Entrevistador: Sim.

Mo: Bem, em 2008, 2009 e 2010 a cada quatorze dias e depois 2011 e um pouquinho de 2012 ainda tentamos, mas já nessa época o Instituto Olinto não investia tanto, 'né?

Entrevistador: Aí a LLo estava também na coordenação? Como conselheira?

Mo: Fazia a ponte.

Entrevistador: Através do Olinto?

Mo: Através do Olinto. A LLo ficou no Mainumby naquele tempo, na Monte Azul, mas aqui não. Eles só deram o dinheiro e a gente teve que administrar. E daqui a pouco a gente fala do conteúdo. Era a ideia de o Instituto Olinto fomentar as ONGs e melhorar toda a educação, até hoje eles pensam dessa forma. Então esse dinheiro foi um dinheiro bom. O foco do aprendizado foi o primeiro, segundo e terceiro setênio e então os docentes vinham, cada vez na medida do possível. Mas também focamos bastante no segundo setênio porque queríamos abrir uma escola Waldorf no bairro. Tínhamos essa intenção.

Entrevistador: Ah foi?

Mo: Os participantes assíduos foram as pessoas que organizaram a escola Waldorf do bairro, que surgiu mais tarde e os outros, mesmo com aulas excelentes, vinham esporadicamente.

⁹¹ Escolas Municipais de Educação Infantil.

Havia dinheiro para pagar os docentes. A Me era voluntária, ela não precisava do dinheiro. Então quando sobrava o dinheiro desses que se voluntariavam como a Me pagávamos melhor quem vinha de longe. Foi se construído um vínculo existencial com pessoas que jamais deixaram de vir e se fazia possível remunerar de uma maneira confortável.

Entrevistador: Sim.

Mo: Tinha dinheiro para transporte, tudo. Até hoje é assim, para vir para o Horizonte precisa ter um esforço físico e anímico. Aqui é longe de tudo. Para ir no banco tem que andar sete km, 'né? Não tem posto policial, tentamos criar um posto policial e fomos avisados para não continuar essa luta. Aí surgiu hospital M'boi Mirim e a Unidade Básica de Saúde (UBS).

Entrevistador: Sim.

Mo: Estava contando isso agora, na hora de estudo; essas grades de ferro, só tem de oito a dez anos, 'Tá vendo as grades nas janelas? Então, só fazem uns oito anos que a gente teve que começar a colocar a grade. Uma criança do quarto ano quando começamos a colocar essas grades, disse: — 'Nossa. Agora a gente 'tá numa prisão? Então, nós jamais fomos devastados aqui. Isso é uma coisa que eu gosto sempre de contar, 'né? Em trinta e sete anos. E durante a noite não fica ninguém, nem uma viva alma. Já levaram botijão de gás, comida, mas nós nunca fomos devastadas, levando, por exemplo, todos os instrumentos musicais, todos os computadores. Acho isso uma proteção espiritual. Mas essas grades a gente nunca quis ter e agora a gente tem.

Entrevistador: Tem que colocar, 'né?

Mo: Há um mês atrás foram roubados quatro botijões só dessa sala da escola. Quatro botijões. [inint] aí põe a grade. Então essa é uma situação de vulnerabilidade social. O PCC⁹²(Primeiro Comando da Capital) está aqui, invadindo as áreas verdes. Continua essa vulnerabilidade social, então só não se vê os corpos mortos que víamos lá no ano 2000, mas sim, somos bem vulneráveis, toda a periferia é.

Entrevistador: Sim.

Mo: [inint]

Entrevistador: Então nesses primeiros três anos do Mainumby não tinha ainda os encontros de pais, isso foi depois, 'né?

Mo: Muito bem lembrado. Era onde eu ia chegar. Estas salas de aula onde estamos foram construídas para se tornar a Escola de Resiliência e em 2009 retomamos a ideia.

Entrevistador: Sim, eu lembro, sim.

⁹² Primeiro Comando da Capital. Organização criminosa.

Mo: Antes a gente queria fazer na Monte Azul, procuramos terreno e não tinha, então falaram: — Ah então vai ser no Horizonte, lá tem terreno. Vieram os arquitetos e voluntários da Suíça, para projetarem. E construíram essas salas, ficamos sonhando desde 2003.

Entrevistador: Sim.

Mo: Em 2003 retomamos essa ideia de um enviar projeto para a Fundação Software e nada de vir o investimento. Em julho de 2009 levamos para grupo de metas⁹³ a ideia, então tentamos conseguir dinheiro público, ‘né? Em 1989 foram a S, a C que ‘tá em Paraty, a Ute e eu fazer uma entrevista com Paulo Freire, ele era secretário de educação. Mas a gente não teve êxito, ‘né? Não teve dinheiro público para fazer a escola. E chegou um momento que juntou eu, a Me, Cm e Cz e pensamos: — Ah, vamos tentar assim mesmo? E então levamos para o grupo de metas, eles deram o aval e em junho de 2009 começamos a unir os pais que queriam a escola. Eram trinta e duas famílias, e começamos a fazer encontros e nos prepararmos para começar em 2010.

Entrevistador: Ah, ‘tá, então o encontro de pais era a preparação também para a Escola?

Mo: Para a Escola.

Entrevistador: ‘Tá.

Mo: E tudo aquilo que se ensinou a fazer: os lápis de cera, etc. Tudo aquilo foi feito com os pais. A escola não estava autorizada, mas começou em 2010. Então só em 2011 que autorizou. Foi uma aventura dos pais, ‘né? Grande, essa confiança do grupo metas. Então pode se dizer que a Me é uma das fundadoras, uma das tutoras da Escola. A Cm, Cz e eu fomos ver no que ia dar. Tenho muita gratidão por essas trinta e duas famílias que ousaram. E quando começaram esses encontros de pais foi ficando pesado participar de dois sábados de formação e mais um para o encontro de pais, então fomos minimizando os encontros de formação e ficando um sábado no Mainumby formação e outro no encontro de pais.

Entrevistador: E aí foi em 2011?

Mo: Por aí, em 2010, 2011, provavelmente. Porque em 2010 ainda tínhamos esse plano.

Entrevistador: Instituto Olinto Marques financiando, ‘né?

Mo: Tinha o Olinto Marques e já havia o plano e então fomos fazendo esses encontros de pais. Porque era apenas uma classe, ‘né? Foram trinta e duas famílias no primeiro ano e um jardim de infância. O encontro de pais passou a ser um sábado por mês. Depois ele passou a acontecer no sábado do Mainumby. O curso acontecia no salão, então vieram muitos docentes. Pa falou sobre castigo, Vr [inint], Sa [inint] um bocado de pessoas foram ajudar a

⁹³ Grupo gestor da Instituição, na época.

cada mês, e tentar ver o que cabia como conteúdo, o que poderia ser geral para a palestra e depois, na segunda parte do sábado, havia encontros por áreas específicas. A intenção era podermos nos sentir em um grupo, também porque os pais estavam juntos. Então tinha primeiro alguma coisa próxima de uma palestra e em seguida abria para uma conversa, e depois, uma prática que tinha a ver com a área específica, podendo ser: As creches, o Nossa Ciranda, ou os jovens.

Entrevistador: Ah 'Tá, então abria para todos os pais, 'né? Começou com as trinta e duas famílias e depois passou para todos os pais?

Mo: Essa foi a intenção, depois foi crescendo e cada um ganhando a sua característica com o seu jeito de ser.

Entrevistador: 'Tá, mas essas práticas eram elaboradas pelas educadoras?

Mo: Sim. Cada um escolhia o que queria fazer.

Entrevistador: Entendi, e aí também era das oito horas até meio-dia?

Mo: Isso. E na escola tinha pais que trabalhavam aos sábados, então fizemos encontros também aos domingos, ao invés do sábado para poder contemplar a todos.

Entrevistador: E tinha aquele café da manhã no meio do encontro?

Mo: É.

Entrevistador: Que nem nos Mainumbys. Sempre uma mesa tão bonita, pão da Sv⁹⁴ e flores e frutas. Sempre aqui na mesa de pingpong.

Mo: Diferente da Monte Azul que ia até uma hora da tarde, nós sempre fomos até meio-dia. Pensando que, depois as educadoras poderiam ter tempo para se organizarem, isto é, almoçar em casa, lavar roupa. Para as pessoas que moram aqui no Horizonte. Também facilitava para as pessoas que vinham de outras ONGs. A média de frequência era de quarenta a quarenta e cinco, quase cinquenta pessoas.

Entrevistador: Sim, e aí o ritmo do Mainumby era, das oito horas até nove e meia ou às dez horas uma palestra, então o café e depois a arte é isso, 'né?

Mo: É, foi esse o padrão, 'né? Foi a forma como idealizamos, mas tinham outras alternativas. Teve um dia que o pessoal foi acampar na prainha, era o Mainumby com o Ro. No Mainumby também veio o Ailton Krenak para palestrar. Ele veio três vezes aqui, em dois encontros e uma aula no Mainumby, precisava pagar passagem. Ele veio como voluntário, mas tínhamos que pagar a passagem.

Entrevistador: Houve algumas aulas que às vezes foram diferentes, não foram sempre palestra.

⁹⁴ Nome fictício da cozinheira do projeto Mainumby na Monte Azul.

Mo: Ah, isso. Tiveram aulas que foram dadas pelo pessoal da manutenção, com o tema de: Trocar torneira, cortar vidro.

Entrevistador: É mesmo? Que legal.

Tê: Coisas práticas, 'né?

Mo: Não foram todos que gostaram.

Entrevistador: Muito bom.

Mo: Eram aulas variadas com o Roe a Tâ quando vieram, deram um semestre de brincadeiras. O curso foi muito precioso na formação da escola e desses docentes da Escola de Resiliência. Nasceu em 2010 e formou muitas pessoas para depois caminhararmos pela escola. Então não [inint] uma formação completa, mas o Mainumby ofereceu atividades durante a semana, 'né? Isso é importante dizer. Durante a semana tinham oficinas de estudos de alguns temas como Artes, música. Havia por exemplo a possibilidade de fazer em Artes ambientais.

Entrevistador: Sim.

Mo: É, acho que foi de 2006 a 2013. Tínhamos conteúdos que complementavam aquela formação. Uma biografia contada, pessoas que vinham falar dos negros ou das culturas diversas dos voluntários, 'né? Eu gostaria de dizer que o MEC informa que são indicadores de qualidade do trabalho a formação continuada, também trabalhar com as famílias e fazer encontro de pais. Naquele tempo nós procurávamos manter isso.

Entrevistador: Uma coisa que começou e foi especial, foi o cuidado com as crianças durante o Mainumby. As crianças, filhas das pessoas que faziam o Mainumby podiam ficar aqui, com algum adulto, enquanto os pais estudavam.

Mo: Sim isso! Fazem uns quatro anos mais ou menos, quatro ou cinco anos que isso acontece. Havia os encontros de janeiro, fizemos quatro encontros. E as pessoas falaram: — Ah, quero ir, mas tenho filho pequenininho. E nós sugeríamos para que trouxessem os filhos, porque íamos encontrar umas pessoas para cuidar dos nenéns. Essa ideia foi despertando e virou um investimento pequeno para algumas jovens ficarem cuidando dos bebês enquanto as coisas iam acontecendo.

Entrevistador: Tem algum nome que vocês deram para isso?

Mo: Não, não teve nenhum nome que a gente deu.

Entrevistador: Esse termo então do bairro educador veio junto com a Escola de Resiliência, como surgiu isso?

Mo: Essa ideia, 'né?

Entrevistador: É.

Mo: Eu acho que tem a ver com aquilo que eu contei anteriormente sobre projetos que têm relação com outros projetos da comunidade. Você começa a falar do Mainumby e você não consegue deixar de falar do conjunto. Agora a pergunta que você fez em relação ao bairro educador tem a ver com tudo isso.

Entrevistador: Sim.

Mo: É muito interessante, a tempos atrás tinha essa imagem que algumas pessoas usavam de sermos uma bolha fechada no trabalho do núcleo Horizonte Azul. Não consigo ver uma bolha fechada ou reclusa, mas sim algo que irradia pelo bairro. Agora o bairro por aqui são trinta mil moradores. No caminho do bairro educador.

Entrevistador: Sim.

Mo: Obrigado por vocês terem compreendido.

Entrevistador: Eu que agradeço.

7. Entrevista com Atual Coordenadora do Mainumby

Data e hora da gravação: 30 de abril de 2021, às 14 horas.

Tempo de gravação: 01 hora e 09 minutos e 30 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsi Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Observação: O início dessa entrevista perdeu-se no momento da gravação.

Entrevistador: Então, você pode fazer a sua fala em cima do que você acha que seria complementar, eu queria que você me ajudasse a fazer essa ponte da Escola Oficina Social com o Mainumby.

Se: Sim.

Entrevistador: Durante os tempos, 'né.

Se: 'Tá. A Monte Azul desde sempre foi muito dedicada à pedagogia, mas não só, então, além da pedagogia tem outras áreas como a da Saúde, cultura e horta e também trabalho ambiental. Existe um âmbito da Monte Azul que abarca todos os trabalhos e todas as pessoas que trabalham nas áreas. É a Escola Oficina Social. Ela visa justamente manter a chama, acho que se chama assim de que cada pessoa seja vista, escutada, vista como pessoa na Monte Azul e que ela caminhe que ela não fique parada, então se uma pessoa começa como uma faxineira, de repente ela tem sonhos na vida. Talvez ela só estudou até o 4º ano, mas ela pode ter sonhos.

Ela, às vezes, não tem nem coragem de pensar em voltar a estudar, mas no fundo, no fundo ela gostaria de ser alguém mais do que uma faxineira, então a Escola Oficina Social cuida para que isso seja visto, ouvido. Um exemplo: Tem uma pessoa incrível que trabalha hoje no Projeto Tecendo o Futuro. Ela trabalhava como faxineira na creche e aí a coordenadora do projeto viu que ela tinha um potencial diferente e hoje participa com a gente no grupo de estudo Filosofia da Liberdade e faz um caminho incrível. Acho que a ideia da Escola Oficina Social, a missão é isso, olhar para que as pessoas se desenvolvam, desabrochem. A Ute, antigamente, falava muito isso: — Que as pérolas sejam vistas na lama. Aqui as condições podem ser muito tristes, muito precárias, 'né? Por isso que essa lama é citada, mas existem pérolas que, de repente, pelas circunstâncias, ninguém vai achar e perdem-se vidas, vidas que têm tarefas. Nesse sentido cada vida vale muito. Cada vida é importante para todos da humanidade, então acho que esse é o princípio da Escola Oficina Social. E aí muitas atividades são consideradas como fazendo parte da Escola Oficina Social, então as reuniões gerais de quinta, por exemplo, não são pensadas como reuniões para resolver questões, mas como reuniões justamente para cultivar, cuidar da cultura geral, fazer saber de coisas diferentes, saber do que acontece nas áreas da Monte Azul, como um todo, saber da arte, mas também do meio ambiente, das finanças, sabe? Saber do mundo, então contribuir com a cultura geral da pessoa, 'né, dela poder entender de política, poder se expressar, também, ter sua opinião. Isso é uma coisa, a outra que tem na oficina social é a proposta de ajudar a pessoa a se encontrar e cultivar que nós somos uma comunidade de pessoas muito diferentes e que é bom aprender com pessoas diferentes da gente, valorizar essas diferenças por mais difícil que seja, 'né? É claro que tudo que eu falo é um ideal. Claro que, nem sempre tudo é tão bonito assim, 'né? Que tudo funciona, mas essa é a ideia e acho que foi muito cultivada nesses quarenta anos. Então, o desenvolvimento profissional é a terceira parte da Oficina Social Retomando, na Oficina Social tem o âmbito do desenvolvimento individual, que a Ute chama mais de desenvolvimento cultural, mas acho que é complementar, 'né? Tem também o desenvolvimento social e aí vem o desenvolvimento profissional, onde cada um, na sua área tem oportunidade de se aperfeiçoar. Então quem está como cozinheiro pode cada vez ser um cozinheiro melhor ou quem 'tá na manutenção pode cada vez ser melhor. Como educador eu preciso me aperfeiçoar cada vez mais. E é claro que as outras duas partes (o cozinheiro e quem trabalha na manutenção do ambiente educacional), também devem entrar no Mainumby. Todos são alunos do curso Mainumby. O desenvolvimento social, cultural e individual também tem que 'tá lá dentro do Mainumby, mas ele tem um foco maior para a educação. E desde o começo, acho que isso é uma coisa bem especial da Monte Azul, de considerar

todo colaborador como educador, então também o porteiro que ‘tá ali abrindo o portão para criança ele é um educador porque ele lida com as crianças, ele é um exemplo e tem que ter consciência disso e não pode abrir de qualquer jeito o portão. Ele é um exemplo de ser humano adulto, de guardião naquela função que ele tem e assim por diante, quem trabalha na cozinha, na manutenção, na faxina qualquer integrante que trabalha nos projetos educacionais é considerado educador, então sempre foi aberto o Mainumby para todos, mas quem acaba participando é quem trabalha diretamente, ’né, com as crianças, com os jovens, a não ser que alguém que ‘tá pensando: — Olha ‘to querendo muito mudar para essa área e aí também participa. Acho que isso é uma sacada incrível, que toda a pessoa que se encontra com a criança é um educador, todo adulto envolvido ali é um educador e tem uma função educadora.

Entrevistador: Você poderia falar sobre os eventos do Mainumby nos anos de 2013 até 2018?

Se: Desde 1979, nós tivemos um curso de formação que funcionou sem financiamento até 2001. Nós tivemos, até 2013 os Mainumbys financiados e ao longo do processo; em 2008, o Mainumby frutificou, numa nova iniciativa, agora acontecendo no núcleo Horizonte Azul. Ela perdurou até março de 2020, sendo interrompido devido ao isolamento imposto pelos protocolos de saúde devido à pandemia. Pretende-se o reinício em breve. De 2014 até 2016, não houve Mainumby na Monte Azul, mantendo-se apenas o do Horizonte Azul. Tivemos em 2016, um período de reestruturação da gestão organizacional que até então era exercida por um único órgão interno, a Comissão de Metas e passou a ser exercida por três órgãos que são o Conselho de Desenvolvimento, o Conselho de Saúde e o Conselho de Educação e Cultura, este responsável pelo curso Mainumby na Monte Azul. Em 2017, retoma-se o Mainumby na Monte Azul, com quatro encontros aos sábados, com temas variados. Este Mainumby foi mantido financeiramente pela Instituição, com docência de membros da equipe pedagógica da Instituição e de voluntários ou convidados remunerados quase que simbolicamente. Em 2018, houve também quatro encontros cujo tema foi a Pedagogia de Emergência. Em 2019, foram realizados oito encontros com o título: O Outro em Mim. Para o exercício do Mainumby, na Monte Azul, em 2020 foram planejados oito encontros com o tema Os Doze Sentidos. Este curso foi interrompido devido à pandemia. Ele seria realizado em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que faria um acompanhamento e seria responsável pela emissão de certificados do Mainumby na modalidade curso de extensão. Em 2021, o curso foi retomado no formato *online*, com temáticas fechadas por semestre. No primeiro semestre o tema foi: A Criança Interior e, no segundo semestre, estamos seguindo com o tema da questão indígena na educação.

Entrevistador: Muito obrigada pela sua colaboração.

Se: Obrigada.

8. Entrevista com Ex-Aluna da Associação Comunitária Monte Azul

Data e hora da gravação: 04 de setembro de 2021, às 15 horas.

Participante: Ex-aluna do núcleo Horizonte Azul da Associação Comunitária Monte Azul

Tempo de gravação: 41 minutos e 28 segundos

Modalidade da transcrição: Ipsis Litteris (na íntegra)

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível

Entrevistador: Então, boa tarde, você está com seu filho pequeno no seu colo e serei breve. Li, uma primeira pergunta. Como completaria a frase: Associação Comunitária Monte Azul é...

Li: Ai, amor [risos]. Acho que me edificou muito, me inspirou muito. Num contexto muito pequenininho, acolheu minhas grandes, mirabolantes ideias que, talvez, não iam pra frente, mas alguém as ouviu, sabe? Então, isso é, para mim, prova de amor. Se não é alguém que ama a educação [inint] de ser e de querer que seja melhor [inint] não faz sentido, entendeu? O amor é o que vem à minha cabeça. Como no próprio logo da Monte Azul com o bracinho mais molinho e mais voltado pro coração. Então, é amor real [risos].

Entrevistador: Que bonito. Você quer contar um pouquinho da sua trajetória na Associação Comunitária Monte Azul? Com quantos anos você entrou e sobre as suas memórias?

Li: Eu amo falar, então, assim, vocês vão me dando o breque aí quando vocês sentirem ser necessário. Bom, antes de entrar na Monte Azul, eu trabalhava perto [inint], eu passava em frente todos os dias. E aí, como tinha muros, tudo que tem muros você quer ver o que tem lá dentro, 'né. Aí, eu passava em frente do OSEM, isso com treze e quatorze anos, e pensava: — Meu Deus, eu quero estudar aqui, um dia. Eu via na rua, do nada, uma galera do OSEM, caminhando com uma lanterna na mão. Eu pensava: — Que isso? É o pessoal do OSEM. Gente, então, esse lugar é mágico. Aí, daqui a pouco, via na rua, alguém girando uma coisinha de crepom. ‘Nossa, eu preciso conhecer. E aí, passando em frente, um dia, eu resolvi pedir para entrar. Deveria ter 14 anos, provavelmente, e perguntei como é que fazia para fazer inscrição. Responderam: — Olha, precisa algum adulto para te inscrever. Minha mãe com filhos pequenos, tinha dificuldade, mas ela passou e formalizou as coisas e fiquei na fila de espera. Eu acho que eu passei lá todos os dias. E aí, eu não sei se eu venci pelo cansaço [risos], ou se de fato, surgiu a minha vaga. Eu batia na casinha do telefone e perguntava: — Oi, tudo bem? Saiu a lista? Até que eu consegui. E aí, a gente começou o primeiro dia, aquela coisa sensacional. Na época, o Programa do qual participei era o “Agente Jovem”, ‘né? Foi muito bem lecionado

pelo Ro; ele me fez apaixonar pelo mundo Waldorf, de uma forma muito profunda e muito eficaz, sabe? Os versos, eu tenho decorado na minha cabeça, até hoje, sabe? Usei isso a minha vida toda. Uso hoje com meu esposo e os meus filhos, 'né? Então, é, para mim, uma coisa muito forte. E aí, no projeto, a gente conheceu vários lugares. A gente teve oportunidade de conhecer teatro. Tudo o que eu achava que existia no mundo, mas eu não fazia ideia de como chegar até eles, eu consegui chegar através da ponte Monte Azul, sabe? Então, foi muito sensacional, eu, aos quinze anos, do extremo da periferia, conhecendo o mundo. Aquela história que tende a ser triste, eu superei. Foi um divisor de águas na minha vida, onde eu entendi e falei: — Eu vou conseguir fazer uma faculdade, talvez, eu tenho que pegar três ônibus; talvez não consiga chegar em quinze minutos; talvez seja em três horas, mas eu vou conseguir fazer. E, assim, eu concluí. Fiz tudo o que eu queria. Eu acredito muito nessa força espiritual que eu tive como embasamento, na época que eu fiquei, 'né, principalmente no Programa Agente Jovem. Na marcenaria, eu continuei, única e exclusivamente, porque eu não me via saindo do OSEM, eu não estava preparada, psicologicamente, para sair. Eu não tinha intenção nenhuma de ser marceneira, na minha vida. Então, assim, o Programa Agente Jovem, ele foi, para mim, o *coaching* que todo mundo fala, hoje, 'né, onde fiz o meu projeto de vida, muito precoce. O Re nos propôs fazer um projeto de vida, passo a passo, com objetivo geral, específico, tal, tal, tal. E eu tenho isso escrito, até hoje. Para mim, é ainda o que eu luto e corro atrás. Não mudou. O objetivo geral era ser feliz e os específicos era: faculdade, tal curso, tal pedagogia, tantos filhos, tal esposo, tal casa, tal lugar. Eu fiz trinta anos, nesse ano. Eu fiz um vídeo de retrospectiva desses trinta anos e 'tá lá o projetinho. Mostrei na festa o vídeo e falei, lá: — É isso aqui que eu ainda corro atrás, apreendido na Monte Azul, com quinze anos. E aí, a marcenaria, eu continuei, porque eu não queria abandonar a tia Sil, da cozinha, o tio Miel, da marcenaria, o próprio Re. Eu chegava antes para tomar café com eles e pegar a saidinha dos educadores, do refeitório. E aí, conversar um pouquinho. Eu fiz bom proveito do meu tempo no OSEM, sabe? Eu fiz a marcenaria, bem por isso mesmo. Para continuar e continuei. E aí, teve a oportunidade de ir para Argentina, na época, no Fórum Social Mundial. Não. o Fórum Social Mundial foi em Belém do Pará. Depois, na Argentina, foi um congresso da Waldorf que, na época, para tentativa de inclusão social de pessoas com deficiência física. E aí, a gente foi representar a Monte Azul e apresentar um pouco dos projetos daqui, lá na Argentina. Lá, a gente conheceu outras ONGs e apresentamos a base filosófica da Monte Azul. E aí, a gente seguiu a vida. Eu saí da Monte Azul, com muita vontade de fazer serviço social, de me engajar um pouco, nessa ideia. Mas, a ideia de prática de projetos, mexeu muito comigo, então, eu fiz eventos para concretizar justamente essa ideia. Mas, eu busquei muito

tempo algo como a Monte Azul, assim, para eu fazer o resto da vida. Porque, de fato, eu me senti muito bem lá, 'né. A gente sabe quando o espírito encontra o que procura. Eu sei que eu encontrei boa parte lá. Acho que é isso. Eu estudei na Monte Azul de 2006 até 2009, mais ou menos, porque eu fiz todos os cursos e depois segui mais um ano como voluntária, nos eventos culturais, nos saraus, nos congressos, nas viagens, [inint], não era mais curso, 'né, mas, eu não saía de dentro do OSEM. Eu participei do Programa Agente Jovem. Aí fiz uma sequência de cursos de crochê, macramê, tintura em tecido e atividade física. Eu fiz com Re, 'né, que está com o projeto lindo, a Pedagogia de Emergência. E aí eu segui na marcenaria e depois com os projetos socioculturais. E agora, eu 'tô com dois pequenininhos, meus filhos [inint]. O outro está dormindo [inint] ele é pequenininho também, tem dois aninhos.

Entrevistador: Que legal. Então, você trabalha com projetos?

Li: Lembrei que eu fiquei, no ano seguinte, é verdade, teve a marcenaria [inint]. E aí, já engajei na faculdade de eventos. Na época eu tinha um projeto muito louco desenhado na minha cabeça que era fazer comemoração da vida das pessoas, mas de forma diferente, com uma retrospectiva de vida. Eu sou católica e na igreja também tinha muita dessas coisas de fazer retiros, de trazer as pessoas de volta a si, de se amar, de se encontrar e tal, tal, tal. Eu pensava: — Vou fazer alguma coisa para mudar o mundo, 'né. Então, eu saí com a ideia de fazer faculdade com algo mais ou menos assim para o futuro. Na faculdade, o mundo é mais real e duro, 'né. Então, aí, eu terminei a faculdade de eventos e comecei a trabalhar com eventos corporativos, depois de trabalhar um tempo com evento social. Aí, eu fui um pouco pro lado de eventos corporativos, mas saí, porque o evento social mexe mais comigo. Não social de cunho social, mas uma coisa de celebração de vida, mesmo, 'né. Aí, eu fiz a faculdade para seguir isso.

Entrevistador: Li, O que faz a Associação Comunitária Monte Azul ser a Associação Comunitária Monte Azul, os trabalhos educativos serem tão importantes?

Li: Olha, quando eu estive, agora super recentemente, levando meu filho para vacinar, eu entrei no OSEM, no posto de vacinação. Eu entrei com o Matheus e 'tava lá o porteiro, dando bom dia, mesmo sem saber quem você era. Passei pela cozinha, e aí, 'tava tia Sil. E ela me chamou e disse: — Li, eu não acredito que você tem filhos, tal, tal, tal. E aí, eu continuei, fiz a vacina. Deram todo o tempo que ele precisava para poder se recuperar de um choro para ir para próxima vacinação, [inint]. Pequenas coisas parecem bobas, mas fazem muita diferença. Quando eu saí de volta, outras pessoas me encontraram, me abordaram e a gente conversou um pouquinho, aí desci. E, acho que de tudo, o que não pode faltar num educador é o amor pelo que faz, principalmente fora da sala de aula, porque dentro da sala, seguir um protocolo de

educação, só se o cara for muito ruim para não conseguir fazer algo bom ali dentro, sabe? O que acontece fora da sala de aula, as abordagens pré e pós café da manhã, pré e pós almoço, a tia da cozinha que te insiste para comer um pouquinho de salada, o tio da marcenaria que não 'tá num dia muito bom e escolhe te dar um abraço, ao invés de qualquer outra coisa. O que acontece fora da sala, sabe? Acho que estar dentro da sala de aula é uma consequência do que você estudou para falar, para replicar. O que acontece fora da sala de aula, você só é capaz de executar se você amar o que você faz, sabe? Então, ver aquela galera de educadores trabalhando loucamente para os eventos culturais acontecerem, eventos que o bairro nem sabia dar valor, sabe? Não sabia, não sabia, a começar por mim. Mas, se matando para fazer fora da sua hora de trabalhar, sabe? Hora do seu domingo, na sua segunda, fora da sala de aula, fora daquilo que foi mandado fazer. Isso me diz muito sobre o educador. Nessa minha ida ao OSEM, com meu filho, eu vou dizer que, não foram os educadores que me deixaram muito feliz, de saber que algumas coisas são ainda cultivadas. Foi o tio da cozinha, o tio da limpeza e o tio da marcenaria que conseguiram ainda, ter a capacidade de ter esse algo a mais, sabe?

Entrevistador: E a outra pergunta: O que você acha que poderia mudar, que você acrescentaria se você fosse de novo aluna? O que você gostaria de ter que você não teve?

Li: O que eu gostaria de acrescentar e mudar é conseguir fazer os projetos se concretizarem. A cada mil projetos, um era executado. Eu sei que tem muitos motivos e hoje, eu sendo mãe, eu entendo. Quantas vezes eu me programei para ir no parque, quantas vezes eu efetivamente fui no parque? Então, tem realmente, muitas coisas que envolvem que a gente não é capaz de entender. Mas, eu sei que tem projetos que foram deixados, parados, abandonados mesmo, por muita falta de força, não só dos educadores, de acreditar realmente e seguir naquilo. Então, eu sentia, na época, eu vi projetos de viagens, assim, que tinha até a questão financeira resolvida, serem deixados mesmo por falta de força mesmo para ir além. Porque alguém não acreditou, porque alguém desmotivou. Acho que se tivesse acontecido teria surtido um efeito muito melhor do que sendo abandonado.

Entrevistador: Eu queria te perguntar, com relação aos relacionamentos, lá dentro, lá no Horizonte. Relacionamentos com os colegas, como eram? Como eram as amizades? Você as mantém? Quais são as lembranças?

Li: Olha, eu sou meio avoada, assim, o temperamento mesmo, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também, sabe? Eu sempre tive muita amizade ali, mas eu não levo lembranças de grandes amigas na faculdade. Meus dois melhores amigos surgiram da Monte Azul. Na época, os relacionamentos eram muito mais saudáveis, dentro das paredes da Monte Azul, do que fora, sabe? A gente vem de uma juventude que, cada vez mais, se digitaliza. A palavra é

forte, mas se prostitui mesmo por pequenas coisas, 'né. E, na época, isso era muito menos forte, assim, do que o que é hoje. Mas, os fatos de que a Instituição pedia para se vestir adequadamente, de não poder mexer no celular dentro das dependências da Monte Azul, de você ter já certas regras de conservação para uma convivência mais saudável, com certeza funcionava. Porque na hora do lanche, por exemplo, eu não me lembro de ninguém que estava com a cara enfiada no celular, muito pelo contrário, a gente 'tava discutindo quem ia poder pegar um pouco mais de açúcar mascavo, já que, não tinha outro porque, sabe? Então, essas coisas foram muito lindas. Os colegas da época que a gente vê ainda, porque 'tá no bairro, tem filhos ou não, é uma delícia de parar e dizer: — Ah, como é que você 'tá? Que lindo. E aí, vê os filhos, principalmente no dia de feira que é dia de encontro, é muito gostoso. A gente teve uma situação bem triste, de uma aluna que perdeu o pai e a mãe, eu lembro que a gente fechou o OSEM para a gente ir no velório junto, sabe, então, esse tipo de coisa, com certeza, é algo que, não importa quanto o tempo vai passar, vai ficar na lembrança.

Entrevistador: Nas coisas que você aprendeu lá e, agora você tem os seus filhos pequenos, o que você conserva até hoje, mais com relação à educação dos seus filhos?

Li: Meus filhos não veem tela (TV, computador), por exemplo. E, é muito gostoso, porque tenho um filho de dez meses e um de dois anos de idade. Então, a demanda dos dois é muito intensa, ainda. Nenhum dos dois faz nada sozinhos, 'né. Tudo ainda é dependente. Tudo eles precisam do meu auxílio para fazer. Mas, hoje, todo mundo até tem uma coisa de dizer: Ah, porque a tela é importante. Ah, a geração *glass* e tal. E, para mim, isso de não usar a tela já vem de muito antes. 'Tá fundido em mim, de uma forma cultural mesmo, sabe? Então, tem muitas coisas. Antes de ontem, a gente levou as crianças num parque e eles tiveram muita resistência de terra, porque eles têm pouco convívio, 'né. A gente passou metade da vida deles, literalmente, porque com dois anos, pelo menos um ano a gente ficou preso em casa, por causa da pandemia. E aí, a gente tem tentado levar no parque para fazer esse convívio com a terra, por exemplo. Eu acredito nos benefícios. A gente planta coisinha em casa, então, as pequenas ervas para comer, [inint], eu planto. Eu moro num apartamento, então, não é grande, mas os canteirinhos que têm, tão cheias de plantinhas, 'né. Procuramos tentar trazer para eles esse convívio fora do mundo digital. Não consigo acreditar em benefícios grandes, principalmente nessa idade, 'né, tão novinhos para isso. Então, isso com certeza, eu devo à Monte Azul.

Entrevistador: Obrigada.

Li: 'Tá bom. Antes de finalizar, eu só queria entender para quê, exatamente, que a gente 'Tá falando do projeto e do Mainumby?

Entrevistador: A gente ‘tá escrevendo a história do Mainumby, através das memórias das pessoas participantes.

Li: Então, esse grande curso de formação intelectual ensina como ‘botar em prática a Pedagogia Waldorf e tornar os nossos educadores pessoas admiráveis. Quando eu olhava para o Re, para o Ro, para a Queque, diante de uma sala de aula, eu não queria perder um segundo do que esses caras estavam falando, porque eu sabia que eram coisas que eu não sabia e que eu queria aprender. Então, o Mainumby, ele tem essa responsabilidade mesmo, de trazer a Pedagogia Waldorf, inclusive para ser aplicada.

Entrevistador: Então, muito obrigada. Um bom sábado, curta seus filhos, sua família. Felicidades na sua vida.

Li: Muito obrigada. A gente se vê

APÊNDICE VII

Grupos Focais

1. Grupo Focal - Meninas do Cursinho (Parte I)

Participantes: Ex-auxiliares e educadoras das creches da Instituição

Data e hora da gravação: 03 de maio de 2021 às 14 horas.

Tempo de gravação: 1 hora e 25 minutos e 49 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsi Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Coordenador: Boa tarde. Temos uma surpresa para vocês.

Te: (Nesse momento, uma ex-aluna da Instituição canta música aprendida com educador da Instituição). — Háhaha minha machadinha, háhaha minha machadinha quem te pôs a mão sabendo que és minha quem te pôs a mão sabendo que és minha? Se tu és minha eu também sou tua, se tu és minha eu também sou tua, pula machadinha para o meio da rua, pula machadinha para o meio da rua. No meio da rua não é de ficar, no meio da rua não é de ficar, pula machadinha para o seu lugar, pula machadinha para o seu lugar.

Ta: Que lindo.

E: Muito lindo.

Ta: Saudade boa.

Coordenador: Traz memórias essa música, essas imagens? Para gente começar, nós preparamos algumas perguntas. A primeira pergunta é bem rápida, a gente pensou uns dois minutos mais ou menos para cada uma. Que memórias despertam essa música? Pode começar quem quiser.

M: Então, eu posso começar?

Coordenador: Pode M.

M: Quando você fala assim, as meninas da Renate, 'né, o que vem na minha memória, é que as meninas da Keller, na verdade, são a, D, E, a Ta, a L. que fizeram parte do jardim. Eu já fiquei na parte dos maiores, no segundo setênio, entendeu? Então, que dizer, a gente fazia o estudo da Pedagogia Waldorf, 'né, com a Renate então por isso as meninas da Renate que ainda fazia já preparação geral, mas na questão de setênios tinha o primeiro setênio que eram a Da, Ta, E., a La, 'né,

E: A Sa que não está mais entre a gente, a Se.

M: Não, a Se já estava na parte dos maiores também, a Se, a Na, o Co.

Ta: A Se começou no Jardim, Ma.

M: Ah é, a Se começou no jardim depois que foi para os maiores, 'né, exato. A lembrança é boa, 'né.

E: Saudade boa tenho dessa época do Jardim, 'né, [inint].

M: Quem?

E: E.

M: Também, que 'tava no Jardim, exatamente.

Ta: É que como a gente 'tava muito juntas, 'né, a gente 'tava todo mundo muito junto a gente acabava sendo das meninas da Renate todo mundo.

M: Exato.

Coordenador: Uma memória que desperta com a música e com as fotos?

Ta: Eu lembro, quando vem essa música e fala das meninas da Renate, aquela sala de artes lá no centro cultural, aquela sala que fica embaixo. Ali era uma sala, a sala do jardim da Renate, 'né. Era ali que a gente fazia o nosso cursinho. Era ali que a gente fazia nosso cursinho. Pensando na sala me traz até cheiro.

M: É verdade.

Ta: A gente fazia nas quintas-feiras antes da gente ir para escola. A gente estudava no Zulmira⁹⁵. Nos cursinhos a gente ficava, a gente não tinha muita essa questão do tempo, do tempo. A gente trabalhava sábado e domingo, lembra Du, E?

Da: Sim, é.

Ta: Páscoa, por exemplo, a gente ficava domingo inteiro, a tarde, pintando ovos, pintando cestinha, costurando. Na verdade, aquilo era um jeito que a gente tinha de estar fora da nossa casa, fora do contexto da favela, do barraco, da casa pequena, da falta que tinha ali. Aquilo me completava, sabe? E a gente ainda levava os amigos para pintar os ovos, fazer cestinha vocês lembram disso? A gente tinha uns amigos, a gente juntava, a gente fazia lanche. Eu fico emocionada de falar porque ali a gente brigava, a gente discutia, a gente falava, a gente falava de um monte de outras coisas obviamente, 'né, dos namorados, dos encontros, dos estudos e das crianças, 'né, meio que a gente misturava um pouco assim. A gente era muito, muito juntas, assim 'né.

M: A gente tinha uma confiança de passar para o outro seus problemas, não é? De 'tá ali junto e poder estar dando um respaldo uma para outra, entendeu? Sem se preocupar se isso vai vazar

⁹⁵ Apelido da escola do bairro.

para fora ou não, 'né, é uma coisa mais família, um aconchego, de confiança uma com a outra, sabe? [inint].

E: O que eu sinto, posso falar? Dessa época, assim, ouvindo a música e as coisas, a Ta lembrou bem do Jardim que era aí no Centro Cultural, 'né, que a gente tinha. E para mim foi o meu primeiro local de trabalho, 'né. Só que na memória, no momento, não veio esse primeiro local de trabalho, já veio o segundo que foi lá embaixo onde era também de madeira, 'né, que tinha as duas salas lá. Hoje é uma parte da creche. Então, para mim veio esse momento, aquela sala com aqueles tacos, 'né, todo de madeira, mas acho que era com tacos no chão. Vem na minha memória as crianças daquela época que muitas delas hoje nem está entre nós, 'né, mas veio assim, eu vendo a música e sentindo as crianças cantando junto. Muitas dessas crianças hoje, 'né, são todos pais, mães, avós e outros que nem 'tá entre a gente, mas veio essa memória assim bem forte e como a M falou aí e a Ta, a gente trabalhava assim, a gente ia para o cursinho e a gente não tinha esse negócio: — Olha, a gente vai começar uma hora, a gente vai terminar às duas. E cinco para às duas 'tava todo mundo olhando no relógio e arrumando a bolsa para ir embora. Não, a gente ficava tranquilo, a gente trabalhava de madrugada fazendo as lanternas, fazendo as coisas, 'né, sem pensar numa cobrança posterior disso e pensar em trocar: — Eu só trabalho quatro horas ou eu trabalhei dez horas, daqui a pouco eu vou querer folga. A gente não tinha isso. A gente trabalhava realmente com muito amor.

M: Era um prazer de 'tá um com outro, 'né. Porque o que me lembra dessa época aí, só cortando um pouco, E., eu lembro assim, a Renate com aquela blusa que ela tinha de [inint] sabe? Então, sempre lembro da Renate com a blusa indiana e essa música me lembra assim, eu com as crianças no lado de cima, 'né. Com os maiores a gente fazendo a nossa roda do lado de fora e cantando, sabe? Era muito gostoso, juntava todas as turmas, assim, a do Co, a minha, sabe? E a gente fazia essa roda, 'né, de manhã. Era muito gostoso acordar cedo e ir com aquele monte de criança naquela expectativa de fazer aquela roda, todo mundo junto dos dois grupos, sabe? Ao mesmo tempo.

Coordenador: Muito bom. Da quer complementar ainda um pouquinho?

Da: Ouvindo a música eu lembro muito que a gente gostava de fazer roda junto, lá dentro, ensaiando, se preparando para levar para as crianças. E isso que as meninas falou. A gente não tinha esse negócio de tempo, a gente gostava de ficar junto. A gente gostava de preparar aula junto, a gente gostava de trocar, a gente gostava de falar, a gente era muito faladeiras, 'né. E eu lembro, a L gostava dessa música, 'né, a L que trabalha na biblioteca e na loja, agora. Eu aprendi muitas coisas com a L também, 'né. Era isso, a gente era descolado, a gente confiava, a

gente ia embora, às vezes, tinha gente lá na favela. Como que chama aquele homem lá que gostava de matar os outros? E a gente não ‘tava nem ai, ia supertranquilo, ficava até tarde, descia lá para baixo e ficava numa boa, sem medo, sem terror, sem nada assim. O G, ‘né, que na época era o mafioso, pé de pato, ‘né, a gente ficava numa boa, a gente também encarava.

Coordenador: Vocês tinham quantos anos?

Da: Não sei quanto a gente tinha, não.

E: Eu tinha 18 para 19. [inint] a gente ‘tava nessa idade aí.

Da: A gente andava aquela favela, assim ‘né, falava que a gente era meio vira-lata que a gente entrava em cada beco, a gente era louca eu acho, eu não sei, a gente tinha confiança, ‘né, em tudo.

Coordenador: Acho que para a primeira rodada ‘tá ótimo.

Da: A gente não era [inint].

Coordenador: Não era o que?

Da: A gente não era, assim eu acho que a gente não.

E: Era inocente, na verdade em muitas coisas. [inint].

M: A gente não tinha podamento das ideias, não tinha [inint].

Coordenador: Uma nova pergunta: — Pensem um instantinho, cada um por si, se vocês tivessem que descrever o que faz Associação Comunitária Monte Azul ser a Associação Comunitária Monte Azul? Se tivessem que descrever com uma palavra, que palavra vocês escolheriam? E por quê? Podemos ficar um instantinho em silêncio, só para vocês formarem alguma imagem.

Da: Eu já tenho.

Coordenador: Já? Então você começa.

Da: Uma palavra assim que eu acho que é essa vida social. Gente era muito humano nessa parte, a gente era muito social, a gente, a gente ia, a gente atendia realmente esse, a parte humana, essa missão. A gente queria atender realmente aquelas pessoas que realmente necessitavam. A gente realmente ia atrás dessas pessoas. Eu me lembro que eu e E, nós fomos de baixo da ponte. Aquele filho da Ti, fomos buscar ele porque ele morava debaixo da ponte, não tinha comida. A gente foi lá buscar ele para ficar no Jardim, lembro que a gente tinha um grupo muito grande e que a Renate falou: — Vocês são loucas, vocês têm um grupo grande e ainda foi buscar mais um menino.” Mas a gente ficava com tanto dó do menino que a gente foi lá buscar ele. E trouxemos, era vinte e sete, vinte e oito crianças e a gente colocou ele. Onde que come dez, como vinte, come trinta. E essa parte

realmente, assim, da missão, eu acho que a gente tinha isso muito forte, imbuída mesmo. 'Tá precisando? Então é aquele lá que a gente quer atender.

Coordenador: Então sua palavra é vida social?

Da: 'Ahan.

Coordenador: Quem mais quer falar?

Ta: A minha palavra é, assim, junta duas é poder ser.

Coordenador: Quer explicar um pouquinho?

E: Olha para mim uma palavra que resume assim, é a simplicidade. Monte Azul eu acho que tem muitas coisas bem simples, 'né. E nessa simplicidade que começou da Associação Comunitária Monte Azul bem forte. Acho que essa simplicidade traz esse nome Monte Azul.

Coordenador: M.?

M: Eu? São tantas. Monte Azul para falar uma palavra é muita coisa não dá, sabe? Assim simplificar, mas eu, não sei, eu colocaria aí o respeito. O respeito espiritual porque quando vem Monte Azul na cabeça, eu vejo assim, o trabalhar com criança em grupo, socialmente, respeitando a espiritualidade de cada criança, sabe? O jeito de cada criança e também me reparto isso para favela, para comunidade. A gente fazia trabalho social, mutirão, sabe? E era todas as pessoas da comunidade que 'tava ajudando ali para melhorar a favela, sabe? E com respeito. Ali não precisaria ser crente, evangélico, ser espírita, ser católico, ateu. Então 'tava todo mundo ali junto, querendo se ajudar. Juntava as crianças junto com a família, tinha este mutirão social, sabe? Era muito gostoso. Não tem palavra para dizer, para discernir esse momento.

Coordenador: Ficou bem, bem vivo. Vocês têm algum lápis, alguma coisa que vocês possam fazer um desenho? Desenhe um momento em que você se sentiu ouvido ou visto na Associação Comunitária Monte Azul.

E: Quando você fala em algum momento é desde lá até agora? Ou a gente está pensando só no passado?

Coordenador: Nesse caso, você pode ir para a sua história. É muito longa, 'né?

E: 'Ahan, por isso. Porque tem coisa que eu poderia falar lá do passado, mas que se fosse recente seria diferente.

Coordenador: Ah, sim. Então fica mais lá no passado.

E: 'Tá.

Coordenador: Então, vamos dar alguns minutinhos.

E: Eu 'to pronta.

M: Eu também estou pronta.

Coordenador: Vou passar a palavra para E. que foi a primeira a estar pronta. Quer mostrar para a gente? [inint].

E: Então, para mim se essa pergunta fosse ao contrário eu acho que eu não saberia responder, 'né. Mas em todos os momentos. Em todos os momentos em reunião que eu colocava alguma coisa, eu sempre senti que eu fui ouvida, que eu fui respeitada. E quando eu fazia uma conversa também a sós tanto com a Renate quanto com a Ute, eu sempre senti que eu fui muito bem ouvida e respeitada, então em momento nenhum eu teria essa resposta ao contrário, teria que 'tá pensando muito.

Coordenador: Entendi, e aí eu lembrei, 'né, que você se aperfeiçoou tanto na letra de sinais na linguagem de sinais, nas libras.

E: Ah, sim.

Coordenador: Então você e a escuta tem muito a ver, 'né, uma escuta muito aprofundada, e que você levou isso para sua vida.

E: Isso.

Coordenador: E., você acha que isso teve a ver, como você conseguiu descobrir mais que você quer fazer na vida?

E: Acho que foi pouco a pouco, 'né, porque antes de eu começar na Monte Azul, como eu era aluna, eu não tinha ainda esse olhar de falar o que eu quero ser, então eu via as coisas, assistindo a sala de jardim de infância da Renate, 'né. Eu ficava bem curiosa ali, sempre olhando pela janela porque minha irmã era do Jardim de Infância, então eu ficava lá. De vez em quando a Renate me chamava para poder ficar na sala lá junto, ajudar um pouquinho. Eu fui tomando gosto assim, pouco a pouco já fui descobrindo.

Coordenador: Aí você ficou no Jardim? Você nunca saiu da Associação Comunitária Monte Azul?

E: Nunca saí da Monte Azul, eu comecei a tem 1982 e sai em 2020.

Coordenador: 'Nossa, muito tempo.

E: Muito tempo.

Coordenador: Muito legal, muito obrigada.

E: Nada.

Coordenador: Agora a M?

M: Sim, pode ser eu acho que não saiu muito longe do desenho da E, consegue ver?

Coordenador: 'Nossa, parecido mesmo.

M: Exatamente, porque sempre quando vem assim, no momento que a gente é ouvido, penso nas várias reuniões que tinha com a Renate, Ute ou mesmo quando tinha reunião de quinta-

feira, essa sim seria, esse círculo e as pessoas que estariam em volta e essa aqui seria eu nesse momento, 'né, que a gente tinha um moderador que era o Paulo. Vamos dizer assim, Paulo era moderador, então se você queria falar você levantava a mão e o Paulo ia moderando a reunião, 'né. E aí mesmo nos grupos de estudos a Renate ia moderando, 'né, para a gente ser ouvido, 'né. Tinha uma luz muito forte no meio desse círculo, sabe? Por isso eu coloquei esse amarelo forte assim, com essa luz, 'né. Sempre vi as pessoas em volta e no meio sempre uma luz muito radiante, sabe? Essa é a impressão que eu sempre tinha, 'né. E era o momento que eu sentia que cada um se colocava dentro daquela luz.

Coordenador: E aí você fala como Da [inint].

M: Eu vi isso desde que eu ia na casa da Ute e era aluna, 'né, e ela começava a fazer o trabalho com a gente. Ela saía do trabalho na escola Waldorf e pegava a gente para fazer uns desenhos e eu me sentia ouvida. Esse foi o momento assim, mais importante para que eu pudesse ser depois professora, 'né. que aí eu senti a necessidade de me aprofundar mais nos conhecimentos.

Coordenador: Sim, e quando você descobriu mais quem você é, para onde quer ir, você ficou professora, 'né, mas teve alguma coisa mais específica que te ajudou a encontrar esse caminho?

M: Com a Monte Azul sempre teve assim o respeito com todas as idades. Eu senti essa necessidade dessa busca por que era muito marginalizada, na época, na escola, 'né, uma por morar na favela, sabe? Ir para escola para comer que não tem o que comer em casa, então eu sentia essa necessidade de 'tá me aprofundando mais, 'né, porque isso é alimentar o espiritual que a Ute passava para gente.

Coordenador: Então você participava de grupos com a Renate e com a Ute também, 'né, na época?

M: Sim, exato [inint].

Coordenador: Sim

M: Da Ute 'tá fundando a Monte Azul, na casa dela, por exemplo.

Coordenador: Ainda era lá na Aristodemo, 'né?

M: 'Ahan, Rua Aristodemo Gazzotti. Eu e mais uma turma, a gente saía pedindo, 'né, lá em Santo Amaro, depois da casa da Ute.

Coordenador: Antes, antes do cursinho?

M: Antes do cursinho, então já tinha esse grupinho, 'né, sempre vi essa luz.

Coordenador: Entendi, que bonito. Quem vai agora a Da ou a Ta?

Da: Eu posso mostrar o meu, dá para ver? Não sei onde eu consigo ver.

Coordenador: Sim.

Da: Esses encontros de vai e vem.

Da: Eu acho que também sempre fui ouvida quando eu me manifestava. Eu sou um pouco mais quieta, 'né, então, mas quando eu falava eu acho que todo mundo me ouvia assim, e respeitava, tinha. Essa ponte de vai e vem para mim foi de uma ligação que ia e quando eu tinha a necessidade de falar eu fui sempre ouvida nas reuniões, nos nossos encontros, assim.

Coordenador: E Da teve algum momento que você falou: —'Nossa, eu sou importante, eu sou única?

Da: Nunca pensei nisso. Eu acho que teve sim, quando eu tive que optar para fazer quirofonética⁹⁶ e aí a Ute falou assim: “você vai deixar educação para ficar na quirofonética, na terapia? Mas é muito bom, mas e o outro lado?” Aí eu fiquei muito, assim, dividida mesmo, 'né, mas depois eu vi que dava para fazer as duas coisas ao mesmo tempo, no momento uma coisa no outro momento outro, que na verdade deu para fazer isso, para fazer esses encontros da parte pedagógica e também da parte que eu gosto também, da parte terapêutica também que é muito interessante. É, foi isso mesmo que eu me senti. Muito importante.

Coordenador: Que bonito, depois você vai levando isso para a educação mesmo, 'né, a quirofonética?

Da: É, isso mesmo. Os ensinamentos, as coisas que eu aprendi, a parte terapêutica.

Coordenador: Muito bom. Ta pode falar?

Ta: Eu não consegui fazer o meu desenho porque eu tive que atender uma pessoa, aqui, mas eu acho que, onde que eu me senti ouvida, 'né? Assim, uma imagem que me veio foi a conversa com a Renate quando ela me ofereceu o jardim de infância dela, assim 'né, dela que eu digo que ela ministrando, 'né, para cuidar das creches, assim, então ali eu, eu senti que fui ouvida, 'né. E também acho que já 'tava nesse caminho porque eu acho que essa questão de educação já era uma coisa realmente da minha vida, assim. Já 'tava muito dentro, 'né, até pelas brincadeiras, pela minha infância, então acho que eu sempre tive certeza de que era isso, então acho que ali eu me senti bastante ouvida, assim 'né. Uma outra imagem que me veio de ser ouvida, foi quando a E, quando a gente veio trabalhar na sala de jardim que era as salas novas onde é hoje a creche. Eu senti que eu tive paz, assim, aonde eu me senti bastante ouvida. Nessa [inint] da condução com as crianças que realmente tinham muitas necessidades e eu me sentia ouvida ali, 'né assim, me sentia acolhida também por eles, 'né. Me lembrei de cenas de trocas maravilhosas com as mães, assim 'né. Essas são as duas imagens bem fortes de me

⁹⁶ Ramo terapêutico desenvolvido na Antroposofia que reúne recursos de movimento e fala em seu processo.

sentir ouvida. Acho que me senti ouvida dentro do cursinho; só que muitas vezes eu tinha uma rebeldia, sabe? Dava umas brigadas, assim, com a Renate. Às vezes a Renate falava alguma.

Coordenador: Como é que era?

Ta: Com a Renate, com a Renate.

Coordenador: Você com a Renate?

Ta: Tinha uma rebeldia, 'né. Eu era muito nova, tinha dezesseis, dezessete anos assim, e aí a Renate precisava fazer as correções, 'né, ela precisava falar, por exemplo: — Esse português não 'tá escrito direito e eu falava: — Como assim não 'tá escrito? Eu tinha uma rebeldia e mesmo ali ela me acolhia, ali também eu me sentia ouvida, 'né, acolhida, assim, por ela, porque a gente era rebelde também, 'né. Tinha uma lindeza, mas também tinha uns negócios comigo ali, aos dezoito anos.

Da: A gente era *bad boy*.

Ta: E ali tinha um acolhimento dela comigo, uma escuta, 'né. Isso que a E. falou, acho que é um pouco essas imagens, assim.

Da: E a gente chorava muito, Ta, nas avaliações, a gente brigava na casa da Renate nós brigava. Pensa numa turma que brigava nas avaliações na casa da Renate [inint].

Ta: As provinha eram difíceis, as provinhas eram difíceis.

Da: Nós era *bad boy* mesmo.

Coordenador: Querem falar um pouquinho dessas provas? Dessas avaliações?

Ta: Não tinha nada pronto. Assim, então, por exemplo, a gente tinha que criar uma roda para cada época e a gente tinha que criar músicas para época, 'né, época de Micael a gente já fazia uma música, 'né, a gente fazia roda e a gente tinha que fazer a roda e fazer os gestos e a Renate assistia 'né, cada roda.

Coordenador: Vocês criavam, Ta?

Ta: A gente criava muitas vezes, 'né, meninas? A gente criava as rodas para as épocas e trazia as imagens e fazia os cantinhos, lembro que também os cantinhos era uma, uma prática, 'né, desse aprendizado, assim. E aí tinha as provas escritas também.

M: É, tinha.

Ta: Então às vezes era meio dolorosa, a gente não sabia. [inint] .

Coordenador: Mais alguma lembrança, assim, muito marcante do cursinho?

Ta: Ah, eu tinha, eu tenho ainda, eu tenho. Não sei se as meninas pegaram isso, assim, mas tinha que fazer euritmia lá na Rudolf Steiner, e essa para mim era uma parte um pouco dolorida porque eu ia num lugar que era desconhecido, 'né; eu saía de uma favela para ir para a elite, 'né. Então me lembro que aquela Rua da Job Lane era cumprida, aquilo não

acabava mais. E eu sentia muitas vezes que ali era difícil porque a gente era [inint] ali, 'né.

E: Eu não lembro de ter ido para lá, não Ta.

Ta: Eu fui, eu fui umas vezes.

E: Eu lembro da AMENCAR, 'né, que tinha muito na AMENCAR.

Ta: Isso, da AMENCAR também que a gente viajou, lembra?

E: Fazia curso lá.

Ta: Lembra que a gente viajou? Você, a Na, a Li, a L. e eu. A gente foi pela AMENCAR, foi a primeira viagem das nossas vidas. A gente foi para o Paraná, foi para Palmeira.

E: Fui não.

Ta: Ah você não foi, foi a L., foi a L., a Na e a Li, na verdade. E aí eu achava que lá na Steiner, assim, pra mim era bastante difícil porque a gente tinha essa questão, assim 'né, então, a gente ia lá porque a gente ganhava para ir para euritmia⁹⁷, porque ninguém pagava, não tem quem ia pagar um curso lá. Eu acho que talvez ali começou meu enrosco com a euritmia, que eu comecei a olhar a euritmia e acho que isso me deu uns traumas, assim, embora apesar de gostar bastante de euritmia, assim, mas ali tinha uma questão para mim.

Da: Eu fui várias vezes também.

Ta: Foi 'né, Du. Eu lembro disso.

Da: 'Ahan, [inint]. Subir aquela rua lá, para mim era doloroso. Ao chegar naquela escola eu ficava pensando assim: — Porque eu também não posso estudar aqui? Foi um enrosco na minha vida, a Steiner.

Coordenador: Du, você falou que queria estudar lá? Não?

Da: Mas não dava, mas que tinha passado da minha idade, 'né, mas aí eu achava, eu achava que todo mundo deveria estudar naquela escola, as nossas crianças, porque lá era bonito, 'né?

Coordenador: Sim.

Da: Eu não entendia porque as crianças não poderiam.

Coordenador: Aí vocês iam de ônibus e subia toda aquela ladeira a pé?

Da: É, isso. Ali é de matar.

Coordenador: Mas alguma outra lembrança do cursinho?

Da: A gente fazer estágio também, 'né Ta? Lá na Escola Rudolf Steiner também teve uns professores legais.

Ta: Ah, isso.

Da: No jardim. [inint]

⁹⁷ Prática antroposófica considerada a arte do movimento.

Da: Eu lembro o jardim da infância de lá, atendimento com a Le. Como é o nome daquela lá? Deixa eu lembrar.

Ta: Com a Ca?

Da: Ela achava ela muito endurecida, mas ela é boa, e muito inteligente, a Ca. Eu tinha um medo da Ca tão grande.

Ta: A Dona Ca, isso mesmo.

Da: Ela é carinhosa, 'né, ela parecia que não ria, mas ria. Ela olhava assim, só dela olhar a gente [inint] eu tinha muito medo dela. [inint].

Ta: Mas antes, antes de eu pegar esse grupo da Keller eu ficava com a L, auxiliando. Eu fiz estágios na Comunidade dos Cristãos, lá tinha um jardim de infância, é diferente do que agora, eles arrumaram agora, 'né, mas lá tinha um jardim de infância que era da dona R, e eu ficava lá. Eu fiz estágio lá quase um ano.

Coordenador: Da comunidade mesmo? Da Comunidade dos Cristãos? De Waldorf mesmo?

Da: É. A Ta fez lá. Eu fiz na Steiner.

Coordenador: Que legal.

E: Eu acho que eu fiquei pouco tempo no Jardim que eu não lembro nada disso. Eu estou com a memória é ruim.

M: Somos duas que eu também não 'tô lembrada.

E: Ou 'tô com a memória ruim ou eu fiquei pouco tempo porque eu não lembro nada disso que vocês tão falando.

Da: É porque vocês são as fundadoras, 'né, você e a L.

Ta: Você não lembra não? Eu acho que é porque você já tinha um grupo também, você tinha um grupo, 'né. Eu acho que talvez a gente 'tava ainda nessa, nesse processo. Só uma outra lembrança gente que eu acho que a M. vai lembrar muito também, Da e a E. era da Dona Ba, 'né. M.

Da: Ah, Dona Ba [inint].

Ta: Inclusive ela faleceu, 'né?

Da: Eu, não sabia, não.

Ta: Ela faleceu, a Ute me mandou uma mensagem, ela faleceu, eu tenho uma foto dela, Da, inclusive eu vou te mostrar, tem uma foto, tem você e eu e ela, Na, a Ji, vou te mandar essa foto, eu tenho ela em casa, 'tá lá na minha mesinha. Tem você, a Na e ela. A gente fazia muitas coisas com ela, a gente estudava sobre seres elementares, lembra que a gente fazia [inint].

Da: Sim.

E: Sim. [inint].

E: Agora você falou isso, aí eu 'tô lembrando dos anõezinhos, 'né, que ela ensinava a gente fazer de tricô. A gente fazia vários anões, anões da pedra, anões da [inint] todas as cores.

M: Ovelhas.

Da: Oh, dona Ba.

M: Eu fiz tanta ovelha viu?

Da: Era uma rainha Dona Ba.

Ta: O mais gostoso era ir para a casa da Dona Ba, 'né, M.? O mais gostoso era ir para casa da Dona Ba.

M: 'Nossa, era uma delícia.

Ta: Porque a gente, lá tinha um lanche gostoso e tinha uma piscina que a gente podia nadar.

M: Verdade.

Coordenador: Ela se tornou coordenadora, 'né? Ela foi coordenadora, não?

Ta: Ela que começou a pré-escola na Monte Azul.

M: Foi. Ela começou a pré-escola, exato.

Coordenador: Não entendi, pré-escola, não entendi.

E: Pré-escola, crianças com seis, sete anos, naquela época, 'né? Era sete, 'né?

M: Entrava com sete anos, exato.

Da: Ela nunca foi coordenadora não, mas ela era um amorzinho.

M: Ela foi minha coordenadora.

E: É?

M: Ela.

Coordenador: Ela trabalhava com as crianças diretamente.

Da: Ela era professora.

Ta: Sim, sim.

Coordenador: 'Tá. [inint].

Ta: Ela trazia essa experiência da Waldorf, da Steiner, 'né, porque ela era professora lá, 'né.

Coordenador: 'Tá. E aí ela ensinava coisas para vocês também?

Da: Sim.

Ta: Sim.

Da: Tipo Mainumby, assim, ela ensinava. Depois do horário do trabalho ela, ela, ela ficava com a gente a tardezinha para a gente poder estudar e falar sobre os anões, seres elementares. Ê, Dona Ba sempre ela trazia lanchinho ela, ela era uma rainha.

M: 'Nossa, ela era.

[inint]

Da: Ia lá, a gente até dormia, 'né E, a gente falava: — A Dona Ba vai fazer a gente dormir.

M: [inint] até para cantar, a voz dela era para fazer a gente dormir, realmente, viu. Ela sofria muito comigo, Dona Ba porque eu não tinha voz para canto, 'né, ela com aquela voz melódica e eu não tinha aquela voz, puxa vida, e eu com a voz dura.

Ta: Ô M, ô M, sem contar que a gente não era muito fácil, 'né bem, a gente não era muito fácil para aquele povo, 'né?

Coordenador: Então, temos mais perguntas que vão nessa direção só que aí são três horas agora, a princípio nós pensamos em não deixar ficar cansativa a reunião na tela, pensamos em fazer uma hora de trabalho e marcar mais uma vez de mais uma hora, se vocês acharem bom assim, porque, justamente agora foi que começou a esquentar e chegamos à questões mais de quando vocês também passaram por situações bem difíceis. Mas aí seria gostoso num outro encontro, como seria isso para vocês?

Ta: Ah, eu quero, eu quero falar se puder ter um outro encontro.

Se: (Nesse momento mais uma integrante entrou no Grupo Focal) Bom dia, tudo bem?

Da: Se.

Ta: 'Uhul.

Coordenador: Que bom que conseguiu chegar.

Se: Desculpe o atraso aí.

Coordenador: A gente justamente 'tava vendo um outro dia para a gente se encontrar e aí que bom que você 'tá ai que a gente pode ver o horário que é bom para todos, um dia, um horário que fica bom. Você 'tá no Canadá, 'né Se?

Se: Sim, 'tô, 'tô sim.

Coordenador: Você tem quantas horas a menos no Canadá? Três horas a menos?

Se: Agora aqui são, acho que são dez e meia, onze horas, então, são acho que quatro horas de diferença.

Coordenador: Então não dá para ser muito cedo.

Ta: É que a gente falar sábado de manhã e vai ser de madrugada vai 'tá dormindo.

E: Tem que ver o horário da Se, para não ficar muito. [inint]

Ta: Na quarta às cinco horas.

Coordenador: Maravilha. Então dia 5 depois de amanhã já? Ah, 'tá ótimo. Vocês conseguem ficar mais uns 10 minutinhos para Se também contar um pouquinho?

Da: Sim. [inint]

Coordenador: Tudo bem para todo mundo? Posso fazer nova pergunta para vocês?

Se: Pode sim, ‘ahan.

Coordenador: Se você pensasse em uma palavra que descrevesse o que faz a Associação Comunitária Monte Azul ser a Associação Comunitária Monte Azul, qual palavra você escolheria?

Se: União, eu acho, união.

Coordenador: Você tem quais memórias, assim mais marcantes do cursinho da Renate?

Se: Ai, bom eu pensei um pouco sobre isso eu fiquei pensando: — ‘Nossa quanta coisa eu não trouxe nada de nenhum meus cadernos, nada, tinha alguma coisa ainda no Brasil, rodas e tudo, mas eu me lembro que a gente observava bastante a natureza, e a gente aprendeu também a fazer isso para poder fazer as rodas de época que foi uma coisa que eu achei super importante, depois, ter aprendido isso, isso ficou, entrou de uma forma muito natural, não intelectual, então isso ficou mesmo para a vida. Trouxe para minha casa, para os meus filhos. Eu acho que criação de rodas rítmicas foi uma coisa assim, muito fantástica. Eu comecei mais tarde outras escolas e como nós tínhamos uma força criativa muito grande, ‘né, com as mães de creche e tudo. Ah, eu acho que também era a leveza da juventude que ‘tava ali, a gente aprendendo também e tinha uma mistura também das mães de creche com as meninas que eram realmente eram nossas jovens, eu acho que isso foi muito fantástico, assim.

E: Ah, que legal que a Se entrou lembrou da parte das mães de creche que a gente não tinha lembrado, ‘né.

Da: É mesmo, a gente não lembrava. Depois separamos, era junto depois nós separamos, ‘né.

Coordenador: Sim.

Ta: Deixa eu te contar uma coisa, Coordenador, vou falar ‘tá Se?

Se: ‘Ahan.

Ta: Eu e a Se gente se conhece desde 1959, ou 1969. É, a gente é amiga de infância, eu tinha cinco e Se tinha seis quando a gente se conheceu, então a Se é a minha amiga de infância, minha amiga, minha amiga da alma.

Se: É, e a Ta que mostrou a Monte Azul, ‘né, na verdade.

Coordenador: Que legal. Se [inint] do tempo em que você se percebeu como única. Que você foi vista como Se, ouvida como Se?

Se: Não entendi a pergunta. Em que momento assim? Na Monte Azul?

Coordenador: Lembra de algum momento no trabalho, na Associação Comunitária Monte Azul em que você pensou: — ‘Nossa eu sou alguém, eu sou importante.

Se: Não, não, não, não me lembro disso, me lembro que o grupo era muito forte, o grupo sempre foi uma, coisa muito forte. Eu acho que o tempo todo, nós somos aprendizes na

Monte Azul muito, então não importa, eu nunca pensei sobre isso assim, eu acho que eu sempre 'tava no encontro mesmo com as pessoas.

Coordenador Esse, esse convívio assim, te fez conhecer ou saber mais o seu caminho, a tarefa, seu caminho de vida, sabe assim?

Se: Sim, eu acho que eu entrei, já tinha me formado, já tinha feito magistério na época estava pensando em fazer psicologia na época. E aí quando eu achei a Monte Azul que Ta me levou para conhecer a classe dela eu falei: — ‘Nossa esse é o lugar que eu quero ficar Isso já 'tava meio decidido dentro de mim. Eu era muito idealista, já achava que isso era para sempre, claro que a vida, 'né, traz os seus movimentos e as suas aberturas e fechaduras também e o que eu percebia é que eu sempre queria estar em contato com as crianças, sempre. Agora eu percebo que aqui eu 'tô isolado e a gente não 'tá mais trabalhando e tudo. Eu percebo como [inint] mesmo, 'né, essa troca com as crianças como não tem mais, então eu percebo que esse foi, sempre foi de novo um reafirmar do que gostaria de fazer que era trabalhar com as crianças e Waldorf, 'né, antroposoficamente falando.

Coordenador: Você trabalha com isso no Canadá?

Se: Não, no Canadá. Eu trabalhei bastante em Florianópolis. Por 15 anos lá com as crianças da escola A. e agora a gente 'tá aqui dando um tempo, quer dizer a gente decidiu fechar tudo e vir para cá nessa época da quarentena. E nós, eu e Pa estávamos já bastante cansadas, então a gente falou: — Ah, a gente vai precisar mesmo desse tempo. Quer dizer é nosso ano sabático depois de quinze anos.

Coordenador: Ah, você 'tá pouco tempo no Canadá, entendi.

Se: Estamos há cinco meses.

Coordenador: Muito bem, ótimo. Eu pensei isso de perguntar para vocês sobre situações difíceis que vocês passaram, em que momentos a vida colocou uma prova para vocês e como vocês conseguiram superar. Vocês podem lembrar até quarta-feira de coisas que vocês acham importantes como E falou agora, que tem que entrar nessa pesquisa, nas nossas memórias, nos nossos registros, muito bom, obrigada E.

2. Grupo Focal- Meninas do Cursinho (Parte II)

Participantes: Ex-auxiliares de classe e ex- educadoras de creche.

Data e hora da gravação: 05 de maio de 2021, às 17 horas.

Tempo de gravação: 1 hora e 26 minutos e 34 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsis Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Coordenador: Muito bom, então bem-vindas mais uma vez, as três meninas. Eu escolhi um verso, uma poesia para vocês, inspirada no nosso encontro de segunda-feira: Creio nos valores humanos e sou a mulher da terra. Creio na força do trabalho como elos e trança do progresso. Acredito numa energia imanente que virá um dia ligar a família humana numa corrente de fraternidade Universal. Creio na salvação dos abandonados e na regeneração dos encarcerados, pela exaltação e dignidade do trabalho. Acredito nos jovens a procura de caminhos novos, abrindo espaços largos na vida. Creio na superação das incertezas neste fim de século. Este poema é de Cora Coralina. Deu para ouvir? Achei nesse verso várias palavras de vocês, jovens naquela época, mulheres, hoje.

Da: Deu, para mim deu.

Coordenador: Foi escolhido para vocês, mulheres de longa caminhada e naquela época jovens. Quando eu li, eu lembrei muito daquilo que vocês falaram. Vocês falaram da roda e de vocês como grupo e da fraternidade universal. Me veio muito a imagem do caminho de vocês e a força de vocês como jovens. Então, isso foi para dar as boas-vindas de hoje, em nosso segundo encontro. Na segunda-feira, no encontro anterior, a E falou uma coisa bem importante, no finalzinho, que foi sobre os desafios da vida. A gente só escutou coisas bonitas de vocês, daquelas lembranças, memórias deliciosas. E aí a E falou: —Mas a gente também tem que falar daquelas coisas que não foram tão boas.” Então, para agente aquecer, hoje eu queria convidar vocês para lembrar de alguma situação, naquela época do cursinho, nos primeiros anos da década de oitenta, de alguma situação difícil, um desafio, um conflito. Pode ser interno, externo. Vocês escolhem. Vocês terão alguns minutinhos para fazerem um desenho e aí, daqui a pouco, a gente compartilha. Tudo bem?

M: Aí você pega pesado. [inint]. Situação de conflito. [inint]

Coordenador: Ô M, não pega a mais difícil da vida, 'né. Pega uma mais amena. Você que escolhe o tamanho. Depois têm outras perguntas mais suaves, 'tá bom?

M: 'Nossa, não vem nada na cabeça, uma situação de conflito?

Coordenador: Algum momento onde a vida te colocou em prova, um sofrimento, um obstáculo, uma dificuldade interna ou externa.

Da: Mas eu não sei desenhar essa coisa.

Coordenador: Não precisa ser uma ilustração, pode simplesmente, colocar o sentimento, uma cor, um gesto.

[momento de execução das expressões artísticas]

Coordenador: Como estão? Já terminaram?

E: Eu já terminei. Meu desenho 'tá aqui. Muito lindo, não dá para entender nada, 'né?

Coordenador: Quer falar?

E: Quero. Naquela época os desafios eram assim, eu trabalhava lá no jardim com a pedagogia Waldorf e aí, de repente eu quis fazer informática, então isso foi uma pedra, acho que no pé de todo mundo, 'né. Todo mundo ficou espantado. Eu queria fazer informática. Aí perguntaram o que eu queria? Se eu queria ficar na Pedagogia Waldorf mesmo? Eu também não sabia responder muito o que eu queria. Eu queria ficar, mas eu queria fazer informática. Só não entendia porque eu não podia fazer informática? Porque eu não poderia fazer um curso? Aí foi um conflito bem grande, mas mesmo depois de muitas críticas eu fui fazer informática e hoje estamos aonde? Usando a informática.

Coordenador: Hoje não tem ninguém que não faça.

E: Não tem ninguém que não use a informática.

Coordenador: E você pode contar qual foi a sua força para vencer o conflito?

E: Acho que foi a força de vontade, mesmo. Eu queria fazer, eu fui lá, me inscrevi, fiz o curso, mesmo contrariando a Ute, 'né, que tem uma força muito grande. Eu falei: — Eu vou fazer.” Era a Ute, o Ze dizendo que não tinha nada a ver e tal. Eu falei: — Eu quero, eu quero experimentar, se eu ver que não tem nada a ver, tudo bem, mas eu vou”. Eu fui e me formei. Naquela época era tudo bem diferente. Quando eu fui trabalhar na área administrativa, também era uma ferramenta que a gente precisava, 'né?

Coordenador: Então, você foi bem pioneira nessa área. Que legal, E. Quem pode falar?

Ta: Posso falar.

Coordenador: Sim.

Ta: Dá para ver meu desenho?

Coordenador: Sim.

Ta: É uma espiral de várias cores. Coloquei umas cores mais escuras, mas no meio das cores escuras também tem um amarelo, 'né, tem um vermelho. Eu coloquei o vermelho mais envolta e esse amarelo aqui, permeando essas cores escuras. Porque semana passada 'né, acho que E falou que a gente vivia dentro da Comunidade, então, isso para mim sempre era uma coisa muito forte, porque a gente tinha essa luz, as vivências do Centro Cultural, enfim, a Monte Azul, 'né? A Instituição Associação Comunitária Monte Azul trazia acalanto para gente, mas também, quando você saía dali se deparava com a comunidade. Você não encontrava tantas coisas lindas, 'né? A minha casa era muito pequena, muito precária e, junto com isso, tinha o externo. Você saía de casa e de repente você se deparava com um corpo caído e depois você se

deparava com outro. Ao mesmo tempo em que a gente conseguia ver aquele amor, 'né? Aquele abraçar da Instituição, a gente também via essas violências, 'né? E isso é uma coisa que me marcou muito. Quando eu penso na Monte Azul, nos anos oitenta, isso era muito pesado. A gente ia, a gente enfrentava. A gente entrava, andava na favela de madrugada, enfim, talvez tinha muito mais amor no coração e não via tanto, 'né? Enxergava uma beleza ali, 'né? Então tem essas cores escuras que representam essa dureza, mas também tinha a luz. Então, acho que sair da comunidade, sair dali e poder fazer um teatro, poder comer, poder estar junto, então acho que a luz permeava ali também.

Coordenador: Ta, você consegue falar alguma palavra que descreve a força que te ajudava nesse desafio?

Ta: Uma palavra?

Coordenador: É, ou uma frase que te ajudava a superar.

Ta: Eu nem sabia, conheci essa palavra muito mais tarde que é resiliência. Agora, pensando, 'né, acho que é isso, mas eu acho que também tinha o amor, o amor da minha mãe e de meu pai. Eu acho que eu acreditava em mim mesmo, sabe? Eu tinha coragem de ir. Eu conhecia a favela inteira, gente imagina? Eu saía da minha casa dá ponta da favela. Eu acho que eu sempre fui uma pessoa muito fácil de me relacionar, 'né? Então acho que na época não saberia talvez essa palavra, mas acho que confiava em mim, assim.

Coordenador: Obrigada. Muito bonito.

Da: Posso falar?

Coordenador: Pode.

Da: Vou ter que mostrar o desenho, mas acho que não vai dar para ver. Tem que ser por etapa.

Da: São duas pessoas conversando.

Da: Para mim a parte mais chocante foi quando tinha assaltos, que roubaram o Jardim. Nós fizemos um painel com todas as crianças. Um dia, quando a gente 'tava saindo do jardim, esse pai, ele me encontrou e falou assim: — Vou fazer uma pergunta, você tem que responder agora, sim ou não. Quem você quer que eu mato? Eu levei um susto. Quem você quer que eu mato? Essa pessoa mexeu no lugar que não era para mexer, então você pode falar o nome que eu vou matar ele, agora. Aí eu fiquei pensando, eu falei: — Mas eu não quero. Não quero que mate ninguém. Para mim foi muito difícil. — Não é para matar alguém, não é para matar. Esse pai era uma pessoa muito, assim. A gente gostava dele, 'né, sempre gostamos dele. Eu acho que não tem problema falar o nome dele porque todo mundo conhece que é o ex-marido da Va, o Inho, 'né. Ele ajudava a gente a fazer mutirão. Mas falar: — Me fala agora quem você quer que eu mato que vou lá matar. Com arma na mão. Assim: —Escolhe. Eu

falei: — Eu não vou escolher, não. Isso marcou muito para mim porque você ‘tava discutindo a vida de alguém, ’né, [inint]. Coisa errada. Sempre quando encontrava com ele, ele virava para mim assim: — Você não quis falar, você não quis escolher a pessoa, ’né? Eu falei: — Não.

Coordenador: E ele aceitou? Como?

Da: Aceitou, aceitou. Como você vai mandar matar alguém?

Coordenador: E aí, que força que você sentiu para falar não? Não, não quero nenhuma.

Da: [inint] porque, na verdade, eu lembrei (*sic*) de uma frase que a Ute falou uma vez: — Que ninguém nasce ruim, ninguém nasce mau, ’né? [inint] tem que saber a história da pessoa. Porque alguma coisa tem por trás, ’né? Que ninguém nasce ruim. Essa frase, eu gosto dela. Às vezes converso com a E e a E fala: — É, mesmo, ele falava assim. Eu vou matar, agora.” E isso foi muito forte até hoje.

Coordenador: Obrigada, Da.

Da: De nada.

Coordenador: Se você ’tava levantando o seu desenho.

Se: Queria mostrar, porque eu queria muito falar logo após a Ta. Não sei se vocês vão conseguir ver aqui, ’tá fraco, ’né? ’Porque eu ’tô sem giz de cera. Usei uns lápis aqui que eu tinha, vocês conseguem ver?

Da: Eu vejo uns caminhos.

Se: É, eu tentei representar o córrego que tinha. Não sei como que ‘tá hoje, mas tinha esse córrego que era muito famoso. Eu queria falar logo após a Ta porque eu achei incrível que o sentimento dela era mais ou menos como meu, só que de um outro patamar, porque ela estava inserida ali, ela morava ali. Ela tinha essas vivências e eu olhava para aquilo, vindo de fora daquela realidade e eu também ficava sempre, todos os dias, sempre chocada com a vivência daquelas pessoas, principalmente das nossas crianças que tinham que passar por ali todos os dias. E para mim era sempre muito doído porque eu tentava mesmo sentir como as crianças sentiam e de todo jeito tentava também proteger as crianças daqueles sentimentos que eu achava que elas tinham. Eu tentava ver como era andar sempre naquela escadaria cheia de lama. Era muito feio naquela época que a gente começou nosso trabalho. E eu acho que a força maior que me levava a trabalhar todos os dias, ali, que me movia com muita alegria, era o amor. Essa forma de querer proteger as crianças e dar uma realidade interna para elas não terem aquelas vivências todos os dias. Então elas iam para casa cheias de coisas boas e belas que elas vivenciavam no Jardim de Infância. Eu acho que isso foi uma coisa que me marcou sempre muito. Depois, quando a Monte Azul foi se transformando com todo o nosso trabalho comunitário, tudo isso foi se perdendo, ’né, mas no início a gente andava mesmo com

lama até a bota. Era uma coisa incrível, eu sempre pensava como as crianças tinham uma força em sobreviver a tudo aquilo. Aí eu olho para isso e falo: — ‘Nossa, gente, é um milagre, essa Monte Azul porque hoje nós não temos mais nada desse passado, dessa natureza. Desse córrego, aquele cheiro, as pessoas mortas. Era muito louco.

E: Não é que não tem, mas é um pouco menos, 'né?

Se: É, acho que é pintado de outro jeito, 'né?

E: Outro jeito. Eu ia colocar essa parte também. Era uma parte bem difícil, mesmo. Para todos. Lembro que uma vez a gente chegou para trabalhar e na porta da sala, 'né, tinha uma pessoa morta. A pessoa 'tava sentada na escada que subia para sala, veio outro por cima do telhado e de cima atirou para baixo. Ela já ficou ali e ali era nossa porta de entrada com as crianças. A gente só deu volta porque na outra sala tinha porta que entrava nessa sala.

Da: É, mesmo.

Se: A gente conseguia fazer de um jeito tão incrível.

E: Fazendo trabalho.

Se: Que elas não percebiam nada, elas não falavam sobre isso, elas não levaram essas vivências com elas.

Da: É verdade.

Coordenadora: Muito obrigada. M quer mostrar seu desenho?

M: Dá para ver?

Coordenadora: Dá.

M: Eu coloquei um monte de espiral. Aqui no começo seria a reunião. Sempre que a gente começava a reunião era tão gostoso, sabe? Depois tinha a parte do café e brincadeira. Depois, a parte difícil. É a parte do conflito da reunião, sabe? Essa parte era muito dura para a gente. Depois vem a parte calma de novo. Todo mundo ficava tranquilo e acabava em festa, 'né. O Co começava a fazer brincadeira e tudo mais, sabe? Então 'tava todo mundo feliz. O Paulo sempre foi o moderador, 'né, o Paulo sempre teve um instinto. Então ele chamava o pessoal: — Agora vamos para reunião. Aí pegava a parte pesada, 'né, da briga da prefeitura com a pedagogia.

Ta: Você militando, 'né, M [inint].

M: Exatamente.

Ta: Cara, eu preciso trazer essa imagem, eu preciso trazer essa imagem.

M: Essa parte mesmo.

Ta: Você em cima da mesa e falando assim. [inint].

M: Exato, tinha esses conflitos.

M: Então, eu ia muito nas reuniões da prefeitura, naquela época, para juntar Pedagogia Waldorf com o novo sistema educacional da prefeitura. Eram linhas diferentes e a Renate não aceitava e dizia: — A gente vai ser que nem a prefeitura? Era bem diferente o trabalho. Já tinha esse conflito, essa coisa da prefeitura tomar conta da parte pedagógica das creches conveniadas. Então, como eu tinha essa visão longínqua e o pessoal não aceitava, eu dizia: — Gente tem que aproveitar agora porque tudo vai mudar. E a Renate brigava comigo. Dizia que — Não, não, não, a Pedagogia Waldorf não vai mudar.

M: Então essa foi sempre uma constante. Tinha a reunião dos vereadores, 'né, na câmara municipal, sobre a educação. Eu sempre acompanhava isso e quando levava para a Monte Azul e fazia a síntese brigavam comigo. Achavam que eu era a culpada. Então teve esses conflitos e até hoje tem. Na reunião de quinta-feira os assuntos entrelaçavam, então, por isso que eu fiz esse desenho emaranhando, para mostrar esses momentos da reunião quando tinha coisa mais pesada.

Coordenadora: Mas o seu sentimento foi qual? De medo? De inconformismo? O que foi?

M: O meu sentimento foi o sentimento de que não acreditavam em mim. Sabe que poderia ter essa mudança? Uma coisa que você sente, você não consegue nem transmitir direito que 'Tá sentindo. E as pessoas vinham como enxurrada em cima de mim, 'né, e brigavam muito. A Monte Azul sempre foi assim de abarcar a gente, 'né? E a gente não tinha a visão do que estava acontecendo lá fora, então a Ute sempre falava: — Vocês têm que ter a visão de mundo, têm que sair para ver o mundo, aí, depois que estiverem preparados, vocês voltam. Foi onde eu fui ser professora. Quis sair mesmo para estar nessa militância total, para saber o mundo que eu estou.

Coordenadora: M essa fala sua é muito legal para introduzir a próxima pergunta que é assim: — Quando a gente lê os livros da Associação Comunitária Monte Azul, lá dos anos oitenta, vemos que a Associação Comunitária Monte Azul não foi criada para ser separada do mundo. Ela faz parte do mundo de alguma forma, com as suas lutas, etc. E aí, a pergunta é: — Teve um momento em que você sentiu fazer parte de algo maior? Você se sentiu e sente fazer parte da arquitetura do mundo? Fica muito difícil perguntar assim?

Da: Para mim fica.

M: Repete a pergunta.

Coordenadora: Então, é nesse sentido que você colocou agora: — Tem que conhecer o mundo. Porque a Associação Comunitária Monte Azul não foi pensada como uma bolha e sim como fermento para o mundo, ou seja, fazendo parte da construção no mundo, da história do mundo. Teve momento em que você sentiu fazer parte de algo maior? Fazer parte da

arquitetura do mundo?

Se: Eu vou falar. Você fazendo a pergunta me veio algo sobre estar no mundo, fazer parte do mundo dentro dessa colaboração com a Monte Azul. Eu sempre sentia. Eu entrei lá com dezenove e depois eu me afastei para estudar fora, mas sempre muito ligada à Monte Azul e ao meu idealismo. Quando eu 'tava lá, junto com as crianças eu esquecia de tudo. Eu estava lá com eles. Eu não pensava mais em nada e a noite, ou quando a gente saía para as férias ou quando me afastava desse trabalho, eu sempre sentia que 'tava cumprindo ali o meu destino. Eu sempre me sentia muito preenchida e completa. Eu sentia que era lá mesmo que eu tinha que estar, naquele momento, naquela hora, fazendo aquilo e sempre aprendendo muito. Eu sentia que eu 'tava fazendo o meu destino ali. Então, isso era muito saudável, mesmo. Eu sentia uma, uma plenitude com o trabalho que muitas vezes era duro e penoso, mas ele era muito gratificante, sempre. Acho que é isso.

Ta: Você fez a pergunta e eu fiquei um tempo tentando repassar pela história. Aí, fui fazer uma imagem: eu menor e a Monte Azul muito grande. Então, sobre essa pergunta, eu também me sentia muito preenchida. Eu sentia que eu 'tava fazendo o meu melhor ali, sabe? Claro que agora eu olho um monte de coisas que eu não faria novamente. Eu faria diferente algumas coisas. Me veio a imagem de quando a gente militava. Veio-me a imagem do Diretas Já, sabe? Eu militando com a bandeira na mão e a gente indo pelos nossos direitos, sabe? 'Nossa, isso para mim foi uma coisa maravilhosa. M, o que me veio, agora, com essa imagem, foi a nossa primeira viagem para fora do Brasil. A gente viajou. A M, eu, a Dona Ba e a Ute, lembra disso, M? A gente foi para a Argentina.

M: Ah, sim.

Ta: A gente foi para a Argentina, me lembro agora muito porque a M, 'né, muito negra e na Argentina não tinha negros, então eu me lembro que a gente parava, às vezes nas portas dos restaurantes e as pessoas ficava olhando. A gente abria o braço na praça e a gente fala assim: — A gente está super feliz. Esse Mundo é nosso. A gente 'tá aqui para representar Monte Azul. Muito legal de lembrar disso aqui agora. Então eu me sentia muito parte e sabia que esse é o meu destino também. Que a Monte Azul estaria na minha vida.

Coordenador: Muito legal.

E: Eu posso falar. Na verdade, como as meninas falou, em questão de a Monte Azul preencher, 'né, comecei lá bem adolescente como todas elas, mas eu não fiz caminho de 'Tá saindo da Monte Azul, ter um serviço fora. Para mim a Monte Azul foi eterna, eu fiquei na Monte Azul trinta e seis anos, 'né.

Da: 'Tá vovó.

E: Nesses trinta e seis anos eu comecei lá no jardim de infância, do jardim eu saí e aí eu fui para pré-escola que foi um desafio também, 'né, pegar uma turma no meio do ano.

Da: Eu fiquei muito brava com isso.

E: Acho que foi quatro com essa turma, 'né, e teve isso de poder sair: — Não quero mais essa área pedagógica, não aguento mais. E saí. Fui fazer outra coisa, administrativo, 'né. esses anos todos até janeiro de 2020.

Coordenador: Então a sua procura pela informática já 'tava preparando o caminho, 'né?

E: Pensando hoje, acredito que sim.

Coordenador: Com certeza.

M: Então, quer falar Da?

Da: Para mim o momento que vem na minha cabeça é quando eu ia para a escola Waldorf fazer seminário e eu me sentia não pertencente aquele mundo, mas uma vez eu fui com a Ute, a Ute falou assim: — Você faz parte sim. — Eu falei: Mas só tem gente branca aqui, só eu aqui, todo mundo me olha. Ela: — Não, eles que são diferentes. Eles são todo mundo de uma cor só. Você tem várias cores, o problema não é você o problema é eles. Aí eu me sentia bem de chegar no meio lá daquele monte de gente. Só tinha gente loiro, mesmo. A gente se sente assim: — ‘Nossa o que que eu 'tô fazendo aqui? Ir lá e falar da Monte Azul e fazer, parte das atividades que tinha que fazer. Eu me sentia bem emponderada, assim, poderosa. É uma das coisas que eu me lembro, agora também. Agora eu não ligo mais para isso, não. Eu vou, 'tô nem aí.

Ta: Agora eu preciso falar para vocês que a Da é uma pessoa respeitadíssima dentro da Federação das escolas Waldorf, representando a Monte Azul no Brasil. É isso que eu preciso falar. Ela faz parte, ela representa os jardins da escola, nas escolas Waldorf do Brasil, é isso.

Da: Foi doloroso.

M: Bem, para mim é muito difícil, 'né, falar do Monte Azul quanto na construção do mundo. Um pouco antes de ser das meninas da Renate, eu fiz um trabalho social com o Za, eu trabalhei na parte de enfermagem. Ajudava ali no mutirão, na conscientização de limpeza, organização. A Ute sempre mostrava para a gente o lado bonito que tinha na favela, quando era aquele monte de sujeira, 'né. Ela conseguia ver ali, naquela sujeira, uma florzinha, sabe? Catar aquela florzinha e colocar no vaso, 'né. Isso me chamou muita atenção. Então, a pessoa que vem de fora e conseguiu olhar dentro daquela sujeira, daquele fedor enorme que tinha, de rato podre, comida estragada jogado no chão, merda, 'né, ela conseguiu tirar dali uma pérola, 'né. Ver uma flor. Quando eu comecei a ir para o mundo, foi quando a Ute falou: — Temos que ir para o mundo. Foi no momento que eu fui na a escola Rudolf Steiner. Eu me

arrumei, eu me lembro assim, que eu me arrumei tão bonita, cabelo de trança, sabe? Me emperiquei tanto, 'né, para falar ali, participar daquela mesa. E aí eu olho para aquele monte de pessoas brancas e eu me perguntei: — Onde que é o meu mundo? Eu me fiz essa pergunta por que, como a Ta falou, teve essa passagem da Argentina. Antes de ir para a Argentina teve esse momento de falar, fazer uma palestra na escola Rudolf Steiner. A gente não era muito bem visto na escola Rudolf Steiner. É verdade, as pessoas não acreditavam no nosso trabalho, na pele que a gente tinha, 'né. A Ute começou a ver isso, a Keller viu isso. A Ute teve muitos entraves de levar a gente para este mundo e a gente também. Somos guerreiras, somos abertas para guerrear ali e mostrar quem é a gente no Monte Azul, respeitando a nossa cultura, sabe? Então teve os momentos que a gente saiu. A favela, antes, não tinha luz; nós fizemos enormes bandeiras e a gente foi então lutar para pedir luz, naquele tempo, tempo do Jânio. 'Tava saindo o Jânio para entrar a Erundina, e a gente foi lutar por questão de moradia, sabe? E, aí, então, todo mundo ali na favela, os pais se organizaram e fizeram uma enorme bandeira com o nome da Monte Azul, 'né, pintado de verde. A gente foi lutar ali para pedir Terra, lugar para gente morar sabe? E pedir iluminação também. A Monte Azul sempre teve esses momentos de sair para o mundo e conseguir para a favela as coisas. Então, a filha da Ta 'tá fazendo serviço social, 'né? Acho muito importante ela poder fazer esse trabalho, sair para fora e trazer para dentro da nossa comunidade, o conhecimento que ela adquirir, sabe? E transformar isso, 'né? Foi isso que a Ninha trouxe para gente no início e outras pessoas que levava a nossa fala para os prefeitos, para os vereadores, sabe? E a Ute fazia a outra parte que é dentro da antroposofia, 'né, mostrar ali o nosso mundo. Então, isso para mim é muito claro. Por isso acho muito importante quando a Ute fala assim: — Vocês têm que sair, conhecer o mundo e trazer para nós as coisas dele.

Coordenador: Muito importante essa fala sua e de todos. Naquela época não se acreditava que podia fazer pedagogia Waldorf em favela, apesar de que a Pedagogia Waldorf foi para fazer pedagogia para todos, num pós-guerra, lá na Alemanha. Eu queria falar que a gente 'tá vendo, hoje, com essa nossa pesquisa que a Monte Azul com vocês e todos os trabalhadores já fazia coisas que a Federação da Escolas Waldorf 'tá acordando para isso, agora e que o mundo 'tá acordando, hoje. Vamos trabalhar a questão cultural da brasilidade, vamos trabalhar a questão do racismo, da diversidade, coisas que na Associação Comunitária Monte Azul sempre foi trabalhado, então a gente tem algo a contribuir da nossa experiência. Na época falava-se assim: — Ah, o que vocês querem fazer lá na favela? E hoje é o contrário, a gente tem algo a oferecer. Então está invertendo, 'né? A gente tem algo a oferecer para o mundo e com a pandemia isso

ficou mais claro ainda porque coisas que aconteciam na favela, naquela época, em termos de sofrimento, de miséria, o mundo inteiro ‘tá passando, hoje. Todo mundo ‘tá sofrendo, ‘tá em miséria anímica e a gente tem história para contar sobre como lidar com isso.

Se: E uma coisa que eu acho bem, bem importante, bem legal que a M falou ou não sobre que a Ute sempre achava uma florzinha, sempre tinha coisa boa. Isso eu acho que nós aprendemos. A tirar dali coisas especiais. Sempre têm, se você olhar com cuidado e a gente aprendeu isso, isso fez parte também dos nossos cursinhos, a gente aprendeu a observar e a olhar sempre o lado melhor da história ou do que nós estávamos vendo ali, vivenciando e eu acho que essas perolazinhas a gente sempre levou para os nossos aluninhos e isso eu acho que foi passando pelo mundo afora, todo mundo tinha uma coisa, uma pérola para levar para fora. É uma coisa que não termina, ’né. Eu acho que a gente entendeu porque era difícil para a escola Rudolf Steiner. Eles não tinham esse olhar de achar uma coisinha ali, eles viam todo o feio, mas os nossos tesouros estavam ali.

Coordenador: Lindo, Se. A nossa hora já ‘Tá acabando com uma última rodada. Quero fazer essa pergunta: — Quais foram os maiores momentos de frustração e de maior gratidão?

Da: Essa daí é difícil.

Ta: De frustração, vou falar ‘Tá? Na verdade, eu acho que eu já tinha saído um pouco desse caminho do primeiro setênio, mas foi um pouco isso que a M trouxe, ’né, eram tantas dificuldades e tanta pobreza que eu entrei no embate tinha mais ou menos 24 anos e eu dizia: “essa pedagogia Waldorf não é para mim”. A Ute fica falando, cara como que ela quer que eu acho beleza nisso aqui? Como ela quer que eu acho uma beleza, sabe? Como que essa pedagogia Waldorf vai transformar a vida? E não dá cara. A gente tinha um contraste, a gente ’tava na favela e o Morumbi estava do lado, então quando eu passava naquele Morumbi e via o carinha com quatro carro dentro da garagem, claro que hoje a minha visão é diferente, eu falava: — Cara, porque que a gente tem tantos contrastes assim? Então eu entrei no conflito e eu saí da Monte Azul, eu fui embora da Monte Azul, brigada. Eu tive que sair. Acho que esse conflito de achar que a Pedagogia Waldorf não era para a classe menos favorecida, ’né, obviamente que eu penso diferente, agora. Essa é a sexta vez que eu sou registrada na Monte Azul, ’né, eu cheguei na Monte Azul com doze anos eu vou fazer cinquenta esse ano, e aí a minha maior gratidão é como as pessoas puderam olhar para mim, não no sentido de me vangloriar, mas de olhar para mim, ’né, e reconhecer em mim as minhas potencialidades e quando eu vejo isso eu tenho que agradecer muito a Monte Azul porque é dali que eu sou, ’né, esse é meu lugar, esse é meu espaço, ’né. Foi ali que eu aprendi. Nós, as meninas, nós vivemos coisas difíceis, mas nós vivemos coisas maravilhosas, a gente cantou, a

gente bebeu, a gente riu, a gente namorou, a gente dançou e isso tudo ressignificou nossa história, 'né. E aí a gente tinha os contrastes, por exemplo, aqui, nós quatro, M, Da, E, eu a gente 'tava nessa comunidade, a Se veio de um outro bairro um pouco mais longe, mas também entrou nessa, nesse processo, 'né. Eu tenho que dizer que muitas vezes a gente brigou, mas muitas vezes, mesmo longe a gente 'tava junto assim, sabe como a gente 'Tá, agora, então, por exemplo, eu 'tô emocionada porque é muito bom a gente poder trazer dessa forma, porque eu acho que isso que é a Monte Azul, 'né. A Monte Azul traz isso para a gente, que a gente consegue olhar, então eu sou grata porque as pessoas me olham e eu devo isso a Monte Azul, 'né. Olha só, aquela menina de doze anos 'tá dando aula na pós-graduação da Rudolf Steiner. E olha o quanto que a gente pode ser, 'né, assim o quanto que a gente tem... e aí quando eu disse: —Qual é a sua palavra? É poder ser. E a Monte Azul permite que a gente seja, 'né, com todas as questões, então eu sou só gratidão.

Coordenador: Obrigada.

M: Posso?

Coordenador: Sim.

M: Vou ser um pouquinho chata. Eu sou meia chata, cri, cri, vocês sabem.

Ta: Só um pouquinho.

M: Então teve vários momentos de frustrações, 'né, quando a gente perde um aluno, sabe? Em um assalto eu tive um aluno que faleceu. Foi assaltar e morreu, então eu, eu sinto esta frustração de que eu não fiz o melhor, 'né. É uma das frustrações. Uma frustração também é que a Monte Azul abriu portas e abre portas, janelas para nossa comunidade. Eu fico com pena porque às vezes alguns jovens não conseguem entrar nessa porta ou enxergar essas janelas, mas quando tem oportunidade a Monte Azul também não dá a oportunidade.

Coordenador: Como assim M.?

M: Vou dizer, por exemplo, a Ta se formou, saiu da favela, foi trabalhar, voltou a trabalhar no Monte Azul, foi professora, depois ela subiu de cargo para coordenadora, pode até agora ser uma gestora, 'né, coisa que eu não sei se quer ou não quer, mas têm muitas crianças que poderiam ter essa oportunidade e o Monte Azul às vezes não dá essa oportunidade, pega de fora, pega gestores de fora da comunidade, enquanto nós temos pessoas que são gestoras de lá de dentro que poderiam estar assumindo esse papel. Isso para mim é frustrante, é frustrante porque mães que começaram o trabalho e não estão como coordenadora e poderia estar assumindo esse papel, mas pega de fora. Então para mim é um pouco frustrante que a gente pode falar: — As pessoas trabalham, somos trabalhadores,

fomos formiguinhas, mas só que não teve a glória, o pedestal. Mas tem muita gratidão para Monte Azul porque ele abriu o caminho. Monte Azul é caminhos que você pode trilhar. Aí você decide onde você quer ir, então, eu tenho muita gratidão por Monte Azul. Eu saí, voltei, continuo no Monte Azul na parte administrativa, 'né, mas eu consegui ir mais além, sabe? Do que eu esperava e precisomais um pouco ainda ir lá na sociedade antroposófica, em Donarch, levar a minha fala. É isso que eu quero, porque muitos jovens saíram, mas não chegaram lá, essa é a fala.

Coordenador: Muito obrigada.

E: Eu quero falar, então para mim uma das frustrações é com o passar do tempo, 'né, que aquelas crianças que a gente trabalhou lá que a gente fez todas aquelas coisas tão lindas com as crianças aí de repente eles começaram a ficar com doze, treze anos e a gente via essas crianças já no tráfico, 'né, traficando, vendendo e alguns usando, então essa é uma frustração muito grande que a gente tinha, tenho ainda, com certeza, mas uma vez conversando com, acho que com a Ute, com alguém eu falei sobre isso, 'né, que a gente fez lá no Jardim coisas tão bonita que a gente perguntou porque que essas crianças foram para esse caminho, 'né, e a Ute conseguiu me mostrar o outro lado também de dizer assim: — A gente não pode salvar o mundo, não pode salvar todas as pessoas” de uma turma lá de trinta se dois foi por esse caminho aí a gente conseguiu os outros, então a gente não pode ver só esses, a gente não vai conseguir por mais que seja a pedagogia Waldorf, a gente não vai conseguir colocar todo mundo no mesmo caminho, 'né, e isso faz parte. Então isso confortou um pouco assim, mas de alguma forma é bem realmente constante, 'né. Gratidão para mim é em todos os momentos. Eu só tenho mesmo agradecer a oportunidade que eu tive de trocar de área de trabalho no momento que eu me sentia muito cansada, 'né, então eu trabalhei, como todo mundo já sabe, lá no Jardim, depois na pré-escola, alfabetização de adultos à noite por sete anos, 'né, depois trabalhei na gerência da loja e por fim fiquei gestora administrativa, 'né, até eu 'tá saindo. Então, isso para mim é muito gratificante, assim, todas essas etapas que eu passei, fora as viagens, a oportunidade de viajar mesmo, 'né, fora assim até do Brasil e conhecendo e levando um pouco da Monte Azul para esses lugares, então eu realmente só tenho que agradecer, tem muita gratidão por isso.

Coordenador: Obrigada, E.

Da: Eu vou falar uma coisa, mas é pessoal, posso falar? Nem perguntei se eu posso falar. Uma coisa mais frustrante para mim foi que eu sempre trabalhei no jardim e todo mundo sabe que o Jardim é a menina dos meus olhos. Quando a Ute, a Keller decidiu que eu tinha que sair do jardim, para mim foi a morte, foi uma coisa muito frustrante, muito doloroso para mim, foi uma dor muito profunda, 'né. Eu demorei bastante, uns meses para poder aceitar isso. Eu achava que

eu trabalhei razoável bem, mas não, aí eu tinha que sair do jardim. Aí eu saí, ela falou assim: — Você pode carregar o grupo e eu — Mas não quero carregar o grupo. Por outro lado, foi muito bom eu ter saído, assim, essa gratidão por ter saído de ver outra possibilidade de levar grupo até os quatorze, quinze anos de idade e ficar com a mesma turma. Agora eu consigo ver isso claramente, foi muito importante para o meu desenvolvimento, para me ver o outro lado também. Para mim, segundo setênio era o Bicho de Sete Cabeças, 'né. Para mim a gratidão é isso mesmo, é ter vários momentos assim. E viajei fora também. Quando eu tive meu ano sabático, eu trabalhei só meio período na biblioteca e depois eu viajei também para a Suíça, fui lá para Donarch que é o sonho [inint]. Fiquei de férias com a família e depois fui para Áustria concluir meu curso de Quirofonética. Essa gratidão pela Monte Azul de sair eu tenho muito grande mesmo, assim, muito obrigado que na hora certa elas falaram sai, vai, e aí, olha que eu era uma pessoa difícil [inint], mas aí, aí eu pude, aí eu tive que estudar, sabe? Tive que estudar o que é o segundo setênio. E aí a Ute pegou e me chamou um dia, na casa dela e falou assim, achei muito interessante, ela falou assim: — Você tem que sair porque aí você vai ficar muito endurecida, nesse lugar. Aí ela me contou o exemplo da vida dela quando ela teve que sair da Monte Azul. Todo mundo ainda lembra, 'né? Isso aconteceu porque eu tinha que largar isso. Aí eu entendi realmente que a Ute tinha toda razão; que eu tinha que sair do jardim mesmo e dar lugar para outras pessoas entrar e fazer um belíssimo trabalho, 'né. E é isso.

M: Talvez é legal a Monte Azul, esse acolhimento, sabe? Ele acolhe e depois para e diz: — Agora você vai para o mundo”. Aí você tem os seus caminhos. Tem alunos que hoje é advogado, tem alunos que se formaram em dentista, dono de mercado, O Mi, por exemplo. Eu o chamo de Mi, mas é o Cir, 'né? O Gon da dona A que é advogado, a Na, 'né, O En que é padre, sabe? Então eles tiveram, assim, vários caminhos para eles poderem chegar até onde estão, isso foi através da onde? Do Monte Azul, da gente. Sabe de construir? Claro que é um trabalho de formiguinha a educação, 'né? Cada um tem o seu destino...

Ta: É isso mesmo.

M: [inint] pela droga, sabe? Vamos fazer o quê?

Ta: Você, você falando nome, Se, o Ed até hoje pergunta de você, ele é meu vizinho agora.

Se: Ah é?

Ta: É, a Me mora na minha rua e aí ela fala assim: “ô Ta você sabe da Se?” Eu falo: “Eu sei, a gente sempre conversa” “Então fala e manda um abraço para ela.” Então o Ed era o menino do seu D, 'né, quem sabe? Todo mundo aqui já teve aluno filho do seu D, todo mundo é padrinho, é madrinha, eu sou madrinha, todo mundo tem um grau ali com essa família. Era o menino que a gente cortava o cabelo, que a gente cuidava das feridas, que a gente levava para

casa, que a gente, enfim.

S: Tirava os piolhos.

T: Catava os piolhos, comprava roupa no bazar, comprava, enfim era esse menino que a gente tinha.

Se: Os nossos filhotes.

Ta: Os filhos, assim 'né, que era da turma da Se e da minha turma, então é isso mesmo M Eu fico tão feliz quando eu encontro a Ga, a filha da Ba e ela fala assim para mim, no meio da favela, ela abre o braço e fala assim: — Você é minha vida, você é minha vida. Ela me chama de vida: — Oi vida, oi vida. Ela me chama de vida, imagina isso 'né? Então que que é isso, 'né? O que que é isso na nossa vida, 'né? É isso mesmo, a gente teve perdas, mas a gente tem ganhos maravilhosos de crianças que a gente conseguiu e com certeza, com certeza tem a nossa mão ali, 'né? Com certeza.

M: Como tem muito da Ute e da Renate na gente, 'né?

Ta: Ah, nem fala, com certeza, nem fala assim.

M: Não desistiu, até hoje. A Ute fala: — M você é meu carma” [inint].

Ta: Eu tenho uma foto que eu vou mandar para vocês depois. É porque agora eu pensei nela. É uma foto que parece que 'tá M, Se e eu tem Na, eu acho que tem Da e E também, eu vou mandar essa foto para vocês que tem a gente cantando no pátio do Centro Cultural. Vou mandar depois a da Dona Ba. Não vou esquecer de mandar da Dona Ba, que a gente 'tá com ela.

Coordenador: A palavra é da Se. A última fala.

Se: Sim, eu 'tava naquela época. Eu acho que uma das coisas que me frustravam muito era como a gente trabalhava no Jardim de Infância as crianças e quando estavam com seis anos elas iam direto para escola estadual ali. Para mim era bem frustrante ver como as crianças voltavam de lá no primeiro ano, elas praticamente vinham traumatizadas porque era muito diferente, muito duro e elas eram tão pequenas ainda. Aí a gente se preocupava bastante com elas. Eu pelo menos. A gente se preocupou bastante com isso e a gente começou a discutir bastante sobre isso. E aí surgiu o pré, eu acho que foi bastante suavizante para as crianças na época essa passagem ali, antes de ir para a escola. Já tem uma pré-alfabetização Waldorf com a pré-escola, um trabalho também maravilhoso e a gente começou a sonhar com a escola comunitária que um dia viria. Demorou muito, mas a gente queria que fosse logo, logo para tentar realmente cuidar dessas crianças que eram nossas e a gente via que era um sofrimento elas irem para escola Zulmira ali no morro, 'né, do outro lado. Isso, para mim era bastante frustrante. A gente discutia bastante sobre isso, tanto que depois de um certo momento eu falei: — Ai, não, eu quero continuar cuidar dessas crianças que saem do Jardim e

vão para escola. Daí foi a minha passagem para o CJ (Centro da Juventude)⁹⁸ que foi também maravilhoso. Eu achei um trabalho muito rico e eu acho que essa frustração não ficou, passou porque pude também trabalhar com essas crianças que iam para o 1º ano e voltavam para mim, à tarde. Acho que isso foi uma das frustrações daquela época, 'né. Eu sou muito grata, sempre, por tudo que eu aprendi. Eu fiz parte da oficina social bem no início dela e eu sei que a Monte Azul é uma grande faculdade de vida, ela é muito completa, ela possibilita que você se forme de todos os jeitos, de todas as formas. É, eu acho isso, e por isso eu sou muito grata; por ter passado por isso, também. Nós, na nossa juventude éramos tão idealistas que a gente queria passar por tudo. Eu me lembro disso, eu queria fazer parte de tudo que era coisa de lá. Eu praticamente me mudei, num certo momento, para a escolinha. A gente dormia no sótão, ao redor da fogueira, porque a gente não queria perder nada, a gente queria aprender tudo, isso foi bem legal.

Ma: A gente era que nem uma esponja, 'né? Que quer absorver.

Se: Sim era. É incrível essa força do jovem, 'né.

Ta: Era tão louca, Se, ao você falar isso, agora, eu me lembrei, olha só que loucura, a gente cuidava de todas as partes, claro dinheiro, não era o dinheiro da Monte Azul, mas a gente cuidava das notas fiscais. Chegavam as coisas, a gente mexia no escritório, a gente carimbava, a gente cuidava disso, olha só, que 'loco isso.

Se: De tudo. [inint].

Ta: Tudo, a gente 'tava em tudo, era muito isso, 'né. Nas comissões, 'né.

Se: Não, e olha, a gente organizava as nossas excursões, 'né? Colônia de férias, gente, o que que era aquilo? A gente organizava tudo, tudo. Desde a autorização dos pais até quem ia levar, quem ia cuidar, quem ia cozinhar, o que ia cozinhar, as compras, tudo. A gente, nossa é um grande aprendizado isso, 'né, calcular o quanto cada criança come a cada dia.

Ta: Isso mesmo.

Da: Foi mesmo.

M: E as atividades também, 'né? Ficava uma semana fora, sempre tinha atividade, coisas novas para as crianças, 'né. Não tinha reprises, 'né? É isso que precisa, coisas novas [inint]. Sê a mão livre do negro. Chega.

Se: Essas coisas, 'né, que eu acho que nunca mais, teatros tão completos.

Coordenador: Dá vontade de escutar vocês muito tempo, mas já são seis e meia e a gente combinou de fazer um encontro não tão demorado para não cansar ninguém. Se vocês gostarem

⁹⁸ Antiga denominação do trabalho social realizado com crianças no contraturno escolar.

de contar mais algumas, mandem um áudio, escrevam ou liguem para gente. Se lembrarem de mais alguma coisa ou uma foto, por favor, mandem.

Da: Eu só tenho que falar uma coisa de uma pessoa que fez parte da Monte Azul: a Sa, nossa.

Ta: Sim.

Da: A Sa gente, ela tinha que conviver comigo e com a E. Nós éramos loucas, loucas e ela era aquela [inint] tinha momentos que a E falava assim para ela: — Sa, lembra. Ela vinha com aquele amor, assim. Eu falei assim: — Meu Deus eu não aguento a Sa. Aí, quando a Renate me colocou para trabalhar na sala dela, eu falei: — Eu não vou trabalhar, a Sa é muito mole, eu não dou conta. A Sa 'tava do meu lado, assim, com aquela carinha assim de anjinho, toda delicadinha, assim. Eu falei: — Eu não vou dar conta da Sa, não vou dar conta. Eu vou ser um trator, vou passar por cima dela. E ela bem calminha, assim, depois eu vi a Sa, eu tenho um respeito tão grande pela Sa, que ela era nossa [inint] eu falava para a Renate: — Você vai me passar a sala porque ela demora muito para entregar a sala, então você vem, vai arrumar, vai limpar você que vai entregar sala para mim, não vai ser ela não. [inint] ajudar ela porque eu não vou ajudar ela. Mas claro que depois a gente ajudava, entendia que era o ritmo dela. Era de admirar a Sa tão grande, assim, ela fazia a roda, ela fazia versos bonitos, sabe?” E ela fazia aquela coisa tão maravilhosa que falava: — “Nossa, eu aqui brigando com uma coisa tão simples de limpar a sala” e ela vinha com aquelas coisas maravilhosas.

Ta: Eu acho que em memória, sabe Coordenadora, podia ter uma parte que a gente deixasse ali para homenageá-la, sabe? Acho que é importante porque ela foi a Sa 'né? Uma das crianças primeiras que chegou na casa da Ute por conta da Sa, 'né E? É por conta da Sa, por conta da E, por isso que a gente existe, 'né, por isso, então acho que a Sa precisa, em memória, ter uma flor linda ali.

Ta: Minhas queridas eu preciso sair que eu tenho aula. [inint]

Coordenador: Muito obrigada.

E: Nada gente, eu que agradeço a oportunidade.

M: Foi maravilhoso, muito obrigada.

Coordenador: [inint] um cafezinho juntas.

Ta: Ai eu 'tô bem grata também.

Se: Tchau gente.

E: Tchau gente, obrigada.

Da: Se, dá um beijo na P.

Se: 'Tá, eu dou sim.

Ta: Tchau irmã.

Se: Tchau maninha.

Ta: Tchau *manita*.

3. Grupo focal – Ex-alunas do Mainumby

Data e hora da gravação: 25 de agosto de 2021, às 19:00 horas.

Participantes: Ex-alunos do Mainumby e também ex-educadores da Associação Comunitária Monte Azul.

Tempo de gravação: 57 minutos e 32 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsi Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Coordenador: Boa noite. Para dar as boas-vindas para vocês eu vou ler uma lenda: — Á beira de uma estrada que conduz a Jericó, seis cegos, sem dizer nada, seus barretes estendiam, pedindo a quem tinha dó, esmolas de quem viviam. Todos seis, porém, sentiam bastante não conhecer, o elefante, que diziam ser um bonito animal, muito grande, muito forte, incapaz de fazer mal. Quando ali aconteceu passar rico viajante conduzindo um elefante. Cada um se convenceu que podia, com seu tato, de uma vez saber, assim, aproveitando tal fato, que bicho era aquele, enfim. O primeiro, nas ilhadas apalpando o elefante. Já sei são paredes largas. Disse alegre, triunfante. Qual nada disse o segundo que passando, com presteza, as mãos sobre a grande presa do elefante, assim falou: Enganou-se, meu amigo, ele é bem parecido, com lanças pontudas, fortes, capazes de causar cortes. Pois sim! Falou o terceiro, para mim um elefante à cobra é que é semelhante. Nunca vi tamanha asneira, disse o quarto convencido, para mim é uma palmeira! O quinto cego, porém, como a orelha alcançasse, disse opinando também: Deixem de tanta parola, o elefante é, tão somente, uma grande ventarola. E o sexto pegando a cauda, do bicho, disse por fim: Qual nada! Mas que cegueira! Como a corda, é ele assim. E o guia do elefante, ao lado do viajante, seguiu deixando abalados, os seis cegos exaltados, discutirem esta questão. Se a verdade é tão difícil de apurar, em discussão, fiquemos, pois, cada um, com sua convicção.

Za: Olá, boa noite. Tudo bem? Obrigada

Coordenador: Conheciam essa lenda dos seis cegos e o elefante? Não? Achei que para a gente começar nossa conversa, nosso grupinho de ex-educadores da Associação Comunitária Monte Azul, seria nesse estilo de cada um contar, do seu ponto de vista, uma parte do todo. Então, mais uma vez, bem-vindas, vocês três. E, para a gente aquecer, uma pergunta rápida para vocês três:

o que faz a Associação Comunitária Monte Azul ser a Associação Comunitária Monte Azul? Pode ser uma palavra ou uma frase.

Za: Um olhar especial para o outro ser humano.

Coordenador: 'Bacana.

Les: Ah, para mim, só a pergunta me emocionou [risos]. Emoção. A Monte Azul para mim, é muita emoção.

Luz: Para mim é comunidade, porque é impressionante. Uma vez Monte Azul, sempre Monte Azul, 'né.

Coordenador: Muito legal, obrigada. E aí, já olhando mais para o Mainumby quero perguntar: Vocês fizeram todos os Mainumby, depois de 2000, 'né? Vocês poderiam contar o que diferencia o curso Mainumby de outros cursos de Pedagogia Waldorf que fizeram e pensando também na escola ou faculdade. O que diferencia o ensino e aprendizagem do Mainumby?

Les: Ah, para mim, foi a leveza dos docentes. A forma como eles ensinava, para mim, foi um fator fora do comum. Eu lembro que, eu estava tendo, eu não vou lembrar o nome das professoras, uma aula com as agulhas, como chama? É tricô? Que ensinava a fazer os bonequinhos, é isso? E, assim, eu não conseguia porque, aí que eu descobri que eu tinha que fazer uma terapia para descobrir porquê a linha não entrava no lugar [risos]. E, para mim, a explicação que ela deu e a forma que ela me ensinou a conduzir a agulha, a linha, aquilo foi diferencial para a vida. Para mim, isso foi muito importante.

Luz: Para mim, o interessante do curso do Mainumby, primeiro que, ele é aberto e ele é gratuito. Então, quem quiser pode estar lá e isso, por si só, considerando que é um curso de Pedagogia Waldorf, é um negócio muito importante. Graças a Deus, eu 'tô fazendo o curso da faculdade Rudolf Steiner, 'né. 'Nossa turma, junto com a da Cla é a primeira que 'tá acontecendo e vai se formar agora. Nós somos a turma pioneira, 'né, e ainda bem que dentro dessa turma, tanta gente fala que essa informação tem que ser aberta e quanto essa formação é muito importante para os todos educadores. Eu acho que o Mainumby possibilita isso. Mas, o que eu me lembro era como o encontro era gostoso. Porque era um sábado, a gente ia lá no Horizonte, 'né. Eu não fiz muitos Mainumby, porque eu demorava duas horas para chegar lá, saindo da minha casa. Eu tinha muita vontade de estar na Monte Azul. Então, pegava condução, duas horas. Depois, eu voltava. Duas horas para voltar. Quando tinha qualquer chuvinha, qualquer greve, pronto, três horas para voltar para casa [inint]. Todas as vezes eram encontros superleves, super agradáveis, um monte de gente que a gente adorava estava lá. A gente comia comida boa, a gente ria, a gente cantava, era muito gostoso. O Mainumby era um curso muito prático. Às vezes, eu sinto, por exemplo, tem

módulo lá na formação da faculdade que a gente, às vezes, sai até com febre, 'né. Sai, pensando assim: — ‘Nossa, um rolo compressor passou pela gente. É um negócio tão “cabeçudo”. Mas o Mainumby era muito prático, ‘né. A coisa acontecia. E aí, era leve, era gostoso. Sempre foi muito mágico. Mas, eu acho que, a importância desse Mainumby, para mim, é que ele era possível de estar, assim, sem maiores burocracias, sem maior impedimento. Eu acho que isso é uma potência desse Mainumby que, ‘uau, a gente tinha que “cantar aos quatro ventos”’.

Coordenadora: Cla, quer falar?

Za: Sim, posso falar. Na verdade, assim, só para você entender. O meu sonho nunca foi cuidar de crianças. A minha mãe, ela cuidava de crianças, 'né, e eu falava: — Mãe, a senhora é louca. E ela colocava as crianças para dormir, depois do almoço. Na verdade, eu descobri, depois de muitos anos, que minha mãe era uma professora Waldorf, sem nem conhecer, 'né. E eu cheguei na Monte Azul por causa da minha neta, 'né. Eu estava desesperada por um lugar para ela estudar. E aí, logo eu virei uma educadora. E eu pensava: — ‘Nossa, sou louca. E aí, entrei no curso Mainumby, ‘né. Eu não entendia nada que falavam. Tinha pessoas que, às vezes, vinham com a fala que não conseguia entender, mas eles demonstravam com gestos, com movimentos e isso entrava dentro do meu coração. Coisa que me marcou bastante foi a aula de música. O professor pediu para que nós assistíssemos um filme, 'né? Ele falou o nome de alguns filmes. E eu falei: — Mas, o que tem a ver a dança com educação, 'né? Eu perguntei para ele, ele falou assim: — Na dança, você tem que deixar alguém te conduzir e você também precisa conduzir. Então, sabe coisas assim que não precisava ninguém falar? Era só um gesto, 'né. Se eu sou o que eu sou hoje, foi pelo Mainumby, porque, muitas vezes, não entendia as falas, as teorias que traziam. Mas, a prática, me fez ser a educadora que eu sou hoje. Assim, tenho muito orgulho, 'né, da educadora que eu sou, que me formei. Sei que ainda tenho muito que melhorar como ser humano na caminhada. Mas eu não troco o Mainumby por nenhuma faculdade. Essa pós agora, que eu fiz também; ela trouxe a parte teórica, mas na prática, meu bem, pode me dar duzentas crianças que eu 'tô feliz, tranquila, assim, sabe? Vai ser uma leveza na sala. Então, assim, isso eu trouxe do Mainumby.

Eu tentei, acho que seis vezes, entrar no curso de formação da Rudolf Steiner e eu não consegui. Aqui na comunidade, aqui na Monte Azul, as pessoas mais humildes têm acesso a isso, sabe? Tem acesso de várias formas: de comer, de estudar, de aprender, de se voluntariar. Então, assim, se a minha família mudou, se a minha vida mudou, foi pelo aprendizado que eu tive lá na Monte Azul e, em especial, no Mainumby. Eu sou filha do Mainumby. Eu fiz oito anos de Mainumby e gostaria de fazer de novo.

Coordenador: Cla, achei interessante como você falou. Você falou assim: —Eu não entendia nada do que as pessoas falavam, algumas vezes. Mas, aí, o gesto entrava. Você consegue descrever isso mais um pouco? Assim, como a gente aprende através do gesto ou a partir da prática? Como é isso?

Za: Nas aulas de tricô, de crochê, de pinta uma fraldinha. Aí, na hora que nós estávamos pintando, por exemplo, um paninho, a professora sempre falava: — É muito importante essa cor para as crianças. Essa cor traz leveza. — Ah, mas porque não preto, porque não azul. Então, ela explicava, 'né? E, nós fazíamos ali. Então, aqueles grupos pequenos, grupos de interesse, no meu caso, era onde eu mais aprendia, 'né? Lá na plenária, às vezes, eu me perdia um pouco, porque tinha falas que eu não conseguia entender, 'né? Porque, para mim, até hoje, é muito difícil as falas de Rudolf Steiner. Mas, assim, por exemplo, no berçário, 'né, assim, as meninas falavam: — No berçário é importante tem essa cor. E a gente pintava. É importante, por exemplo, eu detestava argila, mas na aula de argila o professor explicava: — Olha, é assim, faz desse jeito, 'né. Na aula de euritmia, também, 'né. Igual. Então, é uma dança mesmo, na sala, de você conduzir. As crianças se deixam levar, se a gente tem aquela postura de conduzir a sala, de você pedir ao amigo, de dividir, 'né, de levar. De um ir para lá, outro ir para cá. É mais ou menos assim, não sei se eu fui clara?

Coordenador: Foi sim.

Za: Uma outra coisa que foi muito interessante, para mim, foi que, quando eu comecei na Monte Azul, a Ute dava umas aulas para gente lá no ambulatório de ah, esqueci, desenho de forma, 'né? Eu falava: — Gente, que povo louco, 'né? Mas, tudo bem. E aí, um dia eu falei: — Ute, esse negócio é muito estranho. Muito esquisito ficar desenhando no ar, assim. E aí, ela falou que isso era muito importante para a gente se acalmar. E eu levo isso, até hoje, para minha vida, sabe? Sempre que eu 'tô agitada, nervosa, sabe? Eu começo a fazer movimentos, assim, sabe? Então, não precisa nem falar, 'né? A gente não entende, às vezes, na hora, mas hoje, com cinquenta e quatro anos, eu levo isso para minha vida, sabe?

Coordenador: Achei tão interessante, a Cla falou assim: — Da dança, eu aprendi que a gente tem que aprender a ser conduzido. Aí, a Lurdes falou: - Eu aprendi, quando estava enfiando a linha na agulha, alguma coisa assim, eu me entendi, eu me conheci. Eu aprendi que eu tenho que aprender mais sobre mim mesma. Não parece que é isso que a gente tem que aprender numa faculdade, num curso? Vocês conseguem completar só mais um pouquinho dessa leveza?

Luz: Então, eu falo da leveza. Quando comecei na Monte Azul tanto não foi a primeira vez que eu cheguei num ambiente Waldorf e, nem a última vez. Mas, na Monte Azul, quando eu cheguei e participei do Mainumby, eu cheguei num lugar que tinha nós e tinha o que tinha e estava bom.

Sempre me disseram que eu não podia fazer ou o que eu podia fazer ou que tinha que acontecer, só acontecia. E aí, disseram que, tinha que ter isso, tinha que ser assim, tinha que ser assado. Ainda mais em escola, tinha que ter o giz da marca tal, da aquarela tal, do papel tal, do não sei o quê tal, senão, não era Waldorf. E no Mainumby algo muito complexo, era trazido de uma forma muito simples. Sempre tinha um monte de instrumentos no chão. — A gente vai fazer música, porque é importante música para as crianças, diziam — E olha que gostoso que é quando todo mundo se encontra na música. É aquele momento de ouvir e de fazer e de estar lá, e de estar com aquelas pessoas todas que a gente encontra durante a semana, naquele ambiente. Aí, a gente não está lidando com aquele incêndio de todo dia, mas a gente está ali para receber. E, nem sempre a gente pôde participar, porque era muita gente. Nem sempre foi fácil de ouvir, porque tem umas pessoas que falam bem baixinho, lá na frente e você lá atrás. Mas, a coisa passava e muita coisa se colocou para dentro de mim de um jeito que não tem Rudolf Steiner que coloque, entendeu? Quero dizer que uma vez Monte Azul, sempre Monte Azul, 'né? Esse tipo de conhecimento, essa passagem de conhecimento entra nas entranhas, não é só no Mainumby que isso acontece. É nas festas dos povos, é nos encontros de sextas-feiras. Aquela sexta-feira do mês que a gente se encontrava para ver como é que está cada núcleo, quem é que está chegando, quem é que está partindo. Acho que o Mainumby não era só no dia de Mainumby, não. Era todo dia.

Les: O que eu posso falar do Mainumby, é que o Mainumby me acrescentou como mãe. Porque, meu filho, ele não estudou numa escola Waldorf, 'né. Mas, tudo que eu aprendi no Mainumby eu trouxe para dentro da minha casa na educação do meu filho. E isso, como reverberou na construção dele, como ser humano. No que ele é hoje. Como ele é hoje é tudo aquilo que eu aprendi no Mainumby. E as pessoas falavam, assim: — Ah, mas isso não é besteira? Eu fiz faculdade, 'né, tardiamente, eu ligava para ele e perguntava para ele [inint] sobre o que ele tinha acabado de fazer, sobre a primeira coisa do dia e qual era a palavra do dia, o que foi mais importante, 'né, naquele dia, para ele. Então, aquilo nos fez crescer numa relação muito bonita, de afeto, de respeito. Isso é o reflexo de tudo que eu aprendi no Mainumby, no Projeto Enfrentando o Futuro com Coragem, nas integrações de sexta-feira, nas reuniões de quinta-feira. Tudo isso, entrou dentro da minha formação, de uma maneira, assim, como a M falou: — Ah, eu não entendi. Mas estava lá, 'né? Como onda, batia, voltava, batia, voltava e ficava tudo que tinha que ficar. Então, assim, o que me deixa muito feliz de ver, nessa construção que eu tive na Monte Azul, é ver a relação que eu tenho com o meu filho. O que isso me proporcionou, de ser uma pessoa melhor, de ser uma mãe melhor, de ser um ser humano melhor...

Se: Luz, você trabalhou mais com o segundo setênio, 'né? E a Claudia com o primeiro e a Les com o terceiro. Então, temos uma representante de cada, que bom. Então, talvez, vocês possam contar também um pouquinho como o Mainumby ajudou no trabalho de vocês

Les: Então, assim, primeiro que foi muito interessante a forma que eu cheguei na Monte Azul, 'né. Eu nunca tinha ouvido falar sobre Antroposofia, sobre setênio. E, na primeira conversa com a coordenadora que me entrevistou, ela colocou ao lado um envelope, cheio de certificados de curso, 'né, e ela começou a conversar comigo. Ela falou assim: — Você conhece sobre Antroposofia? Eu falei assim: - Eu nunca ouvi falar. Aí, ela falou assim: — Porque tudo que você está falando da sua vida está dentro dos setênios que a gente estuda. Estava muito ali, nas idades todas. Isso foi muito interessante. E aí, me admitiu e tudo e, na primeira semana, eu já comecei a participar do Mainumby. Na primeira semana também comecei no “Enfrentando o Futuro com Coragem”. É outra coisa que é um divisor de águas, porque é terapêutico o “Enfrentando o Futuro com Coragem”, 'né. Para nós, adultos, 'né, que passou por ele, fez o que fez em cada um de nós. Com os adolescentes foi fantástico o processo. Eu vejo assim. A semana passada veio um ex-aluno meu aqui, o Fael. Sempre que ele pode, ele vem aqui em casa e ele fala do Enfrentando, aliás, todos eles falam com muita saudade do Enfrentando o Futuro com Coragem. O que isso causou na vida deles, de transformação mesmo, 'né. Porque eles são meninos de lugares carentes, assim, onde ninguém olha, são pessoas invisíveis. E a Monte Azul deu essa oportunidade deles também se enxergarem. E, assim, foi um processo lindo. Foi, assim, fantástico ver do início, a transformação deles e no final do semestre como isso reverberava. E, a mim também, porque fazendo o Enfrentando o Futuro com Coragem, eu também me transformava. Então, a cada olhar que eu dava para eles, eu dava a mim também. Esse processo de transformação que é possível foi lindo

Luz: Então, eu acho que é assim, quando a gente trabalha com o segundo setênio, 'né, a gente sabe que as crianças passam por muitas transformações internas, 'né. Eu acho que eles passam de um momento em que eles estão brincando e para um momento em que eles estão em crise, de um momento em que eles são amados, para o momento em que eles estão revoltados e, tudo certo e, é isso aí. E gente vai se balançando juntos, 'né. Eu acho que, quando a gente aprendeu essa coisa dos setênios, essa coisa que a gente pode fazer com esse sentir, 'né. E, eu acho que é meio isso que foi importante no Mainumby. É importante o quanto a gente trabalha as artes no Mainumby, 'né, porque com essas crianças que trabalhamos, às vezes, a gente 'tá falando, falando, falando, eles nos olham e não estão querendo nada com aquilo, 'né. Mas, quando a gente passa para o âmbito do fazer, o querer fazer com sentido, aquele fazer que emociona, aquele apelo para o coração deles, aí, sim, a coisa faz sentido, 'né? Então, todas as

vezes que essas turmas que eu lidei, tanto quando eu fui voluntária lá, na escola de resiliência, quanto lá na nossa Ciranda, sempre que a gente passava para arte, para o desenho, ou para o teatro, ou para música, as crianças, de repente, tinham clique. Elas estavam a fim de fazer aquilo. Me ouvir, geralmente, ela não estavam muito não.

Za: Então, eu sempre fui uma mãe muito brava, 'né, assim, bem firme com meus filhos, porque eu tinha muito medo que virassem bandido, que fossem marginais. Então, eu sempre fui uma mãe que gritava, que berrava muito com eles. E, quando foi meu primeiro dia de Mainumby, uma mulher que trabalhava comigo, eu não lembro o nome dela, com uma voz, assim, tão tranquila me falou assim: — Nós não precisamos gritar com ninguém. Nós precisamos ser firmes na voz. E aí, nesse dia, eu sempre chegava em casa e chamava: - Felipe, Adriana, [gritos]. Aí, todo mundo demorava para descer: — 'Peraí que eu vou pegar a cinta e vocês vão descer, eu falava. E, nesse dia, quando eu fui para casa, eu fiz como uma mulher falou, eu cantei. Aí, eu falei: — Felipe, Adriana [cantando]. Eles desceram correndo: — Mãe, 'Tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? Morreu alguém? Mãe, fala o que aconteceu. Eu falei: — A partir de hoje, nessa casa nós iremos mudar. E eu nunca mais gritei com os meus filhos, porque lá na creche eu tinha que falar com o tom de voz baixo, 'né, eu tinha que cantar com o tom de voz baixo. Uma vez, o Mainumby nos levou para uma imersão, acho que é assim que fala. E foi até com a LLo. Eu falo para a LLo foi a minha libertadora. Eles fizeram uma vivência de nós olharmos para nós, desde quando estávamos no ventre da mãe. Eu lembro que eu chorei muito, porque eu nunca tinha olhado para isso, 'né. Eu chorei o dia inteiro, eu não consegui falar. No outro dia, aí, a LLo veio até mim e perguntou o que eu tinha eu falei das minhas dores que eu nunca tive coragem de falar, coisas muito difíceis que eu passei na minha infância, de abuso, disso e daquilo. E eu consegui, pela primeira vez, falar para alguém, dividir com alguém. Então, assim, o Mainumby, ele me fez olhar para dentro de mim, para que eu pudesse melhorar, como pessoa, como ser humano, entendeu? Para que eu pudesse ter empatia, 'né, pelos outros, mesmo que sejam os filhos. Uma coisa, assim, muito bonita também, foi que me falaram que é importante você abaixar na altura da criança, olhar para ela com olhar de respeito, de devoção, de carinho, sabe? E falar mesmo o que precisa, mas, falar com coração e, às vezes, nem precisa abrir a boca, 'né? Então, lá na comunidade eu trabalhava com crianças com vidas muito difíceis, tanto quanto a minha, mas eu estava ali e eu aprendi, lá no Mainumby, que eu posso melhorar a vida de cada criança que passa pela minha vida, mesmo que, de vinte crianças, uma fique bem. A minha intenção é que as vinte fiquem, 'né. Isso me fez melhorar como ser humano, como pessoa, 'né, porque se eu sou boa lá, eu também poderia ser boa em casa. Se eu melhorasse lá, eu poderia melhorar em casa. Então, eu

trouxe isso para minha vida. Eu nunca sabia fazer uma barra de calça. Nada, nunca. Minha mãe nunca me ensinou. Ela trabalhava em dois empregos, então, a gente não tinha tempo. Ela não tinha tempo de ser mãe dentro de casa. Então, assim, o Mainumby me fez cair na real. Antes, o meu sonho era só dar coisas boas para as crianças, meus filhos, tipo *vídeo game*, bonecas caras. Eu achava que isso era importante, 'né? E, lá no Mainumby, eu aprendi que isso não é importante, 'né; é importante o respeito, o carinho, o tempo que você passa com eles. Então, assim, eu mudei como mãe, como ser humano, como pessoa, 'né? Então, assim, eu levo isso para toda minha vida, 'né? Pedi perdão para os meus filhos dos gritos, dos tapas. Até hoje, eu ainda falo: — Ai, gente, me perdoe. Eles: — Mãe, 'Tá perdoada. Então, assim, é como eu falei, eu sou Mainumby. A minha prática veio de lá, 'né. Olha, gente, eu já andei por várias coisas, já fiz várias pós e faculdades, mas a faculdade do Mainumby, não tem para ninguém. Eu agradeço.

Coordenador: Então, pensando no Mainumby, nos encontros, eu gostaria de ouvir de vocês sobre a socialização entre as pessoas, como eram as relações entre os colegas, alunos e, também, entre os colegas, alunos e professores? E, como se percebia a relação entre os professores?

Les: Então, o que eu mais gostava eram os abraços. Encontrar a tia Aiza, encontrar a Ta, a Ra, encontrar as pessoas que faziam parte do meu dia a dia. Era muito gostoso esses encontros. E, assim, as aulas do Mainumby, era como esse abraço caloroso que você tinha com esses educadores também, porque os professores chegavam e nos acolhiam dessa forma também, dessa forma doce de falar, com essa leveza, 'né, do falar. E, relações humanas, a gente sabe que é complicado que, por mais que a gente esteja numa Monte Azul, com todos os aprendizados que a gente tinha, tinha os desafios também com os outros educadores, com as pessoas que trabalhavam com a gente, mas sempre era tudo muito solucionável, tudo tinha uma solução. Tinha tido uma conversa, uma escuta, então, isso ia se resolvendo. E, eu acredito que, aquele abraço que a gente tinha quando a gente era acolhido, dentro do Mainumby, chegava lá na sala de aula com os alunos. Isso era muito 'bacana.

Coordenador: Obrigada.

Luz: Eu vou falar, então. Eu não sei se é porque eu tenho uma imagem, assim, da Monte Azul de um jeito muito doido, mas para mim era um negócio meio idílico, sabe? Todo mundo se dava bem, era tudo muito bom e, para não mentir, eu acho que eu tive uma diferença com uma colega, de toda aquela gente, da Horizonte, da Monte Azul etc. etc. Eu tive diferença com uma

colega, mas veja bem, eu fiquei na Nossa Ciranda⁹⁹, depois que o Quinho morreu, então, quando ele morreu, não tinha ninguém para ficar lá, eu falei: — ‘Tá, me dá uma semana e eu chego lá para poder observar como é que é. E, essa Educadora que era muito amiga dele, que dividia a sala comigo, me estranhou até os fins dos dias, e tudo bem. Eu sei que ela me estranhou por luto e não tem problema. E, até hoje. Outro dia eu fui lá visitar, me olhou esquisito, enviesado. Eu falei: — Ah, ‘tá bom. E, tudo bem. Mas, eu não sei. Eu me dava bem com todo mundo. Quando os professores, que eu até encontrei na Steiner de novo, quando os professores que eu encontrei lá, iam para lá, era uma luminosidade. Eu não sei ser assim. Uma aura de alguém muito apaixonada pelo que estava fazendo, alguém que foi acolhida num espaço que, era o que eu achava que a Antroposofia deveria ser. Depois que eu conheci antroposofia, cheguei na Monte Azul, então, eu descobri que era possível fazer aquilo que eu queria que acontecesse, ‘né, e que fazia muito sentido para mim e que, de repente, eu vi tudo nessa nuvem cor-de-rosa de primeiro setênio. Mas, era assim que eu me sentia, que tinha uma rede de apoio tão grande atrás da gente, de todos nós, nós éramos uma rede de apoio, tão segura, que a gente podia fazer o que ‘Tá fazendo, ‘né. E, eu falo assim, foi de classe média [inint] com a cara e a coragem que eu tinha. Todo mundo me chamando de louca, para ganhar pouco dinheiro, pegar duas horas de ônibus para chegar lá, mas era uma rede de apoio tão excelente que, tudo parecia possível. Então, chegando no Mainumby, não era diferente. Eu estava muito feliz de ir lá no meu sábado, de graça, fazer tudo isso aí e encontrar as pessoas que eu não tinha tempo de poder abraçar e ficar com elas, porque eu estava junto com as crianças. Agora a gente podia tomar café e conversar. Então, metade do Mainumby, era porque eu ia encontrar todo mundo ou então quando eu podia dormir na casa da Gi. Fazia Mainumby, dormia na casa da Gi. Era tão gostoso, nossa. Então, essa relação entre os colegas alunos era maravilhosa. Entre os colegas professores que chegavam lá, eu sempre os sentia também envoltos por essa luminosidade, ‘né. E, não sei se era porque, quando a gente recebia eles, e a gente já estava nesse ambiente. E, tudo parecia muito tranquilo. Até as coisas que a gente não estava entendendo, porque: - ‘Nossa, a pessoa está falando grego. ‘Nossa, a pessoa está falando de primeiro setênio. E eu, bem agitada, que gosto de segundo setênio, quando é primeiro setênio, eu tenho que ficar assim, me segurando. Aí, as pessoas ficam falando com a voz calminha. Aí, [inint] criança de jardim, só dos quatro anos para cima, ‘né, maternal não posso. Já descobri [inint]. Ai, minha gente, me segue aí, vai. Aí, era engraçado. Mas, era tão gostoso. Para mim, gente, era uma nuvem cor-de-rosa. A Monte

⁹⁹ Projeto da Instituição.

Azul, para mim, foi um ninho maravilhoso e, o Mainumby, não deixa de ser igual. Era sempre super bom, sempre foi super bom. Até hoje, sempre que eu vou para qualquer lugar, eu digo: — Gente, a Monte Azul é o melhor lugar que eu trabalhei. Podia ficar lá, sempre. Olha, tudo que eu vivi de diferença, de treta, de não sei o quê, [inint].

Coordenador: Obrigada.

Za: Coordenador, quando você pergunta dessa relação dos amigos, é só no Mainumby ou na associação? Como que é?

Coordenador: No Mainumby.

Za: 'Tá. Para mim, era uma festa, porque eu adoro comer, sou taurina. Então, era muito gostoso, porque tinha muitas coisas gostosas, todo mundo se encontrava, e aquela bagunça, um tirava sarro do outro. Era muito legal, de ver as colegas, assim, que estavam no dia a dia com você, também te ensinando. Por exemplo, a Ie, assim, 'né, foi uma pessoa que eu me espelhei muito, 'né. A Lita, a So, 'né, assim, eram professoras que estavam lá quando eu cheguei e elas ensinavam a gente, 'né, a tingir. Assim, era muito gostoso, era um clima muito bom. Tinha umas que, às vezes, estavam meio de bico, mas a gente tirava sarro e era aquela bagunça, 'né. E, dava risada, às vezes, a gente começava as aulas, a gente nem queria entrar. Assim, a gente trabalhava a semana inteira. A gente chegava lá cansada, para acordar era difícil, mas quando chegava lá se animava, 'né? E, depois pensava: — Ah, foi muito bom. Ainda bem que eu vim, 'né? Então, assim, eu quase nunca faltei, porque eu falava: — Eu vou deixar para faltar no dia que eu não estiver aguentando. Mas, aí, eu falava: — Ainda bem que eu vim. Ainda bem que eu vim. Então, assim, foi uma relação muito gostosa. Muito gostosa mesmo.

Coordenador: 'Tá certo, obrigada. E, agora, eu gostaria de perguntar em relação ao Mainumby, avaliação. O que lembra vocês? Como vocês vivenciaram o processo de avaliação do Mainumby?

Les: Ah, eu não lembro. Alguém pode começar, porque eu não lembro.

Luz: Eu também não.

Za: Como nós avaliamos ou como eles nos avaliavam?

Coordenador: Desculpa. Então, é sobre a avaliação pela qual vocês passaram, eu também, como aluna, lá. Como foi isso? Quais são as lembranças? Algum fato que vocês queiram contar de um processo de avaliação.

Za: Então, eu me lembro que, sempre, quando por exemplo, nós íamos para os pequenos grupos e, lá a gente falava, 'né, como que foi, como que se sentiu, às vezes, também, na plenária também, eles pediam para que a gente falasse uma palavra, como foi. Muitas

vezes, também, nós escrevíamos no papel falando, 'né, dando, assim, palavras que marcou. Eu me lembro assim. Eu me lembro dessas avaliações assim.

Coordenador: Certo.

Les: Era bem isso que a Cla falou, mesmo. Eu não lembro de outro, tipo assim, de fazer: — Ah, faz uma prova aqui para ver como você está. Então, não existia isso, era essa conversa do olho no olho, 'né, essa escuta, era dessa forma, acolhedora sempre, 'né.

Coordenador: Obrigada.

Luz: Às vezes, os grupos também apresentavam alguma coisa, 'né, tipo faziam um cartaz, uma amostra, uma música, um verso. Essas partes eram bem legais também.

Coordenador: 'Bacana, muito obrigada.

Se: Acho que no cursinho teve outros tipos de avaliação, no comecinho com a Renate.

Coordenador: Parece que sim, pelo que nós ouvimos nas entrevistas e nos grupos focais, sim.

Se: Tinha uma data, realmente, para a avaliação, com bancada e tudo. Vamos descobrir ainda como foi.

Za: Eu não estava nesse tempo. Eu entrei em 2001.

Se: Junto comigo, 'né, Cla?

Za: Sim.

Les: Legal. Mas, assim, eu gostaria de falar uma coisa. Como eu sou grata à Monte Azul, a tudo que ela me proporcionou, como pessoa. Por conta da Monte Azul, eu consegui uma bolsa de estudo, eu fiz uma faculdade. Então, assim, as coisas que Monte Azul, até me proporcionou sem saber mesmo, 'né, a relação família também. Depois que eu entrei no Mainumby e, tudo o que eu fui aprendendo, eu fui trazendo para dentro da na minha casa, como eu falei. E as pessoas falavam assim: —'Nossa, mas você está estranha. Você está ficando estranha [risos]. Antes eu andava como um elefante, até uma pessoa da Monte Azul mesmo me falou isso: — Quando você entrava aqui você andava, parecia um elefante andando. Hoje, você anda com mais leveza. Isso, para mim, é importante. A Monte Azul trouxe uma leveza para a vida, dentro de mim. E, todas as outras coisas que a gente vai aprendendo também, mas, para mim, a referência da Monte Azul, aquele transformar é possível, aquela alguma coisa, sempre, quando eu posso falar, eu coloco isso em pauta, porque é importante, 'né, a gente dá alguma coisa de nós para os outros, enquanto tudo isso é transformador na vida da gente. E, é isso. Muito obrigada. Sou muito grata.

Coordenador: Obrigada. Então, as últimas palavras, se vocês quiserem ainda falar algo. Como a Les fez.

Za: Eu só quero agradecer, assim, por lembrar da gente, lembrar de mim. Assim, por onde eu passo, eu sou a bandeira da Monte Azul, 'né. Então, eu sou muito grata, 'né. Uma vez eu perguntei para a Ute: — Onde eu estaria se você não tivesse tido essa iniciativa? — Não sei onde eu estaria, eu disse a ela, porque foi, exatamente, com 32 anos, naquele dia, no Centro dos Paulus, que eu acordei, que eu vi que eu estava nesse mundo. Eu não sabia onde eu estava. Eu era uma mãe, um o ser humano perdido e fui encaixando como dentro de uma luva, sabe? Então, eu só tenho mesmo a agradecer.

Se: Muito obrigada.

Luz: Eu acho que, [inint] até eu passar por lá e ver que isso era possível. Eu não sei se eu seria a professora Waldorf [inint] se eu não tivesse passado pela Monte Azul. Talvez, eu não acreditasse tanto em estender a mão para todos. [inint] foi minha motivação para a vida. Eu também não sei onde eu estaria se não fosse essa breve passagem, mas que foi tão significativa [inint]. É muito lindo. É muita gratidão. Eu fico muito feliz de fazer parte dessa família.

Coordenadora: Muito obrigada, por todas essas falas de vocês.

Les: Muito obrigada, adorei, sou grata, grata por lembrar. Se quiser, me chamem que eu vou, porque, 'né, a gente 'Tá em formação sempre, 'né?

Se: Obrigada.

Les: Tchau, gente, fique com Deus.

Za: Tchau.

Luz: Tchau.

Coordenador: Tchau, obrigada.

4. Grupo Focal: Mainumby Bahia

Data e hora da gravação: 09 de outubro de 2021, às 9 horas.

Participantes: Ex-aluna e multiplicadora e ex-coordenadora do curso Mainumby Bahia.

Tempo de gravação: 53 minutos e 04 segundos.

Modalidade da transcrição: Ipsis Litteris (na íntegra).

Legenda: [inint] = palavra ou trecho ininteligível.

Observação: A gravação começou após o início da fala dos participantes.

Coordenador: Então, eu separei algumas perguntas para fazer para vocês. É interessante observar que essas perguntas serão respondidas de pontos de vistas diferentes. Temos aqui a Fa.

que foi aluna e multiplicadora do Mainumby e a Ra que foi coordenador. Vamos ter pontos de vista diferentes. Vamos ver o que sucede. A primeira pergunta a ser feita para vocês é: Como o Mainumby Bahia impactou a sua vida?

Fa: Eu já tinha pensado nessa. Eu posso falar um pouco o que eu pensei, mas na verdade não tenho uma resposta. Para mim, não é uma coisa exatamente palpável. Eu não sei dizer assim: — Impactou porque: isso. Mas, ao mesmo tempo tem várias minis coisas que não são nada mini. Eu tenho a sensação de que, quando começou o Mainumby, eu não tinha clareza do que era o Mainumby, eu nem tinha consciência de que eu não tinha clareza, mas, hoje eu tenho essa clareza. Eu já pensei várias vezes e até a gente já falou sobre isso na escola onde trabalho ou em outras situações, que em vários momentos o Mainumby trouxe um exemplo. Por exemplo, estou numa situação na escola e aí eu falo: — Ah, porque no Mainumby a gente viveu uma situação, assim. Situações que a gente viveu no Mainumby viram um exemplo, uma inspiração. Várias vezes isso vem. Um impacto, eu diria, pulverizado. Não tem uma coisa que eu falo: — O Mainumby mudou alguma coisa. Mas, tem dentro de mim várias luzinhas que o Mainumby conseguiu acender.

Ra: Que bonito te ouvir, Fa.

Fa: Que bom [risos].

Ra: Bom. Acho que eu encontrei o impacto principalmente em duas coisas. Uma foi o desenvolvimento da autoconfiança. Foi uma realização profissional incrível para mim, onde eu pude ser bastante livre, pude inovar. Eu nunca tinha tido essa oportunidade, de algo que fosse realmente uma criação minha. Acho que teve muita coisa legal na Monte Azul, mas não o Mainumby, assim, como foi na Bahia, desde a pesquisa que a Tônia¹⁰⁰ fez criando o projeto comigo. Então, eu sentia esse lugar de autoconfiança. Tipo: — Você pode, você dá conta. Eu me lembro que, num dado momento, numa reunião da Monte Azul, alguém perguntou como estava o Mainumby Bahia e foi lá no começo, acho que no primeiro módulo. E eu respondi assim: — ‘Nossa, eu me pergunto: como eu pude assumir uma responsabilidade tão grande? Então, me trouxe essa autoconfiança. E a outra coisa é uma felicidade social, esse é o nome que eu dei. Uma felicidade de encontrar pessoas, como você Fa, por exemplo, que queriam estar ali, que acreditaram. E isso, que a Fa traz de não ter clareza. Bom, nem nós, ‘né? Tudo foi inédito, de verdade. Então, justamente essa entrega de pensar: — Olha, eu não sei o que é, mas é bom o que tem aqui; isso foi uma felicidade social. Eu confiei em mim,

¹⁰⁰ Nome fictício para designar a proponente do projeto.

portanto, eu confiei no mundo. Porque tinha aquela galera lá que “dava nó em água” para conseguir estar ali, para pagar. Então, acho que foram esses dois impactos.

Coordenador: Muito bem. Muito obrigada. A próxima é: o que mais chamou sua atenção no formato do curso?

Fa: O formato na questão módulo?

Coordenador: Você é livre para dizer para mim: O que mais chamou sua atenção? A Ra falou que foi uma inovação, 'né? Ele foi uma inovação no formato como um todo, então nós podemos lembrar: ele foi modular, ele foi itinerante, ele tinha um ritmo diário diferenciado das formações em geral, e mais outras coisas que agora eu posso não citar. Para vocês, o que mais chamou atenção?

Fa: Não sei se é chamar atenção, mas eu gostei muito de ser itinerante. Achei que isso trouxe uma riqueza, inclusive, em relação aos esforços que cada um tinha que fazer para estar ali. Então, acho que essa variação foi rica. O ritmo diário eu achei relativamente parecido com formações e vivências de alguns seminários e tal. Ser itinerante, para mim, talvez tenha sido o que eu achei mais rico. É legal você ir sempre para o mesmo lugar, mas ser itinerante trouxe uma dúvida a cada vez. E você, querendo, ou não, você chegava diferente no local porque você tinha um percurso diferente para percorrer. Então, você chegava com uma bagagem que já de cara era uma bagagem nova, em cada módulo. Então, acho que isso foi o mais marcante mesmo.

Coordenador: Ok, obrigada.

Ra: Quando veio a pergunta e quando eu escutei a Fa. falar eu pensei: — Ah, é mesmo. Mas, o que realmente surgiu em mim foi que foi dada a oportunidade de apoiar o trabalho nos Sete Processos da Aprendizagem. foi o ponto mais revelador desse formato.

Coordenador: Ok. O que tem na lembrança de vocês a respeito da metodologia que foi aplicada? Você coloca isso no seu dia a dia, você aplica no seu trabalho ou na sua vida em geral?

Ra: Me veio uma outra coisa que foi esse caminho que a gente construiu com os multiplicadores, a coordenação, a Tônia, esse caminho também que, não estava lá na sala de aula, que 'tava no mistério da noite ou antes do curso, no preparo. Eu acho que foi uma inovação por mim almejada, mas nunca vivida antes. Eu acho que criar essa imagem dos multiplicadores foi algo marcante. Viver isso, 'né? Esse caminho de participação, do aprendiz que ao mesmo tempo tem uma participação ativa, 'né?

Fa: Bem parecido com o que eu ia falar. Eu penso assim: — Como em outras coisas da Pedagogia Waldorf os Sete Processos da Aprendizagem, não são uma coisa que

eu tenho incorporado dentro de mim, que eu coloco no meu dia a dia. É quase uma cosmogonia que você sabe que existe e então em algum momento vem uns *flashes*, e aquilo faz sentido. Essas coisas ficam num pano de fundo que em algumas horas você vê, mas não é uma coisa consciente. Então, nesse sentido eu não aplico na minha vida, mas a vivência de multiplicador foi muito rica. E aí, sim eu uso na minha vida prática como experiência no fundo é isso, a opinião do outro é quase parte do que você já tinha planejado, mas, ao mesmo tempo, pode mudar. Então, sobre a percepção do planejamento do curso, eu me lembro de uma sensação de sempre chegar dos módulos e falar assim: — Gente, elas chegam com um esqueminha, e tudo pode mudar, dependendo do que as pessoas falam. Eu achava isso e ainda acho muito rico, empodera muito. Tem que estar a fim de poder errar, ou senão ter muita certeza. Enfim, tem alguma coisa aí bem potente. Justamente é você entrar nos processos com um tanto de trabalho feito e aberta para o que vem; entender que isso pode ser uma ferramenta, dependendo de como você vai para o trabalho. Então, essa vivência do multiplicador, olhando para essa metodologia, isso sim para mim, foi impactante. De ver de perto, 'né?

Coordenador: Tenho uma pergunta para você relacionada ao que você falou agora, Fa, no seu cotidiano essa percepção da vida, do aprendizado impactou e modificou a sua vida profissional?

Fa: Sim, eu acho que sim. Acho que impactou. Não significa que eu faço isso em todas as minhas aulas, em todos os meus momentos, mas isso está dentro de mim como uma coisa muito boa. Sempre quando eu percebo que eu 'tô trilhando esse caminho eu acho que é bom. Eu acho que é uma escolha boa. É que às vezes a gente se enrijece um pouquinho mais, 'né? Não é sempre que você vai com tanto esse preparo que você consegue ter essa abertura, mas com certeza isso impactou e com certeza eu localizo quando isso acontece na minha vida. Às vezes propositalmente, às vezes sem querer, mas eu localizo isso no meu cotidiano. Ou isso ou a falta disso.

Coordenador: Obrigada. Ra, você gostaria de comentar algo a respeito?

Ra: Não, 'tá bom.

Coordenador: Então, a próxima pergunta: Lembrando dessa questão do social vivo que a Ra citou, eu gostaria de perguntar para vocês a respeito das interações entre os participantes, docentes, discentes. No geral, do que você lembra, daquele social que foi proporcionado pelo Mainumby Bahia? Como te impactou? Quais foram às felicidades? Quais foram os desencontros?

Fa: 'Nossa. Para mim, como diz a Ra: — Felicidade social, total. Eu tenho ótimas lembranças. Acho que a imersão fortalece. Não acho que é impossível, mas esses encontros que acontecem

nas horas vagas, na hora que não 'tá acontecendo nada são demais. É uma delícia, porque aí é isso: Você vivenciou uma coisa ali, você fala sobre outros assuntos, porque você criou vínculo, muito legal. Tem pessoas com quem você cria um vínculo e que acontece a simpatia e outras vezes, a pessoa senta ali do seu lado, talvez fosse uma pessoa com quem você nem ia falar e que rola e é uma delícia. Eu tenho só boas memórias. Não tenho nenhum desagrado. Lembro com bastante carinho e diversão. Dá vontade de ver as pessoas. Até pensei: — 'Nossa, a gente vai encontrar um monte de gente.

Ra: É. Eu também 'tava querendo. É ótimo te ver Fa, mas eu fiz uma imagem de que teria mais pessoas nesse encontro [risos]. Coordenador, faz a pergunta de novo, por favor? Qual é a pergunta?

Coordenador: Ra, na verdade eu ampliei bastante, não foi uma pergunta objetiva, foi a respeito das relações entre os discentes, dos discentes com os docentes ou entre os docentes. Aquele social vivo do qual você falou, 'né? Conta um pouquinho como foi para você? Alegrias, tristezas, dificuldades.

Ra: Olha, uma coisa que me impactou foi a disponibilidade das pessoas. Eu me lembro do primeiro módulo tinha gente sentado no chão porque não tinha cadeira

Ra: Sim, Fa. lá em Lauro de Freitas.

Fa: 'Nossa. Aquela dormida, o colchão enrolava, duro, ates da manhã e já tinha que desenrolar. 'Nossa.

Ra: Pois é, essa garra que eu vi ali. Não sei se essa é a pergunta, 'né, mas quando eu vejo pessoas assim, quando eu vi pessoas mais do que disponíveis, sedentas [risos] para aquilo que eu tinha para entregar, uau. Então, acho que isso me nutre. Esse lugar de novo de se perguntar: — O que tem de bom nesse nosso mundo, sabe? Como ali a gente conseguiu se encontrar. Eu bem que gostaria de ter uma fórmula para fazer isso se repetir de novo.

Fa: Eu também. Sugiro um encontro para revisão do Mainumby, um módulo em algum lugar, 'bora.

Ra: Mainumby pós-pandemia, 'uhu [risos]. Eu 'tô me fazendo uma pergunta: — O que proporcionou que essas pessoas com tanta vontade se encontrassem, sabe? Então, acho que foi tudo bom, como a Fa falou. Enfim, vi esse novo aspecto, 'né? Tanta gente ali e tinha essa ideia de topar qualquer coisa. Como a Fa. falou, sabe? O que é que tinha lá que fazia a gente entrar nessa viagem?

Fa: Eu acho que tinha uma coisa que era muito legal que era meio que a certeza de que 'tava sendo a melhor opção. Acho que tinha uma confiança de que o grupo 'tava pensando na melhor opção possível. Acho que era um pouco isso. Era assim: A gente vai entrar nesse

barco, com esse orçamento, social, com essa proposta. Eu tinha essa clareza de que o que aconteceu sempre foi a melhor opção possível, a melhor acomodação possível. A cada vez ia melhorando um pouquinho, ia tendo ajustes. Então, apesar de dormir no chão naquele tapetinho, dava a sensação que era o melhor possível. Quando agente lembra, pensa: — ‘Nossa, que perrengue. Na época, eu tinha certeza que era o melhor, não tinha outra opção, não era descaso, desleixo. Então, chegava como um presente, não como uma falta.

Ra: É. Acho que tinha essa mágica mesmo, Fa. Isso que eu percebi. Eu ’tô achando interessante porque você ’tá espelhando o que eu falei, ’né? O que eu percebi no grupo, você ’tá me contando que você também percebeu, digamos na gestão do projeto, na coordenação. Então, a gente viu isso, ’né, que cada um ’tava na sua melhor possibilidade, que legal. Pareceu um sonho, ’né? Agora eu falo: — Gente, isso existiu mesmo? Sabe o que eu lembrei? Lembrei daquele vídeo que eu tenho gravado do cio da terra que a gente cantou para a cozinheira.

Fa: ’Nossa, ’ahã.

Ra: Que emoção era aquela? Impressionante, ’né?

Fa: Emoção não faltou, ’né. A gente lá plantando mandioca [risos], aquelas cantorias, várias, ’né? Foi muito legal.

Coordenador: Então, eu me lembro muito que tudo nos convidava para o lúdico. Era uma disposição de alma. Criou-se ali uma situação em que a disposição era a de participar: ‘Tá bom. Então, vamos. Vamos brincar disso agora, desse jeito.

Ra: ’Nossa. Lembrei da brincadeira na praia, lembra Coordenador?

Coordenador: Brincadeira da praia [risos]. Então, agora nossa última pergunta é a respeito da organização. Isso tem a ver com que foi falado agora, ’né? Vamos lembrar como foi a organização. Quem sabe manter registrado isso para que futuramente a gente consiga reproduzir com a mesma qualidade ou até melhor. A organização e a programação. Resumindo, nós tivemos cinco encontros itinerantes. Cada um deles teve uma temática que foi desenvolvida na parceria com os coordenadores, os docentes, os multiplicadores, que também foram docentes, em algum momento. Gostaria de fazer com vocês uma lembrança para deixar registrado aqui nessa gravação. Como é que foi a programação e a organização e como atuou em vocês?

Fa: Eu tenho uma imagem de ter sido uma coisa bem-organizada. Mesmo quando a gente chegava, ’né, como multiplicador para organizar ali, quando alguma coisa mudava, eu sempre percebia que já tinha um planejamento que podia mudar uma linha ou, mas já estava tudo planejado, ’né? Quando o módulo foi no Jardim do Cajueiro, eu participei da parte

da organização mais técnica mesmo; dorme no colchão, não dorme no colchão, compra, onde compra. Foi uma coisa bem trabalhosa. Então, é preciso pensar que isso aconteceu em todos os módulos. Por exemplo, eu não participei de, praticamente, nada nesse sentido em Seabra, nem em Salvador. Apesar de saber que existia. No Jardim do Cajueiro eu trabalhei mais nesse sentido. Eu tenho uma clareza maior porque eu era de lá. Então, eu percebi que essa parte de organização era bem trabalhosa, 'né? Foi bem-feita, 'né, bem na raça. Agora eu tenho dúvida se, por exemplo, quem foi aluno itinerante e não trabalhou na organização tem essa clareza, já que não era seu lugar de origem. Seria legal que tivesse, 'né? Porque quando você vê o esforço que é necessário para uma realização você valoriza, muda um pouquinho. Todo mundo sabia que tinha um “perrengue”, carregava caixa. Mas, quando você não 'tá perto, você não tem tanta clareza da quantidade de coisas que tem que se pensar antes de acontecer o evento. O que aconteceu em cada dia foi muito bem planejado desde o começo pelo menos foi a minha sensação de já ter muita coisa estruturada. Eu me lembro assim falando: — ‘Nossa, elas são muito corretas. Tinha essa coisa de você planejar uma estrutura flexível. É um fato metodológico. Dava para ver a quantidade de coisa que 'tava pronto e de coisa não pronta.

Ra: Eu também observei que Tonia contava com coisas que não aconteceram ela foi muitas vezes tomada de surpresa na última hora enfim teve muitos desafios nesse sentido. O curso como modelo é um modelo incrível porque o que a Fa trouxe é fato. Ele põe uma homogeneidade assim nesse esforço de todos para a realização do curso. E então lindo isso. Quanto ao conteúdo, a gente tinha indicadores para serem trabalhados só que a coisa era tão viva que minava o sentido dos controles do professor. Eu tinha uma visão que trabalharíamos primeiro e segundo setênio. A gente sabia que trabalhar ensino médio, 'né? Só que as pessoas que vieram no curso eram muito diferentes daquelas que a gente esperava no começo. Então, isso tudo foi tão dinâmico que tinha sempre um olhar renovado. E aí, é isso que a Fa. também lembrou. A gente se reunia com os multiplicadores, pensava no próximo módulo, perguntava: — O que vocês estão percebendo? Ouvia o que os participantes colocaram na avaliação. Então, eu diria Pa¹⁰¹, que essa organização do programa exigiu muita dedicação para fazer esse: — Que lindo que é vivo. Só que, por outro lado é impagável as horas que você gasta para sempre adaptar de novo, adaptar de novo. Então, é um sistema que tem que contar com muita disponibilidade das pessoas. Tem uma medida grande ali que é uma doação, sabe? Eu lembro, eu e a Pa, lembro do seu olho, era meia-noite, eu olhava e pensava: — Cara, ela tem que dormir” e ela dizia: — Não, mas eu ainda não sei isso daqui, vamos falar. Aí, realmente a

¹⁰¹ Nome fictício para o coordenador do grupo focal.

gente falava, construía e cinco da manhã 'tava acordada. Então, eu acho que para fluir bem tem que ter esse componente que não pode ser esquecido. Não dá para tomar isso como um modelo e esquecer dessa parte que é viva. Eu dei aula com febre lá naquela vez que chovia lá. Não tinha quem fosse fazer no meu lugar. Então, eu topei. Acho que é isso sobre a organização. Foi bem lindo, mas acho que tem isso, 'né?

Coordenador: Ok, muito bem. Agora vocês gostariam de acrescentar algo que talvez as perguntas não tenham contemplado? Algo que vocês gostariam de lembrar?

Ra: O que me ocorreu é que muito do que aconteceu, no meu ponto de vista, tem a ver com o fato de ter acontecido na Bahia. Pode ser que esteja enganada. Eu fiquei realmente encantada. Mas, eu vi ali uma força que eu não sei se têm outros lugares, O povo assim, uma raça ali que essa é uma pergunta para mim.

Fa: Complementando o que você falou sobre a Bahia, acho que a gente vivia há muito tempo essa sede. A gente fica no meio do caminho. A gente não é Nordeste, lá em cima, Recife, Fortaleza que tem o núcleo mais forte e também não é Sul. Então, a gente cola um pouquinho para cima que também é longe. Então, eu sinto que a gente tinha realmente uma sede assim, 'né? A Bahia, por si só, tem um tamanho e uma força que eu acho que tem uma pitada mesmo do ingrediente. Mas, uma coisa que em vários momentos eu vejo que acontece no grupo [inint]. Não é que eu sinto falta no sentido de cobrança, mas o que eu acho, até nesse seu sentido de memória, de poder consultar, tem um tanto das vivências que não tem o que registrar. Cada um registra o seu e é a vivência que importa, não tem muito como registrar. Mas, talvez se a gente tivesse algo, até como trabalho de grupo de um módulo para outro, algo escrito que saísse como um registro, vamos dizer uma apostila por módulo, com o horário, com as músicas, com a vivência escrita. Várias pessoas me escrevem dizendo: —Você lembra? Você tem alguma anotação? Quem lembra daquela música? Um anota, mas anota ali na hora, rápido, e perde-se muita coisa. Então, talvez se tivesse um exercício de sair uma apostila de cada módulo, que não precisa ser uma apostila feita por quem está dando a aula que já está com mil de tarefas. Talvez de um multiplicador fazer uma coleta e mandar para alguém, não sei, ou uma tarefa a pedir para o grupo: — Quem se manifesta e forma um grupo que vai fazer a edição desse módulo? [inint]. Mas, ter um registro disso um pouquinho mais formal, a gente pode vender até. Como nos seminários que têm o registro da quinta palestra do Steiner que uma pessoa gravou, editou e oferece. Vai virando documento que a pessoa pode fazer circular e vira uma coisa mais viva. Então, eu senti falta disso. Senti falta depois. Às vezes eu até pego minhas anotações, mas só tem um pedacinho. Eu não lembro exatamente um ritmo, mas eu não sou a pessoa que mais anota. [inint]. Acho que esse registro seria uma coisa bem válida.

Ra: Legal, bem pertinente. Coordenadora, eu percebi mais uma coisa ouvindo a Fa. Teve uma coisa a ver com a gente, eu e você que trabalhamos juntas no Mainumby, sabe? Tem algo que é da metodologia, mas tem algo que é pessoal, 'né? Então, aquilo que a gente tinha na nossa mala de bagagem, aquilo que a gente tinha na nossa alma de disponibilidade, 'né? Isso que eu acabei de falar, lembrando de você, do seu rigor na preparação, do meu também, 'né? Queria dizer isso que tem coisas que, por exemplo, esse registro que a Fa. fala, realmente vai lá e você consulta depois, agora quem são as pessoas ou qual é o perfil, para não personalizar, mas depois a gente trouxe a Se que tem um perfil que combinou com aquilo. E eu vejo nas pessoas por aí trabalhando com formação de professores que talvez não tenha esse perfil. A pessoa é bem assim, focada no trabalho dela. A gente tinha ali uma disposição para fazer juntos. Então, isso que a Fa falou: — 'Tá tudo tão permeável, tão flexível. Dá muito mais trabalho, 'né? Só para registrar que eu acho que foi uma coisa que colaborou muito.

Fa: E isso foi bem visível. A gente 'tava apostando naquilo [inint]. Esse era um formato que era uma possibilidade para abrir um milhão de portas. Então, [inint] eu acho que todo mundo comprou a ideia de vivenciar isso, 'né? Aí, essa “não clareza” talvez ali do começo, 'né, que eu falei [inint]. Imagino que quem vocês convidaram também. Para mim, pelo menos, é difícil separar aluna ou multiplicadora [inint]. Mas, eu acho que transparecia nas falas essa intimidade de vocês, que pode errar. Também da Tônia com a Cesca. Dava para ver que os profissionais tinham a ver com entrega no projeto. Com certeza é diferente de se escolher cinco profissionais que juntos vão desenvolver algo. Não é que eu trabalhei em várias instituições diferentes na minha vida, 'né, mas é isso que faz a gente querer trabalhar em projetos assim. Agente pensa: — Eu quero entrar nesse projeto porque é com essa pessoa. Você não vai numa coisa só pela sua expertise, 'né, você vai justamente por causa de quem convidou. Era nítido isso que você falou, Ra, dessas relações regressas dos participantes e vocês falavam isso, 'né? Sempre quando vocês apresentavam e traziam as vivências isso ficava muito claro. Acho que tinha uma transparência geral do imaginado e do não imaginado que trazia um encantamento bem bom também para todo mundo. Fazia com que a gente sonhasse junto. A gente quase ficava íntima junto com a intimidade de vocês, sabe [risos] ?

Coordenador: 'Bacana. Gente, muito obrigada. Eu acho que nós conseguimos nesse grupo fazer um levantamento das memórias bem interessante mesmo, ficou vivo. Muito obrigada.

Ra: Fa, que saudade.

Fa: Ai, super gente, que delícia trabalhar nos bastidores, dar risada, levar bronca [risos].

Coordenador: Muito bom.

Fa: Delícia. Muita saudade. Eu sou bem grata por cada momento, muito legal. Muito legal mesmo. Eu adorei lembrar também, super gostoso.

Coordenador: 'Bacana.

Ra: Obrigada, gente.

Fa: É um curso que eu guardo no coração.